

Best-seller do *The New York Times* e do *USA Today*

Emma Chase

*"Incrivelmente atrevido, deliciosamente
sexy e absolutamente perfeito!"*

– **CHRISTINA LAUREN**,
autoras da série *Cretino Irresistível*

A Marrado

UNIVERSO DOS LIVROS

Amarrado

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606

CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)

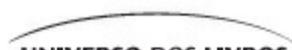
Emma Chase

Amarrado

Best-seller do *The New York Times* e do *USA Today*

São Paulo

2015


UNIVERSO DOS LIVROS

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Título original: *Tied*

Copyright © 2014 by Emma Chase

All rights reserved, including the right to reproduce this book or portions thereof in any form whatsoever. For information address Gallery Books Subsidiary Rights Department, 1230 Avenue of the Americas, New York, NY 10020.

Diretor editorial: **Luis Matos**

Editora-chefe: **Marcia Batista**

Assistentes editoriais: **Aline Graça, Leticia Nakamura e Rodolfo Santana**

Tradução: **Pedro Monfort**

Preparação: **Viviane Zeppelini**

Revisão: **Nestor Turano Jr. e Guilherme Summa**

Arte e adaptação de capa: **Francine C. Silva e Valdinei Gomes**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

C436a Chase, Emma

Amarrado / Emma Chase; tradução de Pedro Monfort.

– São Paulo : Universo dos Livros, 2015.

256 p.

ISBN: 978-85-7930-874-1

Título original: *Tied*

1. Literatura americana 2. Romance Erótico I. Título II. Monfort, Pedro

15-0600

CDD 813.6

Para Joe, G & J,

Meus eternos felizes para sempre

Agradecimentos

Enquanto escrevia as últimas linhas de *Amarrado*, eu admito, estava com lágrimas nos olhos. Muitas lágrimas. Porque meu garoto doce, sexy e irritante, Drew Evans, finalmente virou um homem.

Na maior parte do tempo.

Amarrado é a última grande empreitada da história de amor entre ele e Kate. Isso não quer dizer que não haverá mais livros ou novelas, cenas extras ou prelúdios envolvendo a série *Atraído* no futuro. Esses personagens sussurram alto e frequentemente. Mas *Amarrado* é definitivamente o felizes para sempre de Drew e Kate.

E eu adorei escrever cada palavra, cada momento em sua emocionante e hilária jornada.

É preciso mais de uma pessoa para transformar um bom manuscrito em um ótimo livro. Na verdade, é preciso uma vila. Um time que acredite no autor e adore a história. Tenho tanta sorte de poder trabalhar com o melhor e mais incrível time, que é fantástico em seu trabalho, e pessoas maravilhosas, também.

Eu gostaria de agradecer Amy Tannenbaum da Jane Rotrosen Agency por seu apoio constante e orientação esplêndida, e por me avisar quando estou sendo ridícula. Sou muito grata por minha editora, Micki Nuding, por sua visão e humor maravilhosos, por realmente entender e curtir esses personagens tanto quanto eu. Obrigada à minha assessora de imprensa, Nina Bocci, por estar sempre cuidando de tantas coisas. Eu ficaria louca sem você. Um enorme muito obrigada à Juliana Horbachevsky e Kristin Dwyer, minhas assessoras de imprensa da Gallery Books, por sua energia contagiosa, trabalho duro e pelo lindo apoio (*clear eyes, full hearts, can't lose*¹). Para minha editora, Jen Bergstrom, e a presidente, Louise Burke, e toda a minha família da Gallery Books, é um prazer e uma honra trabalhar com vocês.

Sou grata a todos os meus amigos autores. Obrigada por me mostrarem que a loucura vem com o território da escrita. Abraços a todos os meus amigos da internet e os blogueiros que amaram esses personagens desde o começo, e trilharam o caminho para tantos leitores os amarem também.

Sou imensamente grata à minha família. Obrigada pela empolgação, paciência, compreensão e amor.

Finalmente, para meus leitores. Obrigada por fazerem parte das risadas, do sofrimento e da alegria dos personagens da série *Atraído*. E obrigada por me permitirem compartilhar minhas histórias com vocês.

Grito de guerra do time futebol da série de TV *Friday Night Lights*. (N.E.)

Prólogo

Há momentos na vida em que você sonha. Planeja. Imagina cada detalhe em cores vívidas e som em alta definição. E quando esse momento finalmente chega, você reza para que a realidade chegue próxima à fantasia que você construiu em sua mente.

E existem aqueles momentos preciosos em que a realidade joga sua fantasia para fora da porra da água.

É isso que está acontecendo comigo.

Porque aquele homem incrivelmente lindo, vestindo um smoking Armani perfeitamente ajustado, em pé no altar da Catedral St. Patrick sou eu mesmo. Drew Evans.

E Katherine Brooks acaba de pisar na igreja. Ela aguarda lá atrás, uma visão de branco impressionante, pronta para dar seu primeiro passo. Em minha direção.

A maioria dos caras não sonha com casamento. Não preciso dizer isso a você. Mas este não é *qualquer* casamento. Isto é um marco. Revolucionário. Porque passei a maior parte da minha vida sem pensar na mínima possibilidade de estar aqui.

Lugar de areia é na praia, e dos livros na biblioteca. Não era o que eu queria, você lembra?

Mas Kate fez o impossível. Ela mudou tudo isso. Ela me transformou. Acho que todos podemos concordar que eu era bastante incrível antes... Mas agora sou melhor ainda.

A estrada até o dia de hoje não foi repleta de arco-íris e ereções. Houve alguns furos, erros e desentendimentos próprios de uma porra de tragédia grega. Mas sobrevivemos àqueles tempos com nossa luxúria insaciável, admiração sem limites e o amor infinito que temos um pelo outro, intactos.

Dito isso, alguns acontecimentos no fim de semana passado poderiam ser um problema. Foi tipo... Meu teste final.

Sei o que você está pensando: *o que diabos você fez dessa vez?*

Relaxe. Vamos deixar os julgamentos de lado – e também os pedidos de castração – até você ouvir a história inteira. Apenas lembre-se: mesmo que as intenções mais nobres possam dar errado, e elas dão, essa história tem um final feliz.

Capítulo 1

UMA SEMANA ANTES

O apartamento está silencioso. Tranquilo. O tipo de quietude que só pode ser sentida momentos antes de o sol nascer, quando o céu está escuro e cinza. Este lugar está diferente desde a última vez que você o viu. Olhe ao redor. Mamadeiras esterilizadas sobre um balcão; uma poltrona de madeira, alta e com estofado verde, no canto da cozinha. Fotos emolduradas cobrem as paredes e estantes.

Algumas são de Kate e eu, mas a maioria são imagens de uma criança de dois anos, com o cabelo escuro, olhos castanhos cheios de vida e um sorriso danado.

Cortamos para o quarto. Dois corpos se contorcem em cima da cama, parcialmente cobertos por lençóis de seda desarrumados; meu quadril se move devagar em longos círculos. Acho que a posição de papai-e-mamãe tem uma reputação boa injustamente. Não é entediante. Ela permite que o homem tome o controle e estabeleça o ritmo, e alcance todos aqueles pontos secretos que fazem as mulheres gemerem e cravarem as unhas em nossas costas.

Como a Kate está fazendo agora.

Abaixo a cabeça e alcanço com meus lábios um mamilo animado, chupando-o forte e brincando com a língua. Kate arqueia as costas. O queixo dela se eleva e a boca se abre, sem emitir som algum. As coxas se espremem mais forte e a boceta fica ainda mais apertada.

Mesmo depois de ter dado à luz um bebê, a boceta de Kate ainda continua tão firme e deliciosa como antes. *Deus lhe abençoe, doutor Kegel.*

Meu quadril se move mais rápido e muda sua trajetória, estocando rapidamente para frente e para trás. Quando percebo que ela não aguenta mais, cubro sua boca com a minha, abafando seu grito de êxtase. Apesar de adorar ouvir o som da voz de Kate, esses têm sido dias de silêncio. De nos esconder.

Por quê? – você pergunta.

Vamos tomar uma pausa por um minuto, e eu explicarei.

É nossa regra de ouro. Nosso primeiro mandamento: não acorde a porra do bebê.

Vou repetir, caso você não tenha entendido.

NÃO ACORDE A PORRA DO BEBÊ.

Tipo... *Nunca.*

Ainda não entendeu? Então, você não deve ter filhos. Veja bem, crianças são maravilhosas. Preciosas. Angelicais. Particularmente quando estão dormindo. Porém, se são perturbadas no meio do sono, elas se tornam monstros, pequenas feras irritadas que se parecem com *gremlins* alimentados depois da meia-noite.

E a verdade crua é que mesmo quando estão descansados, bebês podem ser extremamente egoístas. Acham que são o centro das atenções e demandam um monte de coisas. Eles não estão nem aí com o que você está fazendo se precisarem de você, ou mais importante, *com quem* você está fazendo. Só se importam com eles mesmos. *Eles* estão famintos. *Eles* estão encharcados. *Eles* querem que você os pegue no colo porque já se cansaram da vista do berço.

Para todos os casais felizes por aí, que esperam a chegada de seu querido e pequeno empata-foda, contarei a vocês o que realmente acontece: nada parecido com aquela merda de utopia que eles tentam lhes enfiar goela abaixo naqueles livros sobre *o que esperar*.

Funciona da seguinte maneira. Nos dias após o nascimento, quando você ainda está no hospital, tudo o que os bebês fazem é dormir. Acho que o cálculo é algo como 23 ou 24 horas

por dia. Acho que eles colocam alguma coisa naquelas mamadeiras no berçário.

De qualquer modo, depois de um ou dois dias, se tudo estiver correndo bem, o hospital manda vocês para casa. Então é aí que o bebê decide que já dormiu o bastante e procura algo para fazer para passar o tempo.

Você sabia que o som do choro de um bebê é vinte decibéis mais alto do que um apito de trem? Não estou mentindo para você. Pode pesquisar, se você não acredita em mim.

No terceiro dia, me convenci de que havia algo errado com James. Talvez ele estivesse com algum distúrbio gastrointestinal, ou quem sabe fosse alérgico ao papel de parede do quarto.

Ou talvez ele não tivesse ido com a porra da nossa cara.

Qualquer que fosse o motivo, ele não parecia estar se divertindo. E fazia questão de mostrar isso para nós. Pela manhã. À tarde. E em seu momento favorito: durante a noite.

De vez em quando, só para mexer com a nossa cabeça, ele misturava as coisas e decidia dormir por algumas horas. Mas se ele estivesse acordado? Sim, continuava a espernear. E também não estou falando de um choro qualquer, daqueles de tremer o queixo. Não mesmo. Estou falando de um berro esganiçado daqueles de fazer os pulmões se expandirem, com direito a socos e chutes.

Síndrome do bebê agitado? Agora entendo completamente.

Não que nós fôssemos tomar alguma atitude drástica mas, sinceramente? Não era divertido.

Minha mãe sempre vinha nos ajudar, e no começo eu sentia o maior alívio. Afinal, ela havia passado por isso duas vezes, então saberia o que fazer para consertá-lo. As mães sempre deixam tudo melhor.

O problema é que... Não foi isso que aconteceu.

Tudo o que ela fazia era sorrir com aquela calma que me deixava furioso, enquanto sacodia nosso recém-nascido escandaloso em seu ombro. Então nos dizia que era *normal*. Que *todos* os bebês choram. Que eu e Kate apenas tínhamos que descobrir nosso *próprio* jeito de fazer as coisas.

Nunca havia sentido a vontade de estrangular minha mãe. Eu nunca havia compreendido psicopatas como os irmãos Menendez ou Jim Gordon. No entanto, durante aqueles dias sombrios, quando sono – e boquetes – não era nada mais do que uma memória distante, sinto dizer que comecei a me sentir bastante atraído pela ideia de matar minha mãe.

Porque eu tinha certeza de que minha mãe sabia os segredos de um bebê feliz. Que ela tinha posse das Chaves do Céu. Mas, por alguma razão maléfica e vingativa, ela não queria entregá-las para mim. E o fato de você dormir pouco *pode, sim*, te deixar maluco. Até mesmo as ideias mais absurdas de repente começam a soar como opções viáveis.

Uma vez, eram quatro horas da manhã e eu...

Na verdade, talvez seja melhor se eu mostrar logo a você, para que você consiga sentir o efeito completo. Sim, é um flashback dentro de um flashback. Mas tenho certeza de que você conseguirá acompanhar. Falarei devagar, só para garantir:

James, cinco dias de idade:

“Buáá, buááá, buááá, buáá”

Durante o tempo em que os meus olhos levam para se abrir e interpretar os números no relógio digital, Kate já está se levantando, pronta para se arrastar para fora da cama e apanhar a pequena bola de braveza no berço ao lado da cama.

Quatro horas da manhã.

Solto um gemido mentalmente, porque não faz mais de uma hora desde que ele adormecera. Apesar de meu primeiro instinto egoísta ser o de fechar os olhos e deixar que Kate se encarregue da situação, a minha parte que quer ajudar enquanto puder – porque não quero que Kate enlouqueça – dá um fora na minha parte mais egoísta.

“Buáááááá, buáááááá”

– Eu cuido dele, Kate. – Puxo o acolchoado para fora da cama e visto uma calça de moletom. – Volte a dormir. – Eu meio que espero que ela insista um pouco... Mas ela não diz nada. Apenas cai de novo sobre o travesseiro.

Apanho James e seguro-o contra meu peito. Sua bochecha raspa a minha pele antes de ele soltar um choro devastador. Eu saio do quarto com ele até a cozinha. Abro a geladeira e pego uma mamadeira com leite materno que Kate encheu esta tarde com aquela bomba esquisita de ordenhar vacas que ela ganhou da Delores no chá de bebê. Segurando James com uma mão só, coloco a mamadeira embaixo da água quente da torneira, como o conselheiro de amamentação do hospital nos instruiu a fazer.

Quando a garrafa aquece, vou até a sala de estar com os olhos turvos e cansados, e sentindo minhas pernas moles. Sento-me no sofá, ninando James em meu colo e levo o bico até seus lábios.

Eu percebo que não é uma boa ideia alimentá-lo cada vez que ele acorda. Eu sei tudo sobre a importância de seguir um cronograma de amamentação, de fazê-lo arrotar e ensiná-lo a se acalmar sozinho. Entendo que ele não deveria exatamente estar com fome, já que ele havia mamado uma hora atrás. Mas a falta de sono é reconhecida como uma técnica de tortura por algum motivo. Então, jogo todas essas informações pela janela, com a esperança de que ele – e eu, também – consigamos voltar a dormir o mais rápido possível.

Ele toma dois goles da mamadeira e depois a rejeita, virando a cabeça com um berro boquiaberto: “Buáááááá”.

Eu olho para o teto e maldigo Deus.

– O que você quer, James? – Minha voz apresenta um tom de frustração. – Você está seco, estou lhe segurando, estou tentando alimentá-lo, o que diabos você quer? – Volto para a cozinha e pego o talão de cheques de cima do balcão.

– Você ficará feliz se eu der dinheiro a você?

Estou sendo ridículo, eu sei. Não me julgue.

– Eu lhe dou dez mil dólares se você me der quatro horas de sono. Vou preencher o cheque agora mesmo. – Eu abano o talão em frente a seu rosto, esperando que isso o distraia.

Ele fica ainda mais tenso.

“Buááááá...”

Jogo os cheques de volta no balcão e volto para a sala. Ando pelo local, balançando-o suavemente em meus braços, dando tapinhas em sua bunda. Eu devo estar mesmo muito desesperado, porque começo a cantar:

Fique calmo, bebezinho, não diga nada

Papai vai te comprar uma...

Paro de cantar. Por que diabos um bebê iria querer ganhar uma empada de presente?

Essas músicas não fazem sentido algum. Não conheço nenhuma outra canção de ninar, então começo a cantar algo parecido, “Enter Sandman” do Metallica.

*Take my hand,
We’re off to never-never land...*

“Buáááááááááá”

Quando vejo que não está funcionando, sento-me no sofá. Deito James em minhas coxas e apoio sua cabeça em minhas mãos. Olho para seu pequeno rosto – e apesar de ele ainda estar chorando, não posso evitar que um sorriso se abra em meus lábios. Então, com uma voz baixa e calma, começo a conversar com ele.

– Eu entendo, sabe? O motivo de você estar tão infeliz. Um minuto você está flutuando em fluido amniótico – é escuro, acolhedor e silencioso. Então, um minuto depois, você começa a sentir muito frio e há luzes fortes e algum otário está pinçando seus calcanhares com uma agulha. Seu mundo inteiro vira de cabeça para baixo.

A maré de lágrimas começa a se retrair. Apesar de ainda reclamar esporadicamente, seus olhos castanhos fazem contato com os meus na maior parte do tempo, como se estivesse interessado no que estou dizendo. Conheço a teoria aceita de que os bebês não têm compreensão sobre a linguagem durante esse estágio, mas – como se fossem homens que tentam se esquivar de tarefas domésticas – acho que eles sabem mais do que deixam transparecer.

– Me senti da mesma maneira quando conheci sua mãe. Lá estava eu, me deixando levar, tentando aproveitar ao máximo minha vida fodástica – e sua mãe apareceu e mandou tudo para o inferno. Eu perdi o senso de direção – em relação ao trabalho e às noites de sábado. Essa é uma conversa que podemos ter outra hora, mas o que eles dizem é verdade: você passa nove meses tentando sair, e o resto da sua vida tentando entrar novamente.

Eu me divirto com minha própria piada.

– Você provavelmente não quer ouvir isso, mas sua mãe é linda – a melhor bunda que já vi. Ainda assim, eu gostava muito da minha antiga vida e não conseguia imaginar algo melhor que aquilo. Mas eu estava errado, James – me apaixonar por sua mãe, conquistar sua confiança, e agora ter você são as melhores coisas pelas quais já passei.

Ele já não está mais chorando, mas simplesmente me observando com silenciosa atenção.

– A adaptação pode ser difícil, mas vale a pena. Então, você poderia nos perdoar um pouco, por favor? Nós amamos tanto você – mal posso esperar para lhe mostrar o quanto a vida é maravilhosa lá fora. E você não precisa ter medo, porque lhe manteremos aquecido e alimentado. E prometo que eu nunca, nunca deixarei que algo ruim aconteça a você.

Sua pequena boca abre com um longo bocejo. E seus olhos piscam lentamente. Fico em pé e caminho devagar pela sala novamente.

A voz baixa de Kate aparece do outro lado.

– Você certamente sabe usar as palavras, senhor Evans.

Seu cabelo está bagunçado, selvagem; minha camiseta da faculdade está larga para ela, e quase chega a seus joelhos.

– O que você está fazendo acordada? – pergunto.

Ela encolhe os ombros.

– Não consegui dormir de novo. E ouvi você sussurrando aqui. – Ela caminha até nós e apoia a cabeça em meu braço, olhando para o bebê. – Ele está dormindo.

Ele está dormindo, sim.

– Será que arrisco colocá-lo no berço, ou devo aprender a dormir em pé como uma droga de um cavalo?

Kate enrosca seu braço no meu e me guia até o sofá. Ela senta e me pede para sentar ao lado dela. Como um membro do esquadrão antibomba manuseando um instrumento com cabelos no lugar de um gatilho, eu troco James de posição para que ele se recoste em meu peito, com a cabeça descansando nas batidas estáveis do meu coração. Então eu me sento, coloco meus pés sobre a mesa, apoio minha cabeça no encosto do sofá, e levo meus braços em volta dos ombros de Kate.

Eu solto um suspiro.

– Deus, isso é muito bom.

Ainda assim não é melhor do que sexo. Não dou a mínima para o que as revistas sobre maternidade dizem. Dormir é bom, mas transar sempre será melhor.

Kate leva os pés para baixo dela e encosta a cabeça contra meu braço.

– É muito bom mesmo. Alguns momentos depois, nós três estamos dormindo tranquilamente.

É possível que James tenha compreendido minha oferta de suborno, porque naquela noite ele dormiu ali em cima do meu peito por três horas inteiras. Até que ele enfim acordou, e então começou tudo novamente.

Mas tenho uma teoria. Acho que é tudo deliberado. Acho que faz parte dos planos de Deus que os primeiros dias de um bebê recém-nascido em casa sejam terríveis. Porque depois – as fraldas sujas, os vômitos, a troca constante de roupas e lençóis do berço, os dentes que começam a aparecer – tudo parecerá um passeio no parque.

Depois de mais alguns dias, percebi que, na realidade, minha mãe não estava sendo uma megera. Ela estava nos dando um sábio conselho. Porque, juntos, Kate e eu éramos capazes de descobrir como nos virar.

Sabe aquele latido dos cachorros que significa *me deixe sair ou vou mijar na sua poltrona*? E outro que significa *me dá logo esse brinquedo barulhento, seu filho da puta sádico*? E ainda outro que significa *isso não é uma brincadeira, eu vou literalmente mastigar sua cara agora mesmo*?

Bebês não são tão diferentes de cachorros. Existe um choro quando estão com fome. Outro quando estão cansados. Outro quando estão entediados, ou talvez quando sentem uma coceira no nariz deles e ainda não têm a destreza manual para coçar.

De qualquer maneira, quando você entende por completo a Linguagem do Bebê Chorão, a vida se torna muito mais doce. E mais silenciosa.

E tem mais – e aqui vem a surpresa –, a despeito da exaustão, da frustração, do choro que faz com que você tenha vontade de perfurar a porra do seu tímpano com um termômetro de carne, você os ama mesmo assim. Completamente. Ferozmente.

Intensamente.

Você não mudaria nada sobre eles – não os trocaria por todas as drogas dos iPhones da China. Isso soa estranho, eu sei, mas é isso que acontece.

Dane-se o Corpo da Paz. Ser pai é o trabalho mais duro que você irá amar na sua vida.



Então agora, dois anos depois, de volta ao sexo que não deve nada aos filmes pornográficos.

Deslizo minhas mãos por baixo da bunda de Kate – levantando e ajeitando –, nos trazendo mais próximos. Balançando mais. Minha testa paira perto da testa dela, e eu abro os olhos, para que eu possa assistir àquela cena.

Sou tão ambicioso. Quero absorver cada gemido, cada faísca de prazer dançando em seu rosto incrível. O prazer que *eu* estou dando para ela.

Conheço o corpo de Kate tão bem quanto conheço o meu. Há um contentamento, uma confiança, um poder nesse conhecimento que não consigo explicar muito bem. Estamos completamente em sintonia. Com corpo e alma como um só. Uma máquina bem lubrificada trabalhando em conjunto em direção àquele momento de paraíso puro e quente que experimentei somente com ela.

A respiração de Kate se transforma. Ela se torna intensa e desesperada, e sei que ela está chegando perto. O suor pinga ao longo do meu peito. Começo a me mexer mais forte, me esfregando contra ela, dentro dela, com cada estocada que dou em sua direção. Centelhas mornas fazem cócegas em minha coluna e fazem minhas bolas ficarem mais tensas. O calor se espalha para baixo até que cada nervo do meu corpo esteja tremendo, se agitando, implorando para explodir.

Jesus do céu.

Meu quadril vai para trás, e tiro quase completamente meu pau de dentro dela. E então, por um segundo, congelo. Estamos nos equilibrando bem à beira. Juntos. Saboreando a sensação daquele momento perfeito – pouco antes de você gozar – que é bom pra cacete. Mas você sabe que se sentirá ainda melhor.

Meto forte meu pau dentro dela, enterrando fundo enquanto Kate leva seu quadril para cima. Ela começa a ter espasmos ao meu redor, me apertando forte uma e outra vez, enquanto o êxtase toma conta do meu corpo, me fazendo arrepiar.

Seguro o quadril de Kate como se minha vida dependesse daquilo. Pressiono meus lábios contra seu pescoço para suavizar os sons que não consigo controlar.

– Kate... Kate... Porra... Kate...

É maravilhoso. Fantástico. Mas não incomum. Porque somos mesmo muito bons juntos.

Solto a respiração pesada contra a pele de Kate enquanto retorno à Terra. Mas não me movo ainda. Não tenho vontade. Estou considerando voltar a dormir. Bem em cima dela.

Ela não irá se importar.

Ao menos é isso que estou pensando, até que Kate faz um movimento que parece divertir todas as mulheres da face da Terra. E que faz com que todos os homens da face da Terra queiram berrar como um porco que acaba de ser empalado. Sem me avisar, ela usa os poderosos músculos de sua boceta para apertar meu pau *extremamente* sensível.

Homens *detestam* isso. Não achamos isso divertido. Kate sabe muito bem.

Eu vou rápido para trás, tiro meu pau lá de dentro e rolo meu corpo para fora dela.

Tento manter uma aparência de incômodo, mas não consigo muito bem, porque os olhos de

Kate estão brilhando. E ela está toda risonha. E está com o cabelo tão desarrumado, com o rosto tão corado, linda pra caralho, que é impossível não sorrir de volta.

Ela sabe disso, também.

Sussurro.

– Olá.

– Oi.

Viro-me de costas e Kate se acomoda mais para perto, descansando a cabeça em meu peito e a palma da mão sobre minha barriga.

Minha tatuagem? Você percebeu, é? Sim – eu fiz outra assim que James nasceu. É bem direta, nada muito chamativo. Mas tem um significado tão grande quanto o nome de Kate no meu braço direito.

Diz simplesmente *James*. Bem em cima do meu coração.

– Então – Kate começa –, hoje é um grande dia, hein?

Deslizo meus dedos pelos seus cabelos.

– Não. Semana que vem terei um grande dia. Hoje são só coisas técnicas.

Cento e sessenta e oito horas. Oito mil seiscentos e quarenta minutos.

Não que eu esteja contando, ou algo assim.

É então que tudo se tornará oficial. Quando Kate Brooks se casará comigo. Quando ela não irá dormir na minha cama por vontade própria, mas porque será obrigada legalmente a fazer isso.

Marido e mulher. Carne da minha carne. O que Deus uniu, não deixará ninguém meter os dois braços para nos separar.

Kate morde o lábio.

– Os meninos contaram para você sobre qual será o plano?

Ela está se referindo à festa de despedida de solteiro. Minha despedida de solteiro.

Minha despedida de solteiro em *Las Vegas*.

A festa só para machos é uma noite para celebrar a dissolução da vida de solteiro de um homem, da maneira mais obscena e depravada possível. Sexo e álcool são dois grandes temas. Você já assistiu aos filmes. *Se beber, não case!*, *A última festa de solteiro...* É o grande último grito de liberdade. Como a noite anterior à sua ida para a guerra, ou no caso das mulheres, antes de você começar uma nova dieta.

É esperado do noivo que ele se empanturre com tudo aquilo que ele não irá mais ter a oportunidade de aproveitar, tão logo ele coloque aquela aliança no lindo dedo de sua noiva.

Obviamente, Kate não é uma noiva comum. E porque nosso relacionamento – e nossa vida sexual – está melhor agora do que nunca, no começo eu não queria uma festa. Eu não enxergava o motivo.

Para alguns homens, como eu, uma vez que você se apaixona, todas as outras tetas e bundas no mundo parecem se misturar. É como os carros na cidade – as buzinas, as acelerações, o barulho dos pneus quando brecam. Posso ouvi-los, sei que eles estão lá, mas não dou a mínima para tudo aquilo. Não fico encarando, não paro para olhar. Não mais, porque tenho um clássico top de linha em minha garagem, esperando que eu chegue em casa para guiá-lo.

Ela é a única que eu quero.

Mas, eventualmente, os caras me convenceram. Jack, Matthew e Steven me encurralaram na sala de conferência e explicaram que a despedida de solteiro não era exatamente para mim.

Era para todos os outros caras, que tinham que se esforçar para dormir com alguém. Ou seja, os homens solteiros e, sabe... Aqueles que já estão casados.

Depois de ouvi-los defender o lado deles, concordei em fazermos a festa. Entre meu trabalho, Kate, e o pequeno e adorável ditador que é nosso filho, não tenho tido muito tempo para sair com os meninos. Imaginei que pudesse ser uma boa hora, uma noite para socializarmos, uma maneira de produzir algumas memórias para a vida inteira com meus amigos mais próximos.

Então, quando Kate me pergunta se os caras me contaram sobre quais são os planos, respondo:

– Na verdade, não.

As palavras exatas de Matthew foram: “Quanto menos você souber, melhor. Negação plausível.”

Mas não queria dizer somente isso a Kate. Só servirá para que ela fique preocupada.

Ela não deixa barato, todavia.

– Bem, se você tivesse que adivinhar, o que você acha que acabará fazendo?

Encolho os ombros.

– Jantar, casino, bebidas...

– Strippers?

Você conseguiu ouvir a mudança em sua voz? A raiva antecipada? A mordida?

Minhas sobrancelhas se levantam.

– Uma visita a um clube de striptease provavelmente estará no itinerário, sim.

Ela tira um sarro, como se estivesse querendo dizer que sou um babaca. Então ela senta e cruza os braços.

– É claro. Já podia imaginar. Porque você não passou tempo o bastante na companhia de strippers. Você tem que encaixar mais uma noite antes do nosso casamento.

Você já ouviu falar do Sistema de Defesa Antimíssil – o DAM? Foi iniciado por Reagan nos anos 1980, e tinha o único propósito de nos defender do ataque de outro país. Destruir seus mísseis antes do impacto. Evitar danos. O sistema não analisa o argumento do oponente. Ele não toma um tempo para considerar que, talvez, eles tenham um motivo válido para atacar. Ele simplesmente reage. Imediatamente. Na defensiva.

– Não fique brava. É uma despedida de solteiro. Você está querendo me dizer que Dee-Dee não irá trazer um cara, ou dez caras, para balançar o pacote deles na sua cara?

Já mencionei que as garotas irão junto conosco na nossa aventura de um fim de semana? Pois é. A Delores achou que seria divertido fazermos uma excursão, e então nos separar para nossas noites de devassidão. Achei que foi uma sugestão fabulosa – me fez *quase* gostar da Dee.

– É diferente, e você sabe disso – argumenta Kate.

– Exceto que não é diferente, não.

– Você se incomodará se Dee contratar strippers?

Por anos a fio, a Irmã B nos disse que não existiam perguntas estúpidas. Como ela mentia.

Só de pensar em um homem seminu, que não sou eu, se esfregando em Kate, me faz querer destruir algo, como o rosto de alguém. Imitar os caras do *Clube da luta* e quebrar alguém em pedaços ensanguentados até que ele nunca mais se pareça com um ser humano.

Talvez seja um instinto de homem das cavernas. Talvez eu esteja sendo irracional e sexista e

injusto. Mas é assim que eu sou.

– É claro que isso irá me incomodar pra cacete!

– A Dee-Dee falou que o que é bom para o pato é bom para o ganso.

– O Matthew precisa aprender a amordaçar a droga do ganso dele.

– Como você me amordaça?

Eu também sei morder.

– Não, minha querida. Gosto muito da sua boca para querer amordaçá-la. Eu a prefiro bem aberta e na espera.

Kate engasga, e fico esperando o seu contra-ataque com armas de fogo. Porque é isso que faço. Você já me conhece há algum tempo e sabe como funciona. Preliminares, depois mais brincadeiras, golpes baixos. São apenas palavras. Uma maneira de ventilar nossas frustrações e excitarmos um ao outro.

Elas não significam porra nenhuma. Somente em raras ocasiões são motivo para verdadeira raiva ou sentimentos feridos. E agora não é um desses momentos.

Porém... Aparentemente, é, sim.

– Você está vendo? É exatamente disso que eu tinha medo. Nós nem fomos viajar ainda e você já está sendo um babaca. Eu *sabia* que isso aconteceria novamente.

Kate se vira para longe de mim, balançando sua cabeça rigidamente. E então eu as vejo. As lágrimas. Começando a aparecer em seus olhos, prontas para caírem, sendo seguradas apenas por sua clara teimosia.

Estou surpreso. E me sinto mal, como se tivesse sido alvejado no coração por uma bala de borracha do tamanho de uma pedra.

Kate joga o lençol para o lado e começa a sair da cama. Mas sou mais rápido – o Flash Gordon comeria poeira perto de mim. Antes de seus pés tocarem o chão, já estou à sua frente, com as mãos para o alto. Cheio de remorso e pedidos de desculpas.

E pelado.

Quando você está querendo se defender, não custa nada ficar nu.

– Kate... Espere... Não faça isso. Fique calma. – Tento alcançar seu punho.

Mas ela impede que eu o faça.

– Pare de me tocar!

É claro. Como se *isso* fosse acontecer.

Mas eu não tenho uma chance de dizer isso a ela. Um temido som ecoa pelo quarto e interrompe toda a ação, chamando toda a nossa atenção, porque está vindo da babá eletrônica.

É um som áspero, como um algodão se esfregando no outro. Como atiradores no meio da selva, nós não movemos um só músculo. Não dizemos uma só palavra. Apenas esperamos, até que o som pare. E tudo se torna silencioso novamente.

Isso foi um aviso. Uma flecha em nosso arco. Um “cale a droga da boca”.

O que se inicia no momento seguinte é uma cômica discussão silenciosa que somente verdadeiros pais entenderão. Tudo o que nos resta é mexer a boca, fazer mímicas, usar expressões faciais e abanar nossas mãos. Até que eventualmente Kate me mostra o dedo do meio.

E então, sorrio.

– O.k.

Quero dizer, se ela está pronta para o segundo round, quem sou eu para negá-la?

Eu a ataco. Rolamos na cama por um minuto até que eu consigo imobilizá-la – sentando em sua cintura – prendendo suas mãos acima da cabeça. O cansaço físico dissolve um pouco da tensão, e Kate parece estar um pouco menos arrasada. Quando tenho certeza de que ela não tentará escapar, apanho o cobertor e puxo-o para cima de nós dois, abrigando nossa conversa muda como um casulo.

Caio para o lado encarando Kate, e em um tom meio sussurrado, vou direto ao ponto.

– Se a ideia de strippers fazer parte do entretenimento a incomoda tanto, por que diabos você disse que aceitava que eu fizesse a minha despedida de solteiro em Las Vegas?

Strippers em Las Vegas são como o milho em Iowa. É como se a cidade fosse reconhecida por isso.

Kate se contorce. E então solta um suspiro.

– Porque todos estavam tão animados para ir para Las Vegas. Não queria estragar tudo. Despedidas de solteiro em Las Vegas são... uma tradição, certo?

Até pouco tempo atrás, sacrificar bodes também era uma tradição. Isso não a torna uma boa ideia.

– Nem todas as tradições precisam ser seguidas. Se você estiver realmente desconfortável em relação a isso tudo, direi para os rapazes que não. Ficaremos apenas jogando, fumando e bebendo.

Ela pausa por um momento, pensativa.

– Você faria isso por mim?

Eu dou risada. Porque, a essa altura como pode ela não saber?

– É claro que faria.

Kate apoia a bochecha em cima das mãos. Ela parece jovem, vulnerável. Meu peito aperta com o desejo de protegê-la de tudo e qualquer coisa que poderia lhe causar dor.

– Não me importo com as strippers, Drew.

Agora fiquei confuso.

– Você está dizendo isso porque realmente não se importa, ou porque você acha que é isso que quero ouvir de você?

Preciso perguntar isso, porque, em minha experiência, as mulheres vão dizer a você para fazer algo e então rasgar a porra da sua garganta se você realmente fizer aquilo, já que você deveria saber que elas não queriam *realmente* que você fizesse. Que elas *realmente* não querem dizer aquilo.

A não ser pelos momentos que elas querem dizer, sim.

É como uma forma de esquizofrenia que ainda não foi descoberta. Deus concedeu a vocês uma boca por um motivo, senhoritas. Bem... Diversos motivos, na verdade.

Mas a questão é saber usar. Ser direta. Isso irá nos economizar bastante tempo e energia.

– Não. Estou sendo sincera. Agora que sei que você não quer ir a uma boate de striptease, não me incomodará tanto se você for.

– Então, por que você ficou aborrecida?

– Acho que, no fundo, estou apenas... com medo.

– Medo de quê?

– De você.

Ai. Devo dizer que essa machucou um pouco. Como uma antiga lesão no joelho que aparece tão raramente que você quase se esquece de que ela está lá. Até que ela volta, e você se vê

obrigado a ficar de cama por uma semana.

Kate nota a expressão em meu rosto e começa a elaborar.

– Tenho medo de que você fará alguma coisa... Que você verá ou escutará algo e entenderá errado. Que haverá um desentendimento e você reagirá... mal.

Esfrego os olhos. E solto um suspiro.

– Eu achava que nós já tínhamos superado tudo isso, Kate.

Ela pega minha mão, dando um aperto.

– Nós *superamos*, sim. Nós perdoamos um ao outro, e estamos muito bem agora. Mas... você deve admitir que... existe um padrão.

Rose Kennedy uma vez declarou: *Já foi dito que “o tempo cura todas as feridas”. Eu discordo. As feridas permanecem. Com o tempo, a mente, com o intuito de proteger a sanidade, apenas as cobre com um curativo e a dor diminui. Mas as feridas nunca desaparecem.*

Está ensinando o padre a rezar a missa, Rosie. Está ensinando o padre...

Deslizo as mãos até segurar as bochechas de Kate, me certificando.

– Não sou mais esse tipo de cara, Kate.

O.k., é verdade: lá no fundo ainda *sou* aquele cara. Mas sou mais esperto agora. Sou *mais* do que isso. Sou pai. Daqui a uma semana, serei marido. E cortaria meu pau fora se machucasse Kate daquela maneira novamente.

Eu cresci, droga.

– Eu te amo, Kate. E confio em você. Confio em nós. Nós conversamos sobre as coisas, e eu não reajo, simplesmente. Então, não estragarei tudo isso, nem nesse fim de semana, nem nunca mais.

Ah, ironia. Sua vaca horrorosa.

As mãos de Kate cobrem as minhas. Ela olha em meus olhos procurando um sinal de verdade ou sinceridade ou alguma coisa assim. O que quer que seja, ela encontra. Porque ela sorri. E me beija suavemente.

– Eu acredito em você.

E então ela se afasta e me pergunta:

– Você se sentiria melhor se eu pedisse a Dee que cancelasse qualquer plano com strippers que ela tenha feito para nós?

Sim.

– Não.

É claro que sim.

– Bem... talvez.

Sim, sim, sim.

– Não. Não. Quero que você se divirta com as garotas. Você sabe, quero que faça o que as meninas fazem.

Está vendo? Se isso não for uma evidência de um puta amadurecimento, não sei o que diabos é. Além disso, strippers masculinos não são nada de mais, porque a maioria deles quer ser dançarino. E todos nós sabemos o que isso significa...

De qualquer maneira, nenhuma garota quer transar com um cara que usa uma tanguinha daquelas. Não me importa se ele é tão forte quanto uma casa de tijolos feitos de merda e bem-

dotado como um cavalo. Se estiver usando fio dental, ele estará sendo ridículo.

Enquanto nos sentamos, Kate me diz:

– Ficar olhando um cara besuntado de óleo balançando a bunda não é bem minha ideia de diversão, Drew. – Ela brinca com as sobrancelhas, olhando em minha direção. – Agora, se você estivesse coberto de óleo e dançando, por outro lado, isso sim seria diversão.

É por isso que amo Kate.

– Você é a mulher perfeita.

Eu a aproximo de mim para beijá-la, mais demorado do que da última vez. Mas assim que nossas línguas se encontram para brincar, ouvimos uma pequena voz piando por meio da babá eletrônica.

– Mamãe? Papai? Colo. Colo.

Eu me afasto.

– A fera acordou. Vá tomar banho primeiro, e eu pego ele.

– O.k.

Coloco uma calça de moletom enquanto Kate pega algumas roupas da gaveta.

– Papai! Mamãe! Colo. Colo. Colo!

Meu filho não é muito fã da paciência. Imagina a quem ele puxou?

– Ah, e Drew?

Viro-me em direção a Kate.

– Sim?

– Minha avó costumava dizer: olhe com os olhos, não com as mãos. Quando você estiver no bar de striptease, lembre-se disso.

Faço que sim com a cabeça.

– Entendido, chefe.

Eu caminho à frente e pego seu queixo, libertando seu lábio da mordida de seus dentes. Então, a beijo melhor ainda, fazendo que ela fique um pouco tonta e confusa.

– E pare de se preocupar, porra. Nos divertiremos muito com nossos amigos nesse fim de semana. Nada de ruim irá acontecer. Prometo.

Essas últimas palavras são famosas, não são? Bela maneira de atrair má sorte. *Idiota.*

Giro o corpo de Kate para o outro lado e dou um tapa em suas duas nádegas com uma mão só.

– Agora, leve esse traseiro direto para o chuveiro antes que eu decida estapeá-lo novamente.

Kate dá risada, porque ela acha que estou brincando. Só que...

– *Papaaaiii! Colo! Colo!*

Certo. O trabalho me chama. Kate sai em direção ao banheiro, e vou até James, libertá-lo de sua jaula.



Então, é assim que começou. Tudo era maravilhoso. Nós conversávamos. Dávamos risada. Nos comunicávamos.

Trepávamos.

Meu Deus, era como um conto de fadas.

Você já percebeu como todo conto de fadas começa bem? A linda princesa, o reino feliz? Depois, tudo começa a dar errado. Em um minuto, João não sente dor alguma, comendo pedaços de uma janela feita de açúcar e dali a pouco uma bruxa velha está tentando enfiar seu traseiro dentro de um forno.

Para você que ainda está pensando que sou um otário egoísta que não vale nada, desconfio que você irá gostar do que tenho para contar.

E muito.

Capítulo 2

O quarto de James está um pouco escuro. As cortinas estão fechadas e a única luz vem de um abajur do Buzz Lightyear em um dos cantos. É a mãe de todos os quartos de menino. Amarelo e verde? Não, obrigado. As paredes são azuis escuras e creme, e os móveis são de cerejeira escura. Uma cesta de basquete pra bebês está encostada em uma das paredes e uma mesa de trem completa, próxima à outra. Uma cadeira de balanço bastante confortável está estacionada entre duas janelas em formato de arco, com uma cópia bem gasta de *Goodnight Moon* apoiada no assento. Fotos emolduradas da família – e do novo estádio dos Yankees – estão penduradas nas paredes. Um pôster do Metallica está colado na parte de trás da porta.

Eu o queria bem no centro, mas Kate acabou com a minha ideia.

Os olhos grandes e castanhos de James se iluminam quando entro no quarto. Ele é minha miniatura perfeita: o nariz, o queixo, os cabelos pretos que apontam em todas as direções.

– Bom dia, amigão.

Ele segura a grade do berço e pula como um chimpanzé vestindo um uniforme de algodão.

Suas palavras são pronunciadas cuidadosamente, com ênfase nas consoantes, como se fosse um robô.

– O-lá, pa-pai.

Adorável pra cacete.

Eu o apanho, o seguro no alto e brinco com sua barriga, fazendo com que solte um grito. E então o trago para baixo novamente e o aperto de leve. Ele se vira para mim e apoia a cabeça em meu ombro. Sua respiração faz cócegas em meu pescoço. Beijo seus cabelos mais uma vez, só porque posso.

Nunca entenderei aqueles caras que se recusam a abraçar e a beijar seus filhos, particularmente os *meninos*. Otários de coração frio, é isso que eles são. A ideia de que muita afeição pode tornar um garoto fresco é uma grande montanha de merda.

Se você quiser que seu filho seja confiante e seguro, deve dar a ele uma boa base, e dar um bom exemplo. Veja meu próprio pai, por exemplo. Cresci sabendo que ele era completamente capaz de chutar minha bunda a qualquer hora que eu saísse da linha. E ele o fazia. Frequentemente. Mas ele também me mostrava diariamente que eu podia contar com ele. Que ele me amava, sentia orgulho de tudo que eu fazia ou tentava fazer. James irá crescer da mesma maneira.

Um aroma rançoso invade meu nariz.

– Jesus, James. – Deito-o na mesa para que eu possa trocá-lo.

Você parece surpreso. Não deveria estar surpreso. Homens de verdade trocam fraldas.

Acho que vou colocar essa frase em uma camiseta.

Na verdade, qualquer coisa que Kate consegue fazer – dar banho, colocar para dormir, alimentar durante a madrugada – eu também faço. Não tenho escolha, tenho que fazer.

Kate tinha apenas 28 anos quando James nasceu. Para um profissional em nosso campo de trabalho, ela era bastante jovem. E mesmo que ela estivesse feliz em ser mãe – e apesar de uma tonelada de culpa –, ela não estava pronta para trocar o mundo corporativo por conversas com outras mães e as malditas músicas infantis.

Contratar uma babá ou deixá-lo em uma creche estava fora de questão. Quando eu era criança, não gostava nem que outras pessoas cuidassem dos nossos cães. De jeito nenhum eu iria deixar meu filho na mão de estranhos, enquanto torço todos os dias para que eles não o fizessem mal.

Mas prometi a Kate – há muito, muito tempo atrás – que eu tornaria todos os seus sonhos realidade. Então, nos comprometemos. Aconteceu da seguinte maneira. Você achará o final dessa troca de ideias particularmente gratificante... Eu achei, pelo menos:

James. Quatro semanas de idade:

São dez e meia quando atravesso a porta de nosso apartamento. Pode parecer tarde para você, mas no mundo dos investimentos bancários isso faz parte do procedimento. Uma reunião às sete da noite sofre atraso, e então aparece uma teleconferência com a Indonésia, depois mais algumas horas revisando contratos, e aqui estamos.

Quando James nasceu, tirei duas semanas de licença “paternidade”, mas agora estou de volta ao escritório a toda velocidade. Kate está ficando em casa para cuidar do bebê. Nós costumávamos nos alternar nesses turnos de alimentação da madrugada, porque se torna difícil formular uma frase coerente – sem dizer administrar os milhões de dólares – quando metade de seu cérebro está dormindo, então essa responsabilidade agora cai sobre Kate, para que eu consiga dormir decentemente e não dizime as fortunas de meus clientes.

Jogo minhas chaves em cima da mesa e fecho a porta com o pé. Caminho até a sala de estar. Kate está sentada no sofá com uma cesta de roupas a seus pés, dobrando pequenas calças que se juntarão aos conjuntos de macacões empilhados sobre a mesa. Seus longos e suaves cabelos – que eu adoro sentir acariciando minhas coxas – estão amarrados em um coque. Ela está usando shorts de pijama e uma camiseta azul-marinho, e não posso evitar notar que seus seios, maiores do que o normal por causa da amamentação, estão libertos da restrição usual de seu sutiã.

Bônus.

Com uma voz mais alta do que pretendia falar, eu digo:

– Oi, linda.

– Shhh! – ela ataca. – Se você acordar aquele bebê, vou arrancar cada pelo pubiano seu na próxima vez que você estiver dormindo.

Meus olhos ficam enormes. Ela tem passado tempo demais com a Delores nos últimos dias.

Abaixo minha voz.

– Me desculpa.

Sento-me ao lado dela no sofá e me inclino para dar um beijo.

Meus lábios arrancam um sorriso dela, como sempre.

– Oi – ela me cumprimenta em um tom mais feliz em me ver –, você quer que eu esquente um prato para você?

– Não, vou fazer só uma tigela com cereais.

Kate boceja enquanto pega um babador com a frase minha mãe é mais gostosa do que a sua e continua a dobrar.

– Dia pesado? – pergunto.

– Não muito. Ele só estava um pouco mal-humorado às 6h. Levei um tempão para conseguir fazê-lo dormir.

Faço que sim com a cabeça, e então a inclino em direção ao corredor.

– Vou até lá checar como ele está.

Kate tenta acabar com meus planos.

– Não, você não vai.

– Eu ficarei em silêncio.

– Drew...

– Não vou tocar nele.

Ela aponta friamente.

– Nós dois sabemos que você não consegue ver James e ficar sem tocar nele.

Touché.

– E então ele irá acordar e terei que amamentá-lo para que ele se acalme, e todo o cronograma irá por água abaixo.

Percebo a sabedoria por trás do que ela está dizendo. Não quer dizer que eu tenha que achar legal.

– Passei o dia inteiro sem vê-lo!

Tive que sair correndo mais cedo do que o normal esta manhã para chegar a tempo de uma reunião com um cliente.

– Não é saudável para um bebê passar dias sem colocar os olhos em seu pai.

Não sei se isso é um fato, mas soa muito bem, então vou manter meu argumento.

Novamente, Kate não está engolindo essa.

– Ele tem quatro semanas de idade. Ele precisa seguir um cronograma mais do que precisa olhar para seu papai.

Franzo as sobrancelhas. Acho que meus sentimentos foram feridos.

– É um puta absurdo você dizer isso.

Ela encolhe os ombros.

– Não quer dizer que não seja verdade.

Solto um suspiro e escolho uma linha de ação mais subversiva.

– Então, vou só fazer aquela tigela com cereais.

Kate me observa enquanto levanto do sofá, e então chama minha atenção suavemente para que eu volte.

– Fique longe do quarto do bebê, Drew. Nem olhe para a porta.

Não concordo nem discordo. Apesar de Kate e eu estarmos juntos há anos, buracos na estrada ainda acontecem. Entro na cozinha, pego o leite de dentro da geladeira, e coloco os cereais na tigela. Dou duas colheradas e... –

Você ouviu aquilo? Parece o choro de uma criança, não é?

Não?

Então recomendo que você vá examinar sua audição, porque eu definitivamente ouvi um choro.

Atravesso a porta da cozinha e sorratamente caminho pelo corredor em direção ao

quarto do bebê. A porta está aberta alguns centímetros, apenas o bastante para que eu consiga enfiar minha cabeça lá dentro. A luz do abajur projeta um brilho acolhedor na mobília de madeira escura, na cadeira de balanço e nos bichos de pelúcia empilhados no canto. Eu ouço. E tudo que consigo escutar é o som da respiração profunda e ritmada de James.

Acho que não foi um choro que eu ouvi, afinal. Mas... Já que estou aqui e tudo mais, não faria mal dar só uma olhada, certo? Certo.

Como uma criança descendo as escadas escondido antes de o sol nascer na manhã de Natal, piso no quarto suavemente. Fico em pé ao lado do berço e olho para meu garoto dormindo. Um sorriso aparece em meu rosto instantaneamente, porque ele é incrivelmente adorável.

Ele está deitado de costas, com a cabeça virada para a direita, uma mãozinha fechada com o cotovelo flexionado acima de sua cabeça cheia de cabelos escuros. Ele está vestindo um macacão de algodão verde-escuro coberto até os pés. Não resisto e deslizo o dedo por sua bochecha fofa e suave de bebê.

Ele não percebe, e nem se move. Sendo assim, continuo a olhar para ele, e é um pouco louco perceber como isso pode ser divertido, apenas observá-lo respirando.

Agora que estou satisfeito, dou um passo em direção à porta. E então algo temido acontece.

Você sabia que esse momento chegaria.

Sim, a cabeça de James vira para o lado esquerdo, em seguida, os pés dão um chute e seu doce corpo começa a acordar. E então, como um pássaro-bebê que acabara de sair de dentro da casca, ele solta um choro.

– Buááááá...

– Merda. Shhh... – sussurro – James... – esfrego sua barriga – Shhh, volte a dormir.

Dane-se. Eu o pego no colo e o balanço em meu ombro.

– Você precisa ficar quieto, amigão. Se sua mãe me encontrar aqui, ela vai lacrar a vagina dela como um cofre de aço. Levarei horas para conseguir abri-la novamente.

Tecnicamente, o cofre está trancado para manutenção, de certa maneira. Ainda temos duas semanas antes de a médica nos dar o sinal verde. Até lá, há uma rígida política de “não ultrapasse”. Não posso nem fazê-la gozar com a minha boca, nem nos esfregar por cima das roupas, método tão popular entre os adolescentes. Roberta disse que o útero de Kate precisa se recuperar, o que significa que espasmos de orgasmo não são permitidos.

Dito isso, você entende minha analogia. Meu filho, por outro lado, não entende. Ou ele está pouco se lixando.

– Buááá, buáááá, buááá...

E então Kate está parada na porta do quarto, com uma cara de quem está puta da vida.

– Dê adeus a seus pelos pubianos, Drew.

Eu dou risada.

– O quê? Eu ouvi James chorar e cheguei aqui antes de você. Só isso.

Não é considerado mentira se a pessoa para quem você está mentando sabe que é uma mentira.

Ela solta um suspiro exasperado e faz um gesto para pegar o bebê.

– Dê ele para mim.

Eu o seguro forte e viro de costas, como um jogador de futebol americano tentando evitar que a bola seja roubada.

– Não, estou cuidando dele. Volte para o que quer que você estivesse fazendo.

– Ele não irá se acalmar com você.

– E ele nunca irá se acalmar comigo se você for a única a pegá-lo no colo toda hora. – Beijo o topo da cabeça chorona de James. – Cuido dele, Kate. Vá tomar um banho ou algo assim.

Não é isso que todas as novas mães querem?

– Você está tentando me dizer que estou cheirando mal?

Acho que não.

– Não... Estou dizendo que revirei a merda, agora tenho que limpar.

Ela não está muito convencida e desliza a mão pelas costas de James.

– Tudo bem. Só... avise se precisar de mim.

Dou um beijo em seus lábios.

– Nós estamos bem.

Finalmente ela sorri e sai do quarto.

A maioria dos homens não está apta a cuidar de bebês. Ou porque não têm experiência ou porque têm medo de que causarão algum dano irreversível. Nos dê uma máquina que precise ser consertada e nós a desmontaremos e juntaremos todas as partes novamente, mesmo se não formos familiarizados com ela.

Bebês? Não são tão fáceis de montar.

E há todos esses perigos com os quais temos que ficar alertas. Pontos frágeis, pescoços que não conseguem suportar cabeças, umbigos esquisitos à espera de cair... Nem começarei a falar sobre circuncisão. Homens não são bons em fazer várias coisas ao mesmo tempo, lembra?

Então, para a maioria das pessoas, é melhor que esses cuidados sejam responsabilidade das mães.

Para a maioria. Mas não para mim. Porque eu adquiri experiência com a Mackenzie. Quando ela era uma criança, eu não participava das coisas que aconteciam à noite, mas aprendi muito sobre todo o resto. Se um homem consegue trocar a fralda de uma menina, não há nada que ele não consiga realizar. Então, porque eu aprendi com a infância dela, e porque sou incrível em tudo o que faço, não me sinto intimidado pelo choro de James. Não é a parte mais divertida de ser pai, mas consigo lidar com isso.

Tiro-o do meu ombro para carregá-lo em meus braços.

– Buáááá, buáááá, buáááá...

– Ei, amigão, por que essas lágrimas? Você não precisa chorar. Vou fazer você dormir rapidinho.

Pego uma chupeta de dentro da gaveta e a coloco perto de sua boca. Ele reclama, mas começa a chupar devagar antes de abrir a boca para soltar um berro, percebendo que não é um mamilo de verdade. Alcanço a chupeta antes que ela chegue ao chão.

Então, sento-me na cadeira de balanço.

– Sim, sei que não é o que você quer. E não o culpo por isso. Os seios de sua mãe são espetaculares. Mas... você tem que aceitar o que vier. E, neste momento, este pequeno pedaço de plástico é o melhor que você conseguirá.

Deslizo a chupeta entre seus lábios novamente, e dessa vez ele não a rejeita. Suga rápido e seus olhos se fecham por um momento, antes de abri-los novamente; um sinal de que está exausto, mas lutando contra o cansaço. Balanço a cadeira devagar e dou tapinhas em seu traseiro gentilmente, mas em um ritmo constante.

Sussurrando suavemente, digo a ele:

– Você quer ouvir sobre o que o seu velho fez hoje? Consegui esquematizar uma aquisição de cinquenta milhões de dólares para um homem que inventou um novo aplicativo. Ele é meio que um babaca. Quando você ficar mais velho, aprenderá que o mundo é repleto de babacas. De qualquer maneira, esse babaca em particular achou que o acordo não era bom o bastante, então o papai teve que explicar a ele por que era bom, sim. Primeiro, mostrei a ele...

Você não quer ouvir o resto da história, não é? Só preciso dizer que, vinte minutos depois, James já havia desmaiado de sono. Beijo sua testa e o deito no berço novamente. Então, vou até a sala para passar um tempo de qualidade com minha namorada. Encontro Kate no sofá, com um cesto de roupas ainda metade cheio.

Ela demora um pouco até perceber que eu estou ali, e já não está mais dobrando roupas. Ela está segurando um par de meias de bebê em cada mão, olhando para o nada nervosamente, perdida em seus pensamentos.

Normalmente, para os homens, quando nossas mulheres estão contemplando alguma coisa séria, é um mau sinal.

Com muito cuidado, sento-me ao lado dela.

– O bebê está dormindo.

A expressão em seu rosto não muda.

– Que bom.

– Kate? Está tudo bem?

Como se estivesse acordando de um transe, ela se vira para mim rapidamente e tenta se recompor.

– Ah, sim. Sim, estou bem.

Estou bem. Um forte sinal de alerta.

Não perco meu tempo com cordialidade.

– Foda-se o “estou bem”. Qual o problema?

Ela mantém a atenção focada nas meias.

– Eu acabei de perceber... que agora essa é minha vida.

Eu me esforço para decifrar a mensagem feminina escondida nessa frase, mas não consigo chegar a uma conclusão.

– O.k... e...?

– E dobrar roupas, lavar pratos sujos, caminhadas vespertinas, ter horário para dormir, trocar fraldas... Essa é minha vida. É isso que tenho para me animar.

– Bem... você não terá que trocar fraldas para sempre. E daqui a duas semanas eu poderei fazer você gozar de inúmeras e ilícitas maneiras. Você pode se animar com isso.

Até consigo fazê-la rir, mas não muito efusivamente.

– Sou uma pessoa terrível.

Esfrego seu ombro.

– Se você é uma pessoa terrível, estou seriamente na merda.

Isso faz com que Kate abra um sorriso mais sincero.

– Eu amo James, Drew. Amar... não chega nem a ser uma palavra forte o bastante...

Faço que sim com a cabeça, porque eu e qualquer pai que eu conheça sabemos exatamente o que isso significa.

– ... e eu reconheço a sorte que tenho. Muitas mulheres matariam para poder ficar em casa com seus filhos em período integral. Sou muito grata pela vida que tenho, mas nunca pensei que isso seria tudo que eu teria.

E as lágrimas começam a cair. E são das grandes.

Nos dias seguintes ao nascimento de James, ele não era o único a chorar sem parar.

Kate estava um trapo.

Eu achei que entendesse que o caos dos hormônios podia afetar a personalidade de uma mulher. Mas eu não entendia nada. Os hormônios da gravidez são como outra espécie completa. Ela chorava porque James era lindo, chorava porque ela me amava tanto, e pelo quanto eu a amava. Ela chorava quando James chorava, e quando ele dormia ou quando ele espirrava. Ela chorava porque ainda não havia perdido o peso que ganhara na gravidez, dois dias depois de James ter nascido, por culpa daquelas celebridades malditas e narcisistas, que fazem que as mulheres se sintam mal.

Apesar de eu estar acostumado com os choros do meu filho, nunca me acostumarei a ver Kate chorar.

Sinto meu peito apertar e espremer meu coração enquanto ela enxuga as lágrimas das bochechas.

– Me sinto tão culpada por não estar trabalhando. Por ver você sair por aquela porta de manhã e desejando que fosse eu. Isso é muito estranho.

Esfrego suas costas e digo a verdade a ela:

– Não é nada estranho.

Kate olha para mim com uma expressão de surpresa.

– Eu também não gostaria de parar de trabalhar. Eu ficaria devastado se não pudesse mais ir para o escritório.

E então pergunto a ela:

– Por que você não disse nada antes?

– Achei que isso iria passar, assim que me acostumassem a ficar em casa e começassem uma nova rotina. Mas só piorou.

O estranho é que sei exatamente como ela se sente.

– Pra ser sincero, também não estou exatamente empolgado com esse esquema que nós temos agora.

Felizmente, suas lágrimas secaram. O aperto em meu coração diminui.

– Você não está?

Balanço minha cabeça, como se dissesse não.

– Estou perdendo todas as coisas boas. Passo dias sem ver James acordado por um minuto que seja. É uma merda. Como no outro dia, quando ele sorriu pela primeira vez.

Ela tenta fazer com que eu me sinta melhor.

– Eram apenas gases, Drew.

– É claro que eram, porque garotos acham que soltar gases é engraçado.

– Te mandei um vídeo.

Balanço minha cabeça novamente.

– Não é a mesma coisa. Nesse ritmo vou acabar perdendo tudo. A primeira palavra, o primeiro passo, a primeira vez que ele descobrir que pode apontar em um alvo e mijar nas coisas. Todos os grandes momentos.

Kate pega minha mão.

– Então... Sobre o que nós estamos conversando aqui? Você está dizendo que quer ficar em casa meio período?

No momento em que essas palavras são ditas, percebo que é isso que eu estava querendo desde o início.

– E você trabalhará meio período. Irei para o escritório às segundas, quartas e sextas-feiras... porque ainda sou o homem da relação... e você irá para lá às terças e quintas-feiras.

– Alguns de nossos clientes não concordarão com isso. O diretor-executivo da Jefferson Industries é um otário. Ele terá grandes problemas.

Como se eu me importasse.

– Mesmo que alguns achem isso ruim, farei que continuem clientes do escritório. Passarei eles para o Jack ou para o Matthew. E se perdermos alguns, meu pai irá superar. Nepotismo tem suas vantagens, Kate. Acho que deveríamos explorá-las.

– Nossos bônus sofrerão um impacto.

Encolho os ombros.

– É só dinheiro.

Se você não tem uma tonelada de dinheiro sobrando e investimentos disponíveis, eu não recomendaria adotar essa atitude. Mas já que eu tenho... eu posso.

Então começo a explicar.

– Daqui a seis ou sete anos James estará na escola, então nós dois poderemos voltar a trabalhar em período integral. A não ser que tenhamos mais filhos nesse tempo. E já que a atividade que faz que eles cheguem até nós está no topo de nossa Lista Favorita de Coisas a Fazer, essa é definitivamente uma possibilidade.

Há uma luz em seus olhos que não estava ali quando cheguei em casa. Saber que ajudei isso a acontecer me faz ter orgulho de mim mesmo. Não que seja um sentimento estranho, mas nesse caso é especialmente maravilhoso.

Kate aperta minha mão com entusiasmo.

– Então, faremos isso? Realmente faremos isso?

– Você, eu e James iremos até o escritório amanhã e teremos uma conversa com papai, George e Frank.

Ela se joga para cima de mim. Peito contra peito, os braços ao redor de meu pescoço e as pernas enroscando minhas coxas.

– Estou tão animada!

– Tão animada quanto para ser liberada pela doutora Roberta daqui a duas semanas?

Kate se contorce.

– Ah... Não tão animada... Mas bem próxima.

E então nos beijamos, nossas línguas dançam e experimentam uma a outra. Caio para trás no sofá, trazendo-a comigo, mantendo-a em cima de mim.

Seus lábios provocam minhas orelhas.

– *Eu te amo* – diz Kate em sua respiração, antes de começar a usar a língua. Sinto a luxúria aparecer em meu estômago e deslizar pelas minhas coxas e braços, e meu pau.

Devolvo o sentimento.

– *Eu te amo.*

A boca de Kate desce até meu pescoço, me torturando com toques leves como uma pena esfregando minha pele.

– *E amo nossa vida.*

Minha mão enrosca em seus cabelos, desfazendo o coque, fazendo-o cair.

– *Eu também.*

Ela fica de joelhos no chão e me sento com as pernas afastadas para que ela possa se aninhar entre as minhas coxas. Olha para mim com olhos escuros e famintos, com um sorriso de garota safada, minha combinação favorita.

Kate desabotoa minha calça e me levanto para acomodá-la para que ela tire tudo de uma vez. Devagar, ela tira minha cueca e meu pau impaciente salta para cumprimentá-la.

– *E amo seu pau.* – *Ela me faz ter certeza disso, deslizando a língua para cima e para baixo ao longo do comprimento, e depois circulando a cabeça.*

Eu olho para seu lindo rosto e digo:

– *Eu amo meu pau dentro da sua boca.*

Seus lábios vibram contra mim quando ela dá risada, e a sensação faz minhas pernas tremerem. Então ela suga com os lábios da base até a ponta, cuidadosamente, sem me colocar para dentro. Quando estou à beira de perder a porra da minha cabeça, ela desliza meu pau em sua boca molhada, apertada e quente.

Minha cabeça cai para trás e solto um gemido.

Ela me engole lentamente, centímetro a centímetro. É enlouquecedor e fantástico ao mesmo tempo, fazendo meus olhos se revirarem. Não consigo decidir se quero que ela me chupe forte e rápido ou arrastar essa tortura deliciosa por horas. Talvez dias.

Quando estou aninhado na garganta de Kate, ela pausa, respirando suavemente.

E solto um suspiro.

– *Porra...*

Kate sempre foi habilidosa ao me chupar. Um talento nato. Mas nos últimos anos seus talentos adquiriram proporções épicas. Ela é um mastro e eu, seu instrumento bem-dotado. Ela praticamente treinou para se livrar do reflexo quando começa a engasgar, e realmente adora levar meu pau até o fundo de sua garganta. E também adora engolir.

Uma vez ela me disse que isso a fazia se sentir poderosa. Observar meu rosto enquanto ela trabalha em mim. Ver os sinais de prazer que ela mesma está controlando, enquanto desfruto desse momento. É uma análise bastante precisa desse tipo de situação, porque neste momento estou completamente entregue à total piedade de Kate.

E esse, criança, é o melhor assento da casa.

Ela me chupa forte enquanto desliza sua cabeça para cima, para que somente a ponta do meu pau se mantenha entre seus lindos lábios. Ela circula com a língua novamente, dessa vez com mais pressão, menos sutilmente. Então ela desliza de cima para baixo, com afinco, sua língua me molhando, seus dentes raspando em mim. Suas bochechas se tornam ocas e suas mãos massageiam minhas bolas apertando de leve, de maneira erótica.

Eu solto um gemido e xingo e canto seu nome.

Seguro seu cabelo e a guio para cima e para baixo em meu pau, usando força o bastante para fazê-la gemer com gratidão.

– Isso, gata, assim mesmo. Isso é bom pra cacete – suspiro.

Os lábios de Kate ficam mais apertados e sua cabeça se move mais rápido.

– Nossa, Kate... vou gozar.

Sua mão me espreme e eu a seguro no lugar. Todos os músculos em meu corpo se contraem em uma rajada de prazer unânime. Meus dentes raspam e meu quadril se move rápido e, com seus próprios gemidos, Kate engole entusiasticamente até que não sobre nada.

Minha respiração é dura enquanto ela me presenteia com uma última lambida. Então, ela sobe em meu colo toda sorridente, e parece que não tenho mais ossos. Estou total e sublimemente relaxado. Dane-se o vinho: um boquete é a melhor maneira de relaxar depois de um longo dia de trabalho.

A única coisa que tornaria isso tudo melhor seria se eu pudesse retribuir o favor.

Enquanto seguro Kate em meus braços, adiciono mais um número à lista de orgasmos que devo a ela. Agora já são... quinze. E planejo dar um jeito nisso em uma só noite. Na noite em que Roberta libertará Kate. Mas não se preocupe. Desde que eu a mantenha hidratada, orgasmos demais não trazem nenhum dano físico. Eu perguntei.

– Acho que vou tomar aquele banho que você mencionou – ela sussurra. – Quer me acompanhar?

Deslizo os nós de meus dedos por sua mandíbula.

– Te acompanhar é só uma das coisas que estou morrendo de vontade de fazer agora mesmo.

– Coisas como esfregar minhas costas?

Passo meus lábios nos dela.

– Quero esfregar muitas coisas. Cada cantinho seu.

Infelizmente, esfregar suas costas e seus ombros será tudo que poderei fazer esta noite. Mas será o bastante por ora.

Mantenho suas pernas enlaçadas em mim enquanto fico em pé, pelado, e vamos em direção ao banheiro.



Ter o pai e a mãe trabalhando não é sempre perfeito. Conflitos no cronograma e estresse por causa do trabalho podem atrapalhar. Mas funciona para nós.

Agora, onde estávamos, antes de cortarmos para a cena gratuita do boquete?

Sim, falávamos sobre estar afundados no massacre que é a fralda de James. Tente respirar pela boca. Ajuda com o mau cheiro.

– Meu deus, garoto... O que você fez ontem à noite? Saiu escondido do berço e comeu uma costelinha?

Isso me lembra da maior invenção de nosso tempo. Não, não estou falando sobre a internet. Ou sobre o carro. Nem sobre anticoncepcionais, apesar de essa ter sido uma ótima. A maior inovação do último século é a lixeira para fraldas. Ela salva nossas vidas.

Jogo a bola tóxica de fralda na santa lata de lixo e rapidamente fecho a tampa. Depois

limpo James com o lenço aquecido e passo talco para bebê. Então, vou até o armário para escolher sua roupa. Uma camisa preta com gola, jeans e tênis da Nike. As roupas fazem o homem, e funciona assim com os pequenos garotos também. Tudo se resume à primeira impressão. Se você *quiser* que seu filho tenha o traseiro chutado no cercado de areia, vista-o com um daqueles coletes cheios de frescura. Isso garantirá que ele apanhe. James é um menino descolado, e faço questão que ele se vista como um.

Depois de passar gel no cabelo de James e escovar seus dentes, com algumas sugestões úteis em sua técnica de cuspir, eu o carrego para a cozinha como se estivesse pilotando um avião. *Zum*. Então, prendo-o no cadeirão para que ele não consiga fugir.

Próximo passo? Café da manhã. Você se lembra de como eu amo cereais, certo? Isso não mudou. Ainda como o de sempre: cereal adoçado com marshmallow extra.

Mas nada de cereal para meu filho.

Aqueles garotos do *Clube dos Cinco* sabiam realmente sobre o que eles estavam falando. E realmente nos transformamos em nossos pais. E frases como *Vamos ver* ou *Porque eu disse* simplesmente aparecem em sua mente e voam para fora de sua boca. É perturbador. Como se fôssemos possuídos, como em *O exorcista*.

Mas para o café da manhã de James? Fatias de maçã orgânica com cereal integral Cheerios, sem açúcar.

Eu sei. É oficial. Sou um hipócrita. Posso viver com isso. Não é como se as papilas gustativas dele soubessem o que estão perdendo. E quando elas souberem, vou continuar enfiando esses cereais goela abaixo de uma maneira ou de outra. Porque é bom para ele. Se um dia ele decidir me odiar por isso, tudo bem também.

Porque às vezes é difícil ser pai. E se não estiver sendo difícil, você não está fazendo seu trabalho corretamente.

Coloco o cereal na bandeja e me afasto até o meio da cozinha.

– Ei, James, se prepare.

Ele abre a boca e a mantém aberta. Seguro um só cereal entre meus dedos enquanto flexiono os joelhos e movo minha mão como se estivesse driblando uma bola de basquete.

– Faltam três segundos no relógio, agora menos um, Evans pega a bola. Ele finge que vai para a esquerda, ele avança, arremessa a bola...

Jogo o cereal em um longo arco, e ele aterrissa bem na boca de James.

– Ele pontua! A plateia vai ao delírio!

James levanta as duas mãos acima da cabeça.

– Ponto!

Nós nos cumprimentamos tocando as mãos. Está vendo? Falei para você. Muito legal, não é? Enfio uma colher de cereais em minha boca e me preparo para o próximo arremesso. Kate, então, entra na cozinha, digitando em seu telefone. Toda aquela preocupação em perder peso depois da gravidez foi em vão. Olhe para ela. A calça justa de ginástica abraça seu quadril estreito, e uma camiseta da Penn State exhibe a barriga chapada e os braços torneados. Seus cabelos estão presos para trás em um rabo de cavalo, e um toque de batom gloss brilhante com sabor de morango é a única maquiagem que ela está usando.

Maravilhosa.

Kate ainda tem aquela beleza que não dá muito trabalho. Ela não tem que se esforçar para estar gostosa. Ela apenas é. Faço uma manobra ao lado do cadeirão de James e espero Kate

olhar para mim.

Sim, é de propósito. As crianças têm o poder de sugar a libido de um relacionamento como um buraco negro faminto. Então, é importante manter a chama acesa e manter o carvão queimando. E um cara sem camisa com um bebê excita qualquer mulher.

Acredite em mim. Fui assediado na praia o bastante para saber. É como um Viagra feminino.

Para os homens, é diferente. Não que o bebê seja algo negativo, necessariamente. Mas ver uma garota com um não nos faz querer automaticamente transar com ela. Porque no fundo, bem no fundo, todos os homens ainda são pequenos garotos. Nós queremos toda atenção das mulheres. É assim que funciona.

Sinto o olhar de Kate em mim e jogo um pedaço de maçã na boca de James. Então, alongo meus braços e flexiono os músculos, dando um belo show a ela. Ah, sim. Está funcionando. Ela definitivamente está molhada. Você está vendo como sua cabeça se inclina e seus olhos brilham enquanto me observa de cima a baixo? Como seus lábios se separam e ela respira um pouco mais rapidamente?

Ela está se lembrando do que acabamos de fazer, e pensando sobre quando faremos novamente.

– Mamãe!

Os olhos de Kate se viram para James. Seu sorriso muda. Não é mais sexy, e sim mais doce.

– Oi, homenzinho.

Ela vem até mim e pega um pedaço de maçã.

– Como estão meus dois rapazes favoritos?

– Até agora, tudo bem. – Olho para o telefone em sua mão. – O que está acontecendo aí?

– Estou enviando o endereço de Steven e Alexandra para o empresário de Billy. O que foi informado a ele é de uma casa de penhores no meio do Bronx. Você não sabe nada sobre isso, sabe?

Meus pais cuidarão de todos os netos durante o fim de semana. Já que os dois filhos de Steven e minha irmã superaram o nosso, toda a gangue se encontrará no apartamento deles e iremos todos juntos ao aeroporto.

Eu me faço de inocente.

– Quem, eu? Não. Eu não sei de nada.

Ela parece não estar acreditando.

– Ele poderia ter perdido o táxi para o aeroporto. Talvez até o voo.

– Sim, isso teria sido uma pena.

– Seja legal, Drew.

– Ele está vindo, não está? Acho que deixar seu ex-namorado se juntar a minha despedida de solteiro é muito mais além do que ser legal.

Kate faz um gesto com as mãos e tenta defender aquele perdedor.

– Você está sempre reclamando do fato de eu ser tão próxima dele, mas talvez se *você* fizesse um pouco mais de esforço, ele não dependeria tanto de mim. Além disso, Billy não tem muitos amigos homens.

– O que faz total sentido. Ele é um merdinha, e as mulheres tendem a permanecer juntas.

Kate revira os olhos.

James decide se juntar à conversa.

– Merdinha.

Ah, droga. Isso não é bom.

Mesmo assim, começo a rir. Como poderia ser diferente?

Kate franze as sobrancelhas.

– Ótimo.

A maioria das crianças fala sua primeira palavra por volta da marca dos onze meses de idade. Pelo fato de meu filho ser um gênio, sua primeira palavra veio aos nove meses. E não foi *mama* ou *papa*, ou algo comum assim.

A primeira palavra que James disse foi *bosta*. Kate não ficou feliz.

Convenhamos, porém, que foi até razoável. Poderia ter sido *muito* pior.

Ela se vira para James e o repreende gentilmente:

– Não, James.

Ele balança a cabeça, tentando entender.

– Merdinha, não?

Eu rio mais ainda. Agora Kate está me encarando. Ela coloca as mãos no quadril.

– Sim, e é exatamente isso que o seu pai será se ele não parar de rir agora mesmo.

Os olhos de James ficam maiores e ele tenta me avisar.

– Merdinha não, papai.

Agora estou rindo com todas as minhas forças.

Kate levanta as mãos para o alto.

– Ah, isso é simplesmente perfeito! Agora ele passará os próximos dois dias com seus pais falando besteira como um hooligan mal-educado. O que sua mãe irá pensar?

Tento me controlar, ainda sorrindo, pegando sua mão e colocando-a em meu peito.

– Considerando que ela é a mulher que teve que criar o primeiro hooligan mal-educado? Acho que ela terá muita empatia em relação a você.

Kate sorri.

– Que será totalmente merecida. Juro, com vocês dois, não sei como consigo manter minha sanidade.

– É o sexo. Se as uvas-passas são o doce da natureza, transar é o antidepressivo. É a melhor maneira de manter uma boa saúde mental.

Um orgasmo por dia mantém o psiquiatra longe.

Kate cruza os braços, em dúvida.

– Claro que é. Isso soa muito como quando eu estava grávida e você me disse que mulheres que faziam sexo oral mais frequentemente tinham menos chance de desenvolver pré-eclâmpsia.

Aponto meu dedo em sua direção.

– Isso é verdade! Li um artigo sobre isso.

Não é *incrível*? Se eu estava em dúvida antes, depois disso tinha certeza: Deus é definitivamente um homem.

– Em qual revista? *Playboy*?

– *Men's Health*.

James se sente deixado de lado, e tenta arrancar outra risada minha.

– Merdinha!

Bagunço seu cabelo.

– Agora você está querendo se exibir.

Kate o tira do cadeirão e o segura no colo.

– Você já acabou seu café da manhã, bebê? Você quer cantar com a mamãe?

Ele bate palma.

Muitas das coisas que James gosta ou desgosta são parecidas com as minhas. Ele odeia brócolis. Mulheres que apresentam programas de esporte o deixam nervoso. E ele detesta campeonatos de patinação no gelo. Mas ele ama a voz de Kate.

Ah, e os seios dela. Você consegue ver como ele tenta abaixar para esfregar a cara neles? Se deliciar em sua suavidade simétrica e acolhedora.

Cutuco o ombro de James.

– Cara, já superamos essa fase. Eles estavam apenas emprestados. Agora já era para você.

Kate o amamentou durante o primeiro ano. Desmamá-lo foi o inferno. Não que eu culpe a criança. Se Kate me dissesse que suas tetas perfeitas estavam fora dos limites, eu também faria um escândalo.

O pequeno rosto de James se contrai, como o de Damien em *A profecia*.

Ele segura os ombros de Kate com as duas mãos e grita.

– É minha! Minha mamãe!

Eu a trago mais próxima de mim.

– Tecnicamente, ela é de nós dois, amigão. Nós podemos compartilhar. Mas esses dois – aponto para os seios de Kate – são só meus.

Ele aumenta o tom de sua voz.

– Não. É meu!

Sigmund Freud iria adorar passar um dia nesta casa.

Balanço a cabeça.

– Não é, não.

– É minha mamãe!

Competir com uma criança de dois anos para ver quem grita mais alto não é uma boa ideia. É uma batalha que não pode ser vencida.

Kate empurra meu peito.

– Pare de provocá-lo. E vá tomar um banho, ou nós vamos nos atrasar.

Dou um beijo em sua testa. E então, pelas suas costas, eu aponto para mim mesmo e falo baixinho para James:

– *Minha.*

Ele joga uma framboesa em mim. *Espertinho.*

Enquanto saio da cozinha, Kate começa a cantar. Com aquela voz suave e impecável que me deixa de pernas bambas.

E duro na região da virilha.

Eu conheço a música. É “Jet Plane”, de John Denver. Mas ela muda a letra para que se encaixe na situação.

‘Cause we’re leavin’ on a jet plane

We’ll be back on Sunday again

Oh, James, we love you so

Kate balança para frente e para trás lentamente, e os olhos castanho-escuros de James

somente a observam. Ele olha para Kate com completa admiração. Adoração esmagadora. Total devoção.

Da mesma maneira que eu olho para ela. Todos os dias.

Não sou muito fã de humildade. Mas observar os dois desse jeito? Me faz sentir humilde. Sortudo. Como José deve ter se sentido ao ver sua mulher segurar o bebê Jesus. Sortudo pra cacete por poder fazer parte de algo tão maravilhosamente sagrado.

'Cause we're leavin' on a jet plane

We'll be back on Sunday again

Oh, James, we love you so

Eu afasto meu olhar e caminho em direção ao chuveiro.

Capítulo 3

Nós chegamos à casa da minha irmã um pouco depois das sete horas da manhã. O apartamento está uma loucura. O som de crianças berrando, adultos conversando, xícaras de café batendo umas nas outras e latidos de cachorros preenchem o ar.

Bem... Há um cachorro latindo. Seu nome é Bear. É um dogue alemão. Eu dei de presente a Mackenzie no Natal passado porque o esquema do pônei Applejack não funcionou como eu havia planejado. Apesar de eu ter implorado, suplicado e negociado seriamente, a Vaca não cedeu de jeito nenhum e não concordou que o pônei que comprei para a Mackenzie no Natal morasse com eles. O principal motivo foi a Associação de Moradores do Central Park West.

Se você não está familiarizado com esses tipos de organizações, explicarei a você. Elas são uma versão geriátrica da Gestapo, composta em sua maior parte por velhos enrugados e amargurados que ficam esperando alguém fazer alguma coisa que eles não aprovam, como pendurar uma guirlanda berrante na porta ou tocar música muito alto... ou converter um quarto em um celeiro.

Em vez de burlar o sistema e arriscar que fossem despejados, Steven e Alexandra realocaram Applejack para a casa de meus pais no interior, deixando minha pobre sobrinha sem um animal de estimação. O que foi completamente inaceitável. Portanto, aí está o Bear.

Ele é incrível. E grande. Como um primo anão de um pônei.

Mas ele é gentil, ótimo com as crianças, apesar de ele não ter noção do seu tamanho. Ele está sempre tentando escalar para dentro da bolsa de Alexandra ou sentar-se no colo de Steven, o que pode dificultar a respiração.

Kate e eu vamos até a sala de estar com James em meu ombro, e o Bear nos dá as boas-vindas com latidos profundos e lambidas pegajosas. Nós cumprimentamos meus pais e Kate vai até a cozinha com a minha mãe, que conversam sobre uma lista de instruções e descarregam toda a parafernália de James para sua estadia de um fim de semana. Coloco meu filho em pé no chão e ele vai cambaleando até o canto onde seu primo Thomas está silenciosamente construindo uma torre de blocos.

Se a Mackenzie é como uma irmã gêmea de Alexandra, o Tommy é igualzinho ao Steven. Ele está um pouco magro para sua idade, mas é alto e esbelto. Seus cabelos são escuros, seus olhos são azuis e profundos. Thomas é tranquilo, relaxado. O yin perfeito para o yang do meu filho-diabo-da-tasmânia.

Com uma risada diabólica, James destrói a torre de Thomas. Mas ele não reclama. Simplesmente começa a construir outra. Brinco de lutar com Bear durante um tempo, até que minha irmã entra na sala com uma xícara de café para mim.

Pego a xícara e faço um gesto em direção a Bear.

– Como está o treinamento caseiro?

Bear tem a bexiga solta. E apesar de isso não afetar seu charme, ele não é exatamente o cão

mais esperto do pedaço.

– Fantástico, *se* o objetivo fosse transformar meu tapete persa de nove mil dólares em seu território de xixi.

Olho para o tapete em questão.

– Ele tem bom gosto. Esse tapete é horroroso, Lexi. Estou pensando em mijar nele, também.

– Engraçado.

Tomo um gole do café.

– Eu tento.

Ela me leva até a sala de jantar.

– Conversei com o cerimonial do casamento ontem à noite e terminei de organizar os assentos das mesas. Dê uma olhada.

O casamento.

O.k. A maioria dos caras iria preferir ter seus dentes arrancados do que se envolver na organização do casamento. Desculpe-nos, mulheres, mas não damos a mínima em relação a cores ou centros de mesa ou o estilo tipográfico das porcarias dos convites. Se agimos como se nos importássemos, é só porque nós somos espertos e não queremos que vocês fiquem pegando nos nossos pés.

Desde que a noiva esteja linda e aqueles minis cachorros-quentes sejam servidos durante o coquetel, apoiamos tudo.

Então, no começo, eu alegremente deixei todos os detalhes do grande dia nas mãos de Kate e da minha irmã. Mas, de repente, comecei a ouvir palavras como *discreto* e *pequeno*, *evento íntimo* e *nada muito ostensivo*, e tive que me intrometer.

Por que quando um atleta olímpico ganha a medalha de ouro, você acha que é um evento *pequeno e íntimo*?

É claro que não.

Eles armam uma puta festa, com direito a confetes.

Que é o mínimo que Kate merece. Porque ela fez o que todo mundo – incluindo membros da minha família imediata – achava ser impossível. Ela conquistou a mim. O grande troféu. O inatingível. O maior prêmio do caça-níqueis.

Isso deveria ser celebrado. Em grande estilo.

Além do mais, o casamento de uma mulher deve ser especial, inesquecível. É sua única chance. Isso é particularmente verdadeiro no caso de Kate, porque, logo após James nascer, tivemos toda aquela discussão sobre o que faríamos se um de nós morresse cedo. Você já ouviu falar daquele cara que diz “É a melhor coisa que eu poderia fazer” em *Um conto de duas cidades*? Aquele que se sacrificou para que a mulher que ele amava pudesse continuar a viver com outro homem?

Maricas do cacete. Ele mereceu se enforcar. Não sou como ele.

Claro, quero que Kate seja feliz. Mas quero que ela seja feliz *comigo*. Ou então sem ninguém. Então, se eu bater as botas antes dela? Ela terá que dar um jeito de tocar as coisas sozinha.

Solteira.

Celibata.

Porque se ela ficar com outro cara, e meu filho começar a chamar um perdedor de papai?

Eu caçarei Kate, para sempre. Como no filme *O grito*.

Você acha isso terrível, não é? Egoísta, possessivo, egocêntrico?

E isso o surpreende por quê?

De qualquer maneira, de volta ao casamento. Assim que assumi as rédeas, as coisas evoluíram uns bons níveis. Não poupamos os gastos, e não deixamos nenhum detalhe de fora. Alexandra e eu trabalhamos muito bem juntos. Seu planejamento hiperativo e habilidades organizacionais, pareadas com minha microgestão e determinação para o dia perfeito resultaram em uma combinação estupenda. Nós também temos a assistência de Lauren Laforet, a cerimonialista mais desejada da cidade, para nos assegurar que todos os nossos grandes planos se tornassem realidade.

O príncipe William e Kate podem beijar meu traseiro. *Amadores*. Estamos redefinindo o significado de casamento do século.

Na mesa da sala de jantar está um modelo do salão de festas do Four Seasons, com dúzias de mesas em miniatura e centenas de cadeiras etiquetadas perfeitamente organizadas.

Estou impressionado.

– Isso é incrível.

Ela leva uma mecha de cabelos loiros para trás de sua orelha, contemplando seu trabalho manual.

– Eu sei.

Noto que uma mesa não parece estar certa. Estou quase comentando, mas uma comoção na sala de estar anuncia uma nova chegada. Vou até a porta para ver quem está aqui.

“Au! Au!”

São Brangelina. Também conhecidos como Matthew e Delores. Estão curiosos sobre o apelido? Você já entenderá.

– Saia de cima de mim, sua fera!

Bear fica bastante excitado com Dee-Dee. Literalmente. Ele tenta violá-la a cada chance que consegue. Talvez ele esteja apenas com tesão. Talvez ele goste do cheiro do traseiro dela. Talvez ele sinta que ela seja uma maluca que gosta de bestialidade. Não sei. Qualquer que seja a razão, é a coisa mais engraçada do mundo.

– Matthew, me ajude! Ele está me lambendo! Ele está babando em mim!

– Desça, Bear!

Steven aparece e arrasta o cão enlouquecido para fora da sala. Dee-Dee arruma sua roupa, um macacão de seda verde sem manga, com uma capa azul real parecida com um poncho, e sapatos de salto alto prateados. Me lembra um pavão de cabelos loiros-morango e olhos cinza.

Matthew me dá um leve soco no braço.

– E aí, cara.

– E aí.

Então, Mackenzie entra na sala. Ela está mais alta do que a última vez que você a viu. Ela deve ficar com um metro e cinquenta e cinco quando parar de crescer. Seus cabelos ainda são longos e loiros com leves cachos. Ela está vestindo calça jeans, tênis Converse e uma camisa rosa do Yankees. Ela tem quase nove anos de idade. Nos tempos de hoje, é praticamente uma pré-adolescente.

Mackenzie é uma obra-prima. E tomo os créditos por isso todos os dias.

Ela é educada, brilhante, feminina. Mas não de um jeito de sair gritando quando aparece

uma aranha. Ela assiste a esportes, mas não para atrair a atenção de algum babaca, mas porque ela sabe o que uma conversão de dois pontos e uma falta técnica significam. Ela pinta as unhas e toca guitarra. É confiante, mas gentil. E o melhor de tudo, ela não aceita desaforo de ninguém. Sim. Ela é igual a mim.

Apesar de eu ter meu próprio filho agora, ela foi a primeira. A única menina. Um pedaço de meu coração sempre, sempre pertencerá a ela.

– Olá, querida.

Ela dá um salto e se joga em meus braços, e a giro.

– Oi, tio Drew! Não sabia que você estava aqui.

– Acabei de chegar. Gostei da sua camisa.

Então, do fundo do corredor, ouço Steven e Alexandra fazendo barulho. Mas não no bom sentido.

– Eu disse para você colocá-lo dentro do cercado!

– Eu ia, mas...

– *Ia fazer* não é realmente fazer! Eu mesma deveria ter feito isso, como tudo o que acontece aqui.

– Você pode dar um descanso para o complexo de mártir, por favor?

Tem sido assim sempre recentemente. Estão nervosos. Tensos. Todos nós temos notado. Isso acontece. Quando você vive junto de alguém tempo o bastante, eles darão nos seus nervos. As maratonas de reclamação da minha irmã também não ajudam muito. Mas Steven sempre soube que ela era assim, e a adorava mesmo assim.

Até agora.

É o tom dele que me incomoda mais. Ele parece cansado. Esgotado. De saco cheio.

Mackenzie olha para o chão.

Seguro seu queixo e ergo sua cabeça.

– Como tem sido aqui?

Ela solta um suspiro.

– Dramático.

Eu olho para o corredor.

– É, estou percebendo isso.

– Esses são os pais. – Ela encolhe os ombros. – Não podemos viver com eles, mas a emancipação é um processo caro e complicado.

Dou risada.

– Você sabe que as portas da minha casa estão sempre abertas, não sabe? Tem um quarto de sobra com seu nome escrito.

Ela olha para Thomas.

– Mas isso significaria que Thomas ficaria guardando a fortaleza sozinho. Ele é só uma criança.

– E você é o quê?

Seus olhos azuis me encaram, mais sábios do que sua idade.

– Sou a irmã mais velha.

Inclino-me à frente e beijo sua testa. E então sussurro:

– Este fim de semana será bom para eles, prometo. Como miniférias. E eu conversarei com eles, baterei suas cabeças uma na outra.

Ela sorri suavemente, como se apreciasse meu esforço, mas sem acreditar muito que servirá de alguma coisa.

– O.k., tio Drew.

Matthew vem até nossa direção, ignorando tudo ao redor exceto Mackenzie.

– Aí está minha garota!

Ela olha para ele e o sorriso desaparece de seu rosto em queda livre. Ela levanta o nariz e cruza os braços. Você sentiu a temperatura cair? É o gelo que minha sobrinha está dando em seu pai.

– Senhor Fisher, que bom vê-lo de novo. Você parece estar bem.

Matthew solta um grunhido e fica de joelhos. Apesar de ele ter mais de um metro e oitenta, com um corpo de boxeador, ele parece quase diminuto quando encara o desprazer de minha sobrinha.

– Mackenzie, você está me matando, querida.

– Tenho certeza de não saber sobre o que você está falando.

Ele desliza uma mão frustrada pelos seus cabelos castanho-claros.

– Você irá me perdoar um dia?

– Perdoar você? Por quê? Por me privar de crescer com uma companhia feminina? Por me deixar perdida em uma floresta de pênis? É por isso que eu deveria perdô-lo, senhor Fisher?

Ter filhos é contagioso, como mononucleose. Assim que um amigo ou parente se torna pai, todo mundo quer ter um filho igual. No jantar de Ação de Graças, no ano seguinte ao nascimento de James, Matthew e Dee-Dee anunciaram que eles teriam um bebê. Que eles *adotariam* um.

Brangelina. Você entende agora?

Depois de eles proclamarem suas intenções, todo mundo estava feliz.

Bem... quase todo mundo:

– Como assim, vocês adotarão um bebê? – pergunta Frank Fisher, sentado à mesa de jantar na casa de campo de meus pais, no dia de Ação de Graças.

Enquanto segura a mão de sua esposa, Matthew encara seu pai.

– Como assim, “como assim”? Nós adotaremos um menino! A papelada está arquivada, e nós estamos esperando a aprovação final, mas a agência diz que é apenas uma formalidade. Dee e eu já passamos por todos os grandes testes. Ele tem quase dois meses de idade. É saudável e lindo. – Matthew se vira para Estelle. – Mal posso esperar para que você o veja, mãe.

Estelle sorri para seu filho com lágrimas de alegria brotando em seus olhos. Mas Frank pergunta:

– Há algo de errado com sua esposa? Ela é estéril?

O sorriso de Matthew falha. Antes que ele possa responder, Delores retruca:

– Não, Frank, eu não sou estéril. Isso é algo sobre qual Matthew e eu temos conversado desde que nos casamos.

Frank limpa sua boca com o guardanapo de pano, joga-o em seu prato e se afasta da mesa. O ar se transforma, como uma tarde de verão quando o sol está brilhando, mas o vento pega velocidade e você consegue sentir a tempestade prestes a explodir sobre sua cabeça.

– Por que diabos você iria querer criar uma criança que não é sua, Matthew?

Meu melhor amigo contrai as sobancelhas.

– Porque ele será nosso.

– Não – Frank argumenta –, esse é meu ponto. Ele não será. Você não faz ideia de onde essa criança surgiu, que tipo de lixo seus verdadeiros pais são. Ele pode vir a desenvolver problemas mentais, de saúde, e você terá que lidar com essas coisas para o resto de sua vida.

Apesar de parte de mim suspeitar que meu pai concorda com ele, ele ainda tenta iluminar a cabeça de Frank.

– Essa é uma visão derrotista, Frank. Casos como esse são raros, quando você olha para os milhões de crianças adotadas todos os anos.

Neste momento já estou em pé, me posicionando mais próximo de Matthew. Porque suspeito que esse caldo entornará a qualquer momento. Matthew lembra seu pai fisicamente, mas sua personalidade é mais parecida com a de Estelle. Ele não se sente incomodado com muita coisa. Ele tem um pavio comprido. Mas quando ele estoura? É como o grand finale do show de fogos de artifício do desfile de Ação de Graças da Macy's.

Então, Frank faz algo que é certo de acender o pavio de Matthew. Ele coloca a culpa em Dee-Dee.

– Você que inventou isso, não foi? Você e seu besteiro liberal da nova era!

– Frank, por favor – Estelle implora suavemente.

– Você está muito concentrada em sua carreira para tirar um tempo e satisfazer suas funções de esposa.

– Minhas funções? – Delores grita por trás de Matthew.

– Em que ano você está vivendo, Frank?

– Não importa o ano. Uma mulher é uma mulher, e uma mãe é uma mãe. Exceto se ela não for capaz fisicamente, uma mulher boa dá filhos a seu marido. Se você não é boa o bastante para essa função, mocinha, então é melhor que meu filho seja esperto o bastante para substituí-la por uma mulher que seja.

Olá, merda. Apresento-lhe o ventilador.

Matthew dá um passo à frente, e a vontade de atravessar seu pai pelo mural profissionalmente pintado por minha mãe está escrita em seu rosto inteiro.

– Nunca mais fale com ela desse jeito!

Pego o ombro de Matthew, segurando-o para trás.

– Vamos lá, cara, sair para dar uma volta.

Ele me afasta.

Com uma voz sem vida, Delores diz:

– Eu gostaria de ir para casa agora. Matthew, podemos ir, por favor?

Ele olha por cima de seu ombro para seu rosto devastado, e apesar de nada disso ser sua culpa, ele tem remorso em seus olhos.

– Sim, sim. Nós vamos embora.

Ele se vira para mim, porque Matthew e Delores pegaram carona comigo, Kate e James em nosso novo Escalade.

Eu faço que sim com a cabeça.

– Kate, pegue as coisas do bebê. Pegarei nossos casacos.

Ela parece querer enterrar o salto alto de seu sapato bem na testa do sogro da Dee. Ela leva Delores para ajudá-la a pegar nosso filho e todos os seus aparatos. Estelle entrelaça suas mãos e chora silenciosamente.

Frank não desiste.

– Quando tudo isso explodir na sua frente, Matthew, não venha chorar para mim.

Matthew responde com uma mistura de raiva e mágoa:

– Não se preocupe. Eu nunca iria considerar fazer essa merda. – Ele olha para sua mãe.

– Me desculpe, mãe.

Então ele sai da sala e vou atrás dele.

O caminho até em casa é silencioso. James adormece antes de chegarmos na estrada. Meu amigo e sua esposa estão de mãos dadas no banco de trás, sussurrando pedidos de desculpas e declarações de confiança.

Delores chora.

Não gosto quando isso acontece. Isso a faz parecer tão... humana.

Ofereço minha visão sobre a situação.

– Acho que todos podemos concordar que aquilo foi horrível. Mas Frank não será um otário para sempre. Ele foi pego de surpresa. E se preocupa com você. – Faço contato com meu melhor amigo pelo espelho retrovisor. – Você se lembra de quando comprou a Ducati?

Matthew já tinha 22 anos de idade na época, mas pela maneira como Frank explodiu quando viu a motocicleta, era como se seu filho tivesse 16 anos, saindo para dar uma volta em uma Lamborghini. Na primeira vez que Matthew foi de moto até o escritório, Frank subornou os caras da manutenção para remover um dos pneus.

Apesar de Frank ter tomado a decisão errada, ela partiu da preocupação em relação a seu filho, ao tentar protegê-lo desesperadamente, para não vê-lo morto em uma estrada. Essa situação não é diferente.

– Eu lembro – Matthew admite, com rancor.

– É a mesma coisa. Ele irá superar.

Matthew tenciona a mandíbula.

– Bem, talvez eu não supere. Ele insultou minha esposa. E não estamos falando de uma motocicleta, Drew. É meu filho.

Solto um suspiro, pois eu sabia que ele iria dizer isso.

– Eu sei. Mas sei que quando meus pais e Lexi terminarem de fazê-lo se sentir culpado, ele estará puxando seu saco na segunda-feira. Frank enxergará o erro e pedirá desculpas. Para você também, Dee. Apenas espere.

Mas... ele não fez isso.

Matthew e Frank não se falaram por duas semanas inteiras.

E então, chegou o dia da adoção.

Eles voaram para a Transilvânia ou um daqueles países do Bloco do Leste, e voltaram com um lindo menino. O estranho é que o bebê se parece com os dois. Olhos claros cor de avelã e cabelos castanhos com luzes loiras naturais.

Estelle quebrou a disputa. Ela ameaçou deixar aquele otário teimoso se ele não dissesse a Matthew e Dee que estava arrependido, que estava errado.

No dia seguinte após a chegada do bebê em sua casa, eles deram uma pequena festa familiar para que todo mundo pudesse conhecer a nova adição. Eu observei Frank desde o

segundo em que ele pisou no apartamento de Matthew.

Orgulhoso. Distante. Rígido.

Até que ele viu seu filho segurando o próprio filho.

Então, todos os seus ideais sobre como as coisas deveriam ser, se dissolveram.

O Discovery Channel tem um programa sobre gorilas. Em um primeiro momento, os gorilas machos se sentem ameaçados por sua cria. Eles não entendem, a ignoram, ou batem no peito quando ela está por perto. Mas então, depois de alguns dias, eles se acostumam. E Deus que ajude qualquer um que tentar mexer com eles.

Foi bem isso o que aconteceu.

Depois daquela primeira visita, no momento em que Frank segurou o bebê, ele decidiu que ele era seu neto de todas as maneiras. E alegremente encheria de porrada quem dissesse o contrário.

Desde então, as coisas estão indo de vento em popa.



Agora, de volta à humilhação de Matthew.

Delores vem em seu resgate e se ajoelha em frente a Mackenzie.

– Entendo que você esteja chateada, Mackenzie. Não tive primas também.

Mackenzie levanta os braços para o alto.

– É que eu não entendo! Você pôde *escolher* o seu bebê! Não foi como a tia Kate e a mamãe, que simplesmente tivemos que aceitar o que veio. Por que vocês não escolheram uma menina?

Dee sorri levemente.

– Nós não escolhemos o Rain, querida. Ele nos escolheu. E apesar de ele não ter crescido dentro de meu corpo, ele cresceu em meu coração. Deveria ser nosso filho, não havia muita escolha.

Mackenzie respira profundamente.

– Bem, na próxima vez em que decidirem fazer um bebê crescer, vocês poderiam dizer ao seu coração que precisamos de outra garota por aqui?

Matthew a puxa para dar um abraço e a aperta.

– Farei o meu melhor.

Pessoalmente, me sinto aliviado por eles terem conseguido um menino. Vocês conhecem aquele ditado que diz que é preciso uma comunidade para cuidar de uma criança? Está tudo errado. É preciso uma comunidade para cuidar de uma *menina*. Escolha uma manchete de jornal. Qualquer uma. Lindsay Lohan, Britney Spears, Miley Cyrus. Não é culpa delas que sejam um desastre ambulante. É porque elas não tiveram pessoas em suas vidas que se importassem muito com elas para as ensinarem, e as prepararem para o que ainda é um mundo dos homens.

Meninos são fáceis. Mantenha a geladeira cheia, dê alguns tapas de vez em quando, desencoraje-os da ideia de pularem do telhado até a piscina, e assegure que eles se ensaboem quando tomarem banho.

É basicamente isso.

Meninas são um animal completamente diferente. Você tem que se preocupar com

autoestima baixa e problemas com autoimagem, distúrbios alimentares, cortes, abuso de drogas, safadeza, atitudes de menina malvada, e a multidão de adolescentes babacas que só estão preocupados em molhar o pau e não se importam se deixarem pelo caminho um coração partido, uma gravidez ou uma DST.

Apesar de Mackenzie estar indo muito bem, assim que a puberdade chegar, todas as apostas estão na mesa. Quanto menos distração eu tiver quando esse dia chegar, melhor.

Enquanto Matthew e Delores se levantam do chão, pergunto:

– Onde está Michael, aliás? Com Helga?

Diferente de Kate e eu, Matthew e Dee não tinham dúvidas sobre contratar uma babá. E Delores pode ser louca, mas não é burra. Ela não deixaria que uma jovem e sexy babá balançasse o seu berço. Helga é uma babá russa profissional. Ela suspeita e desconfia de qualquer um que não esteja relacionado a Michael. E às vezes até mesmo daqueles que estejam. Ela é bastante parecida com Brutus, do desenho do *Popeye*. Ela tem um bigode feminino e uma carranca permanente, e ela provavelmente poderia acabar comigo com uma de suas mãos atadas atrás das costas.

Gosto dela.

Porque ela pensa que o sol nasce e se põe por causa de meu sobrinho. Ela o chama de seu *babushka*, e é fácil perceber por que ela mentiria, trairia, roubaria e mataria por ele. Isso faz que ela esteja bem no meu livro.

Mackenzie dá risada.

– Tio Drew, o nome de Rain não é Michael. É Rain.

Dee-Dee me olha com desdém.

– O tio Drew sabe qual é o nome dele, Mackenzie. Ele só está sendo um babaca.

Encaro Dee-Dee de volta, sem pestanejar.

– Rain não é um nome. É um evento meteorológico. Toda criança merece um nome normal. Ele sempre será Michael para mim.

Estou tentando fazer que sua certidão de nascimento seja modificada. Um pequeno esquecimento não faria mal a ninguém. Cristo, que tipo de tio eu seria se deixasse o garoto continuar pela sua vida com uma porra de nome como Rain? Como se as apostas já não estivessem contra ele com uma mãe maluca como essa.

– Você é ridículo.

– Não é culpa dele que a mãe seja uma louca e o pai uma vítima de abuso matrimonial ao contrário.

Matthew adiciona sua opinião patética.

– Eu gosto do nome Rain.

Tão triste.

Começo a tirar um sarro.

– Não, você não gosta. – E aponto para minhas têmporas. – Essa é a lavagem cerebral falando. Ela tem você sob seu encanto maligno. Você levou uma chave daquele relógio dourado que Dee tem entre as pernas.

Se eu der um tapa nele forte o bastante, será que ele acordará do feitiço?

Delores não deixa barato.

– Lavagem cerebral? Olhe quem está falando. James é o *seu* relógio dourado. Juro que às vezes ele é a única coisa que prende Kate a você.

Alguns anos atrás esse comentário me incomodaria. Não mais.

– Por favor. Todos nós sabemos que meu pau é quem prende ela a mim. E ele não irá a lugar algum, então não estou realmente preocupado.

Antes que Dee possa retaliar, a porta da frente abre com um estrondo, e a imagem embaçada de um menino de oito anos e cabelos claros começa a cambalear pela sala. Ele dá um sorriso torto para minha irmã.

– Oi, senhora R.

Alexandra sorri.

– Oi, Johnny. – Então, ela se volta para nossos pais: – Mãe, pai, vocês se lembram de Johnny Fitzgerald do andar de baixo? Ele gentilmente ofereceu seus serviços neste fim de semana para manter os pequenos entretidos.

Johnny Fitzgerald. Soa familiar para você? Pense no passado, bem distante.

Eu darei um minuto para que você exercite a velha memória.

*

*

*

*

*

*

*

*

*

*

*

*

*

*

*

Você se lembra do menino bobo e ignorante da pré-escola que disse para a Mackenzie que pênis eram melhores que “bagnas”, uma vida atrás? Sim. *Aquele* Johnny Fitzgerald.

Ele mora um andar abaixo. Desde a pré-escola, ele e Mackenzie continuaram conectados. O pai dele é um babaca cheio da grana, e sua mãe uma alcóolatra em funcionamento. Alexandra faz que ele venha para cá o máximo possível para que possa estar exposto a uma unidade de família normal.

Mackenzie aponta o dedo em direção a Johnny.

– Você pode ajudar, mas terá que fazer o que eu digo. *Eu* estou no comando.

Sorrio para minha irmã.

– Cara, isso me parece familiar.

Nessa hora, James berra de um canto.

– Meu! É meu!

Alexandra levanta uma de suas sobrancelhas.

– Isso também. Deve ser genético.

Então, a mais nova batalha dos sexos de Mackenzie e Johnny começa.

– Pare um segundo, Kenzie – ele diz. – Eu deveria estar no comando. Eu sou um garoto e

eles são garotos.

– E daí?

– E daí que eu posso ensinar eles a fazerem coisas que você não consegue.

Mackenzie leva as mãos para a cintura, imitando a postura de minha irmã perfeitamente.

Falando de genética...

– Como o quê?

– Posso ensinar a jogar baseball.

– Também posso.

– Eu posso brincar de carro com eles.

Mackenzie faz chacota.

– Eu também.

Johnny usa sua arma mortífera.

– Eu posso ensinar como fazer xixi em pé.

Há uma pausa dramática. Mackenzie franze as sobrancelhas.

Johnny começa a achar que venceu. *Tão jovem, tão burro.*

Até que Mackenzie sorri. Triunfantemente.

– Eles usam fralda. Ainda não fazem xixi na privada.

Johnny abaixa a cabeça em submissão. *É melhor ir se acostumando, garoto.*

– O.k., você pode ficar no comando.

Mackenzie abre um sorriso. Então, ela toca os dedos das mãos, não muito diferente de senhor Burns dos *Simpsons*.

– Excelente.

Capítulo 4

Dez minutos depois, Jack O'Shay aparece. Ele está usando uma esperta camisa azul-claro e calça casual. Seus cabelos ruivos estão curtos, com gel a alguns milímetros da raiz. Jack é o último de meus amigos solteiros. O lobo solitário. Um *desperado*.² Ele ainda está vivendo a vida que eu sempre achei que teria. Espontânea. Irresponsável. Desinibida. Ele tem muito prazer em nos contar sobre todas as grandes noites – e selvagerias – que estamos perdendo.

Não vou mentir. Adoro ouvir suas histórias pois me lembro de como um encontro casual pode ser divertido. Mas eu não trocaria de lugar com ele nem em um milhão de anos. A grama não fica mais verde do que Kate Brooks.

Estamos todos na cozinha agora, onde minha mãe e minha irmã prepararam um café da manhã continental. Jack morde um croissant saído fresco do forno e conversa com minha mãe.

– Você está adorável como sempre, senhora Evans.

Ela ri como uma chefe de torcida conversando com o principal jogador em campo. *Blergh...*

– Obrigado, Jack. Isso é muito doce da sua parte.

– Só estou sendo sincero. Agora diga-me, quão frequentemente você é confundida com a babá quando está brincando com esses pequenos garotos aqui? Porque ninguém acreditaria que você é avó.

Parece que ele está dando em cima da minha mãe, mas ele não está. Quando você está nesse jogo, é simplesmente assim que você conversa. Com *todas* as mulheres. Lembre-se disso na próxima vez em que um garanhão estiver te seduzindo com sua diarreia verbal. Você não é especial. Ele não está sendo sincero. É simplesmente a natureza dele.

Meu pai parece não gostar muito disso, porém. Vê como ele se aproxima de minha mãe? Como ele faz uma cara feia na direção de Jack?

– Não fale com minha mulher, O'Shay.

Jack retoma sua compostura instantaneamente e dá um passo para trás.

– Sim, senhor.

– Não olhe para ela também.

– Não, senhor.

Meu pai pode ser muito mais velho, mas ele ainda sabe que está no topo da cadeia alimentar. A última coisa que Jack quer é ser abocanhado e cuspidado para fora. Ele leva a conversa a um campo mais seguro.

– Então, senhor Evans, você não virá conosco este fim de semana?

Meu pai balança a cabeça, e o tom de sua voz está preenchido com arrependimento. E desejo.

– Não, não dessa vez. Mas eu gostaria de ir com vocês. Muito.

Minha mãe vira a cabeça rapidamente.

– É mesmo, John?

Ele tosse. E limpa a garganta.

– Sim... bem... você sabe... por causa das apostas esportivas. Você sabe como gosto de apostar em esportes, Anne. E nós não temos isso... aqui... em Nova York.

Boa saída, pai. Boa saída.

Minha mãe concorda ceticamente.

– Aham.

Nesse momento o velho homem desvia da atenção negativa de minha mãe para um alvo mais óbvio. Que sou eu, é claro.

– Vocês, garotos, divirtam-se neste fim de semana, mas tenham cuidado. Lembra-se da última vez que estivemos em Vegas, Andrew? Não precisamos repetir aquilo.

Quando eu tinha 17 anos, meu pai teve um compromisso de trabalho em Vegas. Ele e minha mãe acharam que seria uma ideia *maravilhosa* tornar aquilo uma viagem em família. Mas eu tinha 17 anos. Um momento na vida de um homem em que ele nem quer admitir que conhece sua família, sem contar passar um tempo com ela. Então, enquanto meus pais, Alexandra e Steven foram visitar a represa Hoover, fui forçado a me ocupar com outras... atividades.

– Já disse mil vezes, pai. Eu não sabia que ela era a filha do embaixador.

Eles deviam fazê-las andar com identificações de cachorro ou tatuagens na testa ou algo assim. Reviro os olhos e digo para ninguém em particular:

– Um incidente internacional e eles não deixam você se esquecer dele.

Kate aparece a meu lado. Seu rosto maravilhoso é contemplativo, digerindo o que ela acabara de ouvir.

– Será que eu gostaria de saber?

Nem preciso pensar sobre isso.

– Provavelmente é melhor que você não saiba.

Ela concorda.

– Está bom o bastante para mim.

A próxima a chegar é Erin Burrows. Ela ainda é minha secretária, mas nos últimos dois anos tem se tornado muito mais. Quando meu cronograma está muito apertado, Kate conversa mais com a Erin do que comigo. Em outros momentos, quando os clientes querem os dois membros da dupla dinâmica à mesa de reunião, Erin assume o comando de James. Apesar de ela ser tecnicamente uma funcionária, Erin é pau-para-toda-obra. Em outras palavras, ela é uma amiga. Faz parte da gangue. E ótima companhia. Então, quando essa nossa reunião foi criada, Kate e eu não conseguíamos imaginar não tê-la na viagem conosco.

Depois de cumprimentar James, Erin se une ao restante de nós, próximo à mesa da cozinha. Ela está com os cabelos diferentes. Estão mais curtos, lisos e têm luzes cor de mel de muito bom gosto.

Kate aprova.

– Seus cabelos estão lindos, Erin.

Ela passa os dedos pelas madeixas.

– Obrigada. Fui ontem ao cabeleireiro. Estou pronta para arrasar. Esse será meu fim de semana para conhecer o Senhor Certo. Os homens de Nova York são desesperadamente defeituosos. Acho que Nevada oferecerá opções mais adequadas.

Erin vai muito a encontros, mas, pelo que eu saiba, ela nunca esteve em um relacionamento

sério. Mas Las Vegas não é exatamente o melhor lugar para encontrar um supernamorado. Seria melhor tentar a sorte em uma reunião de alcoólicos anônimos ou apostadores compulsivos.

Reuniões para viciados em sexo são sempre uma ideia segura.

Steven chega até a conversa.

– Aceite meu conselho, Erin. Fique solteira. A vida é menos complicada dessa maneira.

Alexandra se esquiva. Apesar de ele ser um de meus mais antigos e queridos amigos, sinto vontade de pegar sua língua e arrancá-la fora de sua boca. Não seria errado, seria?

Mas eu o ignoro. Por ora.

Matthew oferece sabiamente:

– Mantenha a cabeça erguida, Erin. Tudo irá acontecer no tempo certo, quando você menos esperar.

– Sim. Estou me mantendo otimista. Você tem que beijar muitos sapos antes de encontrar um príncipe.

Alexandra responde.

– Eles são todos sapos, Erin. Simplesmente tente encontrar um com a menor quantidade de verrugas.

Eu dou uma cotovelada em Jack.

– Se estamos falando sobre variedade genital, você deveria conversar com O’Shay. Você deve ser o nosso expert nesse assunto, não é, cara?

Ele mostra o dedo do meio para mim.

Então, chega o último membro do nosso circo mambembe. Você gostaria de arriscar quem é ele?

– E aí, galera da festa! Quem está pronto para quebrar tudo?!

Sim. É o babaca. Para o bem de Kate, tento não odiá-lo tanto quanto antes, mas não consigo evitar algumas coisas.

É como quando o resfriado já está quase no final e continua com um catarro pendurado no fundo da garganta. Você tosse, pigarreja, mas não importa o que você faça, é impossível livrar-se dele.

Esse é Billy Warren. Minha bola de catarro pessoal e irritante.

Kate e Dee-Dee dão um gritinho e abraçam o otário.

Ele as abraça de volta.

– Senti falta de vocês.

Kate diz:

– Mas você não precisava ter voado até aqui. Poderia ter nos encontrado em Vegas.

– E perder o aquecimento? De jeito nenhum.

Eu estava esperando que seu voo fosse sequestrado por terroristas sedentos por sangue. Daquele tipo que corta partes do corpo e envia pelo correio para a família, uma por uma. *Mas, fazer o quê?* Sempre há o voo de volta. É importante manter a positividade em relação a essas coisas.

A atenção dele se volta para mim. Seus olhos me analisam de cima a baixo rigidamente.

– Evans.

Levanto meu queixo.

– Warren.

Ele se vira e se concentra em James. Warren o pega no colo e exclama:

– O que você está dando para esse garoto comer, Kate? Ele está muito maior do que a última vez que o vi.

Sim. Isso é chocante. Porque bebês geralmente não crescem, ou nada desse tipo.

Ignorante.

– Trouxe presentes para você, pequeno girino. Uma bateria brilhante e barulhenta. Você vai ficar louco quando a vir.

James dá risada. Para o observador casual, pode parecer que meu filho até gosta desse babaca. Mas não caio nessa. Os animais podem sentir quando está faltando algum parafuso em uma pessoa. Quando estão abaixo da curva. Crianças podem fazer isso também. James não gosta de Warren, ele sente pena por ele. Porque ele sabe que, mesmo tendo dois anos de idade, é mais inteligente do que o otário pode sonhar em ser.

Enquanto a conversa fiada continua a crescer, Kate e eu analisamos o mapa dos assentos mais uma vez. Eu a envolvo com meu braço, só porque ela é minha. Seus olhos são suaves e sua voz como um veludo, enquanto ela suspira.

– Mais sete dias. A essa hora na semana que vem estarei colocando meu vestido.

É a única coisa que está sendo mantida em segredo. Estritamente fora dos limites.

– Posso ganhar uma dica? Terá decote? É de cetim? Renda? – Eu ergo as sobancelhas. – Látex?

Ela balança a cabeça.

– Não me diga que você escolheu um figurino fora de moda e cheio de frescuras que fará você parecer uma camponesa.

Ela dá risada.

– Nunca contarei. Mas sinta-se à vontade para tentar tirar essa informação de mim à tortura. Do jeito que for necessário.

Algumas ideias vêm à minha mente. Cada uma com o potencial de me garantir um assento na primeira fileira no inferno. Possivelmente em uma cela de cadeia.

– Caramba, adoro o seu jeito de pensar.

A voz da minha irmã me arrasta para fora de meus pensamentos pecaminosos.

– Ah, eu estava para falar com vocês dois. Nós temos um problema com a mesa 45. Um dos convidados ainda não respondeu.

Ela apanha sua confiável prancheta.

– Ele é... Brandon Mitchell... O meio-irmão de Delores. Pode ser que ele traga uma pessoa para acompanhá-lo.

A mãe de Delores se casou no verão passado com um policial de sua cidade natal. Você concluiria que somente um homem profissionalmente treinado em combate ao fogo e defesa pessoal seria corajoso o bastante para se enlaçar com Amelia Warren.

Eu me viro para Delores.

– De novo, a porra da sua família. O que há de errado com vocês? Você é como o Rei Midas ao contrário. Tudo o que você toca se transforma em merda.

Ela argumenta:

– Brandon não é da minha família.

Pela primeira vez minha irmã e eu concordamos em alguma coisa. Ela abana o dedo em frente ao rosto de Dee-Dee.

– Ah, ele é sim. O pai dele se casou com sua mãe. Isso faz com que ele seja seu. Se nós temos que incorporar a tia-avó Clara, você tem que aceitar o palhaço do Mitchell.

A tia-avó Clara é a meia-irmã de minha avó, do lado da minha mãe. Ela deve ter uns mil anos de idade. O tipo de parente que tiramos da casa de repouso uma ou duas vezes por ano para grandes eventos. Clara adora dançar, e mesmo para uma anciã, ela se move muito bem.

O negócio é que, como ela nasceu um século atrás, quando as mulheres não podiam votar ou mostrar o tornozelo, Clara é uma grande fã da libertação feminina. Então, se recusa a usar um sutiã.

Em qualquer situação.

E seus seios são massivamente enormes. Pesados como balões de gás preenchidos com cimento seco. Eles deveriam ser classificados como armas mortíferas.

No batizado de James, Clara descia até o chão ao som da mais nova música da Rihanna. Ela levanta os braços, gira ao redor... E acerta o filho adolescente do meu melhor cliente na cabeça com sua teta esquerda.

O garoto apagou por dez minutos. Felizmente, seus pais decidiram não entrar com uma ação.

Kate se mete entre nós dois, com as mãos para o alto, bem na linha de fogo.

– O.k., pessoal, vamos dar um passo para trás. Dee, telefone para sua mãe e peça para ela ter uma conversa séria com Brandon.

Delores faz o que lhe é mandado. Mas eu continuo.

– Isso mesmo. Fale bem sério com ele. Ou ele terá que comer o jantar no estacionamento com os manobristas.

A mão de Kate sobe como uma cobra em meu pescoço, traçando linhas tranquilizadoras por baixo de minha camiseta.

– Relaxe, Drew. Não é nada de mais.

Seu toque é suave, pele com pele. Me faz sentir como se fosse uma dose dupla de Valium: calmante instantâneo. Minha voz carrega menos raiva quando digo a ela:

– Esse dia será mágico pra cacete. De jeito algum deixarei um Warren honorário estragá-lo, mesmo que seja só o mapa de assentos.

Ela se vira completamente para mim, e seus braços escalam pelo meu pescoço.

– Você irá aparecer na igreja?

Eu inclino a cabeça para trás para que eu consiga olhar em seus olhos.

– Leões selvagens não conseguiriam me deixar longe.

– E... em algum momento... nos tornaremos marido e mulher?

– Esse é o plano.

Ela fica na ponta dos pés e esfrega os lábios nos meus. Uma vez. Duas vezes.

– Então, será perfeito.

Dee-Dee fecha seu telefone e anuncia:

– Minha mãe diz que Brandon irá ao casamento, mas não levará ninguém.

Alexandra corrige sua lista e remove o assento com ponto de interrogação da maquete. E então, sorri.

– Pronto. Crise resolvida. Só preciso ajustar o número de lembrancinhas, e estará tudo certo.

Os olhos de Dee se arregalam.

– Ah, quase esqueci! – Ela revira sua pequena bolsa metálica brilhante a tiracolo, e então

levanta os braços, comemorando. – Lembrancinhas!

Nas mãos de Delores estão uma dúzia de pirulitos. Cada um tem cerca de 25 centímetros de comprimento.

Na forma de um pênis.

Ela dá alguns para minha mãe.

– Aqui estão, Anne. Só porque você não está participando das festividades, não significa que você não possa se deliciar com um presentinho – ela continua, dando uma piscada. – Baunilha e chocolate. Hum...

Minha mãe analisa o confeito com um sorriso malicioso e um brilho no olhar. E, então, ela o coloca sobre o balcão.

– Obrigada, Dee-Dee. Guardarei para depois do jantar.

Meu pai sorri. Largamente.

Ótimo. Agora estou preso com a imagem de minha doce e santa mãe chupando um pirulito em forma de pau enquanto meu pai assiste. Há excelentes chances de eu nunca conseguir ter uma ereção novamente.

Porra de Delores.

O.k., o lance da ereção é um exagero, mas, ainda assim, você consegue perceber por que eu não a aguento? Ela e toda sua árvore genealógica demoníaca. Meu melhor amigo não podia casar com uma garota normal, não é? Não. Ele tinha que se apaixonar pela noiva encarnada do Chucky, o brinquedo assassino.

O telefone toca. É o porteiro nos avisando que a limusine está aqui. Todos se enfileiram para sair pela porta enquanto meus pais espalham abraços e desejos de boa sorte.

Eu apanho James de volta de Warren para um adeus final.

Nós temos sorte. James não é um daqueles bobalhões pegajosos e chorões que perdem a cabeça quando a mamãe sai pela porta. Mesmo assim, despedidas nunca são divertidas.

Kate beija a bochecha dele e afasta os cabelos dele para longe dos olhos.

– Nós amamos você, querido. Voltaremos logo.

Eu beijo sua cabeça. Então, faço a pergunta mais estúpida de todos os tempos.

– Você será bonzinho com a vovó e o vovô?

Ele olha para mim pelo canto do olho. E sorri.

– Não.

Encolho os ombros em direção a Kate.

– Bem, pelo menos ele é sincero.

Fora da lei

Capítulo 5

Não sou um grande fã de viajar de avião. Por diferentes razões. A primeira, por causa do piloto. Você nunca tem certeza sobre o que ele está fazendo. Talvez ele tenha tirado a licença de uma caixa de cereais. Talvez seu pai tenha feito uma doação generosa para sua escola de aviação.

Se eu quiser colocar minha vida em risco, pergunto para minha irmã se ela engordou.

E, então, existe a charada disso tudo. Não importa quantas pessoas aqueles policiais revistem, não importa quantas bagagens aqueles ex-funcionários do McDonald's examinem, se alguém realmente quiser causar um dano, eventualmente, essa pessoa conseguirá. As companhias aéreas deveriam ser mais transparentes sobre isso. Como aquelas placas na praia que dizem “Nadem por sua conta em risco”. Quando o atendente devolve o cartão de embarque para você, ele ou ela deveria dizer: “Reze para que seu traseiro não exploda, tenha um bom voo”.

Isso seria muito ruim?

Finalmente, existe a certeza clara e maldita de que se algo ocorrer, mesmo que acidentalmente, você vira churrasco. Sei o que as estatísticas dizem, que é mais provável que você se envolva em um acidente de carro, blá-blá-blá. Mas o negócio é o seguinte: muitas pessoas que colidiram em automóveis saíram sem um arranhão. Agora, me diga quantas pessoas você conhece que saíram ilesas de um desastre de avião?

Exatamente.

Ainda assim, não deixo que essas preocupações interfiram em minha vida. Elas não me atrapalham, de jeito algum. Porque medo não faz um covarde. Ações, sim. Sou muitas coisas, mas medroso não é uma delas. E tenho que admitir, apesar de não ser minha coisa favorita a fazer, voar costumava ter seus benefícios.

Como o festival de mulheres disponíveis que podem ser encontradas em aeroportos e dentro dos aviões. Ali está a dona de casa tão solitária, a mulher de negócios exausta, a desencanada estudante recém-formada querendo se libertar... e a comissária de bordo.

Recentemente, o controle de qualidade dessa última categoria tem ido por água abaixo. Era uma vez, sex appeal era um requisito na descrição de emprego. Esse não é mais o caso. Mas acho que as companhias aéreas tendem a escalar ao menos uma comissária comível em cada voo. Nos meus tempos de homem livre, essas eram as presas mais fáceis. Sempre famintas para servirem.

Uma vez, em uma viagem de negócios para Cingapura, três comissárias de bordo maravilhosas estavam prontas, desejosas e disponíveis para me mostrarem todas as vistas imperdíveis. Dentro do seu quarto de hotel. Nós fizemos uma grande conexão. É isso que chamo de céus amigáveis.

Falando nisso, uma aeromoça está vindo em nossa direção. Ela é atraente. Magra, alta,

cabelos escuros e longos puxados para trás pelos lados, e olhos azul-marinhos com um toque exótico. As mãos estão feitas e são delicadas. O tamanho perfeito para bater uma punheta decentemente.

Sim. Homens notam essas coisas.

– Desculpe-me, senhor, você terá que manter seu cinto afivelado até que o capitão desligue o sinal luminoso.

Olho para baixo em direção ao cinto, e volto a olhar para ela.

– Certo. Porque se o avião cair de bico de seis mil metros de altura, esse pequeno pedaço de tecido ficará entre eu e a morte, certo?

Como eu disse. Hipócritas.

Ela ri. E o sinal para apertar o cinto some com um barulhinho.

Eu sorrio.

– Acho que ele me escutou.

Seus lábios rosa e carnudos sorriem.

– Acho que sim.

Olhos azuis observam ao redor da primeira classe.

– Um passarinho me contou que vocês todos estão indo a Vegas para uma festa pré-casamento. E você é o noivo.

– Sou eu, sim.

Ela me entrega uma mimosa:

– Parabéns.

– Obrigado.

Ela dá um copo a Kate também, e então volta sua atenção para mim.

– Então... em que hotel vocês irão ficar?

Eu tomo um gole do drinque com laranja.

– No Bellagio.

– Legal.

Ela se inclina um pouco em minha direção, próxima o bastante para que eu consiga sentir o cheiro de seu perfume barato e doce demais, e deixa a bomba cair.

– Estarei de folga quando aterrissarmos em Nevada. Vou ficar na casa de amigos... Talvez iremos até o cassino do Bellagio hoje à noite. Pelo jeito você estará na seção dos grandes apostadores?

Meus amigos e eu não nos exibimos com o nosso dinheiro. A maioria das pessoas ricas também é assim. Mas os sinais estão ali, se você procurá-los: bagagem de qualidade, relógios Rolex, roupas clássicas, mas de marcas caras.

E sim, essa mulher acaba de ultrapassar o limite. Suas palavras soaram como uma proposta, e elas eram mesmo, o que é bastante desrespeitoso, considerando que minha noiva está por perto.

Mas não estou surpreso. Apesar de os homens serem ambiciosos, as mulheres podem ser muito mais. Elas são descaradas. Sem-vergonha. Elas esfaqueariam uma a outra pelas costas mais rápido do que o Jason, de *Sexta-feira 13*.

Pergunte para o Steven. Quando ele e Alexandra estavam namorando, praticamente todas as supostas amigas dela ofereceram para subir em cima da cara dele e fazer um *test-drive*. Porque elas eram bonitas. Ciumentas. Porque elas queriam o que Alexandra tinha.

Alguns homens, como Jack, aceitariam merdas como essa de braços abertos, querendo sempre manter suas opções. Mas eu não. Não mais. Sou agradável, mas firme. Reverentemente, eu pego as mãos de Kate e beijo os nós dos dedos, me assegurando de que a aliança esteja à vista.

– Nós estaremos ocupados hoje à noite. Obrigado mesmo assim.

Ela se afasta ofendida, dando de ombros.

– Fique à vontade.

Não é a primeira vez que isso aconteceu e provavelmente não será a última. Kate lida bem com isso, apesar de saber que, no fundo, ela fica incomodada pra cacete.

Não consigo evitar usar isso em minha vantagem, é claro. Está vendo esse diabo sobre meu ombro? Sim. Ele está pronto para trabalhar. Fique olhando.

Inclino-me em direção a Kate.

– Então... você simplesmente a deixará escapar dessa?

Ela continua a olhar para a revista, virando as páginas grosseiramente.

– Escapar com o quê?

– Com esse passe de Ave-Maria que ela acabou de me lançar. Para tentar comer do seu prato. Se um cara viesse para cima de você assim na minha frente, ele estaria comendo a calçada.

– Não sou uma adolescente, Drew. Meus dias de brigar por um garoto estão no passado.

O que eu não daria para ter visto esses dias... Com geleia por cima.

– Não estou dizendo que você devia arrancar os cabelos dela ou rasgar a roupa uma da outra – dou risada –, apesar de que isso seria *demais*. Só acho que você deveria ensiná-la uma lição. Mostrar a ela a quem eu pertença.

Kate fecha a revista, balançando a cabeça de leve. Seus olhos brilham com divertimento.

– Eu sei o que você está fazendo.

– O que eu estou fazendo?

– Você quer que eu faça sexo com você no banheiro.

Fui pego.

– Um boquete funcionaria também. Você é muito boa nisso.

Ela volta a abrir a revista.

– Elogios não levarão você a lugar algum, Evans. Muito menos dentro da minha calça.

Eu reclamo.

– Por que não?

– Porque todos os nossos amigos estão aqui.

– E daí?

– Eles ouvirão a gente.

Eu minto.

– Não ouvirão nada.

– Eles podem ouvir.

– Enfiarei sua calcinha na minha boca. Eles não ouvirão um barulho sequer.

Ela engasga. E se mantém forte.

– Que romântico. Ainda assim... Não irá acontecer.

Irá, *sim*, acontecer. Mas admito. Essa discussão? A tensão sexual? Ter que me esforçar para conseguir o que eu quero de vez em quando? Ainda é divertido. Excitante. Mantém minhas

habilidades afiadas.

Saber que eventualmente conseguirei o que quero também ajuda.

Tento uma tática diferente. Culpa.

– É tradição, Kate. Como tocar o símbolo do mascote quando você sai do vestiário antes de uma partida de futebol americano. É má sorte quebrar a tradição. Algo terrível poderia acontecer. Como você irá se sentir se esse avião cair, só porque você não quis ceder?

– Acho que arriscarei minhas chances.

Eu olho para frente e solto um suspiro. Esse é um voo de cinco horas. Kate não conseguirá resistir por tanto tempo. Porque quando você sabe tocar a guitarra do jeito certo, a maldita soa.

Espero alguns minutos, até que ela baixe sua guarda. E, então, viro-me de lado no meu assento. E começo devagar. Sutil. Uma de minhas mãos em sua coxa, desenhando círculos vagarosos. Eventualmente minha outra mão entra em ação, esfregando seu braço, depois o ombro, fazendo-a relaxar. Tomando conta de seus sentidos.

Note que ela não está me afastando. Porque apesar de um par de lábios estar dizendo que não, o outro está sempre disposto a se divertir.

Inclino-me em direção a ela e minha boca acaricia sua bochecha, se movendo gentilmente através de sua mandíbula e pescoço. Levo minha mão para baixo até cobrir um de seus seios, apertando e esfregando. Deslizando e provocando.

O ritmo da respiração de Kate aumenta. A revista cai de suas mãos. Ela tenta me avisar.

– Drew...

Sussurro em seu ouvido:

– Apenas me beije. É tudo que quero. Apenas um beijo.

Essas são as famosas últimas palavras ditas por garotos adolescentes em todo lugar, no banco traseiro do carro de seus pais. Para as jovens garotas por aí fora, estejam avisadas: nunca é apenas um beijo. Eles não chamam de pular etapas por nada. Antes que você perceba, ele estará se esquivando da segunda, deslizando para a terceira, e o objetivo final está a apenas centímetros de distância.

Kate pressiona sua boca na minha, e me deixa seduzi-la com minha língua. *Tão quente. Tão molhada.*

Tão bom.

Desejo quente, intenso e real se desenrola em minhas entranhas, e minha calça fica mais apertada, como previsto. Levo minha atenção para o lóbulo da orelha de Kate, chupando-o e mordendo-o. Então, sussurro palavras tenras, sujas, cheias de necessidade que você não pode ouvir. Sobre o quanto eu a quero, quão maravilhosa ela é, sobre todas as coisas que quero fazer com ela, e as posições detalhadas que quero usar para fazer essas coisas.

O quadril de Kate se move para o alto, procurando fricção contra os dedos que agora estão firmemente estacionados entre suas pernas. Quando ela já está preparada e respirando forte, afasto minhas mãos. E olho nos olhos dela.

– Vamos terminar isso no outro ambiente.

Kate morde o lábio inferior. Seus olhos levemente nebulosos apontam para a esquerda e para a direita, se assegurando de que não há testemunhas. Ela está quase cedendo...

Até que um corpo estranho cai entre nós dois, com a metade em ambos os nossos colos. Meus olhos estão cobertos com cabelos loiros-morango. E o gosto de laquê preenche minha

boca.

Cacete.

– Espero que você tenha dormido bem na noite passada, Katie. Para o que planejei, você irá precisar de muita energia.

Delores. Como se não houvesse dúvida.

Ela balança o traseiro para sair de cima da minha coxa, forçando Kate e eu a nos afastarmos para que ela consiga se encaixar no meio de nós dois.

Kate se recupera rapidamente.

– Sim... bem... você me conhece. Sempre gosto de estar descansada.

Meu corpo estala com energia carnal desperdiçada. Me faz ficar mal-humorado.

– Você se importa? Estávamos no meio de algo.

Dee-Dee se vira para mim com claro desdém em seu rosto.

– Não me importo, absolutamente. – Ela me enxota com a mão. – Você pode sair. Kate e eu temos muito que conversar.

– Eu acho que não têm.

– Oi? Essa é uma festa de despedida de solteira. E ela começa agora. Você não foi convidado. Vá comparar o pinto com os meninos, converse sobre o quanto você cagou ontem, ou o que quer que vocês façam quando não estamos por perto.

Aperto os dentes e contraio minha mandíbula para evitar dizer como ela está sendo uma peste pentelha. Exagerei? Minha culpa. Estamos lendo muito o velho e bom Dr. Seuss lá em casa.

Respiro fundo. E então fecho os olhos e inclino a cabeça para trás. Vou esperar Delores ir embora. Ela terá que sair em algum momento. Ou posso usar o travesseiro manchado de porra para sufocá-la.

Esse pensamento me faz sorrir.

Dee-Dee e Kate conversam. E conversam. Depois de alguns minutos, os sons se misturam em meus ouvidos masculinos como os da professora sem rosto do Charlie Brown.

– ... Blá-blá-blá-blá-blá... O presente de aniversário de Matthew... Blá-blá-blá-blá... Não tinha certeza... Blá-blá-blá-blá... Veio na última hora... Blá-blá-blá-blá... Ver seu rosto... Blá-blá-blá-blá... Tão surpreso... Blá-blá...

Presentes são importantes para as mulheres. Mas o que percebi é que, ao menos para algumas delas, não é exatamente o presente que importa. Ou quanto dinheiro você desembolsou por ele. É tudo uma questão de esforço. Simbolismo. Quanto tempo você ficou pensando até comprá-lo para elas.

Por exemplo, se eu fosse caçar um guardanapo do bar onde Kate e eu nos conhecemos, e o envernizasse e colocasse em uma moldura, e desse de presente para ela, tenho quase certeza de que ela transaria comigo até que eu ficasse em coma, só para mostrar sua gratidão.

Ainda é apenas um guardanapo. Mas, para Kate, isso significa muito mais.

Ano passado, no meu aniversário, ela depilou os pentelhos na forma das minhas iniciais. Fiquei tocado. Foi um ótimo presente, criativo e prático. De qualquer maneira, com uma leve curiosidade, abro os olhos e pergunto a Delores:

– O que você dará a ele?

Ela sorri furtivamente.

– Simplesmente o melhor presente que uma mulher pode dar para o homem que ela ama.

Tento acertar com minha melhor aposta.

– Sexo anal?

Kate cobre os olhos.

O sorriso de Dee-Dee se transforma em uma carranca.

– Não. Porco. Vou dar a ele a dádiva da saúde. Minha acupunturista esvaziou a agenda e trabalhará em Matthew o dia inteiro.

Dou risada, pois isso explica muitas coisas.

– *Esse* é o seu presente? Você está falando sério? É o aniversário do cara e você fará com que ele fique com agulhas enterradas em seu rosto o dia inteiro? O que você dará de presente de Natal? Uma colonoscopia?

Kate esclarece:

– Drew, a acupuntura é para fazer Matthew parar de fumar.

Sim, Matthew é fumante. Estatisticamente, se você não começar a fumar aos 18 anos de idade, você nunca mais começará. Mas meu amigo é a exceção a essa regra. Seu hábito começou na faculdade, durante uma partida particularmente estressante de futebol americano no vídeo game.

Mas Matthew mantém isso em segredo. Seus pais não sabem. Porque Frank suga dois maços por dia e, como qualquer fumante, ele quebraria cada um dos dedos de seu filho se descobrisse que ele estivesse fumando também.

Coloco as mãos para o alto, em redenção.

– Eu retiro o que disse, Dee. É um presente estupendo. Qualquer coisa para ajudar Matthew a evitar um câncer é uma coisa boa.

Ela praticamente dá um tapinha nas próprias costas.

– Obrigada, Drew.

– De nada. Agora que já resolvemos isso, você poderia... e eu digo isso da maneira mais legal possível... dar o fora, porra?

Ela não está mais sorrindo.

– Não. Eu falei para você. Esse é o *meu* momento. *Meu* momento com a Kate.

O filme *Picardias studentis* aparece em minha mente.

– Que seja, senhor Hand.

Kate estende o braço e toca minha perna.

– Drew, talvez você deva ficar com os garotos pelo resto do voo.

Bato com o pé no chão. E aponto para Dee-Dee.

– Por que *ela* tem direito a um momento com a Kate? Onde está o *meu* momento com a Kate? Quero um momento com a Kate também!

Dee-Dee responde:

– Você terá muitos momentos com a Kate na semana que vem. Chama-se lua de mel, seu burro.

Eu a encaro.

– Você é uma sugadora.

Ela esfrega um dedo sobre os lábios lascivamente.

– Sou mesmo. E frequente. Matthew não reclama.

Faço uma careta.

– Agora fiquei enjoado. Kate, você poderia esfregar minha barriga?

Kate sorri. Sua voz apresenta aquele tom materno e condescendente que ela usa quando pede para James se comportar.

– Sim, Drew. Eu esfregarei sua barriga e qualquer outra parte do corpo que você quiser que eu esfregue... quando chegarmos ao hotel.

Solto um suspiro e me resigno a não ter conseguido transar. Assim que começo a me afundar em uma depressão profunda, a voz de Jack ecoa pela cabine.

– Cara! Olha só! Tem filmes pornô no sistema de entretenimento a bordo!

Alguém gritar “pornô” em um espaço fechado é equivalente a um alarme ser disparado no corpo de bombeiros à meia-noite. Quatro pares de pés se atropelam em direção a Jack, incluindo os meus. Talvez passar um tempo com os caras não será tão ruim, afinal.



Sei o que você está pensando. *Pare de desperdiçar meu tempo. Podemos pular o besteiro e chegar logo à parte boa?*

Estou trabalhando nisso. Além do mais, acho que você deveria aproveitar os bons tempos enquanto eles estão durando. Eu aproveitei. Tenho a sensação de que as coisas ficarão bem loucas – e bem rápido – daqui para frente. Porque a nossa próxima parada será em Vegas, baby. E há um motivo pelo qual ela é chamada de Cidade do Pecado.

Capítulo 6

Quando o assunto são quartos de hotel pretensiosos, você pode pensar que a cobertura é top de linha. Na maioria dos casos, essa seria a resposta correta. Mas o Bellagio tem algo melhor. *A villa*. É o tipo de lugar que somente a realeza, chefes de estado e atores altamente superestimados conseguem ficar. Cinco quartos, sala de jantar formal, escritório, biblioteca e uma cozinha enorme, todos aparados por elegantes madeira e mármore, e com os melhores equipamentos, acessórios e tecidos italianos. Com direito até a serviço completo de camareira e uma equipe de mordomos.

O dinheiro não pode comprar felicidade, mas permanecer feliz fica muito mais fácil com ele.

Já que somos convidados de honra, Kate e eu ficamos com a suíte master. Nosso banheiro conjugado tem um chuveiro a vapor e uma Jacuzzi enorme que eu definitivamente penso em usar mais tarde. Steven e Alexandra, Delores e Matthew, cada casal também ganhou um quarto completo com lareira e cama *king-size*. Erin pegou um quarto levemente menor com uma cama *queen-size*, enquanto Jack e Warren dividem o último quarto.

É bom que esse quarto tenha duas camas de casal, porque se tem alguma coisa que um homem nunca fará é compartilhar a cama com outro homem. Dormir pelado sobre cascalho afiado? Totalmente aceitável, comparado ao risco de acordar com um rifle em riste nas suas costas.

Após o mordomo – nós o chamaremos de senhor Belvedere – nos dar uma grande visita guiada, e as camareiras pegarem nossas malas para organizar nossas coisas, nós todos, os nove, relaxamos na sala de estar e conversamos sobre a agenda do dia.

Sentado em um sofá marrom-escuro de dois lugares, com Delores em seu colo, Matthew é o primeiro a falar.

– Há um campeonato de voleibol aquático na piscina daqui a vinte minutos. Achei que pudéssemos começar por aí e nos aquecermos. E eles farão um churrasco de carne de porco. Vocês sabem que eu adoro um bom suíno.

Todos os homens concordam em consentimento.

Dee-Dee começa.

– Nossa festa das deusas começa às cinco...

Festa das deusas... Para os homens, isso é um sonho. É mítico. Como o fabuloso pote de ouro no final do arco-íris, ou a guerra de travesseiro entre mulheres peladas em uma festa do pijama. É basicamente uma festa sexual somente para mulheres, sem o sexo. A lenda conta que há uma grande variedade de brinquedos à venda. Consolos, vibradores, equipamentos para submissão e lingerie. E também lições. As mulheres são instruídas em todos os tipos de habilidades adquiridas, como garganta profunda, masturbação e *pole dancing*.

– Mas antes disso, nós, mulheres, temos hora marcada no spa, para ficarmos lindas hoje à

noite.

Deslizo a mão pelos cabelos escuros de Kate, enquanto ela senta ao meu lado no sofá.

– Isso é uma perda de tempo – digo a ela. – Você não pode ficar ainda mais perfeita.

Ela fica levemente vermelha. Ainda é *tão* adorável.

Dee-Dee argumenta:

– Você diz isso agora. Mas espere até nos ver depois. Nós seremos enroladas, enceradas, depiladas e massageadas. Eu juro, Kate, depois de Ricardo trabalhar em você, nunca mais será a mesma. É como ser tocada por um orgasmo.

Minha curiosidade me vence.

– Quem é Ricardo?

– O massoterapeuta da Kate.

Hum.

– Ricardo é um nome estranho para uma mulher.

Delores revira os olhos.

– Bem, sim, seria estranho. Mas Ricardo é todo homem. Ele tem o corpo de um deus grego, como Arnold Schwarzenegger em seus dias de esteroides. E ele sabe como usá-lo, especialmente as mãos.

Alguns rapazes lidariam bem com essa situação. Homens que são relaxados como Matthew ou compreensivos como Steven. Eles beijariam suas mulheres na bochecha e diriam “Divirta-se, querida”. Mas, apesar da minha maturidade emocional ao longo dos últimos anos, não é assim que funciono.

Então, o que eu digo é:

– Sim, isso não vai acontecer nem ferrando.

Kate coloca a mão sobre a minha perna.

– Drew, é só uma massagem.

– Sei disso. Duas palavras. *Final feliz*. Mais duas palavras. *Sem chance*.

Alexandra tenta ajudar.

– Relaxe, irmãozinho. Não há motivo para ter ciúme.

Abro bem os braços.

– Quem está com ciúme? Não estou com ciúme. Porque essa merda não irá acontecer.

Viro-me para Kate e explico calmamente:

– Você acha mesmo que serei capaz de ficar simplesmente sentado aqui sabendo que você estará lá coberta apenas por uma fina toalha de algodão, enquanto um maldito Ricardo Montalbán apalpa você inteira? E faz você gemer? Dane-se isso. Todos os seus gemidos pertencem a mim. Eles já estão pagos integralmente com essa pedra preciosa em seu dedo.

Dee-Dee estende a mão para Matthew.

– Eu sabia que ele não aguentaria. Pode me pagar.

Ele pega a carteira e dá um tapa na mão de Dee-Dee com uma nota de vinte dólares. Balanço a cabeça em desapontamento em direção a ele.

– Você achou que eu ficaria bem com isso?

Ele encolhe os ombros.

Meus olhos se espremem.

– Eu nem conheço você mais.

– O Ricardo é incrível, cara. As mãos dele são mágicas. Se eu fosse gay, eu iria totalmente

entrar em uma união civil com ele.

Steven se une à discussão.

– Você deixou um cara esfregar você inteiro? Você já considerou a possibilidade de ser gay?

– Me chupa.

Steven dá risada.

– Viu, é sobre isso que estou falando. Essas mensagens subliminares piscando em meu radar gay.

Ele levanta um dedo, apontando para cada homem no recinto.

– Bip. Bip. Bip... – e então ele aponta para Matthew – Biiiiiiiiiiiiiiiiip.

Billy e Jack começam a rir, e Steven o cumprimenta. Matthew faz um gesto de masturbação com a mão, o que não o ajuda muito.

Kate nos traz de volta ao assunto.

– Isso é realmente um problema?

Eu faço que sim com a cabeça.

– Absolutamente. Irá manchar minha memória do fim de semana inteiro.

Ela solta um suspiro, e se vira para Delores.

– Troque minha consulta.

Dee-Dee parece estarecida.

– Você está falando sério? – Ela levanta as mãos para o alto. – E assim tudo começa. Você nem está casada ainda, e ele já está te controlando, ditando o que você pode ou não fazer.

Entro em defesa de Kate.

– Ela está respeitando a droga dos meus sentimentos. É assim que um relacionamento maduro e saudável funciona. Você deveria tentar um dia.

– Eu considero extremamente os sentimentos de Matthew!

Kate argumenta:

– Dee, nós estamos aqui para nos divertir, e não para torturar meu noivo.

Dee-Dee faz um beijo.

– Mas torturá-lo é minha ideia de diversão. Sua desmancha-prazeres. Ainda assim, ela pega o telefone e liga para o spa.

Kate se aninha ao meu lado, descansando a cabeça em meu ombro. Eu a puxo para mais perto e dou um beijo no topo de sua cabeça.

– Obrigado.

– De nada.

Abro um sorriso.

– Quando você voltar de se embelezar toda, eu quero um pouco daquele momento com Kate que você ficou me devendo.

Ela levanta a cabeça e sussurra:

– Tem alguma chance de isso envolver nós finalizarmos o que começamos no avião?

Eu faço que sim com a cabeça lentamente.

– Sim. E garanto que será um fim espetacular.

– Sempre é.

Ela se inclina à frente, me beijando divertidamente com sua língua vagarosa e provocante.

Quando ela se afasta, eu lambo meu lábio inferior, saboreando o gosto dela.

– Pode apostar que sim.

Warren interrompe nosso momento de flerte.

– Então, antes de nos separar, alguém gostaria de... ficar alto?

Não sou um grande fã de drogas, mesmo as do tipo recreacional. Com o álcool, você consegue ter o seu ritmo. Tomar um drinque ou dois, e então parar um pouco e aproveitar a sensação. Ou você pode ir com tudo e virar cinco doses rápidas. Em qualquer um dos casos, existe um controle sobre quão chapado você quer ficar.

Mas as drogas são como um trem sem um condutor. Uma vez que você começa, é como uma montanha-russa. Não dá para desacelerar e nem sair dela se você mudar de ideia. Dee-Dee não compartilha dos meus sentimentos. Mas não fico surpreso.

Ela senta ao lado de seu primo no braço do sofá.

– Ainda bem. Achei que você nunca fosse perguntar.

Warren enfia a mão no bolso e tira um saco transparente que contém alguns baseados pré-enrolados, alguma maconha solta e um cachimbo de cores brilhantes.

Erin pergunta:

– Com quem você arranjou isso?

– Eu trouxe de Nova York. – Sua sobrancelha se contrai enquanto ele esclarece. – Bem, tecnicamente, eu trouxe da Califórnia para Nova York, e então para cá. É da boa, com um grau medicinal de alto nível. O zelador do meu estúdio de música tem glaucoma.

– Mas como você conseguiu passar pela segurança do aeroporto? – minha irmã questiona.

Warren explica orgulhosamente:

– Eu a coloquei dentro da minha cueca. Dessa maneira, se eu fosse pego para passar por um daqueles escâneres, simplesmente pareceria que os *dreadlocks* ali embaixo estavam precisando de uma aparada.

Eu elevo minhas sobrancelhas.

– Agora, *esse sim* é um plano B. Se a carreira com a música afundar, você sempre pode se tornar um traficante.

Esses caras têm um grau extremamente elevado de morte precoce e violenta. *Ótimo*.

Warren passa um baseado para Dee-Dee e ela o acende. Matthew chega mais perto.

– Eu aceitaria um trago de erva.

Erin hesita.

– Nunca fumei maconha.

Warren tenta tranquilizá-la:

– Então, você veio ao lugar certo. Somos todos amigos no show dos narcóticos.

Ela ainda parece nervosa, então eu digo a ela:

– Apenas diga não, Erin. Somente os perdedores usam drogas.

Aponto meu dedão para Warren.

– Você realmente quer acabar como o Exemplo A ali?

Delores levanta as mãos, como garras.

– Pressão da galera! Vamos lá, Erin. Você deveria experimentar pelo menos uma vez. Viva um pouco, amiga.

– E esse seria o Exemplo B.

Erin respira fundo e me encara com olhos enormes buscando aprovação.

– Acho que vou experimentar. Quero dizer... às vezes você tem que dizer “foda-se”...

certo, Drew?

Não se pode discutir com uma citação do filme *Negócio arriscado*. Encolho os ombros em redenção, e Erin se junta ao restante dos drogados.

Jack não está interessado.

– Não, obrigado, cara. Ultimamente só quero saber de desintoxicar meu sistema.

Alexandra nega também, com um gesto da mão. Steven, porém, diz: – Claro, por que não? Vou reviver minha juventude mal-aproveitada. Alexandra surta.

– O que você quer dizer com *reviver*? Você é um homem. Você ainda está vivendo sua juventude mal-aproveitada.

Meu cunhado estende a mão para Warren.

– Faça um duplo para mim.

Warren passa para Steve uma tigela cheia e um isqueiro, enquanto Matthew oferece um baseado para Kate. Ela balança a cabeça.

– Talvez mais tarde.

Caminho pelo quarto, abro uma janela, e ligo o ventilador de teto.

Warren pergunta:

– E você, Evans? Você topa?

Eu bufo.

– Como se eu fosse colocar algo na minha boca que pegou carona bem ao lado das suas bolas suadas. Eu preferiria dar um beijo no traseiro de um elefante.

Warren toma um trago longo, e tufos de fumaça escapam de seus lábios enquanto ele tira sarro de mim.

– Parece um policial antinarco tráfico.

Eu fico na minha.

– Sim, esse sou eu. Nos meus dias de folga saio para me divertir com Johnny Depp e os outros *Anjos da lei*.

Já sentindo os efeitos, Matthew começa a dar risada e anuncia para o recinto inteiro:

– Não, o Andrew está legal. Mas ele e Mary Jane não se bicam. Ele a experimentou uma vez no colégio. Não deu certo.

Kate se inclina à frente.

– Nunca ouvi essa história.

– Não foi um dos meus melhores momentos.

Matthew ri mais alto.

– Ele deu quatro tragos e começou a correr em volta da casa trancando todas as portas e janelas. Ele achou que seu velho ia aparecer, ou o time da SWAT iria descer dos céus. Então começou a ter um ataque de pânico.

– Eu não tive uma droga de ataque de pânico.

Os olhos de Matthew encontram os meus.

– Cara, achei que eu fosse ter que arrastar seu traseiro para a sala de emergência. Parecia que você estava quase tendo uma porra de ataque cardíaco.

Todos começam a rir às minhas custas. Até Kate.

Warren concorda, feliz.

– Evans não consegue lidar com a erva. É bom saber. Agora, se eu quiser zoar você, sei exatamente o que fazer.

Amigos devem encher o saco um do outro. É um dos benefícios de saber tudo sobre uma pessoa. Todas as suas realizações, e todos os seus segredos vergonhosos e sujos.

Mas é um martelo que oscila para os dois lados.

– Continue andando pela estrada da memória, Matthew. Existem alguns buracos que eu poderia cavar sobre você também.

Ele abre os braços.

– Sou um livro aberto.

Sorrio maliciosamente.

– Você está certo disso?

– Vem com tudo, amigão.

Viro-me para sua esposa.

– Ei, Dee, o Matthew já te contou sobre a vez em que ele estava tão bêbado que mijou na boca de Kelly Macallister enquanto ela estava fazendo um boquete nele?

Matthew fica sóbrio imediatamente.

Steven começa a rir em dobro.

– Ecaaaa... – Erin grita. – Isso é muito nojento.

– Foi assim que ele ganhou o apelido na nossa fraternidade. Chuva Dourada Fisher.

Alexandra parece enojada, mas ao mesmo tempo está se divertindo.

Jack pigarreia.

– Desagradável.

Kate faz uma careta e cobre as orelhas.

Delores ri de primeira, e então vira para seu marido e confessa:

– Estou arruinada. Nunca mais serei capaz de chupar você novamente sem pensar nessa história.

Matthew me encara com um olhar bondoso.

– Você é um otário, cara.

Eu apenas sorrio.

– É para isso que existem os amigos, camarada.



Dez minutos depois, Erin deita com os pés em cima do sofá com os olhos pesados. Ela levanta um dos braços lentamente, e depois o outro.

– Isso é ótimo. Estou tão relaxada.

O rosto de Steven está preguiçoso enquanto ele faz um gesto em direção ao piano de cauda brilhante no canto da sala.

– Ei, Billy, por que você não toca alguma coisa?

Sim, o babaca também toca piano. Mas lembre-se: ele pode ser um perdedor multifacetado, mas ainda assim é um perdedor.

Dee se empolga:

– Boa ideia. Nada é mais adequado a esse momento do que uma boa música. Mantenha a leveza, primo.

O Merda-na-Cabeça se levanta, acomoda-se no banco em frente ao piano, estala os dedos e começa a tocar. Depois de alguns compassos instrumentais, ele começa a cantar “Someone

Like You” da Adele. É claro que ele escolheria uma música de menina.

Enquanto ele cantarola a última frase antes do refrão, aquela que fala sobre as coisas ainda não terem terminado entre ele e seu antigo amor, meu bom humor é estragado como leite deixado na geladeira por tempo demais. É por isso que sempre odiei Warren, odeio agora, e sempre odiarei. Porque, apesar da história do Matthew sobre minha experiência com maconha, não sou um cara paranoico. Sou observador. Inteligente. Esperto pra cacete para saber que de todas as malditas músicas que ele poderia ter tocado, ele escolheria justamente essa.

E o mais importante. Sei para quem ele está tocando.

Não existem acidentes. A linguagem corporal e os lapsos freudianos têm significado. Eles são a maneira de nosso subconsciente nos mostrar como realmente nos sentimos. O que realmente queremos. E em algum lugar, no fundo do pequeno cérebro de Warren e de seu coração inadequado, ainda acho que ele quer Kate.

Olhe para o rosto dela agora. É a mesma expressão que ela sempre faz quando olha ele cantar. Ela inclina a cabeça levemente, um pequeno sorriso toma assento em seus lábios e seus olhos nadam em uma mistura de orgulho e espanto. Admiração. E, possivelmente, afeição relembrada. Apesar de eu saber que ela não sente mais aquelas coisas por ele, apesar de saber que ela me escolhera – ela me ama mais – eu fico puto. Muito puto.

Porque a única pessoa para quem eu olhei desse jeito, em toda a minha vida, foi ela.

Enquanto ele toca a nota final, engulo meu ressentimento. Matthew, Steven, Erin, Dee-Dee e Kate aplaudem. Alexandra até enxuga uma lágrima do olho.

Jack diz:

– Droga, você é bom. Essa história de música deve ter transformado você em um sincero caçador de bocetas. Hoje à noite, Billy, você será meu parceiro.

Warren concorda timidamente.

– É claro, cara.

Então eu fico em pé.

– Agora que já arranjei minha dose de estrogênio do dia, que tal irmos até a piscina e ver como está o churrasco? Não sei vocês, mas estou mais do que pronto para o primeiro de muitos rounds.

Todos concordam com a ideia.

Mantenho Kate perto de mim enquanto vamos para nossos respectivos quartos para uma troca rápida de roupa. E nos preparamos para nos separar.

Capítulo 7

O churrasco na piscina só para adultos está a todo vapor. Há música, sol, biquínis para todos os gostos, e alguns que eu gostaria não ter que ver. Lembrem-se, garotas, que maiô de duas peças é um privilégio, não um direito.

Alugamos uma cabana próxima ao bar e nos acomodamos à mesa circular coberta por um guarda-sol. Nossa primeira rodada de cerveja chega e esperamos por nossa vez no campeonato de voleibol. Para os homens, os esportes de equipe têm o poder de inspirar uma mentalidade de guerra, *nós contra eles*. É como passar a noite em um buraco de raposa. Uma experiência de ligação instantânea. Mesmo que vocês não gostem um do outro – melhor dizendo, mesmo que vocês não se suportem – você fecha a parceria e toma as dores do outro se precisar. Porque vocês estão no mesmo pelotão, e qualquer um que não esteja com você está contra você. Eles são o inimigo.

Por que estou contando isso a você? Você entenderá em breve.

Por ora, tomo um gole de minha cerveja e me concentro na cara mal-humorada de meu cunhado. Vou direto ao assunto.

– O que está acontecendo com você e minha irmã?

Ele não está surpreso com a pergunta. Mas reluta.

– Não quero falar sobre isso.

– *Você não quer falar sobre isso? O quê? Você desenvolveu uma vagina no caminho para cá? Suponho que agora você vai me dizer que está tudo bem? Não seja uma cadela, Steven. Converse comigo. O que está acontecendo?*

Ele esfrega a mão pelo seu rosto e olha para a piscina por um minuto. Deliberando. Então ele se vira para nós e se inclina à frente, com os cotovelos sobre a mesa.

– O.k. Tudo começou duas semanas atrás. Por alguns dias, Alexandra estava com um humor estragado. Mas eu não estava preocupado. Ela fica assim às vezes. E então eu encontrei algo na lixeira do banheiro... Um teste de gravidez.

Gemidos de compreensão rolam pela mesa como a ola em uma partida de futebol.

– Ela nunca deixará você sair de casa novamente.

– Você tem que dar um espaço entre as crianças, Steven. Se você tiver muitas, muito próximo, uma irá cair pelas frestas.

– Agora serão três contra um. Você está ferrado.

Steven levanta a mão.

– Deu negativo. Alexandra não está grávida.

Ele toma um gole de sua cerveja.

– Mas quando perguntei a ela sobre isso, ela ficou louca. Gritou comigo sobre como eu não a compreendo, como eu não deveria me preocupar com filhos porque eu posso tê-los até aos setenta anos de idade. E como homens são inúteis no geral. Desde então, ela está insuportável.

É como se ela estivesse apenas procurando por motivos para ficar brava comigo.

Matthew o aconselha:

– Talvez ela precise de um tempo. Você sabe, sair um dia para se sentir mais como uma mulher e menos como uma mãe?

Steven balança a cabeça.

– Já pensei nisso. Organizei para passarmos uma noite nos Hamptons, combinei com meu pai para cuidar das crianças e tudo. Ela acabou comigo. Não queria fazer parte daquilo. Então ficou reclamando do fato de eu fazer planos sem considerá-la.

Jack pigarreia.

– Não posso dizer que estou surpreso. Sem querer ofender, cara, mas Alexandra sempre foi um peixe frio.

Eu não argumento com seu comentário porque eu posso enxergar por que ele pensa assim.

A voz de Steven toma um tom suave e triste. E saudoso.

– Mas ela não é assim. É só uma máscara que ela coloca. A verdadeira Alexandra é acolhedora... e divertida... e ela iria até o fim do mundo pelas pessoas que ela ama. Até duas semanas atrás, isso incluía eu. Mas ultimamente... não inclui mais. E não sei por quê.

Belisco a ponta do meu nariz e solto um suspiro.

– Você tem que consertar isso, Steven. Você não pode fazer isso comigo. Não agora.

Ele não aceita muito bem.

– Você? Que diabos isso tem a ver com *você*, Drew?

Aponto meu dedo em direção a ele em acusação.

– Você e Alexandra são meu padrão de ouro. Você é a única razão pela qual não estou cagando nas calças por casar com Kate na semana que vem. Porque você é a minha prova de que casamentos podem realmente dar certo.

As sobrancelhas de Steven se enrugam.

– Seus pais estão casados há quarenta anos.

Eu abano com a mão.

– Eles não contam. Eles são velhos. Ninguém baterá o recorde deles.

Matthew pergunta:

– E quanto a Dee e eu?

– Darei mais um ano para vocês. No máximo.

Matthew apenas encolhe os ombros. Porque ele não dá a mínima para o que outras pessoas pensam. Nem mesmo eu.

Agora, a Alexandra pode ser minha irmã, mas Steven é mais do que um cunhado. Ele é um amigo. Um dos melhores. E estabelecer a lealdade é uma situação delicada. E se eu tiver que escolher um lado? Ficarei com Mackenzie e Thomas.

– E de jeito nenhum deixarei que meus sobrinhos cresçam em um lar desfeito. Você tem que conversar com ela, Steven, e resolver isso.

Ele empurra a cadeira para trás, frustrado.

– Eu já tentei! Você acha que não? Tenho lambido a bunda dela nas últimas duas semanas...

Fecho os olhos e levanto a mão.

– Por favor, pegue leve nas imagens mentais.

– Já tentei tudo que pude imaginar... mas não vou tentar mais. Se ela quiser resolver, terá que vir até mim. Vou colocar meu pé no chão. Tenho um pouco de orgulho, sabia?

Parece que eu vou ter que solucionar isso com as minhas próprias mãos.

– Vou conversar com a minha irmã quando nós voltarmos e descobrir qual é o problema dela.

Steven é veemente.

– Não, Drew. É um problema entre minha esposa e eu. Fique fora disso.

Afasto-me.

– Tudo bem. Relaxe. Não tenha um ataque cardíaco.

Mas ainda penso em conversar com Alexandra. Se você quiser que algo seja feito da maneira correta, você mesmo tem que fazer.

Todos ficamos em silêncio por um minuto.

Steven diz:

– Olhem, não quero que isso nos desanime. Vamos apenas arquivar essa conversa. Hoje à noite vamos nos divertir, como nos velhos tempos. A única coisa que eu quero pensar é em ficar bêbado e me divertir. CDD até o fim.

Matthew dá risada. Porque, como eu, ele nunca mais havia escutado essas letras. Elas trazem de volta algumas memórias bastante incríveis.

Ele e Steven se cumprimentam com os punhos.

– Incrível pra cacete, certo? CDD.

Warren pergunta:

– O que é CDD?

Eu sorrio.

– Era o nosso monograma antigamente.

– O que significa?

Balanço as sobrancelhas.

– Caras da diversão.



Mais tarde, entrando na quarta partida do campeonato de voleibol aquático, estamos em primeiro lugar. Quebrando tudo e anotando os nomes. Com apenas mais três partidas até as finais. É divertido. Físico. Nós nos esgotamos, mas temos tempo o bastante entre os jogos para relaxar, socializar e entornar algumas bebidas.

Steven está neste momento dançando até o chão na pista de dança improvisada ao som da música “Blurred Lines”. Você consegue vê-lo ali? Apontando os dedos no estilo John Travolta e balançando o quadril no ritmo da batida? Não é suave ou legal, mas de alguma maneira Steven consegue se parecer como “o” cara. As garotas ao redor, que estão balançando os quadris, batendo palmas e dando risada, estão adorando.

Do outro lado da piscina está acontecendo uma celebração de divórcio cheia de gritos e bêbados, para a qual Jack se convidou e acabou conseguindo entrar no ofurô para um pouco de ação com a divorciada.

Agora ele está de volta à mesa com Matthew e eu. Estamos pegando leve. Apesar de algumas ofertas para que calcinhas fossem tiradas, esclarecemos que nossos interesses estão em nos divertimos, e não em ficarmos com alguém. Surpreendentemente, Warren está demonstrando ser um expert no departamento em acabar com as safadas em potencial.

Bem... mais ou menos. Depois de nossa segunda vitória, ele desapareceu com uma garota dentro da cabana. Eles saíram meia hora depois, amarrando suas roupas de banho. Quinze minutos depois, ele voltou a mergulhar. Com a garota número dois.

Não estou impressionado porque... como posso colocar isso sem que você sinta vontade de cortar minhas bolas fora com um par de tesouras de jardinagem? A garota número um era... de semblante rotundo. Uma garota alegre. Daquele tipo que tem que transmitir uma personalidade de entretenimento porque lhe falta severamente o departamento da boa forma. Não me entenda errado, garotas grandes têm seu lugar na sociedade também. *Garotas do traseiro gordo, vocês fazem o mundo dar voltas* e tudo mais.

E todo cara tem seu tipo. A baranga de um pode ser a gostosa de outro. Eu sempre preferi minhas mulheres tendendo para o lado pequeno. Elas são mais fáceis de mover e manobrar na posição perfeita. Mas não acho que Warren tenha uma paixão por roliças. Digo, ele esteve em cima da Kate por uma década, e ela nunca teve uma fase gordinha. Eu já vi fotos.

Além do mais, a garota número dois de Warren estava do lado totalmente oposto do espectro. Supermagra, com peitos chatos como uma prancha de surfe, e um nariz arqueado que sugeria uma forte relação com a águia careca.

O próprio pênis de lápis emerge da cabana com um sorriso de satisfação. Ele se senta à mesa e toma um longo gole de sua cerveja. Matthew, Jack e eu apenas o encaramos.

Ele olha para cada um de nós.

– O que foi?

Aponto com o queixo para a garota número dois enquanto ela caminha de volta para a mesa rodeada por garotas igualmente pouco atraentes. Mulheres abaixo do padrão tendem a se unir.

– O que aconteceu com você e as irmãs assustadoras?

– O que você quer dizer com isso?

– A primeira garota faz a Snooki parecer a Miss América. E a segunda é provavelmente a herdeira da Bruxa Má do Oeste.

Ele se esquivava defensivamente.

– Ela não é tão ruim assim.

Matthew e Jack tossem.

– Menos alface... Menos alface.

Warren pergunta:

– O que é “menos alface”?

Eu reviro os olhos por causa de sua ignorância.

– Significa que tudo é gostoso. Menos. A. Face. Entendeu? E acho que estamos sendo generosos, considerando que nada vale mais uma ereção do que uma mulher com o quadril de um garoto de dez anos de idade.

Jack sugere:

– Talvez seja um fetiche. Você gosta de ir para a toca com uma feiosa, Billy?

– Não. Não tenho um fetiche por garotas feias.

Eu tomo o direito de discordar. Ainda assim, dou a ele a chance de se explicar.

– Então por que elas são as únicas em quem você dá em cima?

Warren se contorce desconfortavelmente.

– É que elas são... mais fáceis. Gosto de algo mais certo.

Matthew diz:

– Você conseguiu esgotar o estádio dos Giants seis meses atrás. Para você, *todas elas* deveriam ser coisas certas.

Warren evita contato visual e começa a mexer no rótulo de sua cerveja.

– Não sei. É que... Eu estive com Kate por muito tempo... – como se eu conseguisse esquecer – e nunca tive a chance de praticar minhas habilidades, sabe? E as garotas em Los Angeles? Elas são umas cadelas, cara... Elas são gostosas e sabem disso. Então, é menos intimidante para mim se continuar com as mais fáceis.

Há uma história na Bíblia sobre um cara que era um otário bastante mau. Um dia ele estava caminhando pela estrada, e Deus chutou sua bunda. Uma luz brilhante veio do céu e uma voz profunda gritou lá do alto, dizendo a ele o que precisava fazer. Como consertar sua vida.

É assim que este momento está sendo para mim. Uma epifania. Uma revelação divina.

Se eu conseguir encontrar uma garota para Warren... Se eu conseguir ensinar a ele os segredos de conseguir bundas de qualidade... Talvez ele fique tão distraído que finalmente irá parar de farejar a Kate. E talvez eu consiga me livrar dele. Para sempre.

Eu vi o caminho para a terra prometida, meninos e meninas. E está repleto de bocetas.

Energizado pela chance de uma existência sem o Warren, proponho.

– Posso ajudar você, sabia?

– A conseguir garotas?

Faço que sim com a cabeça.

– Conseguir garotas de primeira linha. O tipo de mulher que você viu somente em revistas e sonhos eróticos. Posso ensiná-lo como fazer isso acontecer. Uma vez que você experimenta a comida gourmet, nunca mais vai querer fast-food novamente.

Jack diz a Warren:

– Mergulhe de cabeça, cara. Você irá aprender com o melhor de todos. Evans é o mestre. Antes de ele se casar, deviam embalsamar o pau dele, como fizeram com os sapatos de DiMaggio.

Os elogios de Jack são bem-vindos. Mas um pouco perturbadores.

Ainda assim, Warren parece desconfiado.

– Por que você ia querer me ajudar?

Encolho os ombros.

– Não resisto a uma causa perdida. São Judas sempre foi meu santo favorito. Além do mais, você é o amiguinho de Kate. Se eu ajudar você, ganho pontos com ela. E isso é sempre uma coisa boa.

Ele parece satisfeito com a minha resposta, então começo com o básico:

– Qual é o seu jogo?

– Meu o quê?

– Sua estratégia. Como você aborda essas *lindas* mulheres de Los Angeles? O que você diz a elas?

Ele coça a cabeça, como o macaco burro que ele é.

– Bem, algumas vezes corro até elas, parecendo surpreso e digo: você está bem? Você se machucou? Essa queda do paraíso foi bem longa.

Eu e os caras começamos a rir na hora, mas Warren não. Então, nós paramos.

Pergunto:

– Desculpa, você estava falando sério?

Ele olha para longe, ligeiramente bravo.

– Esqueça.

Imploro a ele.

– Não, não vamos mais rir. Quero ajudar. O que mais?

Ele hesita em responder por um segundo.

– Às vezes conto uma piada.

Matthew parece perplexo.

– Uma piada?

– Sim. Você sabe. *Aquela cara entra em um bar...* merdas como essa.

Faço que sim com a cabeça devagar.

– Certo. Posso ver por que você acha que isso funcionaria... porque toda mulher quer transar com o palhaço Bozo.

E, então, começamos a rir.

Warren solta um grunhido.

– Fodam-se, vocês. Vou dar o fora daqui.

Ele começa a se levantar.

– Espere. Não vá. Vamos lá, cara, só estamos enchendo o seu saco.

Warren volta a sentar, relutando.

Início meu tutorial:

– Primeiro erro. Você está se esforçando muito. As mulheres podem sentir o cheiro do desespero como um cachorro cheira o medo. E para elas, isso fede como merda. Você deve ficar calmo. Confiante. Como... Quando nós éramos crianças, o tio do Matthew costumava nos levar para acampar. No acampamento, existia um lago com alguns peixes nadando, que todas as crianças tentavam pegar. E tinha um pequeno babaca irritante que queria pegar o maior número de peixes, então ele trouxe uma rede. Ele a enfiava na água várias vezes, mas nunca conseguia apanhar peixe algum. Ele só os assustava. Eu, por outro lado, trazia um saco com migalhas de pão. Eu as derrubava aos poucos, apenas um aperitivo. E, então, me sentava e esperava. Depois de um minuto ou dois, todos os peixes vinham até mim. Você entende o que estou dizendo?

O menino-macaco faz que sim com a cabeça.

– Sim... – então ele para. – Na verdade, não. Não entendo.

Isso será mais difícil do que imaginei. E a coisa mais assustadora? Se Kate e eu morrermos juntos em uma colisão explosiva? Esse idiota é o terceiro da fila para criar meus filhos.

Esqueça o aquecimento global. *Esse* é o pensamento que não me deixa dormir à noite.

– Você está pensando demais – eu tomo um gole de minha cerveja. – Esqueça as frases feitas. Esqueça as malditas piadas. Mulheres não são complicadas. Você simplesmente tem que descobrir o que elas querem ouvir. E, então, dizer isso a elas. Faça isso e até os joelhos mais deliciosos irão se afastar como o mar Vermelho.

Ele digere minhas palavras por um momento.

– Será que devo dizer a uma garota que ouvirei sua fita demo? Talvez conseguir um contrato para ela gravar um disco?

Balanço a cabeça.

– Não. Regra número um. Não faça promessas que você não poderá ou não terá intenção de cumprir. Jogue limpo. Qualquer coisa a mais do que isso será uma jogada babaca. E é a

maneira mais fácil de transformar uma garota seminormal em uma perseguidora. Depois de fechar o acordo, se você se der mal e precisar de uma saída estratégica, peça o número do telefone dela. Mas não diga que você irá realmente ligar. Ficará subentendido, mas não é problema seu.

Eu tomo outro gole de cerveja.

– Tudo se resume ao momento. Dane-se o amanhã. Decifre o que ela quer ali e naquela hora. Algumas garotas querem um babaca, na verdade. Elas se excitam ao serem tratadas como lixo.

Nem pense em dizer que estou errado. De onde você acha que vem toda aquela coisa de “os bonzinhos só se ferram”? Porque, no fundo, algumas mulheres vivem para o drama.

– Algumas simplesmente querem um ombro para chorar, ou diversão. Escute o que elas dizem, observe como elas dizem, e mostre a elas que, ao menos naquela noite, você é exatamente o que elas estão procurando.

Matthew diz:

– Ele parece confuso, Drew. Talvez seja necessária uma demonstração?

– Boa ideia.

Analiso a área da piscina e percebo uma garçonete perambulando por meio do concreto. Ela tem cabelos escuros encaracolados, pele clara com uma pitada de sardas. Ela preenche o uniforme muito bem. Uma blusa branca amarrada com um nó na cintura, alto e apertado, shorts pretos que parecem ter sido roubados do restaurante Hooters, e sapatos pretos de salto alto. *Bingo.*

Eu aponto para ela.

– O que você acha?

Jack comenta:

– Eu comeria.

Warren concorda.

– Sim. Ela é bonitinha.

Abano minha mão e chamo a garçonete para cá. Com o bloco e caneta em mãos, ela pergunta:

– E aí, o que posso fazer por vocês?

Eu nunca entendi por que as mulheres armam para elas mesmas dessa maneira. Tente pensar como um homem, pelo amor de Deus. Quando um cara de sangue quente ouve essa pergunta, ele imediatamente pensa em ao menos oito coisas diferentes que você pode “fazer” por ele, em mais ou menos dez posições diferentes.

Eu dou a ela meu mais charmoso sorriso.

– Você poderia nos trazer uma garrafa de Jäger, querida? E cinco copos, por favor. Sem pressa, você parece estar ocupada. Não temos pressa.

– Sem problema. Eu volto já.

Ela se vira e caminha até o bar.

Jack a encara.

– Odeio quando elas vão embora, mas adoro vê-las indo.

Warren também está olhando para o traseiro dela.

Então dou um tapa nele. *Slap.* Para chamar sua atenção... e... porque é divertido.

– Concentre-se. Olhe para ela.

– Eu *estava* olhando para ela!
– Não só a bunda. Olhe para o pacote completo.
Ele olha para mim, tocando a bochecha. E, então, observa a garçonete.
– Vê como ela está esfregando a lombar? E enxugando o suor da testa? Como ela transfere o peso de um pé para o outro? Do que você acha que ela está precisando agora mesmo?

Seu rosto se contrai em concentração.

Depois de um minuto, não consigo resistir.

– Não vá se machucar.

Ele solta um suspiro.

– Não sei. Ela parece precisar de uma soneca.

Eu sorrio.

– Ainda há esperança para você. Uma soneca seria bom, mas você não pode dar isso a ela. O que você pode fazer para que ela se sinta importante? Valorizada? Mostre a ela que você a aprecia como uma mulher, não somente como uma serviçal. Garotas adoram engolir essa.

A garçonete começa a voltar para cá, equilibrando uma garrafa e os copos em uma bandeja com uma das mãos. Antes de ela chegar até nós, sussurro um aviso para Warren, só para me certificar.

– E nem *pense* em contar histórias para Kate de como estou zoando. Isso é apenas para propósitos educacionais. Não significa nada pra mim.

É a verdade absoluta. É como... atuar. Eu seria um ótimo ator. Do tipo da Broadway. Porque não importa o que um ator sente por sua atriz principal na vida real, quando aquela cortina sobe, ele interpreta. Convincentemente.

Ela chega a nossa mesa.

– Aqui está, rapazes.

Enquanto ela organiza os copos, pergunto:

– É sempre louco assim por aqui?

– Nem sempre. Há uma convenção de podólogos na cidade neste fim de semana, então estamos nessa correria.

Ela tira um cabelo de seu rosto.

– Mas as gorjetas são boas, então não posso reclamar.

– Claro que pode. Todo mundo merece reclamar de vez em quando. Sou todo ouvidos.

Ela sorri e serve nossas bebidas.

– Melhor ainda. Que tal se você se sentar por alguns minutos? E relaxar um pouco. Tomar um drinque com a gente? Você parece precisar de um.

Ela se sente tentada. Mas então ela olha por cima do ombro em direção ao cara pesado e careca atrás do balcão.

– É muito doce de sua parte me convidar, mas não posso. Meu chefe não gostaria.

– Doce é meu sobrenome. – Aponto com o dedão em direção ao bar. – Ele é seu chefe?

Ela contrai a testa.

– É, sim. Harry é um completo controlador de escravos.

Fico em pé e levanto um dedo no ar.

– Não saia daqui.

Eu corro até Harry.

– Ei, cara, eu e meus amigos estamos querendo tomar um drinque rápido com nossa

garçonete.

Ele olha para a nossa mesa.

– Com Felicia?

– Sim, Felicia – ou o que seja –, e estamos dispostos a pagar pelo tempo dela. Quanto custaria uma pausa de dez minutos?

– Cinquenta dólares.

– Feito. – Eu dou um tapa no balcão com o dinheiro e volto correndo para a mesa, antes que o preço suba. E, então, coloco minha cara de sexy de volta.

Pego uma cadeira e faço um gesto para a garçonete sentar.

– Está tudo certo.

Ela parece surpresa.

– Você está brincando? – Ela olha para Harry, que faz um gesto com a cabeça, e então ela se senta graciosamente. – Uau, você convenceu Harry a me dar um descanso? Você deve ser muito bom.

Dou uma risada maléfica.

– Querida, você não faz ideia.

Sento-me na cadeira e levanto meu copo. Todos me acompanham e os viramos juntos. Então sirvo outro para a garçonete. Nós conversamos casualmente por alguns minutos. Ela me conta sobre seus sonhos de se tornar uma dançarina, que foi colocado em suspensão por causa do enfisema de sua mãe. Escuto tão atentamente e faço que sim com a cabeça em todos os momentos certos.

E assim cavo um pouco mais fundo.

– Isso é muito para uma garota segurar nos ombros. O seu marido a ajuda?

Ela toma a segunda dose e balança a cabeça.

– Não tenho marido.

– Um namorado, então?

– Também não tenho um desse. Quem tem tempo?

E, então, ataco com todas as forças.

– Uma garota especial como você não tem um namorado? Isso é uma vergonha. Ainda assim você deveria tirar um tempo para relaxar. Se libertar. Se divertir com um cara legal.

Ela lambe o álcool dos lábios.

– Encaixo momentos de diversão aqui e ali. Quando vale a pena.

Estão vendo o sorriso sugestivo? O convite em seus grandes olhos acinzentados? Esse é o sinal dela, me dizendo que *eu* valho a pena. Que se eu oferecer minha ajuda para ela relaxar de qualquer maneira que eu conseguir pensar, ela topará.

Isso também conclui nossa apresentação do dia.

Eu olho para o meu relógio.

– Os dez minutos acabaram. Eu não gostaria que você se metesse em uma encrenca com seu chefe.

Ela pisca.

– Ah. Sim.

Então ela fica em pé, mas não vai embora logo de cara.

– Eu sairei do serviço daqui a algumas horas. Vocês vão ficar por aqui? – ela pergunta para todos nós, mas olha para mim.

Eu a decepciono gentilmente. Porque é esse tipo de cavalheiro que eu sou.

– Infelizmente, não. Iremos embora em breve e estaremos ocupados a noite inteira. Mas foi um prazer conversar com você.

Antigamente, eu teria beijado a mão dela, para me certificar. Mas hoje meus lábios são só de Kate.

Os ombros dela caem.

– O.k. Bem... Obrigada pelo drinque.

– Sinta-se à vontade, querida. Não trabalhe muito.

Ela vai embora e se vira para trás para olhar nossa mesa enquanto sai andando.

Direciono minha atenção para Warren e abro bem os braços.

– E é *assim* que se faz.

Entorno uma dose. Minha voz sai arranhada depois de a bebida queimar minha garganta.

– Se eu estivesse interessado, eu ficaria por aqui um tempo. E se nenhuma outra oportunidade aparecesse, eu a levaria para casa, transaria com ela por algumas horas, e a deixaria sorrindo.

Warren sugere com uma ponta de admiração:

– Sim. Ou você poderia levá-la para o seu quarto e dar uma rapidinha.

Jack, Matthew e eu exclamamos simultaneamente:

– Não.

Eu o corrijo.

– Com as mulheres de primeira linha que você irá conseguir, você irá querer ter paciência. E, regra número dois: tenha sempre uma saída de emergência. Nunca leve uma garota para seu habitat. Pode ser preciso uma empilhadeira para tirá-la dali.

Jack estremece.

– Uma vez tive que chamar a polícia. E quando eles a arrastaram para fora, a garota ainda estava agarrando os lençóis. Esse é um erro que você só deve cometer uma vez.

Warren faz que sim com a cabeça.

– Você faz parecer tão fácil.

– Transar é para ser fácil – digo a ele. – Nenhum de nós estaria aqui se não fosse. Deus deu instinto aos homens. Até para você. Simplesmente relaxe e deixe que eles o guiem.

Dou um tapa em suas costas. Mais forte do que deveria.

– Agora, jovem Skywalker, seu treino está completo. Hoje você se torna um Jedi.

Ele sorri.

– Legal. Obrigado, cara.

E, então, ele aponta com o dedão em direção ao banheiro.

– Preciso tirar a água do joelho.

Jack fica em pé.

– E vejo uma nova mulher de sorte. Já volto.

Depois de eles saírem, Matthew me queima com o olhar.

Eu devolvo a encarada.

– O quê?

– Algumas horas atrás você mal podia tolerar ficar no mesmo recinto que o cara, e agora você está dando dicas para conseguir bocetas. Por que você realmente o está ajudando, Drew?

– Sou um cara que gosta de ajudar.

Ele continua a encarar, esperando que eu elabore.

– E... se Warren estiver ocupado com sua própria presa... ele ficará longe de Kate.

A cabeça de Matthew rola para trás, e ele solta um grunhido.

– Cara. Você ainda está preso a isso? Você tem que se libertar.

– Você não ouviu a mesma música que eu?

Sua voz cresce com exasperação.

– E daí, porra? Era uma música. Kate irá se casar com *você*. Vocês têm um *filho* juntos. –

Ele coloca as mãos como um copo ao redor de sua boca, como um megafone. – Está na hora de superar.

Esfrego a parte de trás do meu pescoço.

– Já superei. Mas... quando eu o vejo... quando vejo *os dois* juntos... Fico louco.

– Por quê?

– Porque eu ainda acho que ele sente algo por Kate.

– De novo. Por quê?

Eu ranjo meus dentes. E fecho minhas mãos. Quando abro a minha boca, a verdade sincera de Deus é despejada.

– Porque eu nunca a deixaria ir embora, Matthew. Nunca. Não importa o que acontecesse, o que eu fizesse, eu ficaria esperando, tentando, até que ela voltasse para mim.

Matthew concorda compassivamente.

– E é por *isso* que *você* está casando com a Kate e Warren, não. Porque ele *foi* capaz de deixá-la ir. Não era um relacionamento do tipo para sempre, era do tipo para aquele momento. E ele superou. E Kate também. Então pare de se torturar e de torturar a nós todos e aproveite, porra. Você ganhou. Ela é sua.

Penso sobre suas palavras por um momento. Então eu encolho os ombros.

– Mesmo assim, mal não faz. Fico em paz. Warren consegue um upgrade em suas cantadas, e Kate ficará agradavelmente surpresa por eu não aproveitar a chance de colocá-lo em uma cova rasa. Todo mundo sai ganhando, certo?

Matthew concorda reflexivamente e termina seu drinque.

Nas caixas de som, o salva-vidas chama o número do nosso time, e nos preparamos para ganhar o jogo.

Capítulo 8

Assim que voltamos para a *villa*, como os campeões de voleibol aquático que somos, o dia deslizará para o anoitecer. É minha hora favorita do dia. O sol está se pondo e o cheiro no ar é de verão. Uma mistura de terra, cloro e grama recém-cortada. Passo meu cartão pelo portão de segurança cercado a casa e caminho em direção à porta da frente.

Algo na janela chama a atenção de Jack, e ele congela.

– Que diabos...

Acompanho seu olhar pela janela. Vejo as garotas na biblioteca sentadas em uma formação circular em cadeiras arrastadas desde a sala de jantar. Elas usam robes de cetim longos e cor-de-rosa e sapatos de salto alto cheios de pelos e a parte de trás aberta. No centro do círculo está uma mulher alta e loira de uns cinquenta anos de idade usando um figurino completo de dominatrix preto. Ela até que é gostosa, do tipo prostituta mais velha, experiente, provavelmente com a boceta mais larga do que o Túnel Lincoln.

Sussurro animadamente:

– Festa das deusas.

Está vendo? Sonhos se tornam, sim, realidade.

Matthew e eu nos cumprimentamos batendo os punhos.

– Isso aí!

Como o Time 6 da SEAL, nós furtivamente invadimos a *villa* em uma única fila. Quando entramos, nos alinhamos como um totem na frente da porta dupla de mogno da biblioteca. Sem fazer um som, abro a porta só um pouco. O bastante para observar e escutar. Em uma das mãos, a mulher dominatrix segura um minivibrador portátil; na outra, um controle remoto combinando.

– Nós chamamos esse de O Mestre. Você enfia o vibrador por dentro da calcinha, e o cavalheiro toma posse do controle. Não faz barulho, é discreto, mas é poderoso. Com o controle remoto, ele pode alternar a velocidade e a pressão ao gosto dele.

Matthew sussurra:

– Eu *preciso* arranjar um desse para mim.

Murmuro:

– Vou arranjar cinco.

Imagino nossa reunião semanal de equipe na sala de conferências tomando um novo significado.

A mulher dominadora continua:

– E agora, garotas, vamos continuar nossa instrução oral. Suas bananas, por favor.

Instantaneamente e sem vergonha, cada uma das garotas pega uma banana grande que estava em seus colos e a colocam na boca.

Nossa Senhora, Mãe de Deus.

– Lembrem-se de relaxar a mandíbula... Respirem quando tirarem. Cuidado com os dentes...

Meus olhos estão grudados na Kate enquanto a banana desliza suavemente para dentro e para fora de seus lábios cor-de-rosa perfeitos. Estou tão excitado que eu poderia martelar pregos em um pedaço de madeira maciça com meu pau. Quer dizer, já estive no lugar da banana muitas vezes antes, mas assistir a Kate fazer um boquete de onde estou é loucamente erótico. É como... jantar teatral com pornô ao vivo.

– Usem a outra mão, garotas. Os testículos são o enteado rejeitado dos genitais masculinos. Cuidem deles, façam massagem, acariciem. Eles precisam do amor de vocês também.

Sim, sim. Eles precisam.

Em uma voz baixa, Jack coloca em palavras o que todos nós estamos pensando.

– Alguém está prestes a gozar dentro da sunga? Isso... são todas as fantasias que já tive na vida misturadas em uma só.

Não posso evitar em concordar.

– Eu, também. Exceto pelo fato de minha irmã estar ali. E Delores.

Matthew se ofende.

– Ei, minha mulher é magnífica.

Você quer saber o que mais é magnífica? Uma pantera negra, rondando por um vale, se preparando para abocanhar sua presa. Não quer dizer que eu quero montar em uma.

Afasto meu olhar do festival de boquete na fruta e olho para Matthew.

– Sua mulher é psicopata. Se eu estivesse no seu lugar, não a comeria com o meu pau. Ela provavelmente colocaria alguma armadilha e enfiaria lâminas dentro da boceta para tentar cortar meu pau fora.

Será que fui muito cruel?

– Isso foi muito doentio da sua parte.

Escolha uma conspiração, qualquer uma. O assassinato de JFK, Área 51...

– A verdade geralmente é assim.

O código dos caras restringe o quanto você pode tirar sarro da mulher de alguém. Há uma linha imaginária. Se a reação de Matthew for alguma indicação desse limite, eu acabei de invadi-lo.

Ele dá um soco nervoso em minha perna direita. No ponto acima de meu joelho, na região mais sensível, que faz com que a dor ecoe por todo meu fêmur.

– Ai! Maldito!

Transfiro meu peso para a outra perna para evitar cair, mas piso em cima da mão de Warren e disparo um efeito dominó não muito silencioso.

– Ei! Cuidado com os meus dedos, otário!

– Cara, pare de empurrar!

– Cale a boca, não consigo escutar!

– Você está arruinando tudo!

– Pare de me socar, porra!

Você sabe o que acontecerá agora, não sabe? Sim. As portas se abrem. E nós cinco somos despejados dentro da sala de uma só vez, como uma pilha de jogadores de futebol americano depois de a bola cair.

É claro.

Há um engasgo coletivo depois de nossa intrusão. O tipo de som que uma pessoa tomando sol faria depois de ser banhada por um balde de água gelada. Enquanto isso, a pilha de homens se esforça para desfazer o próprio nó.

– Humpf...

– Ai...

– Tire seu joelho das minhas bolas!

– Tire suas bolas do meu joelho!

Sou o primeiro a me recuperar. Com um pulo, fico em pé e abro um sorriso encantador para as garotas.

– Olá, meninas.

Levanto minhas mãos com as palmas para fora.

– Desculpe pela interrupção. Podem continuar, finjam que não estamos aqui.

Mas o encanto da luxúria fora quebrado. Com um olhar penetrante, Delores descasca sua banana e dá uma grande e forte mordida.

Eu me esquivo.

Minha irmã suspira.

– Vocês voltaram cedo.

Erin continua a analisar o controle remoto do cobiçado vibrador. Kate é a única que não parece aborrecida com nossa chegada. Ela se inclina para trás na cadeira e me encara com um olhar sonhador, com seus olhos grandes e brilhantes. Então solta um suspiro.

– Oi, amor.

– Olá, querida.

O restante dos caras agora está em pé, e Jack vai até a mulher dominatrix, que está ocupada juntando toda sua parafernália da safadeza.

Sua abordagem é uma mistura de James Bond e Rico Suave.

– O'Shay. Jack O'Shay. Se você precisar de um assistente ou um modelo para demonstrar a técnica correta... eu estaria honrado em preencher essa vaga. Estou disponível até amanhã à noite.

Ele entrega seu cartão e sussurra:

– Ligue para mim... o número está no verso.

Ela olha para ele de cima a baixo com apreciação, cutucando o cartão com uma de suas unhas vermelhas.

– Vou me lembrar de sua oferta.

Mas Matthew, como eu, não está pronto para que a festa termine.

– Espere, você não precisa ir embora agora.

Dee-Dee fica em pé e segura uma revista.

– Tenho um catálogo, Matthew. Vamos olhar juntos em nosso quarto. Você pode fazer uma lista de Natal.

Os olhos dele a seguem enquanto ela vai embora, e então galopa atrás dela como um cachorro perseguindo um osso.

Erin anuncia que ela irá tirar uma soneca, e minha irmã e Steven desaparecem sem dizer uma palavra um ao outro, ou a mais ninguém. Meus olhos nunca saem de cima de Kate. Só se passaram algumas horas, mas... ainda assim, sinto falta dela.

– Você parece relaxada – comento. – Você teve uma tarde legal?

Kate fica em pé e desliza as palmas das mãos pelo meu peito e ombros, me apalpando.

– Foi boa. Mas sei como torná-la ainda melhor.

Ela enrosca os braços em meu pescoço e desliza a língua ao redor de minha orelha. No começo é suave, como ela me provoca. Então ela mergulha lá dentro com a pressão perfeita para fazer meus joelhos ficarem moles.

Todo cara tem um ponto. Um lugar altamente sensível que, quando estimulado, vai direto para seu pau. Para alguns, é o pescoço ou a barriga. Para alguns malucos são os dedões. Mas para mim? Minhas orelhas. Kate sabe disso.

Sugando o lóbulo levemente, suas mãos percorrem as laterais de meu corpo até minhas costas e, então, se acomodam em minha bunda com um aperto firme. Não estou reclamando – afinal, estamos falando de mim aqui –, uma apertada na bunda ou uma pegada no pau nunca é uma coisa ruim. Mas Kate geralmente tende a ser mais conservadora. Menos explícita em seus avanços sexuais, particularmente quando outras pessoas estão por perto.

Inclino a cabeça para trás para ver seu rosto. Seu sorriso é preguiçoso, e seus olhos... Eu disse que eles eram brilhantes? Agora não. Eles estão vidrados. Há uma diferença.

– Você andou fumando o pacote da virilha do Warren?

Ela morde os lábios. Culpada. Ela levanta dois dedos, pinçando-os juntos e fecha um dos olhos.

– Só um pouquinho.

Então ela me olha com um ar inocente e adorável.

– Você está bravo?

Como eu disse antes, não gosto de drogas. Elas não são apenas um vício. São uma muleta. Um apoio químico para indivíduos de mente fraca que não conseguem lidar com as besteiras diárias da vida. Mas não é como se ela estivesse engolindo uma pílula três vezes por dia. Desde que a conheci, ela ficou chapada exatamente duas vezes. Ambas com Dee-Dee, quando nós quatro saímos de férias juntos. Kate não compra e nem cultiva as próprias coisas. Ela certamente não ficaria alta perto de nosso filho.

Então, se ela quiser relaxar e acender um durante uma lua azul, não serei o cara moralista e arrogante que lhe dará um sermão por causa disso.

– É claro que não estou bravo.

Seu sorriso cresce.

– Ah... Isso é bom. Porque eu tenho planos... Planos que requerem que você não fique bravo – ela ri maleficamente. – Bem... tudo bem se você ficar um pouquinho bravo.

Então, ela acopla os lábios em meu pescoço, sugando e beijando, gemendo suavemente. Já mencionei que a maconha faz que Kate fique com tesão? Sim, é verdade. É outra razão pela qual estou perfeitamente feliz com sua atual condição.

Eu a agarro e a carrego em meus braços, no estilo princesa. Ela grita. Então digo a Jack:

– Nós estaremos em nosso quarto. Não bata na porta, a não ser que o lugar comece a pegar fogo.

Agora que a anfitriã das deusas foi embora, Jack está se sentindo carente.

– Achei que nós fôssemos jogar Xbox?

– Mudança de planos. – Viro-me e caminho em direção ao nosso quarto.

– Isso não é legal, cara. Amigos antes das... – Eu o encaro para interrompê-lo. Porque não irei deixá-lo terminar aquela frase de jeito algum, quando ele está falando sobre minha noiva.

Ele entende a dica.

– Tudo bem. Paus antes das minas, então.

– Você deveria repensar isso. Porque enquanto você estará aqui esfregando esse controle com Warren, eu estarei lá dentro, com Kate. Não há competição, amigão.

Passo pela nossa porta e a fecho atrás de mim com um chute. Então coloco Kate em pé, seguro seu rosto com as mãos e sugo o ar de dentro dela com um beijo. Puxo o robe cor-de-rosa de seu braço, expondo a pele cremosa de seu ombro. Eu a experimento com minha língua, e devagar vou chegando até o pescoço.

Ela inclina a cabeça para o lado e solta um gemido. Minhas mãos tiram o robe em um movimento rápido, assim como a camisola preta de cinta que está por baixo, deslizando-os pelo corpo de Kate em um círculo de cetim ao redor de seus pés. Depois de beijar seus lábios profundamente uma última vez, eu ajoelho à sua frente, absorvendo a visão de sua linda nudez.

Ela é perfeita. Eu não deveria ficar surpreso. Eu sei como ela é. Mas ainda assim, cada visão dos seios firmes de Kate, da sua cintura plana, de suas pernas torneadas e suaves, me excita como um garoto vendo um filme pornô pela primeira vez.

Porque ela é minha. Porque ela é incrível. Porque ela me quer tanto quanto eu a quero. E é assim que deve ser. É assim que devemos nos sentir, do jeito que será pra sempre: uma bruma intensa de luxúria, calor e adoração.

Seus olhos pesados me encaram enquanto eu me inclino à frente e beijo a pele ao redor de sua boceta. Ela é completamente suave e macia, recém-depilada. Kate se afasta um pouco com o meu contato.

– Está sensível? – pergunto.

Em momentos como esse em particular, fico feliz por ser homem. Porque dar uma aparada com um barbeador elétrico é uma coisa. Ter grandes tufo de pelos arrancados de você com cera quente? *Não, obrigado.* Parece uma maldita técnica de tortura, não é?

Mas os resultados são ótimos.

Ela solta a respiração.

– Só um pouco sensível.

– Serei gentil.

Seguro sua bunda e trago sua doce vagina para minha boca. Eu a acaricio com minha língua, como um artista pintando uma tela em branco. Devagar no começo. E, então, mais profundo, com mais propósito, mais pressão. E sou arrebatado pela textura. A visão, o gosto, e o perfume. É uma sublime sobrecarga dos sentidos.

Os santos podem ficar com os céus, porque essa região entre as pernas de Kate Brooks é muito melhor. É o paraíso na Terra.

Vamos parar por um segundo. Não quero arruinar o clima, mas devemos falar sobre um assunto “muito especial”. Um assunto sobre o qual a juventude masculina hoje em dia está tragicamente desinformada. Eu gosto de chamá-lo de artimanha da Linguística.

Você deve conhecê-lo como sexo oral. Jantar no Y. Limpar o tapete. Almoço na lancheira. A questão é que comer boceta é uma habilidade adquirida. Toda aquela história de escrever o alfabeto com a língua é para preguiçosos que não conseguiriam encontrar um ponto G com uma droga de lanterna e um dispositivo GPS.

Você deve se apropriar de seu ofício. Desenvolver sua técnica. É muito parecido com... jogar basquete. Apenas saber os movimentos corretos não irá garantir que você faça pontos.

Porque você deve saber com quem você está jogando. O tipo de movimento ao qual essa pessoa responde. Muita atenção em um clitóris sensível pode acabar com o momento. Se não der muita atenção, a garota irá checar as horas no relógio e pensar: *será que ele já terminou?* A linguagem corporal é crucial. Interpretar os sinais, as dicas.

Nesse momento, a boceta de Kate está pingando. Desejo molhado escorre pelas coxas. E é glorioso pra cacete. As mulheres nunca deveriam ter vergonha de estarem excitadas. Mesmo se você esguichar como uma pistola de água de alta pressão ou jorrar como um poço de petróleo. Orgulhem-se. Os homens adoram.

Porque é impossível fingir isso.

Como a Sally demonstrou naquele filme do Billy Crystal nos anos 1980, só porque uma mulher age como se ela estivesse gozando, não significa que isso esteja realmente acontecendo. Para algumas mulheres, cada engasgada, arranhada de unhas e gritinho pode ser suspeito. Ela está realmente tendo um orgasmo? Ou só está cansada de ser penetrada? Mas sentir, ver aquele desejo puro diz ao homem que ela realmente está curtindo. Que *elas* estão fazendo *direito*. E isso faz com que nós homens queiramos fazer *mais*.

Agora que já fiz minha boa ação do dia, voltemos ao quarto.

O quadril de Kate começa a ir ao encontro do meu rosto. Minhas mãos a ajudam. Ela inclina a parte de cima do corpo contra a parede. Suas respirações ficam mais rápidas e ela eleva o rosto. Seus olhos se fecham. Então vem a explosão. Ela agarra a parte de trás da minha cabeça, me segurando no lugar enquanto ela se espreme e se move contra mim. Sua boca abre, mas não sai nenhum som.

Maravilhosa pra cacete.

Depois de um minuto, sua pegada alivia e seus olhos se abrem. Ela olha para mim com um sorriso de satisfação, e eu beijo um caminho por seu corpo acima enquanto fico em pé. Seus braços moles se levantam lentamente e envolvem meu pescoço, e antes de pressionar sua boca na minha, ela sussurra:

– Tão bom.

Eu achei bom também, mas é sempre legal ouvir. Enquanto ela me beija, minhas mãos encontram sua bunda novamente. A bunda de Kate me lembra do animal de pelúcia favorito de uma criança. Quando a alcanço, não consigo largá-la.

Arrasto seu corpo pelo meu e suas pernas travam em volta de minha cintura. Agora que eu fiz Kate gozar, meu plano é desacelerar as coisas. Ir devagar. Porque quando você tem filhos, o tempo nunca mais é seu amigo. Mesmo na calada da noite, há sempre o pensamento, a possibilidade à espreita de que o tempo irá se esgotar. Mas não é o caso agora.

James, que eu amo com tudo que eu sou, é problema de meus pais agora. Planejo aproveitar ao máximo, passando as próximas horas fazendo todas as coisas divertidas, depravadas e gritantes que eu não arriscaria fazer com ele por perto.

– Estou devendo uma massagem para você – sussurro para ela.

Mas Kate tem outras ideias. Ela alcança lá embaixo e tira meu pau duro como pedra de dentro dos meus shorts. Ela o masturba como uma expert, até eu ficar vesgo.

– Você pode me massagear depois. Preciso que você me foda agora.

Caramba. Adoro quando ela é mandona. Com uma das mãos, tiro meus shorts por inteiro. Assim, nós nos alinhamos e eu a penetro devagar.

– *Caramba.*

O corpo dela incha ao meu redor. Me toma para dentro e me segura firme.

Isso pode soar estúpido, e romântico demais, dizer que o corpo de Kate foi feito para o meu. Mas não quer dizer que não seja verdade. Meu quadril se afasta, e seus músculos apertam mais. Não querem me deixar sair. Penetro mais profundo até que o traseiro de Kate bate na parede atrás dela. Eu meto dentro dela com estocadas curtas e firmes, batendo contra a parede com um ritmo de tambor. Nós engasgamos e gememos juntos, xingamos e murmuramos com cada estocada.

Não é gentil. E nem silencioso. Fazemos barulho o bastante de modo que o resto da casa consiga nos ouvir. Nós fazemos barulho o bastante para que até a Indonésia consiga nos ouvir. Segurando-a contra mim, eu me viro com as costas empurrando o batente da porta do banheiro. Eu a movimento para cima e para baixo suavemente. Meus braços ficam doloridos com essa ação, e uma película de suor cobre nossa pele.

Então dou alguns passos para dentro do banheiro, até o balcão. Eu a coloco em cima, derrubando frascos de perfume e sabonete facial no chão. Eu a beijo profundamente, e sua língua dança contra a minha. Ela se afasta e aperta meu quadril com as mãos, tomando controle do ritmo.

Ela geme e implora e ordena:

– Devagar.

Faço o que ela manda, girando meu quadril em círculos sensualmente lentos. Me chocando contra ela, nos trazendo mais próximos daquele poderoso ápice com cada respiração que tomamos.

– *Porra...* – sussurro, porque é a única maneira que consigo falar.

– *Drew...* – ela responde com um choramingo profundo.

As pernas de Kate tremem, balançam sob minhas mãos estáveis. Eu movo mais rápido, penetro-a mais forte, sedento pela sensação de seus músculos quentes e apertados pulsando e se contraindo ao meu redor. O salto alto dos sapatos que ainda abrigam seus pés cava em meu traseiro enquanto ela sincroniza o vaivém do meu quadril com o dela.

E, então, ela está me agarrando, peito com peito, seus dentes mordendo meu ombro enquanto ela grita:

– Sim... sim...

Quando você teve tantos orgasmos quanto eu tive, eles tendem a se misturar, formando uma memória feliz geral. Mas de vez em quando, um se destaca do resto. É um momento sobre o qual vou pensar depois, reviver na minha próxima viagem de negócios quando masturbação for meu único recurso.

Este é um desses orgasmos.

O êxtase me rasga como um míssil submarino atravessa o oceano. Inclino-me sobre Kate, pressionando-a contra mim, tentando ficar mais próximo, absorver cada grama de alegria que ela está me dando. Acho que grito seu nome, mas não tenho certeza.

Alguns momentos mais tarde, depois que o som da pressão do sangue em minhas orelhas diminui, observo os olhos sorridentes de Kate. Ela afasta meus cabelos molhados da testa. Então, ela beija a tatuagem com o nome do nosso filho em meu peito.

E ela me abraça, me segura, descansando a bochecha contra meu coração.

– Eu amo você, Drew.

Deveria ser esquisito ter palavras tão doces e ações tenras depois do sexo cru e brusco que

nós acabamos de aproveitar. Mas para nós? Não há nada de esquisito.
Para nós, é perfeito.

Capítulo 9

Eventualmente, dei a Kate aquela massagem. Não que ela estivesse precisando, já que estava tão relaxada, mas esfregar óleo de bebê morno no corpo de Kate é minha ideia de diversão. Não é preciso ser um gênio para saber como as coisas se desenrolaram. E é por isso que Kate está apagada na cama neste momento. Eu a deixarei dormindo por mais uns vinte minutos antes de ter que acordá-la. Porque é senso comum que as mulheres levam uma eternidade e um dia para se aprontarem para sair à noite. Kate pode ser diferente de outras garotas em muitos sentidos. Mas, nesse caso, é exatamente o mesmo.

Saio do quarto e vou até a cozinha, procurando por algum alimento. Homens não conseguem viver só de sexo, apesar de essa ser uma ideia muito legal. A casa está quieta. Jack e Warren provavelmente saíram para escapar dos sons do rala e rola ao redor deles.

Faço um sanduíche de peru com pão de centeio para mim na cozinha, e então olho para as portas da sacada e vejo minha irmã sentada sozinha no pátio privado de tijolos na parte de trás da *villa*.

Balanço a cabeça mentalmente e saio pelas portas. Alexandra me olha rapidamente e então volta a observar a folhagem rodeando o jardim. Não estou acostumado a ver minha irmã com esse olhar desamparado. É perturbador.

Sento-me na cadeira a seu lado e coloco meu sanduíche sobre a mesa. Devo começar gentilmente. Sem acusações. Com consideração. Eu deveria ser diplomático.

– Que porra está acontecendo, Lexi?

Ela toma um gole do copo de martini que está na sua mão e o coloca na mesa.

– Vá embora, Drew. Eu gostaria de ficar sozinha.

– Eu gostaria de comprar uma ilha particular no sul do Pacífico e chamá-la de Drewlândia, mas isso não acontecerá tão cedo. Nem sempre podemos ter o que queremos.

Pego o copo cheio com a mistura rosa e o cheiro. Minha cabeça faz um movimento brusco para trás e meu nariz se enrugou. O que quer que minha irmã esteja bebendo tem cheiro de amônia com frutas, como mijo de morcego com perfume de morango.

– Se você irá envenenar seu corpo, ao menos tenha a decência de usar uma toxina de uma marca premium.

Álcool barato é restritivamente reservado para bêbados e garotos de faculdade que não conhecem nada melhor.

Seu rosto está impassível. Preguiçoso e triste. Ela balança a cabeça levemente.

– Você não entende.

Eu jogo o drinque dela no chão.

– Assim você me ofende. Farei você perceber que eu entendo todas as perspectivas: homem, mulher ou criança. Deus e eu somos bastante parecidos nesse sentido.

Pauso por um segundo e minha voz suaviza.

– O que há de errado, Alexandra? O que quer que seja, talvez eu possa ajudá-la.

O tom de sua voz é monótono. Sem vida.

– Steven irá se divorciar de mim.

Eu pigarreio.

– Pelo jeito como você está agindo nos últimos tempos, eu não o culpo.

Preparo minha mão para bloquear o copo que estou quase certo de que está prestes a voar em espiral até a minha cara. Mas ela não joga nada em minha direção. Em vez disso, algo mais chocante, e mais horripilante, acontece.

A Vaca cobre o rosto com as mãos e começa a chorar ali dentro.

Engulo forte. Então olho em volta, esperando que aquele babaca do Ashton Kutcher saia pulando e gritando “você foi pego!”, porque Alexandra Evans não é uma chorona. Ela é ativa, conserta as coisas.

E no decorrer da história da humanidade, chorar nunca consertou nada.

Começo a gaguejar. E faço a pergunta mais estúpida de todas:

– Você está... Você está chorando?

Na minha cabeça, ouço a voz de Tom Hanks ecoando: “*Ninguém chora no beisebol!*”

A Cleópatra chorou quando o Egito foi saqueado? A Joana d’Arc chorou quando a Igreja Católica chamou-a de bruxa? Elas são as companheiras da minha irmã.

Alexandra balança a cabeça, mas as lágrimas continuam fluindo.

– É minha culpa. Eu o afastei. Eu tenho sido uma companhia miserável. Tenho o tratado terrivelmente.

– Bem, se você sabe disso, por que você simplesmente não... para? Parece simples, certo?

Errado.

– Não consigo evitar. Estou tão triste. E brava. Não é justo. Sou muito jovem para ser uma ameixa seca reprimida!

Agora ela está se superando. Fungando e com o nariz escorrendo por todo lado. Não tenho um lenço, então tiro minha camiseta, apesar de ser uma das minhas favoritas, e dou para ela. Alexandra assoa o nariz. Parece um ganso morrendo.

Apesar de eu não fazer ideia sobre o que ela está falando, sei que deveria dizer alguma coisa.

– Bem... As ameixas têm sua utilidade. Alguns meses atrás, James estava com prisão de ventre. Nós demos algumas dessas danadas para ele comer e funcionou. Era como um removedor comestível. Limpou tudo. Ameixas são demais.

Ela para, e me lança um olhar perplexo e vermelho.

– Sobre o que diabos você está falando?

– Eu não faço ideia! Estou tentando confortá-la.

– Bem, é bom que eu não acostume a pedir conforto a você, então. Você é péssimo!

Ela volta a chorar em cima da minha camiseta.

Belisco a ponta de meu nariz e respiro fundo. Vamos tentar de novo.

– Você disse que estava brava. Triste. Por que você está brava e triste, Alexandra?

Ela limpa o rosto e começa a falar rapidamente, com pressa.

– Minha menstruação era como um relógio. A cada vinte e sete dias, em ponto. Então quando ela não veio, eu pensei: *ah, que droga*, sabe? E apesar de o teste ter dado negativo, presumi que estava cedo demais. Então, fui até o médico e tinha tanta certeza de que ele ia me

contar que eu estava grávida. E apesar de não ser planejado, comecei a me acostumar com a ideia de ter outro filho. Eu estava animada. Mas então... ele me disse que eu não tinha engravidado.

Uma bola de gelo se acomoda em meu estômago.

– Você não... Você não está doente, está?

Ela balança a cabeça.

– Não. Não estou doente.

Ela respira para se purificar.

– Ele disse que é a menopausa. Menopausa precoce. Não posso ter mais filhos. Estou infértil.

Ela chora silenciosamente por um minuto.

Esfrego o ombro dela gentilmente.

– Você e Steven queriam muito mais filhos?

A sobancelha dela se contrai.

– Bem... Não. Nós sempre planejamos ter dois. Depois que Thomas nasceu, até conversei com Steven sobre fazer uma vasectomia. Ele não gostou muito da ideia.

Tento entender o problema. Mas falho, então pergunto:

– Mas se você não queria mais filhos, então por que está tão devastada sobre não poder ter mais filhos?

– Porque sou uma mulher, Drew! Eu crio vidas. Eu nutro. É isso que nós fazemos.

Não. Ainda não consigo entender.

– Mas isso não é *tudo* que você faz. Digo, *Jesus*, Alexandra, não é como se você fosse uma parideira de *O conto da Aia*. Então, a cesta de ovos está vazia? Grande coisa. Você tem duas crianças lindas. Fique feliz com elas. Talvez essa seja a maneira de a natureza dizer a você que não deveria ter mais filhos. Já vi o que uma gravidez faz com seu corpo. Não é legal.

Agora ela está me encarando. O que é um bom sinal. Consigo lidar com a Alexandra brava.

– Eu *estou* feliz com os dois filhos que tenho. É que... era bom ter a opção de ter mais... mesmo que isso nunca acontecesse. Eu me sinto... traída. E velha. Tenho as entranhas de uma mulher de sessenta anos, Drew. Quanto tempo irá demorar para que o exterior reflita isso? E você reparou no Steven ultimamente? Em breve alguma vadia interesseira irá colocar as patas em cima dele, e ele estará preso com uma esposa que se parece com a Barbara Bush!

Ela enterra o rosto na camiseta novamente, e não consigo evitar de rir. Só um pouco.

– Lexi... você dificilmente está parecida com a Barbara Bush. Você está mais para Christie Brinkley. E além disso, o Steven ama você. *Você*. Não seus malditos ovários. Você é o centro do universo dele, a mandona que reclama de tudo. Você sempre foi. Enquanto o restante de nós estava se masturbando pensando na Irmã B, Steven estava se masturbando pensando em você.

E não pense que me sinto confortável em saber disso.

– Ele nunca trocaria você por uma tonta de perna fina que está somente interessada no tamanho da conta bancária dele. Steven é muito esperto para isso.

Ela levanta o olhar, quase esperançosa.

– Como você se sentiria se Kate dissesse que não poderia ter mais filhos?

Eu tomo um momento para pensar sobre isso. Imaginar as possibilidades.

– Se Kate me dissesse que eu poderia transar com ela e nunca ter a preocupação de engravidá-la, eu faria uma dança folclórica irlandesa ao longo da Quinta Avenida inteira.

Seria como o Natal o ano inteiro. Sem mais TPM, ou me abster por três a cinco dias todo mês... A não ser que você deixe o Steven se aventurar na maré vermelha. Se você fizer isso, por favor, minta para mim.

Fazer sexo durante o período menstrual é um impedimento para Kate. Não importa o que eu diga, não importa o que eu faça, ela não se interessa. O que eu *nunca* irei entender. Nós somos caçadores, garotas. Nós *gostamos* de sangue. É parte da razão pela qual filmes de ação e de guerra são tão sanguinolentos. Não achamos que é nojento. Não achamos que é sujo. Nós achamos que é... mais lubrificante.

Não olhe assim para mim. Só estou sendo sincero.

As lágrimas quase secaram. Alexandra continua a fungar e soluçar.

– Mas você não quer mais filhos?

– Claro que quero mais. James é ótimo. Eu teria mais vinte filhos com Kate, *na teoria*. Na realidade, é uma história diferente. Crianças são difíceis.

Alexandra faz que sim com a cabeça.

– Você precisa conversar com Steven. Você está torturando o cara. É uma punição cruel.

– E se ele olhar para mim com diferença?

– Ele não fará isso.

– Como você pode ter certeza?

Inclino à frente e tento buscar as palavras certas.

– Porque... Porque quando Kate estava grávida de James, ela estava tão gorda quanto uma casa. E ainda assim eu queria comê-la tanto quanto quero agora. Porque quando eu olho para ela? Eu vejo apenas Kate... A mulher que entrou na minha vida cinco anos atrás e bagunçou tudo. Que me chacoalhou, me virou de cabeça para baixo, e me fez... mais. Então, mesmo quando ela se enrugou toda e ficou grisalha, ela ainda será a Kate. Ela ainda me fará rir e me tirar do sério... e ela ainda me amará mais do que mereço. E sei que Steven sente a mesma coisa por você.

Alexandra esfrega os olhos com minha camiseta por uma última vez. Ela começa a voltar ao normal.

– Então... você está dizendo que eu estou exagerando sobre isso?

– Estou dizendo que se você contar ao Steven, isso não parecerá mais tão grande.

Ela lança um pequeno sorriso para mim.

– Você está certo. Sei que você está certo. Falarei com ele hoje à noite.

– Ótimo.

Alexandra fica em pé, se inclina em minha direção e me dá um abraço. Eu a aperto, para que ela saiba que estou aqui para o que ela precisar. Para escutar, e chutar sua bunda quando essa rara oportunidade aparecer.

– E não comece a fazer desse desmoronamento um hábito – brinco. – Tenho os direitos exclusivos do comportamento autodestrutivo nesta família.

Ela ri e caminha em direção à casa. Então, faz uma pausa e se vira para mim:

– Ei, Drew?

– Sim?

– Quando foi que você ficou tão inteligente?

Essa é fácil de responder.

– Mais ou menos cinco anos atrás.



Depois que termino meu sanduíche, volto para o quarto para acordar Kate. Mas quando chego lá, ela já está acordada, tomando um banho. Lavando o corpo pelo qual sou obcecado, e cantando.

*Nobody dies it half as good as you
Baby, you're the best*

Sua voz flutua pelo banheiro e ecoa pelos azulejos. É uma música brega, da Carly Simon, de algum filme do James Bond dos anos 1970. Mas o prazer ainda borbulha em meu estômago e se espalha para meu peito ao ouvir esse som. Porque assim como tenho a certeza de que Delores um dia será enviada a um abrigo para criminosos malucos, sei que Kate está cantando sobre mim. Cruzo os braços, encosto na porta e a observo através do vidro embaçado de vapor. Ela inclina a cabeça para trás sob o fluxo de água quente. Seus peitos se destacam, altos e orgulhosos, mais provocantes do que qualquer dançarina em um show de Vegas. Seus cabelos longos esfregam seu traseiro, brincando de esconde-esconde com a tatuagem de borboleta na lombar.

Kate desliga a água e sai do chuveiro. Ela sorri quando me vê.

– Ei, você. Onde você estava?

Eu provavelmente deveria dar uma toalha a ela. Seria uma coisa legal de se fazer. Os azulejos do banheiro estão frios, e se seus mamilos empinados são alguma indicação, ela está com um pouco de frio. Mas você não acha que farei isso, acha?

Vamos lá.

Até parece que eu iria deixar passar a oportunidade de comer Kate Brooks com meus olhos em todo seu esplendor molhado e com a bunda de fora. E mamilos duros são incríveis. Então, como o garoto de escola pervertido e risonho que ainda sou, não me movo um centímetro enquanto Kate se movimenta pelo banheiro e pega um robe do cabide na parede, e então cobre minha visão prazerosa favorita.

– Eu estava lá fora com a Alexandra.

Kate retorce uma segunda toalha ao redor da cabeça naquele estilo coroa alta que só as mulheres são capazes de fazer. Então ela faz uma cara de preocupada.

– Ela está meio diferente ultimamente. Espero que ela converse comigo hoje à noite sobre o que está acontecendo entre ela e o Steven.

– Estou mais adiantado. Está tudo certo.

– O que aconteceu?

Vou até o chuveiro e volto a ligar a água com toda a força. Então tiro minha cueca. Apesar da seriedade da conversa, agora Kate é que começa a me comer com os olhos.

Legal.

– Sua fábrica de fazer bebês recebeu um aviso de fechamento precoce.

– O que isso significa?

– O médico disse que ela está na menopausa.

Kate leva a mão até o peito e solta um suspiro cheio de empatia.

– Mas ela é tão jovem!

Concordo.

– Sim. Ela está toda confusa. Está com medo de contar para Steven, mas eu a convenci a conversar com ele mais tarde. Eles irão acertar tudo.

Os olhos de Kate se arregalam.

– *Você* a convenceu a conversar com Steven?

– Sim.

– Como você conseguiu fazer isso?

– Ela falou, chorou, e eu... a confortei.

Agora, Kate parece confusa.

– *Você a confortou?*

– Que porra é essa, você é um papagaio? Sim, eu a confortei. Por que você está chocada?

Kate cruza os braços em frente ao peito.

– Bem, vejamos. Será que é porque quando o gato da Mackenzie morreu, sua ideia de conforto era dizer a ela para não ficar triste, pois “agora o Snowball estava com todos os seus amigos felinos no inferno”?

Eu poderia ter escolhido melhor as palavras.

– Ou talvez porque quando a minha mãe perdeu o batizado de James por causa daquela nevasca, você a *confortou* dizendo que quando ele crescer, ele mal saberá quem ela é?

Algumas pessoas simplesmente não aguentam a verdade.

– E, então, teve a vez em que...

Coloco a mão sobre a boca espertinha dela. Seus olhos escuros e profundos me encaram com zelo e afeição provocante.

– Eu admito, nem todo mundo é capaz de absorver minha marca particular de conforto. Mas nesse caso, a Alexandra conseguiu. Por minha causa, ela e Steven estão no caminho de volta à alegria matrimonial. Por isso, mereço um tapinha nas costas. Uma punheta também funcionaria.

Kate explode em risada. Ela envolve os braços em meu pescoço, pressionando sua barriga coberta pela toalha contra meu pau. Ela levanta o queixo.

– É bom ser o casal exemplar no grupo, ao menos uma vez. Parabéns para nós. – Ela levanta a mão. – Toca aqui.

Eu olho para a mão dela e então balanço a cabeça de um jeito desdenhoso.

– Eu não faço esses cumprimentos. – Balanço os dedos. – Mas se você estiver interessada em algumas dedadas, ficarei feliz em providenciar.

Kate dá risada.

– Você é tão pervertido.

Dou um selinho em seus lábios.

– Por você? Sempre. Agora pare de tentar me seduzir e me deixe tomar um banho.

Enquanto ela sai andando, analiso seu traseiro, para me certificar. E, então, entro no chuveiro e fecho a porta de vidro atrás de mim. Coloco a cabeça embaixo da água lancinante e deixo o calor relaxar os músculos do meu pescoço e costas.

Através do vidro um vulto da Kate se movimenta, dando início ao longo ritual para se aprontar.

– Liguei para os seus pais para ver como o bebê estava.

– O que eles disseram?

– Sua mãe parecia exausta, mas as crianças estão ótimas.

Como eu esperava.

Cinco minutos depois, saio do chuveiro. Enxugo-me com a toalha e coloco uma cueca nova. Então, vou até a pia e passo creme de barbear em meu rosto. Kate entra novamente no banheiro e fica em pé ao meu lado, passando a maquiagem. Seus cabelos estão úmidos, mas ela não está mais usando o robe. Em seu lugar está um conjunto de sutiã e calcinha combinando de dar água na boca.

Eles são de seda cor-de-rosa com uma camada de renda preta por cima. A calcinha tem um corte alto, no estilo biquíni, e o sutiã empurra seus seios para cima e os unem, criando uma linha de decote sexy pra cacete. Ela coloca pó no rosto enquanto eu a observo.

– Lingerie nova?

Mantenho um catálogo mental de todas as roupas íntimas de Kate, organizado por cor e estilo. Eu nunca tinha visto aquelas antes. Eu definitivamente lembraria.

Ela gira o quadril, me mostrando suas qualidades.

– Sim. Não é bonitinho?

Bonitinho? Não. Estimulante de ereção? Sim.

– Há uma botique La Perla no andar de baixo. Comprei antes do tratamento no spa.

Não consigo evitar de contemplar o que ela estava pensando quando fez a compra. Digo, uma noite quente em casa depois de James dormir é uma coisa. Um novo figurino sempre torna as coisas mais interessantes. Mas hoje à noite, nem estaremos juntos. Dependendo da condição em que estivermos quando voltarmos ao quarto, teremos sorte se conseguirmos passar mal um ao lado do outro.

– Sei.

Essa única sílaba faz que ela faça uma pausa. A mão que estava aplicando o delineador para enquanto ela me olha.

– O quê?

Continuo a me barbear.

– Você não trouxe mais nenhuma lingerie?

A sobrancelha dela se enruga.

– Claro que sim. Você não gosta dessa?

Limpo a lâmina na água da pia.

– Não. Ela é ótima. Só achei que talvez você pudesse usar algo diferente. Algo mais branco, de algodão, com mais cobertura.

Um cinto de castidade com trava tripla seria suficiente.

Ela inclina a cabeça para o lado, tentando descobrir onde quero chegar com isso.

– Não, Drew, eu não trouxe nenhuma das minhas calcinhas de avó.

Você acha que sou louco, eu sei. Mas não sou. Eu disse a você um tempão atrás. Eu jogo xadrez. Não penso simplesmente na próxima jogada. Penso nas próximas cinco jogadas. Então não posso evitar questionar por que diabos Kate compraria uma calcinha nova que faria qualquer homem com meia pulsação querer se ajoelhar e rasgá-la com os dentes. É como... quando uma mulher raspa as pernas antes do primeiro encontro, mesmo que ela esteja vestindo uma calça. Talvez ela não perceba, talvez ela não queira admitir, mas o único motivo pelo qual ela está fazendo aquilo é porque alguma parte de seu cérebro espera que ela se dê bem.

– Sei.

Kate apenas me olha de lado. Eu cutuco meu queixo com uma toalha de mão enquanto ela

termina de se maquiar. Enquanto ela passa *gloss* sobre seus lábios suculentos, eu não consigo deixar de falar:

– *Gloss* com sabor, hein?

– O.k. Chega.

Ela coloca a tampa no batom e o joga dentro da bolsa. Então ela se vira para mim rapidamente.

– Você tem que parar. Agora mesmo.

– Parar o quê? Eu não disse nada.

– Você não precisou. Sei o que está acontecendo nessa sua cabeça depravada.

Cruzo os braços.

– Você acha?

– Eu *sei*. Você está tendo toda essa conversa consigo mesmo sobre por que eu compraria lingerie e quem eu vou deixar vê-la. E, então, você está pensando por que eu estou passando *gloss* nos lábios? Por que não um batom comum? A não ser que eu queira que alguém experimente?

Deus, ela é boa.

– Mas a verdade é que eu comprei isso para *mim*. Porque ter sutiãs e calcinhas que combinam fazem eu me sentir mais arrumada. E você deveria saber, senhor Eu-sei-de-tudo, que o *gloss* com sabor é o único que eu uso. Todos os dias.

– Você está soando terrivelmente defensiva, Kate.

– Não estou defensiva. Estou tendo uma reação natural ao ter que lidar com a maneira distorcida com a qual você vê o mundo.

Nós nos encaramos por alguns segundos, com os braços cruzados, sem nos mover. Até que Kate começa a se mexer. Ela pega um lenço de papel de dentro da caixa atrás da privada e limpa o *gloss* dos lábios. Com um toque de sarcasmo em seu tom de voz, ela pergunta:

– Pronto. Está feliz?

Eu deveria estar. Quer dizer, eu venci. Certo? Mas é meio difícil ficar feliz quando você está agindo como um otário.

– E já que a lingerie preocupa tanto você – ela desliza o pedaço de seda e renda por suas pernas e o joga para mim –, eu não usarei nada.

Ela começa a sair do banheiro, mas eu me coloco na sua frente.

– Uau! Espere um minuto. Vamos dar uma pausa na conversa de louco por um segundo.

Olho para Kate por alguns segundos. E, então, completamente arrependido, fico de joelhos em frente a ela.

Os braços dela ainda estão cruzados, mas seu olhar fica mais suave. Kate gosta que eu me ajoelhe.

– Você tem razão.

Suas sobrancelhas sobem, em uma inocência fingida.

– Sobre o que exatamente?

Eu sorrio.

– Que eu deveria confiar em você. Que eu confio em você.

Pego um de seus pés e beijo os dedos com as unhas pintadas de rosa-claro, e o deslizo por um dos lados da calcinha. Kate solta os braços, usando meus ombros para se equilibrar, enquanto eu repito a ação com o outro pé. Deslizo a calcinha por suas pernas, beijando cada

coxa com reverência enquanto termino.

– Confio em cada centímetro cheio de gloss com sabor e cada parte gostosa coberta por essa calcinha.

Ela sorri com perdão enquanto volto a pegar o gloss e o passo naqueles lábios perfeitos. Ela os esfrega e então solta um suspiro.

– Eu já disse a você que essa festa de despedida de solteira não valerá a pena se for para causar problemas entre nós. Seja honesto se você não aguentar. Você quer que eu diga para Delores cancelar a noite?

Isso não faz com que eu seja o fracote mais inseguro que já andou sobre a face da Terra? Mas nós devíamos examinar melhor esse momento por um segundo. Porque, na vida, nós fazemos escolhas. Algumas que parecem completamente inofensivas e totalmente insignificantes.

Até que elas comecem a se desenvolver.

Somente com um certo distanciamento nós percebemos o efeito monumental que as nossas decisões têm. É o homem de negócios que decide ir trabalhar alguns minutos atrasado e escapa de uma colisão fatal por segundos. O adolescente que guarda um rancor em relação a sua mãe, e acontece que seria a última conversa que eles teriam. O homem na rua que encontra uma nota de um dólar e a utiliza para fazer um jogo na loteria.

Pequenas escolhas podem levar a enormes consequências.

Eu estava tentando não ser egoísta. Eu queria fazer a coisa certa.

Você pode apostar que não cometerei *esse* erro de novo.

– Ninguém irá cancelar coisa alguma – digo confiante. – Tive um ataque de ciúme, fui um babaca, completamente temporário. O monstro de olhos verdes ficará dentro da jaula para o resto do fim de semana. O monstro de *um olho só* irá querer brincar com você depois.

Kate se estica para o alto e me beija. E eu estou com gosto de morango.

– Você irá sair com os caras e ser atacado por strippers sedentas por dinheiro. E estou bem com isso.

Eu concordo.

– E você irá sair com as garotas e estará cercada de homens seminus excitados, e isso não me incomodará.

– Somos o casal exemplar do grupo agora.

– Iremos nos divertir. Sem problemas.

Quando eu disse isso a ela, eu, honestamente, acreditei.

Capítulo 10

Alguns homens vestem ternos caros porque eles querem se sentir como se fossem ricos, mesmo que não sejam. Outros porque querem mostrar às pessoas a quantidade de dinheiro que têm. Para mim, é tudo uma questão de mentalidade. A atitude. Nunca tive um problema com confiança, mas para aqueles que têm, um terno bem ajustado faz você parecer mais alto, com uma postura melhor. Faz suas bolas parecerem maiores e passa aquela vibração de *Os bons companheiros* para ninguém se meter com você.

Desabotoo o paletó do meu terno Ermenegildo Zegna cor de carvão, e me sirvo com três dedos de uísque do bar da sala. Jack, Matthew e Steven compartilham minha afinidade por um terno benfeito e estão aprumados em seus próprios ternos Gucci, Newman e Armani, respectivamente. Nosso quociente de garanhões é alto. Qualquer fêmea em um raio de cinco metros acabará sendo pega pelo nosso radar.

Então, Warren sai de seu quarto. Vestindo uma camiseta verde toda enrugada, shorts de carpinteiro e sandálias. Sim. Malditas sandálias.

Tomo um gole de meu drinque e o encaro.

– Se eu soubesse que nós estávamos indo para a pista de skate, eu teria trazido o meu.

Ele está perplexo. Então olha para o restante de nós e depois para o seu próprio figurino. Ele encolhe os ombros.

– Gosto de estar confortável. Vocês parecem que estão indo para um funeral. Eu pareço relaxado.

– Você parece um perdedor – argumento –, e isso é inaceitável para hoje à noite. Minha orientação somente levará você até certo ponto. Se você quiser atrair sexo de qualidade? Você tem que elevar o seu nível. Isso significa um terno decente, ou ao menos uma calça bem-arrumada, preferencialmente uma que não seja feita do mesmo material que os macacões de presídios. – Eu entorno o resto do meu drinque. – E que diabos está acontecendo com o seu cabelo?

O cabelo ondulado e castanho-claro de Warren está menos domado do que o de costume. Eles estão mais altos, e mais cheios, como uma senhora que acaba de sair do salão de cabeleireiro. Ele dá um tapa no topo da cabeça com bastante atenção.

– Esqueci meu gel. Mas tudo bem, as garotas gostam de cachos.

– Sim, se estivéssemos em 1998 e seu nome fosse Justin Timberlake.

Jack intervém.

– Eu ajudarei você, cara. Sempre trago a minha máquina. Nós aparamos o volume, penteadremos para trás. Sua própria mãe não irá reconhecer você.

Steven coloca seu copo de uísque sobre o aparador. E, então, cutuca o queixo, pensativo.

– E eu chamarei o *concierge*. Pedirei para eles trazerem algo da butique Armani perto do lobby.

Ele analisa Warren de cima a baixo.

– Você deve ter uma cintura tamanho trinta, talvez trinta e dois, com um paletó bem ajustado. Uma gravata azul-clara irá enfatizar a cor de seus olhos.

Bem-vindos, senhoras e senhores, à uma nova edição de *A gaiola das loucas*.

E Matthew torna tudo muito pior. Ele toca as pontas dos dedos e diz em um tom agudo.

– Hora da transformação!

Meus olhos focam em sua direção.

– Nunca mais faça isso.

– Exagerei?

– Definitivamente.

Vinte minutos depois, Warren está aprumado em um sofisticado terno azul-marinho, camisa preta e sapatos Prada brilhantes. Seu cabelo está meio molhado, curto no topo e penteado para trás nas laterais. Ele parece... Aceitável. Extremamente estranho e incomodado, mas aceitável.

Fico em pé em frente a ele e esfrego seus ombros, inspeciono suas roupas como um general no quartel.

Enquanto ele reclama como uma vadia.

– Isso coça.

Ele mexe o pescoço e pisa com um pé só e depois com o outro.

– Pare de se mexer.

Ele puxa o colarinho.

– Está duro.

– É novo. É assim mesmo. Ajeite a postura.

Jesus, eu estou soando como meu pai ou o quê?

Passo a gravata azul por seu pescoço para demonstrar como dar o nó. Mas então tenho uma ideia melhor.

Há uma excelente chance de eu acabar estrangulando-o com esse negócio. E ter que viajar até o deserto para enterrar um corpo seria uma grande inconveniência agora.

Steven, que transformou paciência em uma forma de arte, toma meu lugar.

– O.k., Billy, o coelho sai da sua toca, dá a volta na árvore...



Você pode dizer muito sobre uma pessoa pelo jogo que ele ou ela joga no cassino. Viciados em adrenalina, aqueles dispostos a aceitar grandes riscos por um retorno ainda maior, orbitam ao redor da mesa de jogos de dados. É um jogo de sorte cheio de habilidade. Requer uma certa sofisticação. Pensamento rápido e ação decisiva. E, então, há o 21. A não ser que você seja um contador de cartas fora de série, você deve aplicar as regras. Presumindo que cada carta seja um dez, permaneça no quinze, mesmo se cada fibra de seu ser estiver gritando para bater, e espere o crupiê quebrar. Se você não souber jogar, fique longe. Os jogadores tendem a ter um ataque se você pegar as cartas “dele”. Depois do 21, há a roleta. Roleta é uma questão de chance. Jogue no preto ou vermelho e você terá um pouco menos de 50% de chance de vencer. Falando estatisticamente, é sua melhor chance de vencer a mesa.

Na outra extremidade do totem do jogo, estão as máquinas de caça-níqueis. Um macaco

saberia como jogar. Coloque seu dinheiro lá dentro, puxe a alavanca; dinheiro, alavanca; dinheiro, alavanca. Elas não requerem nenhuma destreza ou conhecimento, e estão programadas para favorecer o cassino. Quanto mais tempo você jogar, mais chances de você perder todo o seu dinheiro.

As únicas pessoas a jogarem com essas máquinas são os idosos, os mentalmente enfermos, e os perdedores.

– Legal! Caça-níqueis! Isso é tudo que eu jogo. Sou muito bom nisso – diz Warren.

Você adivinhou isso faz tempo, não é?

Dou um tapa nas costas dele e o dirijo para a seção dos adultos.

– Hoje você irá jogar os dados.

– Não sei como jogar dados.

– Então você irá assistir e aprender. É um jogo de homem. Todas as garotas gostosas ficam ao redor da mesa de dados porque é ali que está o dinheiro. Se a montanha não vem a Maomé, então ele tem que ir até a porra da montanha.

– Que montanha?

Por um segundo eu esqueci que estava conversando com um esfínter da vida real.

– Esquece. Apenas preste atenção.

Matthew, Warren e eu pegamos nossas fichas enquanto Jack vai até a mesa de 21. Steven se acomoda na mesa de uma roleta de no mínimo cinco mil dólares. Ele adora estatística e jogos de chance. Na mesa de dados, estou rolando e Matthew está apostando. Logo de começo eu rolo um sete, e a plateia vai ao delírio.

Matthew bate nas minhas costas, animado.

– Sim! Maldito Mickey Mantle! Continue assim!

Quinze minutos depois, triplicamos nosso dinheiro. O número de pessoas assistindo dobrou. Warren ainda não tem ideia de como funciona o jogo, mas ele toma as dicas da plateia e responde de acordo. Todos estão rindo, bebendo, se acotovelando para colocar o dinheiro na mesa, tentando acompanhar a ação. É selvagem. É divertido. Parecem os velhos tempos, só eu e os garotos. Sem preocupações com filhos ou casamentos, sem estresse sobre trabalho ou nenhuma das besteiras que preenchem a vida real.

Então, a vida real me cutuca no ombro.

Com os dados na mão, viro-me para trás. E fico cara a cara com a comissária de voo de cabelo castanho e de olhos azuis. Ela está usando um vestido justo preto tomara que caia e sapatos de salto alto o bastante para que ela consiga ficar na mesma altura que eu. Ela não está sozinha. Em uma formação triangular atrás dela estão duas mulheres igualmente atraentes. Uma é loira com cara de bebê, mais baixa e com curvas mais acentuadas. A outra tem cabelos castanhos com luzes loiras, pele morena e lábios cheios e proeminentes.

A Olhos-Azuis abre um sorriso.

– Olá novamente.

Não quero ser rude, mas dane-se, eu serei rude.

– O que você está fazendo aqui?

– Você disse que ficaria hospedado aqui.

– Eu também disse que estaríamos ocupados.

Ela responde de maneira recatada.

– Mas vi o jeito como você me olhou. Sei que você só estava dizendo aquilo para sua

namorada não se aborrecer. Para que ela não achasse que você estava interessado.

O.k. Sou totalmente a favor de mulheres que são assertivas. Vocês são seres sexuais com necessidades. Se apropriem disso. Aproveitem. Mas chegar dessa maneira em um cara que claramente não quer você, não fará com que ele mude de ideia.

Só faz você parecer patética.

Ela leva a mão para esfregar meu peito, mas seguro seu punho antes de ela conseguir fazer contato.

– Exceto pelo fato de eu *não* estar interessado.

Como um fantasma excitado, Jack aparece do meu lado.

– Eu, por outro lado, estou *bastante* interessado.

A amiga morena desaparece em meio à multidão, mas a cara de bebê fica ali em pé com uma expressão vazia. Ela enrola o cabelo no dedo daquele jeito “loira burra” que me faz suspeitar que seu qi pode realmente ser menor do que o do Warren. Mas ela é gostosa. Definitivamente um nível acima da sarjeta onde ele tem se alimentado ultimamente.

Ele esfrega as mãos na calça, nervoso. E, então, fala com ela.

– Ei, quer ouvir uma piada?

E todo o meu trabalho duro entra pela porra do cano.

– O.k. – ela responde.

– O que o cobertor disse quando caiu da cama?

– O quê?

– Oh, pregas.

Os lábios da loira se curvam em confusão:

– Eu não entendi... é tipo, um cobertor computadorizado?

Warren fica desapontado.

– Não... É que... Deixe-me tentar outra. O que o pato disse...

Envolvo meu braço em seu pescoço e o aperto, cortando seu suprimento de ar só um pouco.

– Billy... Você se lembra do que o médico disse sobre sua voz?

Viro-me para a menina, esperando salvar a Operação btpw. Isso significa Boceta Top para Warren, caso você não tivesse certeza.

– Meu amigo aqui é um cantor. Billy Warren? Ele tem que poupar a voz para seu próximo show. Ordens do médico.

Os olhos dela se arregalam, e o tom de sua voz é imbecil.

– Meu horóscopo falou que eu iria conhecer alguém famoso hoje! Billy Warren. Eu não reconheci você. Eu amo totalmente a música que você acabou de lançar.

Matthew me chama.

– Drew, vamos lá, você tem que rolar os dados.

– Certo.

Procuo alguns centavos em meu bolso e os coloco na mão de Warren.

– Por que vocês, crianças, não vão brincar no caça-níqueis? Vocês estarão mais seguros lá.

Com uma risada, a Loirinha me informa:

– O jeito que as rodas giram e giram é tão engraçado! Adoro aquelas máquinas.

– Isso faz tanto sentido – digo a ela.

Você poderia imaginar os filhos que esses dois teriam? Talvez a seleção genética não seja má, afinal.

Empurro Warren para longe.

– E lembrem-se, não conversem. *Fiquem em silêncio.*

Ele sorri e me mostra os dois dedos. Ele parece tão grato e sem cérebro, que não posso evitar dar risada quando eles vão embora.



Vinte minutos depois, Matthew e eu ainda estamos com tudo. Ninguém pode nos parar. Ele agora está controlando o rolar dos dados, e troco nossas fichas, apostando alto porque estamos por cima. Matthew rola um dois e o ambiente entra em erupção, nos ovacionando. Eu o cumprimento com um aperto de mão e dobro nossa aposta.

É aí que uma certa comissária de voo perseguidora aparece perto de mim. Novamente.

– Posso dar um assoprão?

Meus ouvidos ficam em pé imediatamente.

– Desculpe?

Ela aponta para Matthew.

– Os dados. Posso assoprá-los para você? Para dar sorte?

Que tal você assoprar daqui?, penso imediatamente. Porque posso ser um homem compromissado, mas sou um homem mesmo assim.

Essa é a maldição da evolução. Instinto. É o porquê de a maioria dos caras ter tanta dificuldade com a monogamia. Porque nosso impulso natural é espalhar nossas sementes. Oferecê-las ao maior número de parceiras em potencial. Não devemos chegar a fazer isso, mas o impulso está sempre ali. Então, na próxima vez em que você pensar que seu homem está flertando com alguma vadia aleatória, tente não se aborrecer. Ele está lutando uma épica batalha interna contra as inclinações de seu próprio corpo.

– Não é necessário – digo a ela. – Estamos em uma onda boa. Nunca mexa com isso. Esses dados estão bem sozinhos.

Meu telefone vibra em meu bolso. A mensagem de Kate diz que as meninas estão finalmente prontas e a caminho do cassino.

A garota do voo se inclina por cima do meu ombro e olha para o meu telefone.

– Que menino lindo. É seu?

Ela está se referindo à foto de James na tela principal. Eu tirei algumas semanas atrás, quando eu estava tentando fazer com que James comesse macarrão. Ele não estava feliz com a refeição, e ele deixou claro despejando tudo na sua própria cabeça.

– Sim.

Ela se move para mais perto da minha orelha e me corta.

– Não precisamos desses joguinhos. Tenho um quarto de hotel à espera, a dois quarteirões daqui. Quero você. É óbvio que você me quer. Pare de lutar contra isso.

Inclino-me para trás.

– Você se esqueceu de tomar seu remédio hoje?

Ela dá risada. Ela soa como Norman Bates, não é? Através de meus anos de zoeira pré-Kate, eu encontrei uma boa quantidade de *Atração fatal*, de mulheres do tipo eu-nunca-vou-te-comer-mesmo-que-você-seja-tão-gostosa-porque-você-obviamente-tem-um-parafuso-a-menos. Elas estão por aí e não são difíceis de serem identificadas. Eu era um mestre em evitar,

me esquivar e escapar de seu domínio fanático.

Mas parece que estou sem prática. Porque antes que eu consiga interrompê-la, ela pega o telefone da minha mão e se afasta alguns passos para trás.

Meu rosto expressa braveza, assim como minha voz.

– Me devolva meu maldito telefone.

Ela sorri.

– Venha buscar.

Ela coloca o telefone dentro do vestido.

Você *só pode* estar brincando. Viro-me para Matthew.

– Acho que você não quer me ajudar com isso?

Ele olha para as fichas, e então para mim.

– Tem uns cem dólares aqui, cara.

É claro que tem.

Você já assistiu *Flash Gordon*? Aquela cena em que o Flash tem que colocar a mão dentro da pedra? Aquela com a cobra grotesca e espinhosa, apenas esperando para mordê-lo? É assim que estou me sentindo agora.

Estalo os dedos e chacoalho as mãos.

– Me dê cobertura. Vou entrar.

Então enfio a mão na parte da frente do seu vestido. Estou limitando o contato físico ao máximo, mas o vestido é apertado. Então, depois de entrar, eu imediatamente percebo que essa garota está usando um par de tetas falso. E uma argola no mamilo.

Não me julgue. Você acha que estou gostando disso, pelo amor de Deus?

A Garota do Voo Psicótica, por outro lado, parece estar se divertindo, se seus gemidos são alguma indicação.

– Aaah, isso é bom. Um pouco mais para a esquerda.

Reviro os olhos e tento pensar em um lugar feliz. Então, a coisa mais improvável acontece. Ou uma absoluta certeza, dependendo do seu ponto de vista.

– Que *diabos* é isso?!

Você consegue adivinhar de quem é essa voz?

Nem preciso me virar, mas o faço mesmo assim.

– Kate!

Balanço a cabeça, tentando fazer de tudo para negar que isso esteja acontecendo.

– Isso não é... Eu não...

Sim, meu braço ainda está enfiado até o bíceps dentro do vestido dessa garota.

Eu o tiro rapidamente.

E aponto para ela como a irmã mais velha acusando a mais nova de usar seu casaco favorito.

– Ela pegou meu telefone e não quer devolver.

Sentindo que estou afundado na merda, Warren e Jack chegam para assistir ao show. Matthew apenas continua a jogar.

Kate caminha até nós e levanta a mão, simultaneamente sujeitando a mulher a sua encarada de mil watts de potência.

A mulher psicótica revira os olhos e tira o telefone do vestido. Kate pega de sua bolsa um frasco sempre pronto de spray antibacteriano, borrifa o telefone, limpa com um lenço e então o

devolve para mim, borrifando minha mão, por segurança.

Depois disso, toda a vibração de aborrecimento de Kate se volta para a comissária de voo. Sua voz é baixa e mortalmente séria.

– Eu aguentei você no avião porque eu não queria passar as primeiras horas das minhas férias sob a custódia dos policiais federais da aeronáutica. Mas nós não estamos no avião agora.

Kate mostra a mão esquerda.

– Está vendo essa aliança? Ela significa que pertencço a ele. E a tatuagem com meu nome no braço dele significa que ele pertence a mim. Ele *inteiro*. O pau dele é uma bússola, e eu sou o norte. Ele aponta *somente* para mim.

Bem, isso é algo que você não ouve todo dia.

– Então, você irá desaparecer, agora mesmo. Ou eu vou chutar sua bunda de um lado a outro do cassino. E é melhor você olhar à sua volta. É um cassino bem grande.

Os olhos da comissária ficam pequenininhos. Enquanto ela responde, sua cabeça faz aquele deslizamento urbano que parece incrivelmente estúpido, mas que significa que ela está pronta para a guerra.

– Você acha que pode ganhar de mim? Você e qual exército, sua vaca?

Erin caminha à frente, ao lado de Kate.

– Esse aqui.

A psicopata dá risada. E eu não a culpo. Mesmo usando salto alto, Erin é mais baixa do que Kate por mais ou menos cinco centímetros. Juntas, elas não são exatamente o pôster da intimidação. Até que Dee-Dee aparece na cena. E apesar de sua estatura física não ser diferente da Erin e Kate, seu olhar desequilibrado e perturbado compensa grandemente.

Eu me arrepio.

A Mulher Psicopata nem se move, mas a expressão em seu rosto parece mais insegura. E aí chega a cereja do bolo. Que seria minha irmã, dois centímetros e meio acima das outras garotas, como a amazona toda-poderosa que ela é.

Seu sorriso é completamente assustador.

– Do jeito que meus hormônios estão descontrolados, não tem nada que eu gostaria mais de fazer do que arrancar essas extensões de cabelo baratas da sua cabeça e pregá-las na minha parede como um troféu.

Agora a Psicopata parece realmente assustada. Ela olha em volta, procurando apoio. Agora é a vez de minha irmã deslizar a cabeça.

– Não procure suas amigas. Elas já foram procurar alvos mais gordos e estúpidos.

Delores fecha o punho.

– O queijo permanece sozinho – ela cheira o ar –, e é fedido. Já ouviu falar de higiene feminina? Você poderia investir mais.

Por mais que seja hilário e estranhamente sexy assistir a essa situação, não quero que Kate tenha que lidar com essa perdedora por minha causa. Ela já o fez o bastante. Então, tomo o caminho de menos resistência e chamo um segurança.

– Nós estamos hospedados na *villa* principal, e essa... pessoa – faço um gesto na direção da Psicopata – está assediando a mim e a minha noiva. Eu gostaria que ela fosse retirada daqui imediatamente.

A Mulher Psicopata não lida bem com isso.

– Você não pode fazer isso!

– Tenho certeza de que acabei de fazer.

O segurança checa minha chave do hotel.

– Desculpe pela confusão, senhor Evans.

Então ele diz a ela firmemente:

– Você terá que vir comigo, senhorita.

– O quê? Não. Eu conheço meus direitos! Não toque em mim!

Quando mais seguranças aparecem, ela grita novamente, como um javali enfurecido. Antes de eles a arrastarem para fora, ela cospe uma última ameaça em minha direção.

– Isso não acabou, otário!

Quem disse que o céu estava amigável?

Assim, ela desaparece. Mas a diversão ainda não acabou. Essa aqui é minha parte favorita, porque Warren diz:

– Você deveria ter acabado com aquela vaca, Katie. Faz anos que eu não vejo você derrubar alguém.

Sua companheira loira pode não ter dois neurônios para esfregar juntos, mas ela é leal.

– Ei, você está falando da minha amiga! Babaca.

E, então...

Slap.

Ela o acerta bem na cara. Tão forte que até deixou uma instantânea marca vermelha de sua mão.

A loirinha vai embora dramaticamente. Enquanto segura a bochecha avermelhada, Warren olha para mim e diz:

– Garotas feias não batem tão forte.

Assim que a animação diminui, todos começam a conversar em grupos e a continuar jogando, deixando Kate e eu sozinhos.

– O que Billy estava dizendo sobre garotas feias? – ela pergunta.

Balanço minha mão.

– É irrelevante. Vamos voltar à parte em que meu pau é uma bússola e você é o norte.

Ela cobre os olhos.

– Eu não acredito que falei isso.

Afasto suas mãos.

– Não tenha vergonha. Estou bastante orgulhoso. Só por curiosidade. Nós estamos falando sobre uma bússola monstruosamente grande, não estamos?

Kate empurra meu ombro.

– Pare de procurar elogios. Vamos falar da aeromoça que seguiu você até aqui. Será que terei que arranjar um guarda-costas para você?

Só então noto seu figurino. Minissaia preta, botas pretas de salto alto que vão um pouco acima do joelho, e um top brilhante cor-de-rosa que não deixa nada para a imaginação.

Maravilhosa.

Ando em volta dela como um predador circulando uma morsa succulenta.

– Não, mas se você estiver vestindo isso, estou pensando em arrumar um time inteiro de guarda-costas para você.

Eu toco a coroa pink com lantejoulas em sua cabeça. Ela diz FUTURA NOIVA.

– Essa é pra casar.

Ela toca-a também.

– Você gostou, não é?

Eu imagino transformar isso em uma brincadeira. Ver quanto tempo Kate consegue manter a coroa equilibrada na cabeça enquanto eu faço coisas inenarráveis com ela.

– Demais.

– Dee-Dee comprou para mim.

Eu encolho os ombros.

– Até mesmo um relógio quebrado está correto duas vezes no dia.

Então, o relógio quebrado grita:

– Vamos lá, garotas, nossa carruagem chegou!

Matthew retira nosso dinheiro. Seguro a mão de Kate enquanto andamos todos juntos pelo cassino. Matthew e Delores começam a brigar de brincadeira assim que chegamos ao lobby.

– Não vou pedir desculpas – ele diz como uma voz provocadora.

– Bom pra você. Lembre-se disso na próxima vez que você estiver no clima de brincar de fotógrafo sedutor e modelo nua, e eu mandarei você transar com a lente da sua câmera.

– Eu... Ainda assim, não pedirei desculpas.

Se eu sei sobre o que eles estão discutindo? Não. Se eu me importo o bastante para perguntar? Na verdade, não.

Nós chegamos à parte externa da entrada principal do hotel. Estacionada em frente está a limusine mais extensa e mais pink que já vi. É como um frasco de detergente sobre rodas. Luzes neon pulsam lá dentro e efeitos estroboscópicos giram na parte de cima.

Eu olho para Dee-Dee.

– Uma limusine pink? Não está muito berrante.

Ela sorri, orgulhosa.

– Estamos em Vegas, querido. As cores berrantes reinam. Devíamos nos aposentar aqui.

Com isso, ela beija Matthew e começa a ir embora. Antes que ela possa dar dois passos, ele a puxa de volta e a beija mais demoradamente e mais forte. Quando ela está levemente tonta, Matthew sorri e a manda de volta a caminho da limusine. Erin acena e a segue.

Coloco as mãos nos ombros de Kate para me certificar de que ela está prestando atenção.

– Não deixe que ninguém compre um drinque para você. E do jeito que você está vestida, eles definitivamente irão tentar.

Ela sorri indulgentemente.

– O.k.

– E não desgrude de seu drinque. Alguém pode colocar alguma coisa lá dentro quando você não estiver olhando.

Sim. Merdas assim acontecem. Quando você tem bastante experiência em bares, você tem uma visão bem clara de como o mundo e as pessoas estão perdidas.

– Sim, pai.

Eu sorrio.

– Não me chame assim.

Quando estamos falando de sexo, não tem nada a que eu me oponho. Exceto isso. Toda aquela coisa de “quem é seu papai?” é broxante. É esquisito. Me faz pensar em James, ou em meu pai, e em todo o caso... *Não, muito obrigado.*

– Não sou uma garota de vinte anos de idade na primeira saída para um bar, Drew. Sei me virar.

Minha irmã se junta à conversa.

– E caso ela não consiga se virar, é por isso que estou aqui. – Alexandra tira várias armas de dentro da sua grande bolsa de couro. – Tenho um spray de pimenta, uma arma de choque altamente ilegal, e se tudo der errado... – Ela tira com uma chicoteada um bastão de metal que, com um gesto de seu punho, se expande para o tamanho de um cassetete de polícia, com a extremidade pontiaguda. – Eu o chamo de esmagador de bolas. Está se sentindo melhor?

Eu concordo.

– Muito, com certeza.

– Ótimo.

Ela fala em voz baixa com Steven, e então Alexandra sobe na limusine também. Envolver meus braços ao redor de Kate, tentando senti-la mais uma vez. Com sua cabeça em meu peito, ela promete:

– Vejo você em algumas horas.

E eu brinco com ela:

– Não é tarde demais para fugirmos. Eles nunca irão nos alcançar.

Ela ri. Então inclina a cabeça para cima e pressiona a boca suavemente na minha. Contra meus lábios, ela murmura:

– Eu amo você.

Afasto-me e deslizo as pontas dos dedos em sua mandíbula.

– E eu sempre amarei você mais.

Ela sorri uma última vez e desaparece nas entranhas da limusine horrorosa.

Capítulo 11

Depois de o carro começar a andar, Matthew diz:

– Nossa carona está para lá, garotos.

Ele faz um gesto com o dedão em direção a uma sofisticada limusine preta no fim do quarteirão.

Enquanto caminhamos, pergunto a Steven:

– Você e Alexandra já se acertaram?

– É... ainda não. Mas sua atitude está definitivamente melhorando. Eu não estava preocupado, na verdade. Sua irmã gosta de agir como se ela fosse a dona do show, mas todos nós sabemos quem está no controle.

Sim. Minha irmã.

Ele bate no peito.

– Eu sou o cara.

Eu não tenho a coragem de destruir as ilusões de Steven, então eu apenas dou um tapa em suas costas e digo:

– Sim, Steven. Você é o cara.



Nossa primeira parada era Carnevino, a melhor casa de carnes de Las Vegas, onde tivemos um jantar esplêndido e vinho tinto de primeira linha. A atmosfera era impressionante. Pé-direito alto, piso de mármore italiano, mobílias antigas. Depois fomos para o Havana Club, um bar de charutos seletos e antigos.

É lá que estamos agora. Você consegue nos ver? Naquela pequena sala privativa, sentados em confortáveis poltronas de couro. Um charuto enrolado à mão em uma das mãos e na outra mexendo um copo cheio de uma bebida de cor âmbar, enquanto a fumaça de perfume pesado circula nossas cabeças.

Warren engasga e tosse pela primeira vez.

Eu aviso a ele.

– Pare de tragar.

– Não consigo evitar – diz ele com a voz áspera. – Tragar é como um reflexo.

– É melhor você “evitar”, ou em breve irá tossir um pulmão para fora.

Falo por experiência. Quando Matthew e eu tínhamos doze anos de idade, roubamos alguns dos charutos cubanos de meu pai e os acendemos no telhado do prédio dos pais de Matthew. E, então, vomitamos nossas tripas pela beira, quase acertando diversos pedestres desavisados na calçada lá embaixo.

Warren toma seu conhaque e faz uma careta.

– É um gosto adquirido – Steven diz a ele. – Você irá se acostumar.

Warren olha para seu copo.

– Por que eu deveria?

– Porque – eu abro meus braços, fazendo menção à sofisticada sala ao nosso redor –, esta é a boa vida, cara.

Ele enruga o nariz.

– Acho que prefiro a vida normal.

Coloco o charuto de volta em minha boca e começo a falar ao redor dele:

– Novamente. Não me surpreendo.

Jack se inclina à frente.

– Antes de irmos para o evento principal da noite, vamos adiantar os brindes agora?

Steven levanta seu copo.

– Eu apoio.

Eu sorrio e fico em pé.

– O.k. Eu só gostaria de agradecer vocês todos por reservarem um tempo de seus cronogramas apertados para compartilhar esta ocasião especial comigo. Se quero fazer isso com estilo, não há ninguém mais com quem eu gostaria de estar a não ser com vocês. – Eu olho para Warren. – Mais ou menos.

Então, levanto meu copo.

– Em todo caso, um brinde: aos melhores amigos que um homem poderia pedir. Obrigado.

Nós bebemos. Há palmas e comemorações ao redor, e então eu me sento.

Warren fica em pé.

– Se vamos fazer homenagens, eu deveria começar.

Os outros caras deixam que ele fale. Ele ajusta a postura, limpa a garganta, e com uma expressão séria em seu rosto, olha para cada um de nós.

– Sempre achei que eu fosse uma turma de um homem só.

Todo mundo ri. Quem imaginaria que Warren tinha capacidade cerebral o bastante para senso de humor?

Matthew joga uma folha de tabaco na direção dele.

– Você roubou minha fala, seu merda.

Warren ri também.

– Mas, falando sério, eu era uma turma de um homem só, com duas companheiras. E apesar de as coisas terem ficado estranhas quando Kate e Evans ficaram juntos pela primeira vez, tudo deu certo. Ela está feliz, e isso era tudo que eu queria para ela. E agora nossas turmas se juntaram. E agora há mais integrantes, e integrantes femininas, integrantes mirins... Eles são legais. Acho que o que estou tentando dizer é que nunca tive uma família grande... mas... agora eu sei como é fazer parte de uma. É bom.

Ele levanta o copo em minha direção.

– Então, eu gostaria de fazer um brinde ao casamento de Drew e Kate. Se você partir o coração dela, eu vou segurar você no chão enquanto Dee-Dee parte suas bolas ao meio.

Não é uma visão adorável?

Ainda assim, eu faço um gesto com a cabeça enquanto Warren volta a sentar. Ele toma um grande gole de seu drinque e gesticula para mim.

Então, Jack fica em pé. Pensativo, ele mastiga seu charuto por um momento.

– Eu nunca vou me casar. Eu pensava que Drew e eu estávamos no mesmo barco em relação a isso. Mulheres são como lenços de papel. Suaves, descartáveis e um lugar conveniente para gozar.

Todo mundo ri.

– Então Kate Brooks entra no nosso escritório. E porque Drew é um cara esperto, ele logo percebe o que o restante de nós não notou. Kate não é um pedaço de papel básico, ordinário. Kate é um lenço de pano. Daquele que você não quer perder, que você quer bordar suas iniciais. Kate é pra casar.

Jack olha para mim.

– E já que você é um de meus melhores amigos, estou muito feliz com o fato de você poder tê-la para o resto de nossas vidas. – Ele levanta o copo. – Para Drew. Um filho da puta sortudo que não merecia isso.

Nós levantamos nossos copos e bebemos dando risada com o brinde de Jack. Não convencional, mas extremamente preciso.

O próximo é Steven. Ele cambaleia um pouco para ficar em pé. Ele inspira profundamente e prende o ar por um momento.

– *Cazzamento*. *Cazzamento* é o que nos trouxe juntos hoje.

Todos nós rimos, exceto Jack. Acho que ele não assistiu *A princesa prometida*. É o filme favorito de Kate, então já assisti algumas vezes. Definitivamente um filme de menina, apesar de aquele Inigo Montoya ter mandado muito bem.

– E o amorrr... O amor verdadeiro... Irá te seguir para *zempre*... – Steven ri e limpa a garganta. – Mas falando sério, sendo o cara mais casado aqui, é minha função alertar você. As mulheres se transformam depois do casamento. Não é tudo jantares à luz de velas e lingerie, não importa o que a *Vogue* diga. E o sexo muda também. Às vezes é rotina, às vezes nem existe... E às vezes é mais estranho do que você podia imaginar possível.

Cubro minhas orelhas. Porque geralmente Steven deixa as atividades com minha irmã no quarto para ele mesmo. E absolutamente prefiro desse jeito.

– E quando você se casa, a coisa mais importante *não* é estar apaixonado. É se certificar de que você tenha casado com sua melhor amiga. Uma parceira. A pessoa com quem você quer compartilhar os momentos bons, as horas ruins e tudo o que estiver no meio. Você achou uma parceira em Kate. Você é meu melhor amigo, Drew, e eu amo você, cara. Mas agora? Posso ter orgulho de você também. E estou orgulhoso pra cacete. Parabéns.

Levanto meu copo em direção a Steven.

– Obrigado, cara. Isso significa muito para mim.

Significa mesmo.

Finalmente, Matthew toma o centro do palco.

– Provavelmente eu sou mais grato do que todos por Drew e Kate terem se encontrado. Por causa de Kate, conheci minha esposa angelical, Dee. E apesar de às vezes ela ser uma chata, mais do que qualquer coisa... Ela me completa. – Matthew olha para seu copo por um momento, rodando o líquido, antes de voltar a olhar para cima. – Eu conheço Drew minha vida inteira. Nós éramos... Melhores amigos antes de nascermos. Então, eu o vi tendo muito sucesso. Eu estava lá quando ele tirou as melhores notas, conseguiu os maiores clientes, pegou as garotas mais gostosas. E durante todos esses momentos, Drew pareceu... satisfeito, mas não surpreendido. Como se todas essas conquistas fossem apenas... esperadas. Ele se

esforçou por elas, ele sempre as mereceu. E ele sabia disso.

Os olhos de Matthew encontram os meus e ele fala para mim diretamente: – Mas quando você olha para Kate? Você parece... grato. Agradecido. Como se apesar de você saber que é “o” cara, você quase não consegue acreditar que é o sortudo que tem essa mulher. E... você fica muito bem nesse papel, cara.

Matthew levanta seu copo.

– Não vou desejar felicidade a você, porque você já tem isso. Então apenas direi que a estrada se abra à sua frente. Que o vento sempre sopre a seu favor. Que o sol brilhe acolhedor em seu rosto. Que você viva o tempo que quiser, e nunca queira enquanto você viver. Que haja uma geração de filhos dos filhos de seus filhos. Que você viva cem anos, com um ano extra para se arrepender. E que o dia mais triste do futuro de vocês não seja pior do que o dia mais feliz do seu passado.

Quando Matthew termina seu discurso, estou engasgado pra cacete. Tomo o resto de meu drinque para esconder. Então eu fico em pé e dou um abraço. Daquele tipo bêbado, com tapa nas costas, tirando seus pés do chão.

Bons tempos...



Depois de acabarmos com o conhaque e os charutos, nós vamos para fora. Matthew quer um cigarro. Aparentemente, os charutos não aumentaram nossas chances de desenvolver câncer de pulmão o bastante para ele. Ficamos um tempo na esquina enquanto ele acende. Do outro lado da rua há um bar sofisticado e moderno. Uma música alta e estridente vaza pelas janelas de neon congeladas, e o estacionamento está com a capacidade esgotada, com carros esporte de primeira linha. Ao lado da porta do bar, em um banco na calçada, está sentada uma mulher loira de cabelos curtos platinados com um corpo de arrasar, exibido por um top preto, saia jeans e botas pretas na altura do tornozelo. Ela é gostosa e está sozinha. É uma oportunidade de primeira para o Babaca testar as habilidades que eu ensinei benevolmente. Talvez entrar por baixo da saia dela. Ou possivelmente ficarem bêbados.

Qualquer um desses cenários seria uma vitória, na minha opinião.

– Ei, Warren – chamo. – Olhe só. Garota sozinha, à noite, nas ruas de Vegas. Uma dama decente em perigo. Talvez você devesse ir lá perguntar se ela precisa de ajuda, começar uma conversa?

Jack concorda.

– A carta do cavalheirismo sempre funciona.

– Me portar como um cavalheiro é realmente muito importante para mim – digo a ele.

– Sim. Você é um cavaleiro branco decente, cara – diz Jack, e engasga.

Com a coragem em forma de líquido fluindo por seu corpo, Warren atravessa a rua. Ele para a alguns centímetros de distância dela, o que é esperto da parte dele. Não queremos que ela fique nervosa por ter seu espaço pessoal invadido. Ele começa com uma abordagem direta.

– Você é linda.

Ela olha para cima rapidamente, e então ri e desvia o olhar tão rápido quanto.

– Obrigada.

Warren se aproxima um pouco.

– Então... você precisa de uma carona? Nós não somos assassinos em série ou algo assim. Somos só alguns caras, nos divertindo. E temos uma limusine. Você poderia ficar com a gente ou nós poderíamos te dar uma carona para onde você quiser.

A cabeça dela gira em direção ao bar, um pouco nervosa.

– Eu fiquei de esperar pelo meu namorado aqui.

Warren senta ao lado dela no banco.

– Não sei que tipo de homem deixa uma mulher linda como você sentada aqui fora na rua. Se você fosse minha garota, eu nunca faria isso.

Bom garoto. Tenho vontade de jogar uma comida para ele ou dar um tapinha em sua cabeça.

E, então...

– Que porra que você acabou de falar?

Essa pequena amostra foi estragada por um cara loiro e parrudo que acaba de sair pela lateral do bar, com mais quatro caras enormes atrás dele. O que lhes falta em altura, eles têm de sobra em circunferência. Do tipo que minha mãe chamaria de “ossos largos”. Eles devem ter vinte e poucos anos de idade. Um deles usa um boné da Universidade de Nevada, e outro veste um moletom com letras gregas.

Garotos de fraternidade.

Apesar de eu já ter sido um deles, nunca percebi o quão nojenta e irritante essa raça em particular pode ser, até que eu me formei. Eles são um resumo da frase *jovens, burros e cheios de porra*. Como eles viajam em grupos, eles têm a mentalidade de gangue. São exagerados, barulhentos e constantemente tentam impressionar uns aos outros com o nível de babaquice de suas ações.

E Billy Warren está na linha de fogo. Isso não é bom.

Warren começa a responder:

– Eu disse...

Eu corro até lá, acompanhado de Jack, Matthew e Steven, para nos certificar de que Warren não seja morto. Kate não iria gostar disso.

O macaco loiro número um empurra o peito de Warren. O mais estranho é que ele está genuinamente me irritando.

– Você está falando com a minha namorada, seu perdedor?

Ele pega a garota pelo braço.

– Eu mandei você esperar, vadia. Não disse que você podia falar.

Entro na frente de Billy.

– Ei, amigos, eu acho que houve um pequeno mal-entendido.

– Acho que isso não é da sua conta.

Eu confesso:

– Você não faz ideia do quanto eu gostaria que isso fosse verdade. Infelizmente, não é. Meu amigo achou que a garota precisava de ajuda. Ele estava cuidando dela, só isso. Sem faltar com respeito, sem prejudicar ninguém.

– Seu namorado cometeu uma tremenda de uma falta, dando em cima da minha namorada. Ele vai ter que se ver comigo.

Ele cospe na direção do meu pé.

Sofisticado.

Não tenho mais vontade de resolver isso diplomaticamente.

– Bem, se você vai ser um otário em relação a isso...

A garota tenta intervir. Ele coloca uma das mãos no peito do cara enquanto a outra esfrega o braço dele, tentando acalmar a fera selvagem.

– Ele não fez nada. Esquece isso, Blair.

Eu não consegui evitar a risada.

– *Blair?* Seu nome é Blair? *Cristo*, não é à toa que você é tão nervoso. Você tem minha sincera simpatia.

Mantendo meus olhos no grupo de pamonhas, eu faço um gesto para Matthew.

– Você vê o que acontece quando os pais não tomam cuidado ao dar nome para os filhos? Esse é o seu futuro, cara.

Caso você não tenha percebido, não, eu não estou me sentindo intimidado pelo garoto da fraternidade boca-suja. Porque ele, como a maioria dos fanfarrões, é um maricas. Caras realmente durões? Verdadeiramente perigosos? Eles são mais quietos. Eles não precisam fazer um show ou anunciar toda a dor que eles irão infligir a você. Eles apenas o fazem, antes de você ter chance de sentir medo. Ou perceber que algo irá acontecer.

Blair começa a andar em minha direção, mas Warren salta entre nós dois, com as mãos para cima em submissão.

– Só um minuto. Esperem um pouco. Isso é entre você e eu, seu merda. Deixe meus amigos fora disso.

Eu olho para Warren como se ele estivesse maluco. Porque eu tenho quase certeza de que esse é o caso.

– Você está louco?

Ele olha para mim por cima do ombro.

– Katie nunca me perdoaria se você perdesse o casamento porque estava no hospital. E eu cresci com Dee-Dee. Se tem uma coisa que eu sei fazer, é tomar porrada.

Ali naquele momento, minha opinião sobre Warren se alterou para sempre. Ele ainda é um idiota, como ele acaba de demonstrar. E por causa de sua história com Kate, nunca gostarei dele. Mas o fato de ele se jogar para cima de uma espada desse jeito, tentar me proteger, e também o restante dos caras, é preciso ter coragem. De bronze. Ele acaba de ganhar meu respeito.

Matthew, Steven e Jack estão alinhados atrás de mim, tensos e prontos. Eu inspiro e pergunto:

– Matthew, você está legal com esse plano?

Ele responde:

– Absolutamente.

– E você, Jack, topa?

Ele dá uma risada sombria.

– Estou sempre à disposição, cara.

– Steven?

– Que diabos, por que não? Dane-se.

Essas são as únicas respostas que eu preciso. Eu caminho ao redor de Warren, mais perto de Blair.

– O.k. Você pode acabar com a raça dele, e o restante de nós irá apenas sentar e assistir.

Seu rosto registra uma expressão de choque confuso.

– Sério?

Eu sorrio.

– Não, idiota. Estou mentindo para você.

Na hora que as palavras são registradas em seu cérebro apodrecido, meu punho já está voando. Bem no nariz daquele merda, fazendo-o se abrir.

Então, começa o inferno.



Tipicamente, acredito que um soco surpresa é um golpe de maricas. Covarde. Mas isso é uma briga de rua. Um combate em uma jaula. Não há regras. Dedos nos olhos, chutes nas nádegas, vale tudo. Um Blair ensanguentado me derruba no chão, enquanto o couro come solto à nossa volta.

Levo um golpe no ombro e nas costelas, tentando proteger meu rosto. Warren tinha razão sobre o negócio do casamento. Se meu rosto estiver costurado como o de Frankenstein, irei arruinar as fotos.

Acerto um gancho de esquerda na mandíbula do babaca, próximo o bastante do nariz lesionado para fazê-lo urrar. Ficamos assim por uns cinco minutos, apesar de parecer mais tempo.

Então, a garota que começou tudo diz as palavras mágicas:

– Polícia! Polícia!

Cada um de nós responde como um colegial na festa da cerveja.

Corremos. Nos separamos e nos espalhamos. Nós cinco conseguimos chegar dentro da limusine em tempo recorde, e o motorista acelera. As luzes piscantes do melhor de Las Vegas não nos perseguem. Graças a Deus.

Você pode não entender, mas acredite em mim quando eu digo a você que esse foi um desenvolvimento incrível para nossa noite. Não importa a idade, todo homem acha que é legal beber, jogar e então dar porrada em alguém com seus amigos mais próximos. Nós passamos uma garrafa de vodca e exibimos nossos hematomas de batalha, contando vantagem sobre como nos demos bem.

– Você viu o dente daquele cara explodindo? Bum!

– Eu estava com aquele grande filho da puta na palma das minhas mãos. Ele estava a ponto de chorar pela mãe feia dele.

– Espero que aquele perdedor goste de refeições líquidas, porque é tudo com que ele poderá se alimentar por um bom tempo.

Tomo um gole de Grey Goose, e então derramo um pouco nos meus dedos ensanguentados.

Warren balança a cabeça e lamenta:

– Minha sorte com garotas é uma merda.

Ninguém discorda. Mas o que eu aceitei é isso: não é culpa dele.

Sinceramente.

Warren é simplesmente mais boceta do que pau. É como ele foi criado, rodeado de vaginas. É como... uma daquelas notícias esquisitas sobre um tigre bebê ter sido adotado por uma família de porcos. Quando ele cresce, não mostra suas garras e não urra.

Ele grunhe como um porco.

Diferente do restante de nós, que tivemos pais confiantes e fortes em nossas vidas, a única exposição masculina que Warren teve foi a qualquer espécime que Amelia trazia para casa. Obviamente, não havia nenhum vencedor ali no meio.

Depois de um minuto, ele pergunta:

– Eu realmente pensei que você fosse deixá-los acabar comigo. O que mudou?

Matthew toma um gole da garrafa.

– Foda-se isso. Nenhum homem é deixado para trás.

Concordo.

– Exatamente. Você sabe qual a primeira regra de um bando de lobos?

– Qual?

– Nós cuidamos uns dos outros.

Capítulo 12

Acho que devíamos voltar atrás e tomar nota sobre a quantidade de álcool que os garotos e eu consumimos até agora. Tomamos doses e cervejas na piscina, os uísques no quarto e no cassino, o vinho no jantar, o conhaque depois disso, e agora a vodca que estamos compartilhando como bêbados amontoados em uma lata de lixo em chamas.

Não sou fraco, mas é bebida pra cacete. Estamos parecendo um salão de filmes de faroeste abarrotado, pelo amor de Deus. Apesar de já fazer algumas horas, eventualmente tudo começa a fazer efeito. Num minuto você tem tudo sob controle, e então você toma aquela última dose. Você começa a se desequilibrar e acaba no chão, incapaz de andar ou formular uma frase coerente sem começar a babar.

Lembre-se desse fato.

Tenho a sensação de que será de grande importância para o que vier pela frente.



Olhando pela janela para a paisagem escura do deserto, pergunto:

– Para onde nós estamos indo mesmo?

Matthew e Jack sorriem um para o outro. Jack diz:

– Nós estamos indo para o paraíso, irmão. Não estou mentindo. Esse lugar é como um oásis. Mulheres de primeira linha que sabem como cuidar de um homem. Nada está fora dos limites. Seios e traseiros estarão em todo lugar.

Ele beija os dedos.

– Como maná dos céus.

Eu simplesmente encolho os ombros, sem me impressionar. Mas aparentemente Warren está impaciente.

– Motorista? O que está segurando você? Posso sair e caminhar mais rápido do que isso.

O motorista olha de volta para nós pelo espelho retrovisor.

– Desculpem-me, amigos. Há um carro na nossa frente andando trinta quilômetros abaixo do limite de velocidade. Ela não me deixa ultrapassar.

Sento e olho para fora da janela da frente. Sim. É uma pessoa grisalha. Um carro de palhaço cheio de pessoas grisalhas, na verdade. Você se lembra dos meus sentimentos sobre motoristas idosos? Caso a resposta seja negativa, só direi o seguinte: ameaça à sociedade.

Steven segura a garrafa de vodca e toma um gole. Não sei se ele está falando conosco ou com ele mesmo, mas do nada ele diz:

– Eu estarei morto em breve.

Todos os olhares na limusine se voltam para ele. Matthew pergunta:

– Que diabos você está falando?

– Estou dizendo que minha vida está pela metade. E ainda há muito que eu não fiz. Não vou mais me reprimir. Daqui para frente, será somente *carpe diem*.

Eu tiro sarro.

– Você está apenas bêbado. Não comece a ficar deprimido para cima de nós. Se você começar a chorar, vou jogar você para fora do carro em movimento.

Steven não reconhece meu aviso. Ele se inclina em direção à janela que nos separa do motorista e fala com a língua enrolada:

– Darei cem dólares para você se conseguir alcançar aquele carro.

Sem trânsito vindo da outra direção, o motorista cruza a faixa dupla e emparelha com o outro carro.

As palavras de Steven saem cambaleando enquanto ele fica em pé.

– É uma das coisas que preciso fazer antes de morrer.

Então, ele tira o cinto, pega a cintura de sua calça e a abaixa em um movimento rápido até os tornozelos, mostrando a cueca branca apertada.

Todos os caras no carro levantam as mãos para tentar bloquear o espetáculo. Nós gememos e reclamamos.

– Meus olhos! Estão queimando!

– Coloque essa cobra de volta na jaula, cara.

– Essa não era a bunda que eu planejava ver hoje.

Nossos protestos não adiantam em nada. Steven é um homem em uma missão. Sem dizer nada, ele agacha e enfia sua bunda branca como leite para fora da janela, mostrando-o para o grupo de senhorinhas no carro ao lado do nosso.

Aposto que você achou que esse tipo de coisa só acontecia nos filmes.

Ele sorri enquanto permanece com a bunda ao vento por uns bons noventa segundos, assegurando assim uma ótima visão. Então, ele volta a colocar a calça, se vira e grita para fora da janela, dando risada:

– Gostaram da lua cheia, garotas?

Uau. Steven não é do tipo que assedia os idosos.

Sem aviso, sua gargalhada louca é interrompida. Ele fica em silêncio por um momento, e então o ouço dizer uma única palavra engasgada:

– Vó?

E assim ele volta a mergulhar para dentro da limusine, com seu rosto pálido, nebuloso e totalmente sóbrio. Ele olha para o chão.

– Não acredito que isso acabou de acontecer.

Matthew e eu nos olhamos com esperança, e então nos levantamos rápido e vamos até a janela. Como era esperado, no banco do motorista daquele velho carro enorme está ninguém menos que Loretta P. Reinhart. Mãe de George; avó de Steven.

Quais seriam as chances, hein?

Loretta sempre foi uma velha chata e rabugenta. Não tem senso de humor. Mesmo quando eu era uma criança, ela me odiava. Achava que eu era uma má influência para seu neto precioso.

Não sei de onde ela tirou essa ideia.

Ela se mudou para o Arizona anos atrás. Como muitas mulheres na sua idade, ela ainda gosta de uma puxada na alavanca do caça-níqueis, portanto, viaja frequentemente à Cidade do Pecado. Aparentemente essa é uma delas.

Matthew e eu acenamos e sorrimos como alunos da quarta série, cantando.

– Olá, senhora Reinhart.

Ela chacoalha o punho enrugado em nossa direção. Então, sua companhia de cabelos bufantes no banco de trás nos mostra o dedo do meio. Tenho certeza de que é a coisa mais engraçada que eu já vi.

Nós dois caímos para trás em nossos assentos, rindo histericamente.

Steven sai de seu torpor e grita para o motorista.

– Pelo amor de Deus, cara, pisa fundo!

Nós aceleramos em direção à noite, gritando como Chapeleiros Malucos inspirando gás hélio. Todos nós, exceto Steven. Você sabe aquele ditado, “o que acontece em Vegas fica em Vegas”? Acho que meu cunhado não será tão sortudo.



O nome da boate de striptease é Paradise. O edifício cor de areia de dois andares não tem janelas e é rodeado por árvores suntuosas, estátuas de pedra, um lago e alguns chafarizes. A atmosfera de oásis se destaca em um contraste ríspido ao deserto estéril a seu redor. Apesar de a placa brilhar em um moderno neon, quase tenho a expectativa de ver garotas enroladas em togas, carregando grandes folhas de palmeira e uvas caminhando ali por fora.

Nós chegamos à porta da frente. É melhor você se preparar. Não quero ninguém passando mal com o choque. Porque, você precisa entender, homens são essencialmente porcos vestidos com roupas de humanos. Admito prontamente. Não há fim para a diversão pervertida, os fetiches, gostos e fantasias com que somos capazes de sonhar.

E esse lugar abrange cada uma delas.

A porta é aberta por uma mulher ruiva de uns quarenta anos de idade vestindo lingerie verde-escura e sapatos combinando. Ela tem traços aristocratas, pele alva, lábios carnudos, maçãs do rosto proeminentes, bem acentuadas por uma cirurgia plástica sutil e cara.

– Bem-vindos ao Paradise, cavalheiros. Estávamos esperando por vocês.

Paredes na cor creme, azulejos de mármore e uma lareira branca queimando tornam o foyer acolhedor e confortável. Quase me sinto em casa. Uma música profunda e sensual pode ser ouvida por trás de uma porta de mogno escuro do outro lado da sala.

– Meu nome é Carla. Serei sua anfitriã esta noite. Se tiver qualquer coisa que eu possa fazer por vocês, por favor, não hesitem em pedir.

A boca de Warren se abre, como um peixe que acabara de ver o rosto de Deus. Matthew e Jack começam a rir, ansiosos, enquanto Steven ainda parece abalado por ter mostrado o traseiro para a própria avó.

Mas eu aposto que ele esquecerá tudo isso em breve. Caminhamos para o próximo ambiente. As luzes estão baixas, como sempre são em lugares como este, mas o lugar é bastante grande para uma boate de striptease. Há um palco principal no centro, com dois palcos menores ao lado, cada um com um poste de dança prateado. Um grande bar de vidro está alinhado a uma parede, com duas dançarinas de biquíni se movimentando em cima.

Homens de todas as idades estão espalhados por todos os lados, em mesas pequenas, cabines nos cantos e bancos altos. E cada um deles tem ao menos duas garotas em cima. Pelo canto do olho, posso ver um cara grisalho brincando de barco a motor nos peitos de uma loira

com rabo de cavalo e vestindo um uniforme de escola católica. Atrás deles, uma mulher asiática de cabelos pretos está em pé sobre uma mesa, deslizando um pirulito para dentro da vagina. Então, ela se inclina para baixo e o enfia na boca do garoto de faculdade salivando à sua frente.

Você está se lembrando um pouco de Sodoma e Gomorra, não está? E nós sabemos como isso tudo terminou.

Tentei avisar você.

Carla explica:

– À esquerda está nosso salão de jogos. Reservei uma mesa de pôquer para o grupo de vocês, Matthew. Jogos de dardos e bilhar também estão disponíveis. Ao longo daquele corredor, estão as cabines para danças particulares e, no andar de cima, estão nossos quartos para interações ainda mais particulares, se vocês desejarem.

Ela nos leva até o bar.

– A primeira rodada é por conta da casa. Essa é Jane. – Carla faz um gesto em direção à garota de cabelos escuros atrás do bar, vestindo um paletó e nada mais. – Ela irá servir vocês.

Os olhos de Warren seguem uma mulher loira de pernas longas vestindo uma calça com seu traseiro de fora que está passando por ali.

– Achei que fosse ilegal ter garotas nuas e álcool no mesmo lugar.

Matthew chacoalha a cabeça.

– Isso é somente em Nova York e Jersey. Esta é a terra da prostituição legalizada.

Levanto um dedo.

– Mas todas as outras regras continuam valendo. O que significa que não é permitido tocar, até que alguém diga o contrário.

A boca de Warren ainda está aberta. Eu a fecho urgentemente.

– Fique calmo, cara. Não nos envergonhe, ou eu farei você esperar dentro do carro.

Ele força seu rosto a relaxar. Então balança a cabeça e solta os ombros.

– Não, está tudo bem. Estou relaxado. Eu... Puta merda! Você viu aquela garota com o pirulito?!

Desisto.

Eu me viro.

– Jane, gostaria de um uísque com gelo, por favor.

Serviço com um sorriso.

– Já está vindo, senhor Evans.

Carla toma sua deixa.

– Estarei por perto se precisarem de minha assistência.

Assim que ela se afasta, cinco garotas convergem até nós, uma mais maravilhosa do que a outra.

Tomo um gole de uísque enquanto uma dançarina vestindo lingerie azul me lança um olhar.

– Então, esta é uma despedida de solteiro? E você é o noivo?

Eu sorrio.

– Sou eu.

– Adoro noivos.

Conversa-fiada com dançarinas não é exatamente uma regra. Geralmente é mais uma transação: esfregar e girar em troca de alguns dólares. Mas esta não é uma típica boate de

striptease. E eu sou um cara amigável.

– Por quê?

– Eles sempre são os mais selvagens.

– Eu não sou. A festa é mais para os meus amigos. Sou apenas um observador inocente.

Ela ri e belisca minha bochecha.

– Você não parece inocente. – Ela dá um pequeno tapa em meu rosto. – Você parece o tipo mais safado.

Eu dou uma piscada.

– Culpado.

Uma garota com os cabelos encaracolados e quadril largo, vestindo um biquíni roxo ao lado de Jack, agora chama a minha atenção.

– Você quer ver um truque de mágica?

– Claro.

Do nada, ela segura um pepino grande.

– Eu farei esse pepino desaparecer. Olhe atentamente.

Ela tira a parte de baixo do biquíni, afasta as pernas, e insere a extremidade do pepino na boceta. Então, ela levanta as mãos acima da cabeça. Os músculos de seu abdômen se contraem, e em um passe de mágica o pepino é deslizado para cima, desaparecendo para dentro da vagina.

Agora, estamos todos boquiabertos, como Warren.

Assim, o pepino aparece e desliza para baixo. Ela o apanha e diz com uma voz doce.

– Tcha-rã!

Eu começo a bater palma.

– Você é uma garota muito talentosa.

Sim. Irei para o inferno. Mas ao menos estarei em boa companhia.

Jack levanta as mãos, com os dedos afastados.

– Eu dou nota dez pela criatividade.

Matthew continua.

– Você faria o maior sucesso naquele programa *The X Factor*.

Ela apenas sorri para mim.

– Que tal uma dança em particular e posso mostrar a você todos os meus talentos?

Encolho os ombros.

– Talvez mais tarde.



Uma hora, alguns drinques e mais ou menos cem notas de um dólar depois, Carla retorna ao nosso pequeno grupo.

– Espero que os cavalheiros estejam se divertindo.

Enquanto eu passo o tempo observando duas garotas se beijando na direção de um cliente de meia-idade, Matthew responde:

– Nós estamos, sim. Obrigado. O serviço e as atrações são impecáveis.

– Nosso objetivo é agradá-los. E agora é hora de dar ao convidado de honra as verdadeiras boas-vindas ao Paradise.

Ela pega meu braço.

– Você vem comigo, Drew?

Isso tira minha atenção do Show de Preliminares Femininas.

– Estou bem aqui. Obrigado.

Ela sorri persuasivamente.

– Desculpe, mas não é opcional. Seus amigos insistiram.

Enrugo minha testa.

– O que vocês, otários, fizeram?

Matthew ri sinistramente.

– Nada que você já não estivesse esperando.

– É sua última noite de liberdade, cara. Aproveite – Jack adiciona.

Mais duas garotas chegam por trás de mim. Elas e Carla me tiram de cima do banco e me levam para cima do palco enquanto Steven grita:

– Só vai doer por um minuto!

Decido me entregar ao fluxo. Era muita ilusão esperar que os caras não tivessem algum evento maluco e perverso planejado. É melhor acabar com isso logo. Uma cadeira solitária e vazia está no meio do palco. Enquanto três pares de mãos femininas me empurram para sentar na cadeira, as luzes diminuem ainda mais. Os focos de luz dançam pelo ambiente, e quando a música “One More Night” do Maroon 5 começa a tocar, a plateia vibra.

Duas mulheres saem dançando dos bastidores. Elas estão usando fio dental preto e blusas pretas transparentes de botão. Depois de algumas reboladas e chutes altos, elas se viram em minha direção. Uma delas fica de joelhos e engatinha ao redor de minhas pernas como uma gata submissa e atraente.

Suas mãos deslizam pelas minhas canelas até os joelhos, empurrando-os rapidamente para afastá-los. Então ela amarra cada tornozelo ao pé da cadeira com uma faixa surpreendentemente forte. A garota que está atrás arranha as unhas vermelhas por meu peito, parando um pouco acima da zona de perigo. Ela puxa meus dois braços para trás e amarra meus punhos. Não é exatamente prazeroso. Alguns caras gostam de ser dominados, mas como a história mostra, sou mais do tipo dominador.

Mas meu interesse é estimulado. A plateia enlouquece quando outra mulher aparece ao centro, dançando graciosamente ao redor do poste, obviamente a estrela do show. Ela é pequena, mas as botas pretas de couro que vão até as coxas, de salto alto com espinhos, fazem-na parecer mais alta. Seus cabelos estão presos embaixo de um boné preto de couro, seus lábios estão cobertos por um batom vermelho berrante, e seu rosto é disfarçado por óculos de sol escuros. O resto de seu corpo, porém, está despido para quem quiser ver. Um fio dental com um triângulo escasso está pendurado no quadril. Seus seios estão enfeitados com adesivos para os mamilos, e nada mais.

Com suas costas para mim, ela tira o boné e o joga para a plateia, revelando uma cascata de cabelos castanhos brilhantes. Ela dá mais alguns giros no poste, e então se vira para mim e caminha em minha direção.

Por um momento, eu poderia jurar por meu filho que era Kate. O rosto e as dimensões do corpo são *bastante* semelhantes.

No entanto, olhando mais de perto, consigo ver as diferenças. Além do fato de que Kate Brooks jamais estaria em cima de um palco balançando as tetas e o traseiro na frente de

estranhos, a não ser que ela realmente *quisesse* que eu enfiasse perfuradores de gelo nos olhos de cada babaca que está neste lugar.

E, sim, isso incluiria os babacas que vieram comigo.

Mas também a pele dessa garota é mais clara do que a de minha noiva, seu nariz é mais fino, seus cabelos não têm o mesmo tom de mogno. Fora isso, a semelhança é assustadora pra cacete.

Ela gira e encosta em mim, com as costas pressionando meu peito. Seus cabelos caem em meu rosto e fazem cócegas no meu nariz. Ela tem um cheiro... ótimo. Como madressilva e jasmim. Como um incenso de almíscar, o aroma de um quarto fechado depois de horas de sexo fantástico. Ela não tem um cheiro tão incrível como o de Kate, mas seu perfume é o que eu definiria como incrível se eu nunca tivesse tido o prazer de sentir o cheiro sublime de Kate.

Seus braços se enroscam como uma cobra em meu pescoço, e sua bunda se aninha perfeitamente contra meu pau. Então ela desliza para baixo de minhas pernas afastadas e arqueia as costas à frente elegantemente, levantando o quadril em direção a meu rosto, me provocando. Ela planta os pés no chão e estende as pernas, ainda com o tronco à frente. Então, ela desliza o fio dental por suas pernas e dá um forte tapa na sua nádega direita, de um jeito que estou certo de que todo cara que está neste lugar gostaria de fazer.

Ela fica em pé e volta a me olhar. Ela chuta uma perna devagar ao redor de minha cabeça, me dando uma amostra livre e detalhada de sua boceta desnuda.

Juro que tento não olhar. É sério.

Mas eu olho.

Me dá um tempo, porra. Eu estou noivo, não estou morto.

Ela sobe em meu colo, olhando para mim. Então, ela enfia o fio dental que ela estava usando dentro da minha boca. A plateia urra fazendo um barulho crescente e ensurdecidor.

Acho que o trem acaba de descarrilhar. Eu gostaria de me livrar. Mas não do jeito feliz. É tudo diversão e brincadeiras até que você tenha os fluidos corporais de outra mulher na sua língua. Kate nunca acharia isso legal. Lembre-me de passar um pouco de Listerine quando voltarmos para o quarto.

Seus lábios vermelhos sorriem enquanto ela tira a gravata de meu pescoço, e eu consigo cuspir o fio dental. Sem se perturbar, ela pendura a gravata aberta em meus ombros e segura cada lado como as rédeas de um cavalo. Ela enrosca as extremidades nas mãos e as utiliza como alavancas. Seu quadril balança e rebola com perfeição, do jeito que somente uma dançarina experiente, ou uma prostituta cara, sabe fazer.

Para o meu total horror, meu pau fica duro. Ele se move rapidamente para a posição, rígido e pronto.

Desde o dia em que Kate deixou que eu a comesse, nem eu nem meu pau nos ligamos em nenhuma outra mulher. Não importa quão atraentes ou disponíveis, nunca mais nos interessamos. Nem nos excitamos.

Nem uma só vez.

Parece completamente errado. Para usar as palavras de Kate, é como uma bússola apontando para o sul. Se isso acontecesse, é como se o universo estivesse desequilibrado. O fim do mundo como o conhecemos. É isso que se parece.

Como uma traição.

Talvez os padres estivessem certos, afinal. Talvez os pênis sejam malvados.

Eu olho para o meu colo.

Traidor.

Capítulo 13

Depois que as luzes do palco escurecem e me desamarro da cadeira, não consigo descer do palco rápido o bastante. Caminho em uma linha direta até meu lugar feliz, também conhecido como bar.

Os caras estão ao meu redor, me dando tapas nas costas e rindo como chimpanzés no zoológico.

– Aquilo foi incrível!

– Estou repensando essa história de casamento. Se eu puder ganhar um show como aquele, posso até me casar.

– Eu queria segundos como aqueles a qualquer hora... Não havia nada de preguiçoso naquela morena!

Mil pensamentos confusos correm na minha mente de uma só vez, mas eu mantenho a compostura.

– Foi ótimo.

A conversa rapidamente se transforma em nos unirmos ao jogo de pôquer na sala de trás. Enquanto os outros caminham até lá, Matthew volta até mim, enquanto ainda estou sentado no bar.

– Você está bem, cara?

Eu lambo meus lábios secos.

– Sim, estou bem. Só vou terminar meu drinque.

Ele faz que sim com a cabeça, compreensivo, e me deixa sozinho. Devo admitir que estou tremendo um pouco. Por que eu fiquei excitado daquele jeito? Será que aconteceu porque a mulher rebolando em cima de mim parecia tanto com Kate? E, o mais importante, será que eu tenho que contar para Kate?

Jesus.

Em cinco segundos eu paro de olhar para meu drinque e o engulo completamente. Não vou contar para Kate de jeito algum.

Não olhe assim para mim. Quem disse que a honestidade é a melhor política nunca viveu com uma menina. Às vezes, é melhor manter a boca fechada. Certas coisas as mulheres não querem saber. Coisas como o que aconteceu, que não farão nada além de aborrecê-las.

Estou confortável com minha decisão, até que alguém cutuca meu ombro.

Viro-me para encontrar um grande e lindo par de olhos castanhos sorrindo para mim. Se meu pau tivesse um cotovelo, ele me daria um cutucão.

Ela trocou de roupa desde o show no palco. Ou, devo dizer, ela se cobriu. Está usando uma meia de renda vermelha até os joelhos, com sapatos de salto alto combinando. Na verdade é bastante conservador para um lugar como este. Olhando mais de perto, eu noto que sua pele é branca, cremosa e clara, quase sem nenhuma maquiagem. Seus cabelos ainda estão soltos,

lisos e brilhantes, com um aspecto suave.

Ela me cumprimenta com um “Oi” animado.

– Oi.

– Meu nome é Lily.

Eu faço que sim com a cabeça.

– Você está se divertindo hoje à noite?

Eu faço um gesto para o barman e peço outro drinque.

– Claro, é... super.

Lily senta, sem ser convidada, no banco ao lado do meu.

– Fico feliz. Eu queria me certificar de que você tenha gostado do show, porque sou nova aqui. Comecei poucas semanas atrás.

A revelação me surpreende.

– Nunca iria adivinhar. Você tem um talento natural.

Seu sorriso aumenta de tamanho.

– Uau, você é um doce. – Sua voz se torna sussurrada, como se ela fosse começar a me contar uma informação secreta. – Mas eu não sou realmente uma dançarina de striptease.

Olho ao redor do ambiente. Então, analiso-a de cima a baixo.

– Isso seria um jogo elaborado de faz de conta?

Ela ri.

– Sou uma estudante, na verdade. Este é meu último ano na Universidade de Nevada.

Eu digo sarcasticamente.

– Uma estudante decide virar dançarina durante a faculdade? Quanto estereótipo.

Ela revira os olhos. Da mesma maneira que Kate faz frequentemente.

– Eu fui garçonete do Hooters por um ano. Mas do jeito que a economia está, eles tiveram que fazer cortes. E fui demitida mês passado.

– Sempre achei que tetas e bundas fossem à prova de recessão.

Ela encolhe os ombros e toma um gole de seu drinque.

– Todos nós achávamos.

Brinco com o guardanapo em cima do balcão, sentindo os olhos de Lily me avaliando.

– O quê?

– É que você... você não é nada como os outros noivos que eu já vi neste lugar. Eles agem como se eu fosse sua última refeição antes de serem executados. Mas você é diferente. É legal.

Apesar de ela estar parecendo sincera, suspeito que ela esteja fazendo o papel de garota boazinha tentando se dar bem. Dançarinas de striptease ficam nuas por dinheiro. Esse é o trabalho. Elas ganham mais dinheiro se os clientes gostarem, se elas conseguirem fazer com que eles sintam que são especiais. Diferentes.

“Eu não faço isso com qualquer um”, elas dizem, e bum, antes de o perdedor perceber, todo seu salário vai por água abaixo.

Ou virilha acima, nesse caso.

Lily coloca a mão na minha perna e começa a esfregar, se movendo mais e mais para cima.

– Que tal se nós formos lá para trás para uma dança privativa? Eu até transo com você de graça. Será meu prazer.

O que eu disse para você? Eu sei ou não sei das coisas?

Interrompo sua mão com a minha.

– Eu não posso.

Ela se inclina em minha direção e tenta novamente.

– É claro que pode.

Mas eu insisto.

– Eu poderia. Mas eu não vou fazer isso.

Ela para, finalmente entendendo. Ela parece um pouco confusa, e pergunta:

– Você tem uma daquelas noivas loucas e controladoras? Daquele tipo que faz você prometer que não aceitará que alguém dance no seu colo, mesmo na sua despedida de solteiro?

Eu chacoalho a cabeça.

– De jeito algum. Não acho que ela ficaria brava. Mas... acho que a magoaria.

É isso que ninguém te diz sobre estar apaixonado. É claro que é maravilhoso e incrível e um sentimento fantástico. Mas também há estresse. Obrigação. Responsabilidade. O conhecimento de que a felicidade de outra pessoa, alguém que significa tanto para você, pode ser construída ou destruída pelas escolhas e pelas coisas que você faz.

Ou, no meu caso, o que você não faz.

– Já fiz isso antes. Pisei na bola. Eu a machuquei. E estou determinado a nunca mais fazer isso novamente.

Lily me lança um olhar de admiração. Ela não deve estar acostumada a conversar com um cara que não é um completo cabeça de vento. Para ela, deve ser como quando aqueles cientistas dos anos 1960 finalmente descobriram que macacos eram capazes de aprender linguagem de sinais. Uma revelação.

Ela beija a ponta do dedo e a pressiona na minha bochecha.

– Espero que sua noiva saiba como ela é sortuda, Drew.

Eu sorrio.

– Eu me certificarei de lembrá-la todos os dias.

Ela sorri com uma expressão de nostalgia. Então, seu olhar se vira para a outra extremidade do salão, onde um cavalheiro mais velho, vestindo um terno caro, está sentado sozinho, parecendo completamente solitário.

Ela salta do banco do bar.

– O trabalho me chama.

Em um borrão de cabelos escuros, ela caminha até ele.

Meus olhos a acompanham enquanto ela vai embora. E, *graças a Deus*, meu pau não se move um centímetro.

Antes de ela chegar a seu destino, eu tenho uma ideia. A prática leva à perfeição. E não há nenhum treino melhor do que uma dançarina novata.

Eu a chamo de volta.

– Eu vou pagar pela dança privativa, afinal.

Seus olhos acendem.

– O.k.

– Mas não é para mim.

Eu a levo até a sala de trás, onde Warren está jogando pôquer – muito mal – com Steven, Jack e Matthew.

– Ei, otário, você já recebeu uma dança no colo?

Ele tem uma expressão de suspeita, provavelmente pensando que eu estou armando alguma brincadeira para cima dele e vou fazê-lo de trouxa. Não que ele precise de muita ajuda nesse departamento.

– Não, nunca recebi. Por quê?

Eu sorrio e faço um gesto para cada um deles com minha mão.

– Lily, esse é Billy. Billy, Lily.

Warren fica em pé e Lily envolve o braço em volta dele.

– Primeira vez, não é? Eu vou cuidar bem de você.

Estou só acumulando minhas boas ações, não estou? Eu cutuco os ombros dos dois.

– Divirtam-se, crianças.

Enquanto eles caminham juntos, ouço Warren perguntar.

– Você já ouviu aquela piada sobre o padre e o rabino em um bar?

Eu fecho os olhos e chacoalho a cabeça.

Porra, ele não tem jeito.



Eu digo para a mesa do pôquer que estou entrando no jogo, então coloco meu dinheiro em cima da mesa e empilho as fichas verdes que ela desliza para mim. Sem me avisar, uma garota que distribui doses de bebida coloca um uísque fresco na minha frente, e deixa minha gorjeta na bandeja. O Paradise não é um lugar qualquer. Não é só sobre as dançarinas. Eles querem fazer com que os clientes se sintam como reis, antecipando seus desejos.

Jack troca duas cartas e comenta.

– Drew Evans rejeitando uma dança. Isso me faz ficar triste.

– Eu rejeitei em respeito a Kate. Assim como ela cancelou a massagem em respeito a mim.

Steven sorri e me parabeniza.

– Você evoluiu muito, Pequeno Gafanhoto.

Eu sorrio.

– Kate e eu temos um relacionamento bastante respeitoso.

Isso é verdade, na maior parte do tempo. Apesar de às vezes um pouco de desrespeito poder acabar sendo bem divertido.

Vamos examinar essa teoria mais de perto:

Depois do que parecia uma eternidade sem estar dentro de Kate, nossa abstinência de seis semanas chegou ao fim. Meus generosos pais, que hoje à noite amo mais do que nunca, concordaram em vir a nosso apartamento e cuidar de James por algumas horas.

Meu pau tem ideias fabulosas e pervertidas de como passar cada minuto dessas horas.

Apesar de suas intenções, não fomos direto ao quarto de hotel que aluguei para a noite. Por que não?, você pergunta. A resposta mais curta é porque sou propriedade de Kate. Agora sou um pau-mandado, um tremendo idiota. A resposta mais longa é que Kate coloca um esforço extra em se vestir para nossa noite juntos. Ela pintou as unhas, fez um penteado e comprou um vestido preto delicioso que faz seus seios ficarem fantásticos. Isso significa que ela quer passar ao menos uma parte da noite em público. Em meio a outros adultos.

Investindo em conversas que irão estimular sua mente da mesma forma que eu planejo

estimular seu clitóris com minha língua muito em breve.

Então... Estamos jantando no Jean-Georges, um restaurante ultrachique localizado a um quarteirão da nossa suíte de hotel. O papo durante o jantar foi interessante e divertido, como sempre. Nós conversamos sobre James, trabalho, a transição de Kate para voltar ao escritório, e minha conversão pendente em um dono de casa de meio período. A comida estava ótima também. Ainda assim, não foi exatamente uma refeição relaxante para mim.

Meu corpo está tenso com a ansiedade, e cada pequena coisa que Kate faz me dá vontade de comê-la ainda mais. O jeito que seus dedos agarram o copo, a maneira como ela lambe os lábios e desliza o garfo para dentro da boca.

Cristo.

É uma bênção, o fato de você não poder morrer de tanto tesão. Porque eu estaria gelado neste momento.

Apesar de Kate ser rígida com a alimentação, porque ela está amamentando e trabalhando duro para voltar a entrar em seu jeans skinny, consegui convencê-la a pedir uma sobremesa.

Não foi minha melhor ideia.

– Mmmm... – ela geme, dando uma mordida no bolo de chocolate.

Meu pau se move, como um touro indomável louco pra sair de dentro do curral.

Engulo o resto do meu vinho, lembrando a mim mesmo que só faltam alguns minutos para eu tê-la só para mim. Nua. Sem ninguém e nada para nos incomodar por quatro horas de êxtase.

Kate empurra seu prato e limpa a boca elegantemente com o guardanapo. Então, ela olha para mim, pensativa:

– Estive pensando em uma coisa.

– Em que você esteve pensando?

Estou surpreso com o fato de minha voz sair em um tom normal, considerando que minha virilha está doloridamente apertada dentro da minha calça.

– Você se lembra da noite em que nos conhecemos, no REM?

Eu me inclino à frente e passo meu dedo em seu braço nu de cima a baixo.

– Cada detalhe provocante.

Ela gosta da minha resposta. Ela sorri.

– O que você acha que teria acontecido se eu tivesse ido para casa com você naquela noite?

Eu me forço a tirar o olhar dos peitos impressionantes de Kate para encontrar seus olhos.

– Eu teria feito exatamente o que eu disse. Teria dado um novo significado para a palavra prazer.

– Mas e depois?

Essa é uma daquelas perguntas hipotéticas de pegadinha que as mulheres adoram fazer, só para brincar com as nossas mentes.

– E se você tivesse conhecido minha irmã primeiro? Você teria me respeitado se eu transasse com você no primeiro encontro? Se você pudesse voltar no tempo, ainda casaria comigo?

Contrário à crença popular, definitivamente existe um jeito certo e um errado de

responder. Infelizmente, para os homens, a resposta honesta é geralmente a errada.

Mas porque jurei nunca mais mentir para Kate, e porque ela saberá se eu estiver mentindo, escolho a verdade.

– Depois, eu teria pagado o seu táxi e teria ido sozinho pelo meu caminho feliz e sexualmente satisfeito até em casa – eu pisco –, e eu teria colocado essa noite entre as melhores da minha vida. Até aquele momento.

Ela não contrai a testa, exatamente, mas o potencial está ali. Posso ver o desapontamento em seus olhos castanhos, e os cantos de seu sorriso caem só um pouco.

– É isso? Então, você não acha que nós estaríamos juntos agora?

Eu pego sua mão e a seguro na minha, olhando-a um pouco antes de beijar cada um de seus dedos.

– Eu não disse isso. Como aquelas da maior parte dos gênios, minhas epifanias levam um pouco de tempo para se estabelecerem. Eu teria passado grande parte do domingo lembrando de tudo, mas, no domingo à noite, eu já teria começado a descobrir como encontrar você de novo.

Como um passe de mágica, a pré-contração da testa se esvai.

– Você iria querer me encontrar pela segunda vez?

– Segunda, terceira, quarta... E quando eu encontrasse você no meu escritório na segunda-feira? Você pode apostar que meu sofá iria ser escandalizado muito mais cedo.

Kate se inclina à frente, me provocando de propósito com uma visão privilegiada de seu decote.

– E quanto à sua regra de que Drew Evans não brinca da mesma montanha-russa duas vezes?

Eu aproveito o cenário.

– Eu provei além de qualquer dúvida de que quando estamos falando de você, minhas regras sempre foram feitas para ser quebradas. Se você fosse uma montanha-russa, eu teria comprado a porra do parque de diversões inteiro e brincado em você até cansar.

Kate desliza sua mão livre pela minha coxa, se aproximando da terra prometida. Sua voz é provocante. Brincalhona.

– Você está flertando comigo, senhor Evans? – Se você tem que perguntar, estou obviamente enferrujado. – Eu melhoro minha jogada. – Tire sua calcinha. Aqui e agora. E dê para mim.

Está bom pra você?

Sua mão interrompe a exploração.

– Receio que não posso fazer isso.

Ela não parece tímida ou chocada. Então, sei que sua rejeição não é porque ela não quer. Uma lâmpada lasciva se acende acima da minha cabeça.

– Você não está usando, não é?

Kate olha dentro dos meus olhos. E articula sua resposta sensualmente:

– Não.

Instantaneamente, meu dedo se levanta em direção ao garçom.

– Por favor, a conta.

Ele rapidamente traz a conta e joga um bolo de notas na mesa. Apressado, fico em pé.

Kate ri.

– Eles pensarão que você ficou infeliz com a comida, Drew.

Eu ajudo Kate a se levantar e desço minha boca até sua orelha.

– Não dou a mínima para o que eles pensam. Se eu não tirar você daqui agora mesmo, eu deitarei você em cima dessa mesa e darei aos outros clientes um show que eles nunca esquecerão.

Ela olha para meu rosto, me provocando.

– E eu deixaria você fazer isso.

Ignorando os olhares dos clientes e da equipe ao redor, Kate envolve os braços em meu pescoço e me beija. Quando sua língua exigente roça na minha, a sensação vai direto para as minhas bolas. Com meu braço em sua lombar, eu digo:

– Você se arrumou toda como uma boneca. Achei que você quisesse sair.

– Drew, eu não tenho um orgasmo há seis semanas. A única coisa que eu quero é seu pau tão dentro de mim que eu até posso sentir seu sabor.

Na verdade não me lembro de ter saído do restaurante depois disso. A revelação incrivelmente suja de Kate deve ter fritado meu cérebro.

Sem perceber, estamos na calçada e estou arrastando Kate para a lateral do prédio, para o beco estreito largo o bastante para caber uma caçamba de lixo virada para a rua. Eu tenho consideração o bastante para levar Kate para o lado oposto, para ficarmos protegidos da visão dos carros e pedestres. Meus olhos analisam o caminho por algum intruso. Sem encontrar ninguém, volto toda minha atenção para Kate, para compensar todos os dias que ela aguentou sem sexo.

Minha mão se enterra em seus cabelos, agarrando as mechas suaves, segurando sua cabeça enquanto exploro sua boca com minha língua. Ela se contorce e se esfrega em mim, puxando minha camisa para fora da calça e mexendo no meu cinto.

Em momentos como esse eu desejo que Deus tivesse feito pessoas como polvos; seis mãos a mais seriam convenientes agora. Nós estamos loucos um com o outro, rasgando e puxando peças de roupa irritantes, querendo tocar cada zona erógena ao mesmo tempo.

Isso me lembra da primeira vez em que nos beijamos, aquela noite no escritório anos atrás. Sinto o mesmo que naquela noite. Eu queria Kate, fantasiei com ela por semanas. A diferença agora é que eu sei precisamente o que eu estava perdendo. Então, sou ainda mais sedento por ela, beirando a total perda de controle.

Minha mão desliza pela frente do seu vestido, no seu sutiã, esgarçando o tecido. Eu levo minha mão ao seu seio, apalpando-o, e um gemido de aprovação reverbera na garganta de Kate. Meus dedos esfregam e beliscam seu mamilo, fazendo-o endurecer em um pico perfeito. Kate afasta sua boca da minha e a leva até meu pescoço, sugando e lambendo, brincando com a pele sensível em seus dentes, me fazendo ficar de pernas bambas.

Eu mudo de marcha e deslizo minhas mãos por suas coxas, levantando seu vestido acima da cintura. Assim, eu me ajoelho e pauso por um momento para apreciar a visão de sua vagina especialmente suave.

Ofegando forte, Kate tenta cobrir a barriga com as mãos.

– Eu sei que eu não estou...

– Nem termine essa porra de frase.

Eu pego seus punhos, segurando-os para longe de seu corpo.

A gravidez é uma experiência estranha para as mulheres. Tantas mudanças rápidas;

mentais, emocionais, físicas. E não, Kate não está exatamente igual a antes. Mas só um completo otário esperaria que ela estivesse.

Só o rei eminente de todos os otários se importaria com isso.

– Você fez uma pessoa, Kate. Uma pessoa incrivelmente maravilhosa. – Então eu a encaro e digo sinceramente. – Para mim, você nunca foi tão bonita como está agora.

Um sorriso aparece em seus lábios corados. Eu solto seus punhos, me inclino à frente e pressiono a boca contra a pele suave de sua boceta.

Olá, amiga. Estava com saudade de você.

Eu a abro com meus dedos e me aventuro lá dentro. Ela está quente em minha língua, e já molhada e mais doce do que bolo de chocolate. Eu aperto sua bunda com minhas mãos, pressionando-a para frente e me delicio no gosto dela. Meus olhos se reviram enquanto Kate geme e grunhe acima de mim. As unhas de seus dedos arranham minhas costas e depois de um minuto ela começa a implorar.

– Por favor, Drew... Eu preciso de você dentro de mim. Eu quero sentir você agora.

Sou incapaz de negar isso a ela, então eu dou uma última lambida e fico em pé. Eu cubro os lábios dela com os meus e vamos até a parede do edifício. Enquanto acaricio seus seios, Kate desce minha calça e minha cueca pelo meu quadril.

Ela pega meu pau pulsando em suas mãos, batendo firme e devagar.

Eu gemo dentro da boca dela.

Então eu a levanto, segurando a parte de trás de sua cabeça com uma das minhas mãos para que ela não bata contra os tijolos. Meu outro braço está embaixo de seu traseiro, segurando-a para cima. Kate trava os tornozelos juntos na minha lombar, e então guia meu pau para casa.

Eu não espero. Esperar não é possível. Eu mergulho para dentro dela, duro e profundo.

– Drew... – ela suspira.

As paredes internas e molhadas de Kate se esticam ao meu redor, ainda aconchegantes, em êxtase. Quando enterro completamente, eu saboreio a sensação de estar dentro dela de novo. Estar cercado e seguro por uma perfeição intensa e deliciosa.

Eu sussurro a única palavra que importa:

– Kate...

Suas pernas me puxam para mais perto, com os joelhos mais apertados. Eu faço o que nós dois estamos loucos para fazer.

Começo a me mover.

Devagar, meu quadril vai para trás. A boceta de Kate agarra meu pau espetacularmente enquanto ele desliza para fora dela.

– Você me dá a sensação do paraíso – eu gemo.

Então eu a penetro forte, esfregando seu clitóris com minha pelve, me certificando de que ela está sentindo o mesmo prazer arrebatador que eu estou sentindo. Eu mantenho esse ritmo, devagar, estocadas firmes que fazem Kate gemer cada vez que nossos corpos colidem.

Seus olhos se fecham e sua boca encontra a minha.

Nós estamos engasgando e gemendo, nos pegando e pulsando, nos afogando em uma fricção fantástica. Com sua bochecha pressionada contra a minha, Kate arfa:

– Oh, meu Deus... Oh, meu Deus, Drew, eu vou gozar.

Meu quadril se apressa, precisando senti-la se contrair ao meu redor mais do que eu preciso de ar para respirar.

– Porra... Goza... Deixe-me sentir você gozar forte.

Então ela o faz. Seus braços ao redor do meu pescoço, suas pernas em volta de minha cintura se contraem e ficam mais apertadas.

A boceta de Kate espreme meu pau em um ritmo primitivo e incontrolável que me puxa mais para dentro dela. Eu a penetro uma última vez, até que eu subo até a estratosfera com ela. É tão bom, tão intenso que por alguns longos momentos especiais o único som que eu consigo ouvir é a corrente de êxtase retumbando em meus ouvidos.

Minutos depois, ainda estou respirando profundo contra o pescoço de Kate, e ela continua a tremer como se estivesse levando choques. Ainda dentro dela, eu levanto minha cabeça e tiro os cabelos dela de seu rosto.

– Isso foi incrível.

Ela abre um sorriso grande.

– Foi maravilhoso.

Com cuidado, eu volto a colocar seus pés no chão sólido. Eu ajudo a colocar seu vestido no lugar, e então enfio tudo dentro da cueca e fecho o zíper.

– E nós ainda temos toda uma suíte esperando por nós.

– Me leve para minha suíte. – Kate estende a mão para mim.

Eu pego sua mão.

– Será um prazer.

Literalmente.

Já na calçada, a névoa de luxúria se dissipa e Kate coloca a outra mão em seus olhos.

– Eu não acredito que nós fizemos sexo em um beco.

Eu pigarreio.

– Eu não acredito que esperamos tanto tempo para fazer sexo em um beco. O que eu estava pensando?

Essa é uma atividade que definitivamente irá entrar na minha lista de repetição.



E aí você se pergunta se fazer sexo no beco é digno de respeito? Geralmente... não. Mas, nesse caso, era exatamente o que nós precisávamos.

Agora, de volta ao nosso jogo de cartas.

Jack se vira para Steven.

– O que você diz, Reinhart, você, eu e duas das garotas mais flexíveis na boate?

– Alexandra arrancaria minha cabeça se eu deixasse uma garota dançar no meu colo, em particular ou de qualquer outra maneira – Steven lamenta.

Matthew sorri.

– Delores gostaria. Mas só se ela pudesse assistir.

Steven chacoalha a cabeça.

– Eu não quero dar outra razão para ela ficar brava comigo.

Matthew dá risada.

– Mas é assim que funciona, cara. Dee fica mais feliz quando estou fazendo merda. É uma

desculpa para ela gritar comigo. Ela se sente necessitada, e me faz apreciar quão sortudo eu sou por tê-la. Para homens e mulheres, esse é o ciclo da vida.

Steven considera a ideia, mas ainda assim diz a Jack:

– Eu não acho que homens casados pertencem à cabine privativa. Se eu quiser um show de striptease, eu pagarei aulas de *pole dancing* para minha mulher. – Seu rosto se acende. – Na verdade, esse será o presente dela de Dia das Mães. Bum. Pode riscar isso da lista.

No começo, eu contraio a testa ao imaginar isso... Mas então eu supero e sorrio. Porque eu sei exatamente o que dar para Kate no *meu* aniversário.

Depois de Warren surgir da cabine privativa com uma expressão confusa e satisfeita, e andando com o corpo rígido porque provavelmente deve ter gozado na calça, todos nós sentamos na primeira fila do palco principal para curtir outro show. Dessa vez, sem minha participação. Era uma produção com o poder feminino como tema, o que significa três garotas e uma variedade de brinquedos a bateria. Um show como esse é garantia de ter qualquer homem esperando por um bis.

Eu aplaudi em pé.

Então, nós cinco voltamos à sala de jogos para um torneio de dardos. Está nos vendo lá? Está na vez de Jack. Steven está assistindo a outro membro do Grêmio da Dançarina do Pirulito brincar de esconde-esconde do outro lado do recinto, enquanto Matthew, Warren e eu estamos encostados na parede cuidando de nossos drinques.

O telefone de Warren soa com uma nova mensagem. Ele olha para baixo por alguns segundos e ri.

Sem nenhum motivo especial, eu pergunto.

– O que há de engraçado?

Sua reação estimula meu interesse. Ele solta a mão que segura o telefone na lateral de seu corpo e fica sério de repente.

– Nada.

Eu desencosto da parede e fico em pé em frente a ele.

– Deixe-me ver seu telefone.

Ele esconde atrás de suas costas.

– É estúpido. Nada que você queira ver.

– Bem, agora eu quero, porra.

Como um rato encurralado, ele chama Steven.

– Reinhart, pense rápido. – E joga o telefone no ar. Steven consegue pegá-lo, mas, como ele sempre gostou de brincar de “bobinho”, quando eu chego perto, ele joga o telefone para Matthew. Matthew faz Jack entrar no jogo. Eu dou três passos para trás em direção a Warren, para que fique bem em frente a ele quando ele pegar o telefone.

Então, eu termino o jogo, com um soco não muito forte no estômago de Warren.

Humpf.

Ele inclina o tronco para a frente, segurando a barriga. O telefone cai de suas mãos e espatifa no chão. Eu pego e acesso a tela principal. Warren diz entre os dentes.

– Evans, estou dizendo a você como um amigo. Você não deveria olhar as fotos.

Eu o ignoro.

Eu aperto o botão, e a imagem aparece em todo seu nojento e vívido esplendor em alta resolução e multimegapixels. Este é um dia histórico. Marque na porra do seu calendário. Pela

primeira vez na vida, Warren estava certo.

Eu não deveria ter olhado.

Os caras olham por cima do meu ombro enquanto vejo as fotos, claramente tiradas esta noite. A primeira é de Kate nos ombros de um otário aleatório sem camisa, rodeada por mãos estendidas de outros babacas que lembram fortemente o Tarzan. Eu não gosto, mas eu posso viver com isso.

A próxima mostra Kate sendo levada nos braços musculosos de um idiota diferente vestindo um fio dental. Suas mãos estão apoiadas nos ombros dele, e sua saia está levantada até as coxas. Está tão alta que, se você olhar de perto, conseguirá ver a calcinha de renda rosa e preta que me causou tanta preocupação hoje mais cedo.

Eu agora planejo queimar a calcinha como lixo tóxico assim que voltarmos ao hotel.

Minha mão aperta o telefone. Se eu fosse um super-herói, ele já teria se tornado poeira. Mas eu consigo manter a calma.

Steven comenta atrás de mim:

– Não fique nervoso, garoto. Elas não são tão ruins.

Então, eu deslizo para a foto final.

Jack diz:

– Ah, essa, sim, é ruim.

Ruim? Ruim é um garoto que cai da bicicleta, perdendo algumas camadas da pele. *Ruim* é o Derek Jeter indo para o banco lesionado durante as finais do campeonato. Essa foto não é ruim. É uma blasfêmia.

Ela está inclinada para trás em um sofá com encosto preto, com um cara em cima dela, alinhado perfeitamente para fingir que estão transando através de seu fio dental preto brilhante.

Se ele pusesse as pernas dela em seus ombros, eles estariam em uma de suas posições favoritas. E ela está sorrindo. Ela está desviando o olhar da câmera, para o lado, mas sua boca está aberta. Congelada em um grande grito, como se estivesse gargalhando.

Não é exatamente a imagem da noiva leal e devotada, não é?

Cada músculo em meu corpo demanda que eu mergulhe para dentro do telefone, pegue o filho da puta que está em cima dela e o enforque até ele apagar. Mas o golpe final é quando vejo o que está escrito embaixo da imagem. A mensagem que Dee-Dee enviou, provavelmente com muita alegria. Olhe só:

Drew quem? :D

Lembra-se do que eu estava dizendo antes? Sobre como quando você está apaixonado, as escolhas que você faz podem exercer grandes efeitos na pessoa que você ama? Bem, eu não estava falando só sobre as minhas escolhas. Mas sobre as escolhas de Kate também.

Algo dentro de mim se quebra. Se estilhaça. Matthew, o único que sente o quão perigosamente eu estou à beira de um ataque de nervos, tenta me acalmar.

– É só uma dança, cara. É uma despedida de solteira. Amanhã tudo voltará ao normal.

Eu dou risada e minha boca tem um gosto amargo. Meus movimentos são perigosos e desesperados. Eu empurro a mão de Matthew para longe e jogo o telefone para Warren.

– Você está certo, Matthew, não significa porra nenhuma. Nada disso é verdadeiro, não é? É a carruagem da Cinderela, um passeie livre de uma noite só. Então, amanhã, será como se isso nunca tivesse acontecido.

Matthew contrai a testa.

– Drew...

Warren interrompe.

– Você poderia parar de ser um puta de um hipócrita? – Ele abre os braços. – Você está vendo onde nós estamos?

Eu não penso sobre como ele está certo novamente. Não penso sobre todas as coisas erradas que eu cometi, ou todas as promessas que eu fiz.

Porque, antigamente, na época dos homens das cavernas, eles não tinham tempo para considerar as ramificações de suas ações quando um mamute peludo estava vindo atrás deles. Tudo o que eles podiam fazer era reagir. Esse mesmo instinto primitivo está me impulsionando agora. Me levando a fazer alguma coisa, qualquer coisa, para me livrar do ciúme que está queimando em meu peito.

Era uma vez um cara e ele era incrível. Ele tinha uma vida perfeita. Era bonito, tinha um ótimo emprego, dinheiro para gastar e mulheres tropeçando para transar com ele. E ele era “o” cara. O número um. O senhor Sem Desculpas, eu sei exatamente o que eu quero e consigo, se você não está comigo está contra mim, entre no jogo ou dê o fora.

Eu gostava daquele cara. Ele mandava. Ele estava no controle. E nunca houve um tempo em que se sentia mal como estou me sentindo agora. Em relação a nada.

Eu sei o que ele diria em um momento como esse: a Stella pode lambe as bolas do Chomper. Drew é quem precisava recuperar seu jogo. Então, ele teria pegado uma dançarina e pago por uma dança pervertida. Talvez até pago por mais. Para igualar o placar.

Mas se você acha que sabe como isso acontece, você está completamente errado.

Porque eu não farei *nada* disso.

Mesmo que isso seja uma merda, e que ver aquelas fotos tenha me deixado doente de ciúme, eu sei o que faria me sentir ainda pior.

Decepcionar Kate. Quebrar sua confiança. Fazê-la chorar.

Kate perdoou minhas cagadas e ela confia em mim, mesmo quando eu não dou motivo para ela fazer isso. A piedade é um presente que vem do amor, não do merecimento. E é isso que a Kate sempre será para mim.

Ela é minha piedade.

E eu não posso jogar tudo para o alto e falhar em ser o homem que ela adora. O homem que eu sei que posso ser. Para ela. Para o James.

Eu esfrego os olhos e respiro fundo. Os caras me observam enquanto eu caminho até o bar e me sento.

– O que você irá fazer? – Warren pergunta.

– O que você acha que eu irei fazer?

– Tentar se sentir melhor? Pegar uma dançarina? – Matthew oferece.

Eu apenas encolho os ombros.

– Já fiz isso, foi-se o tempo. Nunca acaba bem.

Além do que, você sabe tão bem quanto eu que ela não queria aquela dança mais do que eu queria um fio dental na minha boca. As garotas armaram aquilo para ela, e ela só estava seguindo o fluxo.

Mas ainda assim é uma merda. Por isso, quando Jack repete a pergunta de Warren, eu digo:

– Eu vou fazer o que qualquer cara no meu lugar faria. Vou beber.

A garçonete espevitada aparece na minha frente, sorrindo.

– O que você deseja, senhor Evans?

Eu encolho os ombros.

– Você tem alguma coisa capaz de apagar os últimos cinco minutos do meu cérebro?

Tentei fazer uma piada, mas ela sorri, pensativa.

– Na verdade, acho que tenho exatamente o que você está procurando.

Ela caminha até o final do bar e pega uma garrafa *long neck* brilhante cheia de *glitter*. Alguém passou dos limites na decoração. Ela levanta a garrafa.

– Essa é Pandora. Faz parte de uma competição aqui da casa. Custa oitocentos dólares. Se você for capaz de beber todo o conteúdo sem passar mal, vomitar, ou precisar de intervenção médica, você ganha uma camiseta escrito EU DOMINEI A PANDORA NO PARADISE. E nós colocamos seu nome e uma foto no MURAL DOS GOSTOSOS.

Ela aponta para trás do bar, onde MURAL DOS GOSTOSOS está aceso em uma placa neon. Sem nenhuma foto embaixo.

– Se você falhar em beber o conteúdo ou realizar qualquer um dos comportamentos mencionados, sua foto e seu nome estarão relegados ao MURAL DOS MARICAS.

Ela gesticula para a parede do lado oposto. Onde uma porrada de fotos estão penduradas. Todas mostrando algum pobre perdedor que tenha passado mal ou vomitado. Ou os dois. Um dos caras parece que está tendo uma convulsão.

Eu olho para a garrafa.

– O que há aí dentro?

– Nossa própria mistura. Eu não posso contar a porcentagem de álcool, mas eu devo adverti-lo que é bastante alta. Então, o que diz, senhor Evans? Topa participar do Desafio Pandora?

Aqui está um fato para você. Homens fazem praticamente qualquer coisa por uma camiseta. Arremesso livre até nossas costas pedirem arrego, comer cachorros-quentes até nossos estômagos se romperem. Se há uma chance de ganhar uma vestimenta de algodão barato que proclama nossas realizações? Não conseguimos resistir.

– Porra, claro que sim.

Com um tapa, eu coloco o dinheiro em cima do bar. Ela me entrega a garrafa e oferece um copo, que eu rejeito.

Eu desenrosco a tampa e brindo aos rapazes.

– A festa vai começar!

O líquido é doce e morno. Não tem o gosto amargo, que queima, da maioria das bebidas. Tenho certeza de que ganharei essa fácil. Poderia até colocar minha camiseta agora.

Eu olho para Matthew, que sorri de volta.

– O que de pior poderia acontecer, certo?

Capítulo 14

A capacidade de seu corpo absorver álcool e ainda funcionar depende de diversos fatores: peso, saúde do fígado, antigos padrões de consumo. A maioria dos adultos já sabe disso, mas no caso de você ser uma daquelas pessoas que não sabem, eu vou dizer a você. Há diferentes níveis de intoxicação.

Primeiro, há aquela sensação acolhedora e feliz que uma pessoa comum tem depois de tomar um ou dois drinques. A maioria de nós ainda seria capaz de operar um carro de maneira segura e, a não ser que você tenha um baixo índice de massa corporal, provavelmente passaria no teste do bafômetro. Nós chamamos esse estado de alegre.

Então, na faixa de três a cinco doses, algumas pessoas ficam meio bobas. Tagarelas. Possivelmente irritantes. Você está mais do que feliz nesse ponto, e mesmo as coisas mais mundanas parecem hilárias. Esse estado pode ser referido como cambaleante.

No próximo passo você está alcoolizado. Nesse momento você já perdeu a conta do número de drinques que você tomou. Você poderia fazer um buraco na sua língua com os dentes e não sentiria nada. Você está arrastando as palavras e trançando as pernas. Você está chapado.

O próximo nível de intoxicação é a obliteração total. O pensamento incoerente é praticamente extinto. A coordenação não existe. E seu nível de consciência é o mesmo de uma mosca que rodeia uma fruta.

Uma hora depois de ter aberto a garrafa de Pandora, estou completamente desnortado. Realizar algum movimento é um desafio. Como aqueles pesadelos onde o assassino do machado persegue você, e não importa o que você faça, suas pernas não se mexem. Parece que um campo de força invisível de gelatina grossa está cercando meu corpo. Cada ação é lenta e desgastante.

O tempo não significa nada. Aparentemente as células do meu cérebro estão morrendo tão depressa que somente momentos curtos e desconexos chegam até minha memória. Como fotos tiradas com uma velha câmera Polaroid.

Pelo que consigo perceber, a maioria dos clientes do Paradise foi embora, e minha despedida de solteiro praticamente dominou a boate.

Ali está o rosto de Jack, apenas centímetros distante do meu, com sua boca aberta e a língua para fora, gritando:

– O que tá pegandoooooooooo?!

Ali estão Steven e Matthew, atrás do bar, jogando garrafas um para o outro, fingindo ser Tom Cruise fazendo uma dança. Ali está Warren, tomando lições de striptease de uma dançarina, tentando rodar em volta do poste e caindo.

Como se ele precisasse de outro golpe na cabeça.

Então aqui estamos todos nós, em cima do palco, com meu braço jogado por cima do ombro de Warren enquanto gritamos a letra de “Making Love Out of Nothing at All” do Air Supply,

enquanto Steven, Matthew e Jack fazem a segunda voz.

Cristo Todo-Poderoso.

Quando a névoa se esvai, eu estou no bar, com a bochecha descansando preguiçosamente sobre a minha mão. Sentada ao meu lado está a stripper de cabelos escuros que cavalgou em mim em cima do palco. Eu sei que deveria saber o nome dela, mas eu não consigo lembrar. Ela está falando animadamente, suas mãos se movendo tão depressa quanto sua boca. Só consigo ouvir uma ou outra palavra.

Olho para a garrafa que está ao meu lado em cima do bar. Está três quartos vazia. Encolho os ombros, trago a garrafa até meus lábios, e consigo tomar um gole. Um pouco do líquido vermelho escorre pelo meu queixo e molha minha camisa. Isso é constrangedor. Eu nunca fui esculhambado enquanto bebo.

– ... Então, está tudo bem com você, certo, Drew?

Ouvir meu nome chama minha atenção, e eu me viro em direção ao som. Como um cachorro.

– Hã?

Ela sorri.

– Geralmente eu não faço isso, mas vocês são muito divertidos.

Concordo.

– Sim, somos nós. Somos os cdd... sim...

Com um sorriso compassivo, ela salta de cima do banco do bar.

– Pegue leve com esse negócio, bonitão.

Eu tento levantar os dois dedões – o sinal universal de *Está tudo certo* –, mas meus dedos não cooperam. Em vez disso, levanto meus dez dedos.

Ela ri, me cumprimenta tocando nossas mãos e vai embora. Sento por um momento. Então – porque eu sou um puta gênio – decido que quero jogar dardos. Arrasto-me para fora do banco à procura de um jogo.

Isso não acabará bem.



Algum tempo depois – poderiam ser três horas ou três minutos – percebo que estou sentado em uma cadeira em uma das mesas de pôquer lá de trás. Cinco cartas estão na minha mão e uma pilha de fichas está próxima a mim.

Não posso sentir meu rosto, e por um momento temo que eu possa ter caído. Eu estapeio minhas bochechas.

Ainda estão aqui. *Ótimo.*

Do outro lado da mesa, Matthew segura suas próprias cartas em sua mão. Atrás dele, uma loira parecida com uma estátua vestindo meias cor de pele misturada com preto está esfregando seus ombros, massageando-os enquanto Matthew joga. Ao lado dele está Steven. Ele também tem cartas nas mãos... E uma garota asiática em seu colo.

Ambos parecem estar mais pra lá do que pra cá, então... Isso explica muito.

Em cima do palco, Billy Warren toca uma guitarra que ele deve ter tirado do traseiro, cantando “Mandy” de Barry Manilow.

Meu telefone vibra, mas quando tento pegá-lo de dentro do meu bolso, ele salta das minhas mãos até o chão. Empurro minha cadeira para trás e fico de joelhos embaixo da mesa para

procurá-lo. Encontro o bastardo escorregadio, mas quando começo a voltar a ficar em pé, meus olhos caem no bar.

E ali está uma das visões mais gloriosas que já tive.

É Kate.

Ela veste jeans e uma camiseta e está de costas para mim, mas ainda assim eu sei – tenho certeza – que é ela. Estou aliviado pra cacete, e até engasgo um pouco. Não consigo explicar por que, mas parece tanto tempo desde que nos vimos – malditas eras. Parece que tanta coisa aconteceu.

Senti falta dela. E agora ela está aqui.

Elas devem ter vindo para cá para fazer uma surpresa. Que ótima surpresa! Fico em pé e tropeço para frente. Envolver meus braços nela por trás, puxando-a para perto, contra meu peito. Afundo meu rosto em seu pescoço, em seus cabelos, respiro perto dela – me deliciando na maravilha de ser rodeado por todas as coisas de Kate.

Em algum lugar no meu cérebro marinado por Pandora, percebo que o cheiro de Kate está... diferente.

Errado.

Mas ignoro, porque estou muito estupidamente feliz para me importar com algo tão trivial.

Eu lambo meus lábios e coloco toda a minha energia em não arrastar as palavras, enquanto sussurro em seu ouvido.

– Estou tão feliz por você estar aqui. Apenas vamos... embora. Você e eu. Eles não perceberão que nós saímos. Eu não me importo com nada disso. Eu só quero estar com você. Quero voltar para o hotel e inventar novas maneiras de fazer você gozar.

Fecho os olhos e esfrego meu nariz contra a bochecha dela. Minha mão encontra o queixo de Kate e eu viro seu rosto para mim para que eu possa sentir seu gosto, então pressiono meus lábios nos dela e mostro o quanto eu a quero – o quanto eu preciso dela.

Mas antes de nossos lábios se encontrarem...

Há um barulho soando à distância. Uma comoção. E uma voz reclamando diz:

– Ah, não mesmo...

Meus olhos ainda estão fechados, e sem aviso meu equilíbrio gira cento e oitenta graus. E, então, estou caindo. Na escuridão total.

Capítulo 15

Você vê aquele cara na cama? Aquele com a pele cinza e melada, vestindo as roupas amassadas de ontem à noite? Não, não é um cadáver. Sou eu. Drew Evans.

Não é meu melhor look, admito. Mas é a manhã seguinte. A hora em que a conta é cobrada. Alguém deveria tirar uma foto. Seria um ótimo outdoor antibebidas.

– É assim que ficam os estúpidos, crianças.

Se você pensar bem, ressacas são um pouco interessantes. São a maneira de seu corpo chamar você de otário. De dizer: “Eu avisei”.

Você sabe como se sente. Todos nós já passamos por isso. Meu estômago está revirando, minha cabeça latejando, minha boca está seca e o cheiro do meu hálito é como se eu tivesse acabado de comer um sanduíche de cocô de cachorro. *Hum.*

O alarme em cima do criado-mudo dispara e a música toca alto nas caixas de som, e tenho quase certeza de que meu crânio acaba de se partir em dois. Rolo para o lado e solto um gemido ao expirar. Você não se sente mal por mim, sente? Eu entendo. Se você quiser jogar, tem que pagar. Não cometa o crime se não pode cumprir a pena. Blá-blá-blá. Dou um tapa no botão do alarme e a música se esvai em um zumbido baixo.

Abro os olhos o bastante para ver que Kate não está ao meu lado na cama. Minha mão se move pelos lençóis onde ela deveria estar, mas eles estão frios. O que significa que ela não está aqui há um tempo.

Sento-me devagar e coloco os pés no chão. Meu estômago chacoalha como um barco no oceano durante uma tempestade. Esfrego minhas têmporas para tentar aliviar a dor latente. E talvez resgatar alguma lembrança. Porque não sei você, mas não me lembro de nada de ontem à noite. É tudo um branco.

Como uma esponja molhada em um quadro negro. Em branco.

Estranho. Não costumo apagar. Aquela semana em que Kate me deixou afogado em minhas mágoas enquanto ela voltava para sua cidade natal em Ohio foi a única exceção. Mas não vamos falar sobre isso.

Acho que... Eu não deveria estar surpreso. Homens são competitivos. Coloque um monte de homens dentro de um quarto e transformamos tudo em uma competição. Quem arrota durante mais tempo, mijá mais longe, quem tem o maior pau, quem dá o soco mais forte.

Quem bebe mais.

Foi isso que aconteceu?

Fico em pé com o corpo rígido e tropeço até o banheiro conjugado. Abro a porta. Uma espessa névoa de vapor flutua para fora. O banheiro é enorme, tão grande quanto um quarto pequeno, com as paredes cobertas por mármore italiano. O som de água caindo ecoa do chuveiro de três pontos.

Atrás da bruma da porta fosca, consigo ver a silhueta de uma mulher. Sua cabeça inclinada

para trás embaixo do jato de água enquanto ela lava os cabelos longos e escuros. Ela é pequena. Sua pele é bronzeada e torneada, com um traseiro indiscutivelmente voluptuoso.

Tecnicamente, ainda sou católico, mas se você não entendeu até agora, Kate é minha divindade. Seu corpo é minha terra prometida, suas palavras minhas escrituras, e sua boceta é o altar que eu atravessaria carvões em brasa para adorar.

Meus olhos estão grudados nas mãos de Kate enquanto elas deslizam por sua pele suave para uma última lavada. Eu lambo os lábios e imagino seu sabor. Limpo e molhado. Baunilha e lavanda. É tudo o que basta para minha região lá no sul levantar.

Barraca armada.

É a mente sobre a matéria. Ou nesse caso, tesão sobre a ressaca. Parece que apesar do meu estado físico frágil, o cara do andar de baixo continua armado e pronto para uma ação matutina.

O.k... armado...

Enfim, dou dois passos em direção ao box com a completa intenção de me juntar a minha irresistível noiva. Mas então, a água é desligada. A porta do chuveiro é aberta, e a linda mulher de cabelos escuros dá um passo para fora.

E meu coração cai até meus pés, como uma bomba atômica jogada de um avião na Segunda Guerra Mundial. Você consegue ouvi-la assobiar?

Seus grandes olhos castanhos encontram os meus enquanto ela pega uma toalha.

– Ei, garotão, como você está se sentindo? Você estava bem louco ontem à noite.

Ela está sorrindo.

Eu não.

Você sabe como para algumas pessoas apenas sentir o cheiro de amendoim pode imediatamente fazer a garganta fechar, cortando a passagem de ar? Não sou alérgico a amendoim, mas agora sei como essas pessoas se sentem.

Dizem que quando você está morrendo, sua vida inteira passa diante dos seus olhos. E posso dizer a você, com toda certeza, de que eles estão certos. Vejo imagens de Kate... Nosso menino perfeito. Eles aparecem em minha cabeça como um filme mudo preto e branco. São imagens dos momentos que passamos, da vida que compartilhamos.

Uma vida que, sem dúvida, acabou agora. Morta como o peixe que Mackenzie tinha alguns anos atrás. Aquele que ela insistiu em levar para a praia, em seu bolso, para que ele pudesse visitar seus amigos peixes.

Descanse em paz, Nemo. *Das cinzas às cinzas, do pó ao pó.*

Sei o que você está pensando. Qual é o seu problema? Por que todo esse drama? Por que uma garota pelada está fazendo você se tornar o maluco de *Laranja mecânica*?

– Drew? Você está bem?

O problema, crianças, é que a linda mulher que está na minha frente, que obviamente me conhece bem e tudo o que quer que tenha acontecido ontem à noite...

Ela *não* é Kate Brooks.

Você conhece aquele ditado “me belisca, porque eu só posso estar sonhando”? Bem, me dê um chute nas bolas... Estou tendo um maldito pesadelo.



Rapidamente tudo começa a voltar para mim, como uma montagem apressada. Jogando com os garotos, jantar, a briga, o fio dental na minha boca, conversando com a stripper – Lily – no bar. Mas é só. Depois desse último momento, não há nada a não ser um vazio.

Um buraco negro, parecido com o que faria a bala que estou tentado a enfiar entre meus olhos neste momento.

Pensei que fosse ela. *Jesus Cristo*. Achei que era Kate. Quando eu estava abraçando ela, tentando beijá-la, pensei que fosse Kate.

Mas não era.

Sento-me em cima da tampa da privada enquanto Lily se enrola em uma toalha, seu rosto com uma expressão de preocupação enquanto ela me observa. Respiro forte, rápido e meu coração bate como se quisesse saltar de dentro do meu peito e correr para longe, muito longe dessa última confusão.

O que aconteceu? Os caras me pegaram e me arrastaram de volta para o hotel? Eu daria minha bola esquerda para ser capaz de acreditar que foi isso que aconteceu. Se esse foi o caso, por que essa garota está no meu chuveiro, falando sobre como eu estava louco ontem à noite?

Putá m...

Pela primeira vez na vida não consigo pensar uma exclamação apropriada. Nenhum xingamento é poderoso o bastante para se encaixar nesta situação. Será que saí escondido do bar com ela, sequestrei a limusine e voltei para cá? Isso parece ser algo que eu poderia fazer.

Será que a Kate... Meu estômago se revira... Será que a Kate nos viu aqui?

Meu Deus.

Meu coração acelera ainda mais, e acho que estou tendo um ataque cardíaco. Será que com 32 anos de idade sou muito novo para ter um ataque cardíaco? Espero que não.

Porque ela nunca irá me perdoar.

Não dessa vez. Todas as minhas cartas para sair da cadeia já foram usadas. Repasso cada cenário de puxação de saco que eu posso pensar. Cada método de humilhação conhecido pelo homem.

E descarto cada um deles.

Nenhuma flor ou presente ou grande gesto irá consertar isso. A fábrica de cartões não faz um DESCULPE-ME SE COMI OUTRA MULHER ACHANDO QUE ERA VOCÊ. Mesmo se eu explicar... Kate nunca irá entender. Nunca irá superar. Nunca irá me olhar ou sentir o mesmo em relação a mim da mesma maneira que antes.

E não a culpo.

Fecho os olhos e deixo a cabeça cair sobre minhas mãos.

Ela merece mais do que isso. Muito mais. Kate merece alguém melhor do que um cara que irá fazer um buraco em sua alma a cada dois anos.

Melhor do que eu.

– Drew, você está bem? Será que devo chamar alguém?

Antes de conseguir fazer algumas perguntas para as quais não quero saber as respostas, a porta do banheiro se abre. E Billy Warren enfia sua cabeça para dentro. Seu olhar alterna entre eu, Lily, e de volta para mim.

– Está tudo certo por aqui?

– Não – ela responde. – Acho que Drew está passando mal, querido.

Enojado.

É assim que me sinto.

Há algo de errado comigo. Tenho algum problema. *Você* sabe disso. Você provavelmente percebeu há um longo tempo. Eu fico...

Espere.

Ela acabou de chamá-lo de *querido*?

Warren entra no banheiro, para ao lado de Lily e coloca sua mão em meu ombro.

– Você quer vomitar, cara? Você deveria. Irá se sentir melhor. Falei pra você não beber aquela merda ontem à noite.

Olho para o rosto de Warren, tentando me lembrar e resolver isso. Uma pequena centelha de esperança se acende em meu peito.

– Vocês... Vocês dois ficaram juntos ontem à noite?

E o babaca mijá em toda minha chama de esperança.

– Não, nós não ficamos juntos.

Porra.

Mas então a Garota do Chuveiro levanta a mão esquerda e fala animadamente:

– Nós nos casamos!

Minha cabeça se levanta rapidamente. E o movimento veloz a faz voltar a latejar com uma vingança marcante.

Warren ajusta a postura e coloca um braço em volta dos ombros de Lily. Os dois estão vestindo sorrisos largos, combinando.

Aponto entre eles.

– Vocês dois... Vocês se casaram?

Ele faz que sim com a cabeça.

– Pensei que se Vegas foi um lugar bom o bastante para o meu primo se casar, é bom o bastante para mim.

Ele lança um olhar para Lily, em adoração.

– Quando você encontra alguém incrível assim, quando você percebe que é real, não pode deixar escapar.

Eu me contorço.

– Vocês se casaram?

Lily concorda entusiasticamente.

– Na Capela de Casamentos *Drive-Thru*. Tiramos ótimas fotos. E agora sou a senhora Billy Warren.

Não, ainda não consegui entender.

– Casados? Mesmo?

A expressão no rosto de Warren vai de animada para irritada.

– Sim, espertalhão. Casados. Qual seu problema?

Finalmente absorvo a informação. O Pau de Jumento se casou com a Garota do Chuveiro. Mas o mais importante:

Eu. Não. Transei com ela.

É agora que entra o coral de anjos. *Aaa-le-luia, aaa-le-luia, aleluia, aleluia, a-lee-luia...*

Eu *não* vacilei. Não traí Kate ou arruinei a vida de nosso filho ou destruí tudo que nós temos. Arrebatado pela emoção, posso realmente chorar de alívio.

Mas não choro. Faço algo muito, muito pior. Fico em pé e abraço Billy Warren.

– Eu te amo, cara.

Sim, o estresse dos últimos minutos finalmente me fez passar dos limites. Nós nos abraçamos por um segundo e ele me empurra para trás, me segurando à distância de um braço, e me encara com seus olhos castanhos confusos.

– Cara – ele diz com desgosto.

Eu tomo consciência e chacoalho minha cabeça atrapalhada.

– Desculpa, é que... Estou tão feliz por vocês.

Tradução? Estou feliz pra caralho por *mim*. E que ele se casou com uma mulher que parece estranhamente idêntica a Kate?

Não. Eu não me importo.

Dou um tapa de parabéns nas costas dele.

– Você e... – eu... dou um tapinha na cabeça dela – vocês dois. Parabéns.

Então, eu percebo que ainda não faço ideia de onde Kate esteja. Faço gesto com o meu dedão em direção à maçaneta.

– Tenho que ir.

Saio correndo pela porta o mais rápido que meus pés conseguem.



Ao sair do quarto em direção à sala me sinto como se fosse a Dorothy saindo de sua casa estraçalhada em direção a Oz. Tudo é brilhante demais, colorido demais... Barulhento demais.

Matthew e Delores estão sentados juntos no sofá, sob um cobertor bege, dividindo uma tigela com cereais e assistindo *A ilha dos birutas* na tv. Matthew ri para a televisão e Dee dá uma colherada de cereal para ele.

Assim que piso no quarto, a atenção de Matthew se volta para mim.

– Você está vivo.

Delores está desapontada.

– Droga. Estava esperando que tivéssemos que fazer uma lavagem estomacal em você.

Matthew puxa o rabo de cavalo dela e diz firmemente:

– Falei para você ser legal de agora em diante. Pare com essa merda.

Quando ele se volta para mim, Delores mostra a língua para ele.

A adrenalina extática que começou a correr em minhas veias quando percebi que realmente não coloquei meu pau em uma boceta que não era da Kate está começando a se esvaír. Minha cabeça e meu estômago retomam a sinfonia de náusea de uma ressaca poderosa.

Esfrego as têmporas e informo Matthew e Dee:

– Vocês sabiam que Billy se casou ontem à noite?

Em uníssono, eles respondem vagarosos.

– Sim.

– Com uma stripper que ele conhece há menos de vinte e quatro horas?

– Sim.

Apesar de achar que já sei a resposta, faço a terceira pergunta mais estúpida de todas.

– Ele a fez assinar um contrato pré-nupcial?

Delores tira sarro.

– Eu acho que meu primo não sabe como se escreve a palavra *pré-nupcial*.

Tum.

Tum.

Eles parecem muito calmos para esse desenvolvimento.

– Por que vocês não o impediram?

Matthew explica:

– Drew, foi sua ideia.

Meu rosto se derrete.

– Foi?

– Foi, sim. Depois de você acordar de seu mergulho na boate, você começou a falar sem parar sobre como o casamento é maravilhoso. Como todo mundo deveria casar. Como o amor é como uma flor linda e preciosa, e o casamento é a água e a luz do sol que a ajuda a crescer.

Realmente preciso parar de beber. *Para sempre.*

– Eu disse isso?

Matthew faz que sim com a cabeça.

– Você foi bastante poético.

– Merda. Nós devíamos chamar o Wilson. Ele é o melhor advogado de divórcio em Nova York – e um velho colega de minha mãe. – Talvez ele possa esboçar algo que funcionará retroativamente.

Matthew toma outra colherada de cereal.

– Já deixei uma mensagem para ele.

Tum.

Tum.

Meus dedos se movem das têmporas para a testa, continuando a esfregar e aliviar a ressaca torturante.

– O que mais eu perdi?

– Qual a última coisa de que você se lembra? – pergunta Matthew.

– Hum... Me lembro de jogar pôquer com você e Steven no Paradise. Warren cantou Barry Manilow no palco.

Meu melhor amigo dá risada.

– Você está se esquecendo de muita coisa.

Ele coloca a tigela com cereais em cima da mesa de centro e começa a elaborar.

– Kate, Dee, Lexi e Erin decidiram invadir nossa festa e apareceram no Paradise. Depois de sairmos da delegacia de polícia...

Eu corto sua fala.

– Por que estávamos na delegacia de polícia?

– Porque é pra lá que eles te levam quando você é preso.

– Nós fomos presos?

Ele sorri.

– Oh, não. *Nós* não fomos presos.

Dee levanta a mão.

– *Nós* fomos.

Meus olhos se abrem grandes.

– Kate estava na cadeia?

Tum.

Matthew abana a mão tranquilamente:

– Só por uns vinte minutos. Eles liberaram as meninas sob nossa custódia. Nenhuma alegação foi feita.

– O que vocês fizeram para Kate ser presa?

Ela apenas ri.

– Você pode agradecer sua irmã por essa. Alexandra não gostou do jeito que o marido dela ganhou tanta atenção das strippers. Quando uma delas a irritou, Lexi mostrou a que veio, e o restante de nós a apoiou. Só vou dizer isso: para uma garota riquinha, a Vaca tem um gancho de direita nervoso.

Isso não é novidade para mim.

– *Jesus Cristo* – solto um suspiro. – Tudo bem, esqueça isso tudo. Só me diga onde Kate está.

Dee parece confusa.

– Como assim? Ela está no seu quarto.

Tum.

Antes que eu consiga dizer que Kate não está, na verdade, em nosso quarto, uma das portas do quarto se abre. Erin sai dali enrolada em um robe felpudo com seus cabelos molhados.

– Bom dia, pessoal!

– Oi, garota safada – Dee a cumprimenta.

Erin entra na cozinha.

– Hum... Café.

E prepare-se para sua cabeça explodir, porque da mesma porta da qual Erin acaba de sair aparece ninguém menos do que... Jack O'Shay.

Sem camisa. Vestindo apenas cueca.

Não é possível.

Ele estende os braços para cima soltando um bocejo, e então alonga o peitoral e ajusta as bolas.

– Que noite do caralho, hein? Na verdade estou triste com o fato de que você só irá casar uma vez, Evans. Eu definitivamente poderia fazer isso outra vez.

Por favor, olhe para o meu rosto. Os meus olhos caíram para fora da minha cabeça? Porque estou sentindo que sim.

Eu olho para Matthew. Ele apenas concorda e mexe a mão, me dizendo silenciosamente:

– *O que você irá fazer?*

Tum.

Tum.

Tum.

Enquanto Erin enfia a cabeça dentro da geladeira atrás de nós, Jack está em pé ao meu lado. Em uma voz baixa, eu pergunto:

– Você... isso é...?

– Se isso é o que você acha que é? – Ele sorri como um felino bem alimentado. – É, sim. E eu fiz. – Então, de maneira mais suave, ele diz: – Erin é uma gata selvagem, cara. Entrou para o rol das três melhores trepadas da minha vida. Conto para você depois.

Se isso significa que Erin não será minha secretária num futuro próximo, terei que matar

Jack. Estou falando sério. Sempre posso encontrar mais amigos. Achar uma secretária esperta como a Erin? Isso será muito mais difícil.

Erin volta ao quarto tomando seu café. Jack pega um jornal de cima da mesa e anuncia.

– Eu estarei no banheiro. – Antes de ir, ele adiciona – Ei, Erin, que tal se você me trazer uma xícara de café quando eu sair?

Erin sorri docemente.

– Ei, Jack, e se você pegasse o café sozinho? Isto não é um escritório, e mesmo se fosse, não trabalho para você.

Jack simplesmente dá risada e volta para o quarto.

Tum.

Viro-me para olhar para Erin. Minha voz sai em um tom de horror debochado quando digo.

– Erin, estou *chocado*. Não acredito que você deixou que o Jack mexesse com você. Achei que você fosse mais esperta.

Ela limpa a garganta.

– Você já parou para considerar a possibilidade de *eu* ter mexido com *Jack*?

Eu toco minha mandíbula porque, não, eu não havia considerado isso.

Tum.

Erin continua.

– Vim para cá esperando encontrar o Senhor Certo, mas ele não apareceu. Jack é bonitinho, e mais importante, ele estava pronto, querendo, e era capaz. Então, faça as contas.

– Mas não será estranho pra vocês, trabalhando no mesmo escritório todos os dias? Ele viu sua cara de orgasmo. – Faça uma pausa. – Ao menos... Espero que ele tenha visto sua cara de orgasmo.

Erin pisca.

– Ele a conhece bastante. – Ela toma o café. – Mas não, não será estranho. Somos adultos, e o que acontece em Vegas fica em Vegas, não é?

– Acho que sim.

A não ser que você seja Billy Warren. No caso dele, o que acontece em Vegas pode acabar tomando cinquenta por cento da sua receita líquida.

Com isso, Erin volta para a cozinha, pega mais uma xícara de café e retorna para o mesmo quarto de Jack, fechando a porta atrás dela.

Chacoalho a cabeça um pouco.

– Uau.

Estou prestes a perguntar para Matthew e Dee onde Kate está novamente, mas aquele barulho de batuque rítmico começa mais uma vez. Você consegue ouvir também?

Tum.

Tum.

Tum.

– Que diabos é esse barulho?

Como aquelas gêmeas perturbadoras de *O iluminado*, meu melhor amigo e sua esposa respondem em harmonia outra vez.

– Steven e Alexandra.

A bagunça parece estar vindo por detrás da porta fechada deles.

– O que eles estão fazendo, se pregando em uma cruz?

Matthew murmura:

– Alguém está sendo perfurado, com certeza.

Tum.

Com cuidado, caminho em direção à porta. Quando estou a centímetros de distância, alinho minha orelha com a fresta na dobradiça. Escutando.

– Quem é seu papai, baby? Diz qual é meu nome.

– Steven, ooohhh, Steven.

Então o som inconfundível de uma palma da mão estapeando um traseiro chega até meu ouvido.

– Ahhh!

Eu dou um salto para trás como se fosse uma cerca elétrica. Cubro minhas orelhas, mas é tarde demais.

Inclino-me à frente e apoio as mãos em meus joelhos, à beira de vomitar. Só espero que a *villa* esteja equipada com peróxido de hidrogênio para que eu possa esterilizar meus tímpanos.

Depois que o desejo de colocar tudo para fora se esvai, fico em pé e digo para Dee e Matthew:

– Dane-se tudo isso. A única coisa que eu quero saber é: Onde. Está. Kate?

Delores responde:

– Já falei pra você, seu burro, ela está no seu quarto. Colocamos vocês dois juntos na cama assim que chegamos ontem à noite.

– Acabei de sair do nosso quarto! Ela não está lá!

Delores encolhe os ombros.

– Talvez ela tenha desistido do casamento, aberto a janela sorrateiramente e fugido. – Então ela sorri. – Se for esse o caso, bom para ela.

Matthew puxa o cabelo de Dee novamente, mas diz:

– É verdade, Drew. Kate não saiu do quarto. Nós teríamos visto. – Ele se volta para a mulher e avisa. – Se puxar o seu cabelo não faz você entender, vou pegar a palmatória.

Ela se inclina para mais perto e provoca:

– Promessas, promessas.

Então ela o beija, ignorando meu dilema completamente. Passo a mão pelos meus cabelos e me viro e caminho de volta para o nosso quarto.

Meus olhos analisam a cama, mas Kate não está ali. Só para me certificar, pego a colcha e a chacoalho.

Nada.

Entro no closet ao lado da porta do banheiro. Apesar de eu perceber que é improvável, checo atrás das roupas penduradas. Nenhum sinal de Kate. Então, saio do closet e dou alguns passos em volta da cama...

No chão, à mostra do outro lado da cama, estão dedões lindos. Eles estão conectados a lindos pés. Meus olhos viajam desde o pé, pela canela detectável até a coxa maravilhosa que se encaixa tão perfeitamente em volta do meu quadril.

Ainda vestindo as roupas de ontem à noite, dormindo de lado com uma das pernas estendidas e a outra junto ao seu abdome, com as mãos juntas descansando embaixo de sua bochecha, como um travesseiro.

Kate.

Cada célula do meu corpo suspira o nome dela com alívio. Fico em pé ali por um minuto, apenas observando-a, absorvendo essa visão enquanto ela ronrona como uma gatinha em frente a uma lareira. O amor envolvente que tenho por ela, que está sempre comigo, eu o sinto mais forte. Porque mesmo por apenas alguns minutos, pensei que poderia tê-la magoado.

Pego um travesseiro e o cobertor e me ajoelho ao lado de Kate. Então, eu me deito na cama improvisada no chão e a abraço junto a mim. Meu peito serve de travesseiro para sua cabeça.

Ela se mexe, com um gemido.

– Drew?

Acaricio seu cabelo.

– Sim, baby, sou eu.

Sem levantar a cabeça, ela pergunta em uma voz arrastada:

– Por que você está no chão?

Beijo o topo de sua cabeça e sussurro contra seus cabelos:

– Porque é aqui que você está.

Depois de uma pausa, ela simplesmente diz:

– Ah.

Minha mão desliza para cima e para baixo em suas costas, seus braços, saboreando cada toque, me deliciando com a sensação de tê-la ao meu lado.

– Você se divertiu ontem à noite?

Ainda deitada sobre meu peito, ela faz que sim com a cabeça.

– Aham.

Então, Kate respira fundo e sugere:

– Não vamos fazer essas coisas. Nunca mais.

– Concordo plenamente com essa declaração.

Ficamos em silêncio por alguns momentos. Olho para o teto, querendo e precisando dormir por mais algumas horas. Mas tenho que contar mais uma coisa para ela.

– Kate? – Aperto seu ombro gentilmente. – Ei, Kate?

– Mmmm?

Minha voz é baixa, rouca de emoção, enquanto confesso:

– Realmente mal posso esperar para me casar com você.

Ela levanta a cabeça e me encara com seus olhos adoráveis e brilhantes.

Ela sorri.

– É... Eu também.

Kate relaxa a cabeça novamente, e sua mão descansa sobre o meu coração. Cubro sua mão com a minha, e juntos voltamos a dormir.

Epílogo

Então, o que nós aprendemos com esta história?

Primeiro de tudo, despedidas de solteiro?

Ideia *terrível*.

Quando você está comprometido com um relacionamento, ao ir para bares ou boates de striptease sem o seu companheiro, você estará buscando confusão. Quem começou a tradição de despedidas de solteiro deveria ser enterrado vivo em uma cova conjunta com o cara que inventou o karaokê e... Bem... Eu iria dizer Billy Warren.

Mas acho que podemos deixá-lo viver. Já superei. Ele é inofensivo. Ele também é meio sem graça, irritante e... decente... Um cara que me apoia, um bom amigo.

Você já sabia disso, não sabia?

Nós nunca seremos melhores amigos, mas daqui em diante, em uma ou duas vezes que eu tiver que vê-lo durante um ano, estarei bem com isso.

O que mais?

Tenha fé em você mesmo. É realmente possível aprender com os seus erros. Eu aprendi. E dessa vez, quando o meu estava na reta, não fiz besteira. Acreditei em Kate, confiei no que nós tínhamos, e fiz a coisa certa. *Finalmente, porra*.

Agora, vamos à parte pela qual você estava esperando: O casamento.



Matthew, Jack e Steven, meus pais, James e eu chegamos à Catedral St. Patrick bem na hora. Apesar de eles raramente fecharem a igreja para o público, para nosso evento – e para acomodar os mais de mil convidados sentados nos bancos – os todo-poderosos aceitaram fazê-lo. A “doação” considerável que fiz também não atrapalhou.

Mantenho o olhar em meu filho enquanto ele corre para cima e para baixo pelo corredor parando ocasionalmente para se banhar na atenção de um convidado encantado. Então cumprimento o padre Dougherty, que irá ministrar a cerimônia.

– Como você está se sentindo esta tarde, Andrew? Você está pronto?

– Nasci pronto, padre.

– Isso é bom. A limusine de sua noiva acaba de chegar, então você deve tomar seu lugar no altar.

Não há ansiedade. Não há nervosismo ou medo de que esteja cometendo um erro. Não tenho dúvidas. A única coisa que sinto é... Empolgação. Impaciência.

Minha mãe pega James e eles vão até o vestíbulo. Meu pai e eu caminhamos pelo corredor lateral em direção ao altar.

No meio do caminho, ele me interrompe com uma mão em meu ombro. Seus olhos azuis,

como os meus, estão cheios de emoção.

– Se eu já não falei a você antes, quero que você saiba: estou tão orgulhoso de você, meu filho. Você é um homem bom, é um pai maravilhoso, e não tenho dúvidas de que será um marido formidável. Estou muito orgulhoso de você, Drew.

Então, ele me abraça. Apertado e seguro, o tipo de abraço que me diz que, apesar de eu estar me casando e ter um filho, ele ainda é meu pai, e sempre serei seu filho.

– Isso significa muito para mim, pai – digo, com uma voz rouca. – Obrigado por ser o melhor exemplo do que um pai, um marido, deve ser.

Nós damos um tapa nas costas um do outro. Então, ele dá um tapa em meu bíceps.

– Agora vá até lá antes que Kate mude de ideia.

Eu sorrio.

– Altamente improvável.

Ele encolhe os ombros.

– Melhor prevenir do que remediar. Não achei que sua mãe fosse tentar fugir também.

Não tinha ouvido essa história antes.

– Minha mãe tentou fugir do casamento?

Ele dá um tapa em minhas costas novamente.

– Essa é uma história para outro dia, filho. Vá casar e aproveitar cada segundo.

Com isso, ele vai até a parte de trás da igreja. Encontro-me com Matthew e Steven no altar.

– Você está com as alianças? – pergunto a Matthew.

Ele cutuca o bolso.

– São e salvas.

Quando o pianista começa a tocar o prelúdio, “Angels Watching” dos O’Neill Brothers, Steven anuncia:

– Essa é a nossa deixa.

Matthew sorri para mim e imita o Exterminador do Futuro:

– Eu voltarei.

Os dois caminham pelo corredor lateral até o fundo da igreja.

Fico sozinho. Esperando.

Eu dou um sinal com a cabeça para os convidados que apenas observam. Uma de minhas mãos está solta na lateral do meu corpo, e a outra flexionada, cruzando minha lombar. Tomo uma inspiração profunda e solto o ar vagarosamente.

O quarteto de cordas da orquestra começa a tocar “Canon em Ré Maior”, de Pachelbel.

Chegou a hora.

Os primeiros a aparecerem na porta são nossos pais. Meu pai está distinto enquanto fica em pé no meio, minha mãe, de vestido ameixa, em um de seus braços, e a mãe de Kate, vestida de azul-marinho, no outro braço. Os três exibem sorrisos radiantes enquanto eles continuam a caminhada pela nave. Antes de minha mãe sentar no banco, ela me manda um beijo. Ela costumava fazer isso quando eu era criança, enquanto eu saía da porta para a escola. Antes de eu ficar mais velho e pedir para ela parar.

Eu sorrio de volta demoradamente.

Depois entram minha irmã e Steven. Alexandra está maravilhosa no vestido vinho tomara que caia que Kate escolheu. Um xale branco cobre seu ombro modestamente: seus cabelos loiros estão presos para cima e encaracolados, sem nenhum fio fora do lugar. Seu braço está

apoiado confortavelmente e confiante através do braço de Steven. Eles olham um para o outro e simplesmente sei que eles estão pensando em seu próprio casamento. Quando chegam ao altar, Steven beija Lexi docemente, então eles se separam e tomam seus respectivos lados.

Jack e Erin são os próximos, de braços dados. Jack pisca para uma convidada enquanto caminha pela nave e Erin sorri alegremente. Iluminada. Se você sempre quis ver um bom exemplo de como uma relação sem compromisso deve ser feita, Jack e Erin podem mostrar a você. Sem ressentimentos, sem estranhamento, apenas atração física e amiga.

Depois de chegarem ao altar, é a vez de Matthew e Dee-Dee, o padrinho e a madrinha. Usando o mesmo vestido que a minha irmã, em vez de um daqueles figurinos malucos que ela tipicamente escolhe, Delores está bem bonita. Ela segura o braço de Matthew e balança o quadril no ritmo da música, fazendo-o rir com sua tola exuberância. Quando eles chegam ao altar, ela me olha de cima a baixo, e levanta um dos dedões para mim.

Concordo com a cabeça ao seu elogio silencioso.

Delores está em pé ao lado de minha irmã, e Matthew toma seu lugar à minha esquerda.

Só falta mais um casal antes de Kate entrar. Esse casal roubará toda a porra da cena. Eu sabia, Kate sabia, e não nos importávamos.

Mackenzie e James.

A menina das flores e o carregador das alianças. A mina de ouro de todos os fotógrafos de casamento que já trabalharam.

O vestido de Mackenzie é feito de renda branca com mangas curtas. Seus cabelos longos estão puxados pelos lados com margaridas brancas tecidas na coroa de tranças loiras. Ela tem idade o bastante para ser chamada de linda, mas ainda é um pouco criança para ser chamada de adorável. Seus olhos azuis brilham quando ela acena para mim do final do corredor.

Aceno de volta.

Ela pega a mão de meu filho e juntos caminham até mim. James está impressionantemente encantador em seu smoking Armani customizado. Ele está se portando surpreendentemente bem, mantendo o ritmo com Mackenzie, segurando a almofada com as alianças, sorrindo para todas as câmeras tirando as fotos.

Quando chegam ao altar, James solta a mão de Mackenzie, larga a almofada e corre direto para mim.

– Papai!

Pego ele no colo e olho em seus grandes olhos castanhos.

– Está bom?

– Você foi ótimo, amigão. – Beijo sua têmpora. – Vá sentar com a vovó e o vovô, o.k.?

– Tá bom.

Eu o coloco de volta no chão e meus pais o recebem no banco deles.

Então, ajeito minha postura. As primeiras notas da “Marcha Nupcial” preenchem a catedral. Todos os convidados ficam em pé e se viram para as portas duplas fechadas.

As portas de madeira se abrem. E o ar corre desde meus pulmões.

Porque ela está de tirar o fôlego. Mais deslumbrante do que imaginei, e minha imaginação é bastante ativa.

Kate está uma visão de branco. Vestido tomara que caia, uma linha de decote em forma de coração com um toque provocante no colo, ajustado ao centro, acentuando sua cintura pequena. Uma renda cobre o seu quadril, resplandecendo para trás em uma cauda majestosa.

Um véu de renda irlandesa enfeita a cabeça, e seus cabelos caem em ondas escuras e brilhantes embaixo dele. Sua maquiagem é leve, só o bastante para enfatizar sua pele impecável, lábios cheios e aqueles olhos grandes e castanhos que me cativaram no momento em que eu os vi.

Ela engole forte e olha em volta da catedral lotada, parecendo desconfortável. Ansiosa. Até que ela me vê. No altar, esperando por ela.

Ela olha para mim por um segundo, e devagar, com confiança, ela sorri.

E é perfeito.

Minha visão do mundo é nebulosa, e estou cagando se isso me faz parecer fresco. É verdadeiro. E merecido. Meu peito se aperta com ternura, com a santidade deste momento.

A música cresce enquanto Kate segura o braço de George, e ele a conduz pela nave. Não consigo tirar os olhos dela, e seu olhar não sai do meu rosto. Quando eles finalmente chegam, cumprimento George e ele vai até o banco para ficar ao lado de Carol.

Kate me oferece a mão, e como fiz quando nos conhecemos, eu a trago até meus lábios e a beijo com reverência.

– Você está deslumbrante – digo suavemente. – Eu... eu não tenho palavras.

Seu sorriso não vacila.

– Acho que realmente há uma primeira vez para tudo.

É como se todo mundo, a igreja inteira, desaparecesse. E só houvesse nós dois. Eu seguro suas bochechas e acaricio seu lábio com meu dedo. Então, me inclino à frente e a beijo, suave e vagorosamente, e transbordando em sentimento.

Depois de alguns segundos, o padre Dougherty limpa a garganta. Fazendo um barulho alto.

– Essa parte é depois, filho.

Finalizo o beijo e me volto para o padre, e ainda seguro a mão de Kate.

O rosto de Kate fica corado e a risada dos convidados ecoa pelas paredes.

Eu limpo minha garganta.

– Desculpe, padre. A paciência nunca foi minha melhor qualidade.

– Bem, nesse caso, eu não o culpo. – Ele se concentra em Kate. – Você está adorável.

– Obrigada, padre.

Ela entrega o buquê de margaridas brancas e rosas para Delores.

– Vamos continuar, então? – pergunta o padre.

Da primeira fila, James grita:

– Um, dois, três e já!

De novo, a risada ressoa pela congregação.

O padre Dougherty diz:

– Vou tomar isso como um sim.

A cerimônia continua sem incidentes. As orações, as leituras, a vela da unidade acesa. Então, chegou o momento pelo qual todos estávamos esperando.

O padre Dougherty pergunta:

– Andrew, você promete ser verdadeiro com Katherine nos bons e maus momentos, na saúde e na doença? Você promete amá-la, honrá-la e respeitá-la até que a morte os separe?

Em uma voz clara, eu prometo.

– Sim, com certeza.

Os olhos de Kate seguram os meus e seu sorriso é tão luminoso, tão verdadeiro, quando o

padre Dougherty pergunta:

– E você, Katherine, promete ser verdadeira com Andrew nos bons e maus momentos, na saúde e na doença? Você promete amá-lo, honrá-lo e respeitá-lo até que a morte os separe?

Lágrimas brotam em seus lindos olhos castanhos.

– Sim. Sim, eu prometo.

Tenho que me esforçar muito para não puxá-la em minha direção e beijá-la novamente.

Matthew me entrega as alianças e Kate estende a mão.

Minha garganta aperta enquanto coloco a aliança em seu dedo.

– Eu te dou essa aliança como símbolo do meu amor e devoção. Prometo a você tudo o que sou, e tudo que serei. Com essa aliança, eu caso com você e uno minha vida à sua.

Kate segura minha mão por um momento extra. Então, lágrimas descem por suas bochechas enquanto ela desliza minha aliança por meu dedo, dizendo com uma voz engasgada de emoção:

– Eu te dou essa aliança como símbolo do meu amor e devoção. Prometo a você tudo o que sou, e tudo que serei. Com essa aliança, eu caso com você e uno minha vida à sua.

Então, o padre Dougherty declara:

– Eu agora os declaro marido e mulher. O que Deus uniu, homem nenhum pode separar. Você pode beijar sua noiva.

Sem hesitar, pego Kate em meus braços. Ela ri e envolve meu pescoço em seus braços, e nossas bocas se fundem, quentes e pesadas. O beijo é longo e completo, e totalmente inapropriado para a igreja.

Aplausos e assobios entram em erupção, os sinos da igreja soam e os músicos entoam “Ode à Alegria”.

Finalmente, relutantemente, coloco Kate no chão em seus sapatos de salto alto e nós caminhamos pela nave lado a lado.

De mãos dadas.

Como marido e mulher.



Tiramos mil fotos, em uma variedade de locações e em todas as combinações concebíveis. James aguenta como um guerreiro, sem ficar mal-humorado. O fotógrafo teve que pedir para Kate e eu pararmos de nos beijar para que pudéssemos sorrir para a câmera. Aparentemente, minha mão no traseiro dela *não* é uma pose aceitável para um retrato de casamento.

Mas acho que ele está completamente equivocado quanto a isso.

Assim que entramos na limusine, Matthew me entrega uma garrafa de champanhe. Estouro a rolha, derramando bolhas em todo o lugar. Um pouco esguicha em meu rosto, e Kate se inclina à frente para lambê-lo.

Delores assobia.

– Mmm... – Kate murmura para mim. – Esse champanhe está delicioso em você, senhor Evans.

Eu dou risada.

– Posso pensar em alguns outros pontos onde ele seria ainda mais saboroso, senhora Evans.

Ela ri.

– Então, não se esqueça de levar uma garrafa para nossa lua de mel hoje à noite.

– Já pensei nisso, baby.

Esse champanhe não é nada perto do corpo de Kate.

Encho as taças e as distribuo pela limusine. Steven dá um gole de seu champanhe para Mackenzie, e seu rosto se contrai adoravelmente com desgosto.

James sobe no colo de sua mãe e descansa a cabeça no peito dela.

Kate afaga os cabelos escuros dele.

– Ele não vai durar.

Tomo um gole de minha taça.

– Do jeito que você está nesse vestido, nem eu.

– Achei que seu vestido favorito fosse aquele que eu não estou vestindo.

– Esse é uma exceção. Apesar de que irei guardar meu julgamento para quando eu vê-la fora do vestido.

Beijo sua orelha, e então sussurro:

– Depois de uma longa e exaustiva análise... expressarei minha preferência de maneira abundantemente clara.

Ela me olha ternamente, com leve adulação brilhando em seu lindo rosto.

– Estou tão feliz, Drew.

Missão cumprida.

– Eu também.

Afago as costas de James e puxo Kate para mais perto com meu braço que está livre. Ela se acomoda em meu pescoço e descansa a bochecha em minha clavícula. Com a risada áspera ao nosso redor, nós saboreamos o momento.

A limusine estaciona no Four Seasons, onde está sendo realizada nossa festa. Matthew sai do carro primeiro, e então ajuda Dee, que traz sua taça de champanhe. James, recarregado depois de se acomodar em sua mãe, sai depois, seguido por Mackenzie, Alexandra e Steven. Quando o motorista oferece a mão para Kate, dou uma gorjeta a ele e digo:

– Tudo bem, eu cuido dela.

Então, ajudo minha esposa a sair da limusine.

Minha esposa.

Acho que nunca ficarei cansado de pensar nela dessa maneira. Definitivamente vou procurar desculpas para me referir a ela assim.

Eu a levo debaixo do arco iluminado cintilante até o prédio onde nós celebraremos nossa alegria matrimonial. Porém, você e eu sabemos que a verdadeira celebração acontece na suíte da lua de mel.

Nosso grupo chega à organizada suíte anexa ao lado do salão principal, onde aproveitamos um coquetel longe dos olhos curiosos dos convidados, como estrelas do rock no camarim. Lauren Laforet, nossa cerimonialista, nos cumprimenta e se certifica de que está tudo bem até agora, e então sai do recinto dando ordens pelo walkie-talkie para seus funcionários. Delores e Alexandra pedem para Kate ficar em pé para arrumar a parte de trás de seu vestido, para que ela possa dançar sem que pisem nele e ela acabe de cara no chão.

Não sei o que essa arrumação significa, mas pela expressão de concentração em seus rostos, não quero participar. Vou até o bufê e empilho aperitivos em um prato para Kate.

Tenho que mantê-la forte para mais tarde.

Enquanto ela fica em pé, dou pedaço a pedaço em sua boca. Acho que ela não comeu hoje

de manhã, porque ela geme e suspira a cada mordida, com água na boca. Ou talvez simplesmente adore chupar meu dedo, porque ela faz isso, também.

Com um olhar sábio, Kate pergunta:

– Você está adorando isso, não está?

Meu pau semiduro concorda.

– Imensamente.

Deslizo um escalope coberto com bacon entre seus lábios, e sua língua gira ao redor do meu dedo.

– Eu também.

Eu sabia.

– Chupa mais forte – peço, brincando. Ou mais ou menos brincando.

Ela obedece.

Quando eu vou pegar outro pedaço, Kate diz:

– Onde será que ouvimos isso antes?

– Se acostume a ouvir isso mais vezes. Há uma grande chance de isso ser meu mantra nas próximas três semanas.

– Oi – diz Alexandra de onde ela está agachada atrás de Kate. – Nós podemos ouvir vocês. E... Ecaaaa.

– Ainda assim você nunca ficará tão perturbada como eu com o que eu ouvi no seu quarto em Vegas.

O peróxido não funcionou. Às vezes, tarde da noite, ainda consigo ouvi-los.

Estou considerando fazer terapia. Ou hipnose.

Ela simplesmente ri.

– Aquela foi uma ótima manhã.

– O que foi uma ótima manhã? – Steven pergunta, enquanto traz um drinque para minha irmã.

Ela olha para Steven do jeito que uma menina de doze anos de idade olha para um pôster de Justin Bieber.

– Todas as manhãs com você.

Ele beija os lábios dela.

Eu capto o olhar de Mackenzie do outro lado da sala, pisco e inclino minha cabeça em direção aos pais dela. Ela sorri para mim, e eu sei que as coisas voltaram ao normal em casa com Lexi e Steven. Então, Mackenzie mexe a boca, dizendo em silêncio.

Nojento.

Apenas faço que sim com a cabeça.



Depois da comida, música é o segundo ingrediente mais importante para uma festa de casamento bem-sucedida. Nós contratamos uma banda de doze integrantes, e um DJ para as músicas que soam estúpidas quando alguém que não seja o artista original faz uma versão. O cantor do casamento, um cara ruivo voluptuoso com uma voz estelar, nos apresenta como senhor e senhora Drew Evans pela primeira vez, e enquanto nossos convidados ficam em pé e aplaudem, levo Kate para a pista para a nossa primeira dança, como de costume.

É o parceiro do cantor, um cara de cabelos grisalhos com uma voz suave, que canta essa

canção. Kate, que tem um gosto por música maior do que terei na minha vida, que fez a escolha. Mas eu dei a aprovação final.

“I Cross My Heart”, de George Strait.

A letra, o tom, é perfeita para nós.

E assim como na igreja, enquanto dançamos pela pista inteira e eu a seguro bem perto de mim, os milhares de olhos nos observando se esvaem de nossa consciência. Somos só nós dois e este momento.

Encaro os olhos castanhos e brilhantes de minha mulher, e canto para ela a parte mais significativa da música:

You will always be the miracle that makes my life complete.

Kate canta a próxima parte para mim:

And as long as there's a breath in me, I'll make yours just as sweet.

É um tipo de momento cheio de ternura, louco de amor, que nunca acontece na vida real, do qual eu tiraria sarro se visse em um filme ou na televisão.

Mas pelo fato de ele ser real, e por sermos nós dois, é impecável pra cacete.

Depois, Kate dança com meu pai ao som da música “The Way You Look Tonight”, de Frank Sinatra. O velho é um ótimo dançarino, e ele faz Kate sorrir e dar risada. Em um momento ela engasga com quaisquer que sejam as palavras que ele está sussurrando para ela, e faço uma nota mental para perguntar a ela o que ele disse.

Então, minha mãe e eu tomamos a pista – Kenny Rogers, “Through the Years”. Seus olhos se enchem de lágrimas quando ela olha pra mim.

– Não chore, mãe.

Ela dá risada, se depreciando.

– Não consigo evitar. Você é meu menininho e estou tão feliz por você, Drew.

As mães são as primeiras mulheres que um homem ama, pelo menos as boas. Elas nos mostram como uma mulher deve ou não deve ser tratada, e estabelecem o padrão para todas as mulheres que aparecerem depois delas. Eu realmente tive bastante sorte nesse departamento.

Minha mãe continua:

– Ela é a combinação perfeita para você, em todos os sentidos. Você escolheu tão bem.

Olho para Kate, que está em pé ao lado de sua mãe e George. Tão adorável que meu coração até dói.

– Sim, eu escolhi, não é? – Beijo a bochecha de minha mãe. – Obrigado, mãe. Se não fosse você, eu nunca teria sido capaz de ganhar uma mulher como a Kate.

Minha mãe me dá um abraço enquanto terminamos a dança. Não são necessárias mais palavras.



Depois disso, a festa realmente começa. As luzes são baixas, acentuando os centros de mesa altos e iluminados por velas, enfeitados com flores brancas. Nós bebemos, damos risada,

devoramos delícias culinárias incríveis. Uma vez que Kate e eu conseguimos conversar com cada um de nossos convidados e agradecê-los por estarem conosco em nosso “dia especial”, um casal se aproxima de nós.

Billy Warren e sua esposa, usando um sapato de salto alto de stripper e um curto vestido preto.

Sim, eles ainda estão casados. Há seis dias completos agora. Isso é bem mais do que eu estava apostando. Cumprimento Warren com um aperto de mão.

– É bom ver você. – Viro-me para sua companhia de cabelos escuros. – E vestida. Muito melhor.

Eu contei para Kate sobre o nosso encontro no chuveiro em meio à ressaca. Ela achou hilário.

Warren sorri.

– Você se importa se eu pegar emprestado sua esposa para uma dança?

Como ele a chamou de minha esposa, eu não me importo.

– Desde que você a traga de volta.

Kate beija minha bochecha e sai andando com o Perdido.

Sua noiva corada vai até o bar. Fico em pé sozinho, observando os casais dançando na pista. Até que Matthew aparece, com os braços cruzados, ao meu lado, absorvendo tudo aquilo.

Ele faz um movimento com a cabeça em direção a Kate e Warren.

– Você fica bem com isso?

– Estranhamente, fico sim.

Ficamos em silêncio por um momento. Talvez seja a significância do dia, mas estou me sentindo sentimental pra cacete.

– Eu já agradei você por ser meu melhor amigo?

Matthew sorri.

– Não precisa agradecer. É um benefício mútuo o que nós temos.

– Sim, mas... Obrigado por sempre tirar o meu da reta... E por chutá-lo quando era preciso. Ou ao menos... Por fazer a Alexandra realizar o trabalho sujo por você. Não sei o que faria sem você, cara.

– Eu sinto o mesmo. – Então, ele abre os braços. – Dá um abraço aqui, vadia.

Eu dou risada, e nós o fazemos, dando tapas nas costas um do outro.

Até que Delores vem chorando até nós, segurando a faca que em breve será usada para cortar o bolo.

– Seu filho da puta!

Algo me diz que ela não está falando com Matthew.

– Vou esfaquear seu escroto!

Isso parece sério.

Enquanto Matthew segura sua esposa, eu pergunto calmamente:

– Existe alguma razão pela qual você está com uma vontade repentina de me mutilar sexualmente?

Ela diz para o marido:

– Helga acabou de ligar. Os documentos que ela teve que assinar foram enviados para nossa casa. Documentos legais. Ele mudou o nome de nosso filho, Matthew!

Droga. Esses papéis não deveriam ter chegado antes que Kate e eu fôssemos para nossa lua de mel, bem longe, no meio do Mediterrâneo por três maravilhosas e nuas semanas.

Matthew olha para mim por cima do ombro.

– É sério?

Levanto os braços.

– Vocês irão me agradecer um dia. E o Michael, também.

Delores levanta a faca.

– Se eu não amasse vocês dois e o seu filho, eu nem me importaria.

Eu deixo que eles absorvam isso por um minuto.

– E olha quem está falando. E aquela mensagem que você enviou para o Billy da despedida de solteira? Se eu não estivesse tão envolvido, isso poderia ter ferrado as coisas para mim e Kate. E... aquilo me magoou.

Magoou mesmo? Na verdade, não. Mas você tem que jogar com as cartas que tem na mão.

Minha confissão acalma Dee um pouco. Tenho a sensação de que ela e Matthew já discutiram sobre isso.

– Isso foi uma piada, Drew. Se eu realmente odiasse você... Eu não me esforçaria em torturá-lo. Apenas o ignoraria completamente.

Matthew intervém.

– Nós mudaremos seu nome de volta. Foi uma tentativa mal realizada de um gesto bom, mas nós mudaremos novamente.

Duvido que eles façam isso. E se fizerem... terei que ser mais esperto na minha próxima tentativa.

Kate chega até nós, parecendo um pouco preocupada. Mas ela ainda fica ao meu lado, me protegendo.

– Dee-Dee? Você lembra que falamos sobre não derramar sangue no dia do casamento. Dá azar.

Dee solta um suspiro e joga a faca em cima da mesa.

– Preciso de um drinque.

Matthew concorda.

– Vou com você.

Depois de eles saírem, Kate se vira para mim.

– Os papéis chegaram cedo, não foi?

– Sim.

Ela chacoalha a cabeça.

– Falei para você que era uma má ideia.

Envolvo Kate com meus braços porque ela é linda quando está certa.

– Eu deveria ter escutado você.

Ela sorri para mim.

– Talvez nós devêssemos ter mantido a palavra “obedecer” nos votos de casamento.

Ela tem razão.



Nós dançamos. Lento e doce, sujo e suado. Em certo momento, enquanto estou me

esfregando no traseiro de Kate, James chega correndo atrapalhado na pista de dança com a Irmã Beatrice Dugan. Eu o pego no colo e a primeira freira que eu já achei atraente sorri com apreciação.

– Você está gostando de sua celebração, Katherine?

– Estou, sim, Irmã. Estou gostando muito.

– Eu rezarei por vocês dois, por uma união longa e proveitosa.

Eu danço com James e ele grita.

– Todas as nossas preces foram atendidas, Irmã B. Guarde as suas para alguém que realmente precise.

Ela estala a língua.

– Todos os recém-casados precisam da graça do Senhor, Andrew.

Perturbado por não ser o centro das atenções, James retifica a situação.

– Merdinha! – ele grita, soltando uma risada maníaca. – Merdinha!

Eu congelo, e os olhos de Kate se fecham.

Irmã B sorri.

– E esse pequeno adorável parece ter a disposição do pai.

Kate abre os olhos.

– São bem parecidos, sim.

Irmã B cutuca o braço de Kate com simpatia.

– Então, eu rezarei com o dobro da força. – Ela se dirige ao nosso filho – Você quer um refrigerante, jovem James?

Seus olhos se arregalam e ele concorda. Eu o coloco no chão, e segurando a mão da Irmã B, ele sai caminhando.

A música muda para uma mais lenta. “All of Me”, de John Legend. Sem dizer uma palavra, Kate levanta os braços até meus ombros. Descanso minhas mãos em sua lombar, e nós dançamos ao ritmo da música.

Então, noto outro casal dançando à minha esquerda, não tão juntos como Kate e eu, mas por um segundo fico chocado.

Porque são Mackenzie e a porra do Johnny Fitzgerald.

Uma de suas mãos está no ombro dele, e a mão dele está na cintura dela, enquanto os outros braços estão flexionados e as mãos entrelaçadas, na posição clássica da dança de salão.

Quase sinto pena dele. Porque apesar de não ser intencional, minha garota nasceu para partir corações.

Enquanto os observo silenciosamente, Johnny tenta chegar mais perto. Pegando Mackenzie de surpresa, o pequeno bastardo pressiona seus lábios nos dela e rouba um beijo. É o primeiro beijo de Mackenzie, presumo. É inocente e acabou tão rápido como começou.

Johnny se afasta e parece esperançoso. Mas Mackenzie... ela parece confusa... Até que não mais. Então, ela solta sua mão da mão dele.

E dá um soco bem na barriga de Johnny.

– Ufff!

Ele inclina o tronco à frente, segurando o estômago, e Mackenzie vai embora marchando.

Ajudo o garoto a sair da pista de dança.

– Você tem que aprender a interpretar os sinais de uma garota, ou vai levar muita pancada, Casanova.

– A Kenzie bate muito forte para uma garota – ele diz, entre os dentes.
– Ela chuta ainda mais forte. Você deu sorte.
Quando ele senta em uma cadeira, dou um tapinha em seu ombro.
– Boa sorte da próxima vez.
Então, volto para os braços de minha esposa.



Depois de um tempo é chegada a hora do discurso. Completamente relaxado, Matthew toca sua taça com uma colher e assim começa a falar para a plateia, que está em silêncio.

– Como o padrinho, eu poderia ficar aqui contando histórias sobre Drew e Kate. Como eles se conheceram, suas realizações e batalhas no escritório, sobre o fato de serem pais incríveis, como são devotados a sua família e amigos. Mas isso demoraria muito... E a sobremesa está chegando. – A plateia começa a rir. – Então, eu resumirei assim: Drew é um cara único, nos melhores sentidos. Quando Deus o fez, ele quebrou o molde. Mas ele não queria que Drew ficasse sozinho. Então, ele fez Kate, e então quebrou o molde também. – Matthew levanta a taça, e a plateia o acompanha. – Se algum dia houve um homem e uma mulher que foram feitos um para o outro e trazem o melhor um do outro, são vocês dois. Parabéns pelo seu casamento. Que seja longo, divertido e feroso. E que vocês sempre olhem um para o outro do jeito que estão fazendo hoje. Para Drew e Kate.

Eu devo admitir. Matthew é bom pra cacete em dar discursos.

Depois do brinde, a plateia pede um beijo, que fico mais do que feliz em fornecer.

Mais tarde, depois de Delores ficar bêbada e arrastar Kate e Billy para cima do palco para cantar “That’s What Friends Are For”, depois de o bolo ser cortado e eu ter lambido a cobertura dos lábios de Kate, depois de Kate ter jogado o buquê nos braços de Erin, e o meio-irmão de Dee ter mergulhado para pegar as flores, aqui estamos na última dança.

A pista está cheia com a nossa família e nossos amigos. No meio estamos Kate e eu. Seguro James, que está dormindo, em um dos braços e sua cabeça no meu ombro. Meu outro braço está envolvendo a cintura de Kate, segurando-a forte junto a mim, com sua cabeça em meu peito, meus lábios descansando em seus cabelos.

Se você tiver trazido uma câmera, eu a pegaria agora mesmo. Essa é a melhor fotografia. A imagem que você irá querer lembrar.



Meus pais levam James para dormir no quarto deles. Kate e eu viajaremos amanhã à tarde. Enquanto estivermos fora, James ficará uma semana com minha irmã e Steven, e uma semana com Matthew e Dee. Então, meus pais o levarão para a Costa Amalfitana, na Itália. Eles embarcarão em sua viagem romântica, e Kate, James e eu aproveitaremos a última parte de nossa lua de mel juntos.

O elevador abre no último andar. Antes de Kate sair, eu a ergo nos braços e a levo ao caminhar por nossa suíte.

– Você deve me carregar ao passar pela porta, Drew. Não por todo o hotel.

Encolho os ombros.

– Sempre exagerei nas conquistas.

Abro a porta e a carrego para dentro. A cama é incrível. *King-size*, com travesseiros fofos enormes, lençóis vermelhos de seda e uma colcha do tecido mais suave. Pétalas de rosa estão espalhadas em um caminho até a cama e sobre os cobertores, exalando um perfume suave, mas marcante.

Troco Kate de posição em meus braços e a deslizo por meu corpo. Seus olhos dançam com uma alegria provocante enquanto encaram os meus.

– Eu precisarei de uma ajuda para sair deste vestido.

Eu estalo meus dedos.

– Você tem o homem certo para o trabalho.

Meus dedos passam pela pele de seda de suas costas. Demoro com os botões, desabotoando cada um, dando tempo para a imaginação de Kate correr solta.

Quando liberto o último botão, caminho para mais perto de Kate. Eu observo, fascinado, enquanto a pulsação em seu pescoço lateja rapidamente com antecipação. Eu o cubro com minha boca, sugando gentilmente. Kate levanta a cabeça e a inclina para trás.

– Pensei nisso durante o dia todo – sussurro contra sua pele. – Trazer você para cá, deixar você nua.

– Eu também.

Com uma puxada, a renda e o cetim formam uma poça ao redor de seus pés, revelando meu playground favorito. Kate pisa por cima do vestido e se vira para mim. Apesar de eu não me ligar muito em lingerie, as suas são no mínimo lindas. Seda azul com uma camada de renda branca por cima. O sutiã é tomara que caia, a calcinha de biquíni, que acaba em uma cinta-liga sexy que mantém a meia-calça opaca no lugar.

Há encantamento na voz de Kate enquanto ela diz:

– Você é o meu marido. – E então sorri animadamente. – Isso não é demais?

Eu rio.

– É realmente incrível.

Caminho com propósito até ela.

– E neste momento, o seu marido quer fazer um 69 com a esposa dele. – Eu lambo meus lábios. – Ele quer muito.

Afrouxo minha gravata e a tiro do meu pescoço. Mas quando começo a desabotoar minha camisa, a mão de Kate me interrompe.

– Deixe que eu faça isso.

Ela observa seus dedos enquanto eles revelam minha pele quente centímetro a centímetro. Ela abre minha camisa, puxando-a com o meu paletó para baixo, pelos meus braços. Então, suas mãos deslizam pelos meus ombros devagar, pelo meu peito, meu abdome abaixo.

Em uma voz rouca ela diz:

– Adoro seu corpo, Drew. Tão forte, tão duro... Eu poderia passar a noite inteira tocando você assim.

Meu coração bate forte em meu peito.

Ela abre o meu cinto, o zíper da minha calça. Ela agacha e beija o caminho da felicidade.

– E essa aqui – sua língua traça o V da minha pelve superior, linhas esculpidas que mostram para onde vai o suor do meu quadril –, é minha parte favorita.

Minha respiração acelera, e quando sua língua volta a me provocar, não consigo evitar

levar meu quadril mais para perto, querendo muito enfiar dentro dela.

Sua boca, sua boceta... Não estou exigente no momento.

Ela arrasta minha calça por minhas pernas e, por causa da proximidade da boca de Kate, meu pau dói. Finalmente pelado, sento na cama e faço um gesto com o dedo em direção a Kate.

– Venha aqui.

Ela fica em pé e, ainda com os sapatos de noiva, caminha até mim. Pego seu quadril. Ela apoia um joelho na cama, segurando minha cintura. Minhas mãos vão até seu rosto, segurando-o imóvel, e eu a beijo forte, sugando sua língua, fazendo-a gemer.

Enquanto beijo sua boca com adoração, o quadril de Kate se move, buscando fricção. Quando ela a encontra pressionando meu pau, solto um grunhido. Movendo-me para sua mandíbula e pescoço, passo por sua pele com meus lábios e dentes, chupando e beliscando, enquanto meus dedos habilidosos tiram seu sutiã por trás.

Quando ele cai no chão, eu me inclino para trás, para ter uma visão melhor.

– Jesus, seus peitos são lindos.

Levo a palma da mão em um deles, massageando-o e curtindo-o, antes de trazê-lo para minha boca e sugá-lo ambiciosamente.

Kate grita palavras sem sentido e segura minha cabeça em seu seio. Eu me delicio com seu mamilo, e então caio para trás sobre a cama, segurando-a comigo. Nessa posição, ambos os seus peitos são acessíveis. Tomo vantagem e alterno entre os dois, beijando e lambendo cada mamilo duro com minha língua.

Kate está ofegante e se inclina para trás, seus olhos encontrando os meus. Estou pegando fogo e precisando de mais. Não consigo me lembrar de estar tão desesperado por ela.

– Suba aqui – digo. Deveria ser uma ordem, mas soou como se eu estivesse implorando. – Bem aqui, porra.

Ela ajoelha e desliza sua calcinha e cinta-liga para baixo, e as tira. Os sapatos saem em seguida. Então, ela se arrasta pela cama ao meu lado, deixa seu joelho para o lado e paira sobre minha boca insaciável. Enquanto pego seu quadril com as mãos, guio sua boceta para a minha cara.

Ela está com tanto tesão, tão gostosa, sinto o calor contra meus lábios mesmo antes de experimentá-la. Mas quando minha língua afunda lá dentro, meus olhos se reviram.

Seu gosto, puta merda, fica melhor a cada vez. Eu me delicio na sensação de estar rodeado por ela. Acho que ela chama meu nome, mas meu coração pulsa tão alto em meus ouvidos que eu não tenho certeza. Enquanto eu a saboreio, Kate abaixa a parte de cima de seu corpo para conseguir emparelhá-la com meu torso.

Sinto sua respiração morna no meu pau primeiro. Então, sua sublime boca úmida me envolve, e juro que meu coração dá um salto.

As pessoas que acham que isso é errado ou depravado estão fora de si. Se isso fosse verdade, não nos encaixaríamos assim tão perfeitamente. Nós nascemos para fazer isso.

Meus dedos cavam a carne de seu traseiro perfeito. Segurando-a contra mim, movendo-a para a direita e esquerda com um ritmo imperdoável, garantindo que ela goze. Eu quero tanto isso, senti-la, minha esposa, pulsando ao redor da minha língua, se esfregando no meu rosto.

Ela não está vagarosa ou me provocando com sua língua agora. Ela me toma inteiro, até que eu consigo sentir a parte de trás de sua garganta, então ela chupa forte enquanto desliza para

cima. Mais e mais vezes, até minhas pernas começarem a tremer.

Nós trabalhamos em sincronia, dando e recebendo o prazer mais devasso. Ela murmura ao meu redor e as vibrações me empurram para mais perto do ápice. Sinto minha espinha tilintando, minhas bolas apertadas.

Mas não quero gozar assim. Ainda não. Certamente revisitarei essa oportunidade mais tarde, mas, pela primeira vez, quero estar enterrado dentro dela quando eu me liberar.

Com vigor renovado, encontro seu clitóris com a minha língua. Eu a pressiono contra ele, sugando-o, e então enfio a língua dentro dela, estimulando todos os pontos de prazer. Quando Kate começa a tremer contra mim, quando ela perde o foco no meu pau e tem que tirar a boca para conseguir respirar, sei que minhas ações estão para ser recompensadas.

– Drew – ela choraminga contra minha coxa, segurando minhas pernas, tentando se concentrar porque ela está prestes a alçar voo. Seguro seu quadril mais apertado...

Ela está lá. Caindo. Voando. Mil erupções de êxtase correndo através dela enquanto goza na minha cara e chama meu nome. Repetidas vezes.

Depois, Kate se estabiliza e suas respirações intensas fazem cócegas nas minhas coxas. Lambendo uma última vez, remanejo suas pernas e braços moles até que ela fique deitada na cama e eu por cima dela.

Ela sorri no meu rosto, parecendo feliz e fraca pelo orgasmo.

– Isso foi tão bom... O melhor de todos.

Só consigo sorrir enquanto o puro orgulho masculino cresce em meu peito.

– O melhor... Até agora.

Ela levanta os braços ao redor de meu pescoço, seus joelhos dobrados e descansando contra minhas costelas.

– Me ame, Drew. Faça amor comigo. Por favor.

Arrasto a cabeça do meu pau para cima e para baixo sobre sua abertura, saboreando a sensação de sua umidade quente.

– Olhe para mim, Kate.

Ela me encara, e eu juro que parece que ela está conseguindo ver minha alma. Eu a penetro devagar, arrastando a ação ao máximo até que nossos abdomens se pressionam juntos.

Nós estamos unidos profundamente, de todas as maneiras imagináveis.

Minha cabeça se inclina para trás e eu mexo meu quadril, me movendo em rotações apertadas e próximas.

– Você está tão molhada, Kate... você está... Caramba, é inacreditável.

E realmente é.

Nos últimos cinco anos, imaginei se o sexo entre Kate e eu iria estacionar, como se eu não fosse sentir que minhas veias estariam explodindo com uma enxurrada de prazer.

Isso ainda não aconteceu.

Pelo que eu saiba, isso apenas fica mais fácil. Cada vez mais ficará melhor.

Seus músculos internos se contraem e apertam. Então, eu começo a me mover, arrastando meu pau de dentro de sua boceta paradisíaca, enfiando novamente. Gemendo mais alto a cada vez.

Levanto-me para que eu possa assistir. Nada me dá mais tesão do que observar meu pau desaparecer para dentro de Kate. Se eu ficasse cego, essa seria a última imagem que eu gostaria de levar comigo para a escuridão.

– Me beije, Drew – ela implora.

Abaixo minha cabeça e a língua de Kate corre pelos meus lábios, e então mergulha dentro da minha boca, se entrelaçando com a minha. Nossos gemidos e palavras sussurradas se misturam em nossas bocas e ao longo da pele de nossos pescoços e ombros.

Isso é melhor do que uma penetração magnífica.

Mais do que a expressão física do amor.

É espiritual.

Não sei se existe um paraíso. E não tenho ideia se eu chegarei lá. Mas se existe... deve ser algo parecido com isso. Perfeita harmonia com outra alma, rodeado por acolhimento, aceitação e arrebatamento sem fim.

Amém.

O quadril de Kate levanta para encontrar com o meu enquanto a penetro novamente, e mais uma vez. Um prazer lancinante sobe por minhas pernas, ameaçando explodir, mas seguro, porque não farei isso sozinho.

Tudo o que consigo dizer, ofegante, é.

– Comigo...

Kate suspira.

– Sim...

Enfio fundo uma última vez e explodo dentro dela em um impulso forçado. Eu vejo luzes atrás de meus olhos fechados, um êxtase inunda a medula dos meus ossos. Kate se contrai e pulsa ao meu redor enquanto suas unhas arranham minhas costas.

Depois, nenhum de nós se move por alguns minutos. Nem sei se conseguimos.

Finalmente rolo para o lado, com meus braços ainda envolvendo Kate, e nós dois respiramos forte e intensamente com o melhor tipo de suor.

Ela tira os cabelos úmidos de minha testa com um sorriso.

– Puta merda – respiro. – Isso foi incrível. Nós devíamos ter casado anos atrás.

– Você disse isso. Acho que tive um ataque cardíaco.

Nós damos risada.

Existem alguns momentos específicos em minha vida que eu considero como os melhores. Aquela primeira noite com Kate. O dia que ela acreditou que eu a amava e me disse que sentia o mesmo. O dia em que James nasceu.

E esse... Esse momento aqui mesmo acabou de entrar para a lista.

Eu a puxo para mais perto e toco seu rosto. Minha voz está rouca, pesada com a emoção, e as palavras são rasgadas do meu pulmão.

– Eu te amo, Kate. Amarei você para sempre. E o que vier depois de “para sempre”, amarei você lá também.

Minhas palavras trazem lágrimas para os olhos dela. Ela me beija gentil e suavemente. Então, ela traça meus lábios com seu dedo.

– Você pode apostar que eu estarei com você, Drew Evans.



Então, é isso. A conclusão épica.

Acho que percorremos um longo caminho, você não acha? Desde aquele cara que você

conheceu com a “gripe”, acampando no sofá da sala de estar de sua casa?

Nossa, ele era um perdido.

Obrigado por ficar aqui, e não ter desistido de mim. Sei que às vezes você teve vontade. Mas... Foi muito bom ter você comigo nessa jornada.

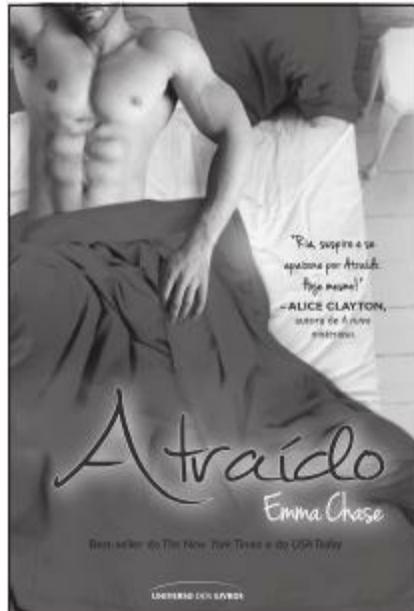
Se isso fosse um conto de fadas, agora seria o momento em que você leria:

E eles viveram felizes para sempre...

Mas isso é muito chato para nós.

Então, em vez disso, direi o seguinte:

Nós vivemos... da mesma maneira que amamos: com paixão, ternura e risadas. E vivemos cada dia, cada bendito dia, ao máximo.

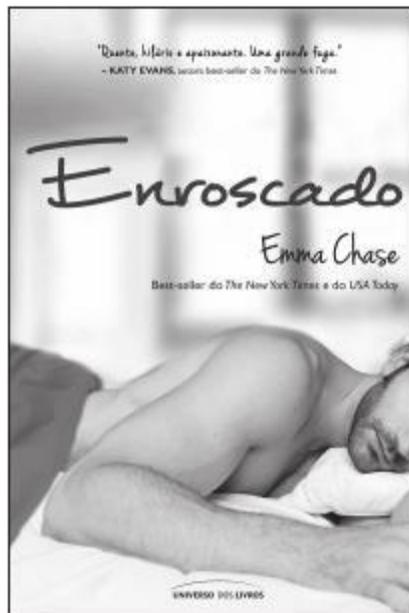


ATRAÍDO

Drew Evans venceu na vida. Charmoso e arrogante, ele fecha negócios milionários e seduz as mulheres mais lindas de Nova York apenas com seu sorriso. Seus amigos são leais e sua família o apoia. Então por que ele está trancado em seu apartamento há sete dias, terrivelmente deprimido? Ele dirá que está gripado, mas isso obviamente não é verdade.

Katherine Brooks é uma mulher linda, inteligente e ambiciosa, que não deixa nada nem ninguém distraí-la de sua busca pelo sucesso. Ela foi contratada pela empresa de investimentos do pai de Drew, o que vira a vida do rapaz de cabeça para baixo: a competição com ela o estressa, sua atração por ela o distrai e suas investidas fracassadas o frustram.

Logo quando Drew achava estar próximo de ter tudo aquilo que queria, seu excesso de confiança põe tudo a perder. Será que ele conseguirá enfrentar os contratemplos e vencer o verdadeiro desafio de sua vida: o amor?



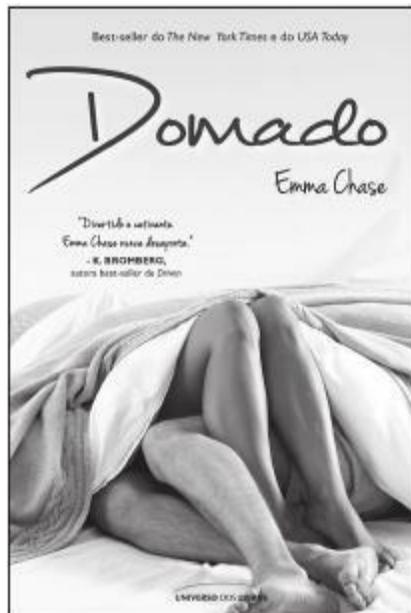
ENROSCADO

Às vezes, apaixonar-se pode se tornar algo um pouco... Enroscado.

Katherine Brooks era o tipo de pessoa planejada e cautelosa. Até conhecer Drew Evans, seu namorado persistente e seguro de si. Juntos, eles formam um casal que se joga no trabalho sem deixar de lado as maravilhas da vida a dois. Até que uma notícia (ou um possível mal-entendido) chega para abalar essa relação.

Enquanto seus familiares e amigos acham que eles estavam vivendo o “felizes para sempre”, Kate e Drew entram numa crise. Ela vai para a casa de sua mãe, em Greenville. Ele encontra na bebida uma forma de entender o que acontece com seu amor.

Enroscado é a continuação de Atraído. Uma história engraçada e sexy de um casal que não cansa de rever velhos hábitos e busca sempre se reinventar. Nesse segundo volume, será que eles vão conseguir superar as surpresas que a vida a dois proporcionou ao longo do namoro?



DOMADO

Domado é o terceiro livro da série TANGLED, de Emma Chase. Neste volume, conheceremos melhor o casal Dee e Matt.

Matthew Fisher é mais um sedutor de Nova York. Seu trabalho como agente de investimentos lhe permite desfrutar de alguns prazeres materiais e morar em um apartamento com vista para o Central Park. Matt também é um mulherengo incorrigível. Ele admite que, enquanto não encontra a Senhora Certa, se diverte com todas as Senhoras Erradas.

Deloris Warren é uma garota diferente. Seu trabalho como química de combustíveis aeroespaciais não a impede de ser uma mulher bela, sensual e espontânea. Deloris é do tipo decidida – principalmente em relação a homens. Por ter tido seu coração partido, ela resolve não se envolver mais em compromissos e apenas aproveitar os encontros casuais pelas noites de Nova York.

Ao se conhecerem, Matt percebe que Dee é especial e propõe à bela uma amizade um pouco mais colorida. A garota aceita, mas sob uma condição: ele não deve se apaixonar. Será que ambos vão conseguir cumprir essa promessa?